sweet destruction

a novel



New York Times Bestselling Author

PAIGE WEAVER

Pegasus Lançamentos
Apresenta



SWEET DESTRUCTION

Paige Weaver

Equipe PL

Envio: Soryu

Tradução: PL

Revisão Inicial: Gi, Jaqueline Sales

Revisão Final: Danny Vaccarin

Leitura final: Shay M

Formatação: Shya

Verificação: Shya

8 anos de tradução

A tradução em tela foi efetivada pelo grupo Pégasus Lançamentos de forma a propiciar o leitor o acesso à obra, incentivando-o a aquisição integral da obra literária física ou em formato E-book.

O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes de qualquer forma de obtenção de lucro, direta ou indiretamente.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for vinculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que devera abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, e bem como abster-se de tornar publico ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderam individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria e coparticipação em eventual delito cometido por aquele, que por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro, direto ou indiretamente, responderão nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!
Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por e-mail a quem pedir.
Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL! Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!
Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!
Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.
Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!
Seja esperta (o).



Há uma linha tênue entre o amor e o ódio e eles estavam prestes a cruzá-la.

Meu nome é Samantha Ross e esta é a minha vida.

Eu vivia em um mundo que poucos conheciam. Em resumo, os becos e as ruas onde o crime imperava eram o meu lar. As drogas e o álcool eram a regra e a felicidade era a exceção. Eu vivia dia a dia sem saber se teria um teto sobre minha cabeça ou comida no meu estômago. Minha vida foi tirada de mim e fui deixada sem nada.

Mas havia uma certeza na minha vida, uma mancha negra na minha janela para o mal.

Cole Walker.

Ele era um criminoso, um ladrão que levava a desgraça com ele onde quer que fosse. Ele feria e destruía. Ele tomava e não dava nada em troca. Era a angústia e o desespero em um pacote bonito e perfeito. Carros velozes e mulheres eram suas paixões, seus vícios, mas ele tinha muitos.

E eu era um deles.

Eu era seu vício e seu desejo, sua pior inimiga na terra. Eu o temia, odiava e amava cada vez mais.

11

Walker

— Temos um acordo?

Olhei para aquele nanico, cansado de toda a sua babaquice. Seu cabelo *punk roxo*, só podia ser uma piada, assim como a maldita tatuagem subindo por sua cabeça que mais parecia uma folhagem de urticária.

— Não vou mais competir. — Disse sem expressão, cruzando os braços sobre o peito e olhando para baixo. — Vou só assessorar. — Um vento soprou contra mim nesse momento, bagunçando meu cabelo preto e o jogando para frente.

— Vai assessorar? Há! — Disse o nanico bufando. — O rumor é que você é o único que pode vencer. O monstro de todos os pilotos de ruas. Conhece seus carros e sabe como

dirigi-los. Se correr contra aquele idiota vai duplicar fácil seu dinheiro. Só siga a linha, Walker. Siga a maldita linha.

Olhei o adversário de pé a vários carros de distância. O cara era grande, quase dois metros no mínimo. Sua cabeça era raspada e os vários piercing nos lábios davam-lhe um aspecto rude e não ajudava muito que seu apelido fosse One Edje. Pelo que escutei, o cara tinha uma linha fina em sua sanidade, daí o nome à beira da loucura.

Observei seu carro, um Chavelle SS de 1970. Carro bonito, rendimento decente, mas um pouco lento em minha opinião.

Voltei meus olhos para o nanico na minha frente. Ele estava saltando de um pé para o outro, com os olhos arregalados. A maioria das pessoas aqui estava viajando ou quase, era óbvio que ele já tinha cheirado ou fumado tudo o que podia esta noite, o suor escorria pelo seu rosto e ensopava a camisa, manchando o material escuro.

— Estou fora, Milo. Corre você com a droga do seu carro. — Disse, pondo fim a conversa e saindo. A verdade era eu que não corria mais, de qualquer forma essa nunca foi a minha especialidade.

Eu era um grande ladrão de carros.

— Mas o carro dele é um pedaço de merda, Walker! Um pedaço de lixo sobre rodas. Quero um pouco de ação em seu carro! — Gritou.

Ignorei o nanico e fui até meu melhor amigo, Bentley Ross, ou como todos gostavam de chamá-lo Bent. Ele era um dos pilotos de rua mais rápidos por aqui. Um verdadeiro infrator. Ele estava apoiado no meu carro, um Plymouth Duster de 1971, conversando com uma garota vestindo meia arrastão e saltos agulha. Meu olhar passou por ela gostando do que via. A garota era loira e com o corpo de uma das modelos da Vitoria Secrets. Lenta e contempladora, uma morena estava em pé ao seu lado, era sua amiga. Minha noite passou de boa para perfeita, caralho.

— Walker! Eu estava falando de você. Está dentro ou fora? — Perguntou Bent ao caminhar, desencostando do carro para me olhar.

Olhei para a morena.

— Se está falando dela — disse apontando para a garota, mas com os olhos em seu corpo. — Estou dentro. Até o final.

Usava botas altas e uma saia pequena. Exatamente o que eu gostava de ver em uma garota.

Bent sorriu, lendo minha mente.

— Perguntei se estará correndo? Sei que era isso o que Milo queria.

Dei uma olhada ao redor. Mustangs e carros fortes dividiam espaço com Hondas, Nissan e Mitsubishi. Este era o meu antigo lugar, onde pisava fundo, o lugar em que me sentia vivo. O rugido dos motores, o chiado dos pneus, eu adorava esses sons. Eles costumavam ser a minha vida.

Agora eram do Bent.

— Milo pode falar o que quiser. Não vou correr. — Disse.

Não fazia mais isso. Muito menos roubava ou dava passeios com os carros dos outros.

O que fazia agora era beber.

Alcancei a cerveja que Bentley me ofereceu e abri a tampa. O cheiro bateu em meus sentidos, fazendo minha boca salivar. Esse era o meu vício agora. A única coisa que amortecia meus sentidos e me fazia esquecer tudo o resto, álcool. Esta noite precisava disso mais do que nunca. Estava quente para caralho, como um forno ligado no máximo, e estava ansioso, mais do que o normal. Só uma cerveja gelada poderia me acalmar e me refrescar.

A morena se aproximou, me olhando de cima para baixo de novo, com interesse.

— Já que não quer correr, o que quer fazer. — Perguntou com uma voz sedutora, o cheiro do seu perfume caro me cercando.

Não falei que o que eu queria fazer era jogá-la sobre meu carro, levantar esse vestidinho e lhe mostrar quão rápido poderia fazê-la cruzar a reta final. Em vez disso dei um passo até ela. Era hora de fazer a mágica, de dizer o que toda garota queria ouvir. Merda doce. Saía tão fácil da minha boca, fácil como falar meu nome. Jogava esse jogo o tempo todo. Vendo quem eu poderia conseguir, estabelecendo meu objetivo e conquistando. Entrando sem nenhuma emoção e saindo com menos ainda.

Deslizei minha mão por sua cintura, pensando em lhe dizer o quanto gostaria de correr até o maldito carro, mas a voz de Bent me deteve.

— O que ela está fazendo aqui? — Apontou, olhando através da clareira para alguém. Suas narinas se dilataram e seu maxilar apertou. Ele era um piloto, mas vendo-o assim parecia mais um lutador.

Virei a cabeça, procurando na multidão. Pessoas espremidas entre os carros e o antigo prédio industrial. Falando, rindo, trocando cigarros e passando bebidas de mão em mão. Não vi nada fora do normal. Só um monte de universitários quebrando leis e festejando sobre seus carros.

Mas então meus olhos pousaram nela.

Samantha Ross. Minha inimiga

12

Samantha

Segundo minha experiência havia três coisas a se fazer no verão: trabalhar em um local asfixiante e aborrecido, ir para festas ou sair para assistir corridas ilegais. Pelo menos era o que os caras do lado sul da cidade faziam.

E esta noite não seria diferente.

Seis dias e quarenta horas por semana, eu virava hambúrgueres na rede de restaurantes Meet and Eat[1]. O nome era estúpido, mas os hambúrgueres eram incríveis. Seria o emprego dos sonhos se pagassem um salário decente. O bom era que tinha comida grátis. Muitas noites voltava pra casa com hambúrgueres e batatas fritas, às vezes também com milk

[1] Conhecer e Comer

shake de chocolate. Algumas pessoas poderiam achar a combinação pesada, mas eu não pensava assim. Podia ir pra cama mais noites com a barriga cheia, que era algo que não fazia com muita frequência enquanto estava crescendo. Assim, apesar de não ter um excelente trabalho, estava sendo um bom verão. Pelo menos começou assim.

Tive que ficar no meu posto o dia todo no Meet and Eat para ter horas o suficiente para sair. Esta noite haveria uma festa na antiga fábrica industrial de plástico. Ficava em uma área deserta da cidade, rodeada de ruas vazias, perfeito para acelerar pela pista e derrapar, só algumas das coisas ilegais que acontecem por aqui.

O mato havia tomado conta da cerca quebrada que rodeava o prédio e tinham mais grafites nas paredes de metal do que janelas. Mas estava livre de policiais e estava longe o suficiente da cidade para que ninguém pudesse ouvir o barulho dos motores e dos pneus cantando.

Era o sonho de qualquer corredor de rua.

Mas tenho que dizer, não era o meu.

Estava aqui por algo diferente. Algo que poderia arrebentar seus tímpanos e te fazer gritar.

A música.

A fábrica de plásticos abandonada foi convertida em um clube, chamado assim pelo neto do proprietário há um ano.

Era comum, funcionava sem fiscalização ou normas e regulamentos da cidade. Acho que eles sabiam disso, mas faziam vista grossa. Não era muita gente que queria se meter em problemas com as pessoas que vivem deste lado da cidade. Éramos um grupo desagradável e seria necessário uma grande bola de demolição para lidar conosco.

Estava aqui com meu namorado Lukas, para ouvir Dark Paradox tocar. Era uma banda local de hardcore punk, não era meu estilo de música favorito, mas ele os amava e por isso o acompanhei.

Lukas Ryan era um ano mais velho que eu e tocava baixo em sua banda de rock alternativo. Eles mesmos fizeram seu nome por aqui e tinham a maioria dos fins de semana reservados. Não era ruim que todos da banda fossem bonitos. As garotas pareciam ter uma queda pelos caras que sabiam como agitar com a música. Eu não. Eu saí com Lukas porque o conhecia desde o colégio. Recentemente tínhamos começado a namorar, mas antes disso éramos apenas amigos.

Olhei para Lukas e andamos através da suada multidão dançante. Ele me seguia, se mantendo perto o suficiente para que eu pudesse estender a mão e segurar a sua. Seu cabelo preto tingido era grande, cobrindo a maior parte do seu rosto e escondendo as tatuagens que percorriam o seu pescoço. Tinha no mínimo cinco brincos em uma orelha e só vestia preto. Camisa preta, jeans apertado preto e tênis all stars pretos. Era um excluído social, um deslocado, uma mancha

negra na cara da sociedade. Pelo menos era isso o que os outros garotos no colégio diziam. Seu pai era um médico que experimentava sua própria medicina constantemente e sua mãe, uma dona de casa que estava mais preocupada com suas unhas e seu cabelo do que com Lukas. Mas pelo menos ele tinha os dois, eu só tinha um, e ela se mantinha bêbada a maior parte do tempo.

Aos dezenove anos, eu também era uma deslocada, me considerava como uma eterna incompreendida tinha poucos amigos e ainda menos motivos para sorrir, preferia me perder em um livro de Edgar Allen Poe do que ver o último reality show da televisão como as meninas da minha idade dormir fora de casa ou de me sentar com as garotas da escola. Steven King e Anne Rice eram meus melhores amigos, me contando histórias que faziam minha vida parecer inocente e doce. Tinha medo de me aproximar de qualquer um porque eles iriam rir de mim.

Eu era diferente.

Ao contrario das outras garotas, sabia o que era passar fome, o que era me perguntar se haveria um teto sobre minha cabeça no dia seguinte, sabia que estava a um segundo de ser uma sem teto. Se viver assim me fazia especial, então eu era especial.

O ar quente e úmido do verão me acertou assim que sai do clube, meu vestido fino de algodão grudava em minha pele absorvendo o suor, o afastei do meu corpo, esperando uma

brisa, no seu lugar, uma rajada do vento sul levantou meu cabelo comprido e o jogou na frente do meu rosto, tapando minha visão. Peguei alguns fios pretos e os coloquei atrás da orelha, minhas unhas curtas roxas se enroscando em algumas partes.

Nem sempre tive o cabelo preto, no dia em que completei dezoito anos decidi que precisava de uma mudança e uma grande. Assim, pintei o meu cabelo loiro de preto. Ainda estava comprido e com cachos suaves nas pontas, mas agora tinham a cor da meia-noite, deixando meus olhos verdes mais brilhantes e vivos, mesmo que não me sentisse assim.

Tenho um piercing no lábio, mas não tenho nenhuma tatuagem, simplesmente não é a minha coisa, e, diferente de Lukas, não me visto toda de preto, prefiro o branco ou o rosa. Quanto mais retro e feminino melhor. E claro que só podia me permitir comprar roupas do brechó local, funcionava muito bem, eles estavam cheios de roupas antigas que caiam como uma luva para o meu estilo.

Com o cabelo preto pela tintura e com o excesso de roupa feminina, eu era uma contradição à moda actual, confundindo os que não me conheciam, por isso Lukas e eu éramos perfeitos juntos. Ele tinha seus próprios fantasmas que o assombravam e eu tinha os meus. Todo mundo pensava que Lukas era um emo, mas eu achava que era profundo, passávamos horas sentados falando da vida, ele tinha essa perspectiva retorcida de vida versus morte que eu achava interessante. Até a banda

tocava músicas sobre humanos sem emoções tentando amar, às vezes não os entendia, mas a música era muito boa pra dançar.

Suponho que isso era o que eu gostava em Lukas, ele não se ajustava às expectativas de ninguém, como eu, a diferença entre nós dois era que ele sabia o que queria da vida, eu só estava esperando conseguir passar para o dia seguinte.

Atravessamos a área cheia de mato em frente à fábrica e fomos até a faixa de concreto com vista para frente, pelo menos vinte carros, talvez mais, estavam estacionados dos dois lados da rua. Potentes carros americanos colocados ao lado de importações estrangeiras, uma verdadeira revolução de máquinas poderosas e rápidas.

Sempre que havia alguma festa ou uma faixa de estrada vazia, encontravam-se pilotos mostrando seus carros e correndo pelo título de carro mais rápido dos arredores.

Esta noite não era diferente.

Caminhei entre um Shelby GT500 preto suave e um Honda Civic azul elétrico com Lukas atrás de mim. Ambos os pilotos eram como cafetões, exibindo seus carros com as rodas de alta qualidade e na máxima potência com as peças do último lançamento. Sabia por que meu irmão amava seus carros quase tanto como amava as mulheres.

— Essa banda dá vontade de vomitar. — Gritou Lukas sobre o som dos motores que nos rodeavam. — Quero dizer, esse baixista realmente bateu a cabeça. O que ele está pensando? Em alguma merda pronta ou o quê?

Ao invés de lhe responder, examinei a multidão procurando meu irmão. A chance era de que ele estivesse aqui, se haviam mulheres dispostas e carros rápidos juntos em algum lugar da cidade, ele estaria lá.

Mas estava esperando que não me visse.

Eu estava esperando um velho Chevelle passar, com a música tocando em ridículos níveis. O motorista esticou o pescoço para me olhar, mas o ignorei. Dando passos largos, corri entre os carros, Lukas correndo para me acompanhar. As mechas do meu cabelo comprido começaram a enrolar por causa da transpiração e eu pude sentir uma gota de suor escorrer entre meus seios. Era uma noite quente e pegajosa, eu precisava estar no carro do Lukas o mais rápido possível, com o ar condicionado ligado.

Meus olhos estavam colados nos carros estacionados fora, à distância, longe da ação dos pegas. O Acura de Lukas estava entre eles. Tudo o que precisávamos era passar por um grupo de corredores e estaria sã e salva.

— Está me ouvindo Sam? O que acha da banda? — Lukas perguntou de novo, caminhando atrás de mim.

— No que eu entendo sobre punk, são bons. — Disse sobre meu ombro. — Mas eu gosto mais da sua banda.

— Somos bons pra caralho. — Disse Lukas com um sorriso. — Poderíamos bater eles se quiséssemos.

— Wow. Falando em bater. — Ele disse sorrindo. — Você sabe. — Lukas sorriu, entrelaçando seus dedos com os meus.

Virei, caminhando de costas enquanto ele segurava minha mão.

— E agora o que? Não estou cansado e é cedo, vamos fazer mais alguma coisa. — Disse, esperando que eu concordasse.

Realmente não queria voltar pra casa, significava uma casa deteriorada e uma mãe drogada ausente. Só queria escapar, pelo menos por uma noite.

— Bem... posso ficar na sua casa pelo resto da noite. Sua mãe não está, não é? — Perguntou Lukas levantando uma sobrancelha.

Escondi meu nervosismo, o pensamento de ficar a sós com Lukas não era algo ruim. Conhecia-a desde sempre, estávamos saindo há umas duas semanas, ele era bom e me tratava com respeito. No fundo sabia que ele nunca me machucaria ou me usaria, mas ele também era um homem, o que significava que eventualmente iria querer sexo, todos queriam, mas eu nunca faria, não queria ser como a minha mãe.

Quando eu era pequena, meu pai foi trabalhar nas plataformas petrolíferas fixadas no golfo do México. No dia em que saiu, deixou uma nota dizendo que nunca mais voltaria. Lembro-me de estar na cama lendo naquela noite e escutar pelas paredes finas da nossa casa como minha mãe chorava até dormir. Durante semanas ela esperou que meu pai voltasse para casa, mas ele nunca o fez. A vida era decente antes dele partir. Tínhamos comida e roupa nova, éramos uma família, depois disto minha mãe lutava dia a dia. Começou a beber e a tomar pílulas para seguir em frente. Minha doce e carinhosa mãe se foi, igual o meu pai. A mulher que tomou seu lugar era alguém quem não conhecia e não estava certa de que eu gostasse.

Não se importava se havia comida suficiente ou uma casa para viver. Quando eu tinha nove anos, tudo o que lhe importava era o sexo, as drogas e a bebida. Os homens e as pílulas eram seu hobby, não seus filhos. A princípio ela procurava o amor, esperando preencher o vazio que meu pai deixou, mas depois que se viciou nas drogas e no álcool, o sexo virou um acordo de negócios. Os homens a usavam e em troca lhe davam pílulas e bebidas alcoólicas. Se eles pagassem em dinheiro, o mesmo sempre ia para seus vícios, nunca para comida ou contas. Não era um segredo, todo mundo sabia que ela era a prostituta da cidade. Eu tinha a sensação de que o nome da minha mãe se espalhou rápido e ela ia de mão em mão.

Às vezes eu me preocupava, será que eu seria como ela em vinte anos? Bebendo até morrer e pulando de homem em homem, esperando encontrar alguém que me amasse? Estremeci com o pensamento de que isso fosse uma possibilidade, mas quando se vinha da parte pobre da cidade, não poderia deixar de perguntar se isso aconteceria com você. Vi a espiral descendente que muita gente tomava, arruinando suas vidas, era difícil sair desta vida, eu tinha nascido nela, mas ia lutar contra de qualquer maneira.

Bem em frente estava meu irmão, Bentley, ele era dois anos mais velho que eu e chutaria a bunda de qualquer um que tentasse transar comigo. Ele levava o termo super proteção a um novo nível. Bentley era um cara durão, afastava muitos dos caras que se aproximavam de mim. Lukas era um dos que tinha passado mais tempo comigo, mas era só uma questão de tempo antes que fosse forçado a se afastar também.

Empurrei o pensamento pra longe e sorri para Lukas ainda caminhando.

— Então está me pedindo para passar a noite? — Perguntei o olhando sob minha grossa camada de rímel preto.

— Sim, algo assim. — Disse me levando para o espaço entre duas caminhonetes Slammeds.

Meu sorriso desapareceu quando ele me puxou contra ele, tão perto que pude ver os detalhes da tatuagem que cobria seu

pescoço. Tocou suavemente meu rosto, seu olhar absorvendo cada detalhe dele.

— Você é linda pra caralho. — Sussurrou.

Eu teria ruborizado se fosse esse tipo de garota, mas não era, eu não ruborizava, nem me deprimia, suspirava ou tinha borboletas por um garoto, não valiam a pena. Considerava-me sensata, sensível, e sem todo o drama que consumia muitas garotas da minha idade. Sabia do que os homens eram capazes e que nem sempre eram tão amáveis.

Vi Lukas se concentrado em meus lábios. Sabia que meu batom vermelho o deixava louco, assim como o vestido branco que usava, ele ia até a metade das minhas coxas e mostrava minhas pernas perfeitamente, era por isso que o estava usando essa noite, para me sentir normal. Uma parte de mim queria isso enquanto a outra parte lutava com o pensamento de ser parecida com a minha mãe.

— Não tenho certeza se deveria ficar lá em casa, — Falei para Lukas lhe dando um meio sorriso. — E se meu irmão chegar em casa? Ele te mata.

O sorriso de Lukas desapareceu.

— Bom, poderíamos ir e ver um filme, só para passar o tempo, ver o que acontece.

Abri minha boca para lembrá-lo o quanto Bentley não gostaria, mas parei, tinha dezenove anos, se quisesse levar um

garoto pra casa, quem iria me impedir? Com certeza não seria meu irmão infernal e definitivamente não seria minha alcoólatra e drogada mãe.

— Vamos. — Disse antes que mudasse de ideia.

O sorriso de Lukas voltou ainda maior agora. Lutei contra o nervosismo que crescia como uma bolha. Era óbvio que ele achava que conseguiria algo esta noite.

Mas eu sabia que nada aconteceria.

Ele seguiu atrás de mim enquanto abríamos caminho entre carros e pessoas. Dei-me conta de que haviam dois veículos preparados para uma corrida, ambos parados na linha de saída grosseiramente desenhada. Seus motores roncando, o cheiro de borracha recém-queimada. Homens e mulheres de pé por perto, falando em voz alta enquanto esperavam o sinal da largada.

Não fiquei olhando por muito tempo, já tive minha cota de corridas ilegais graças a Bentley que sempre me arrastava. Só queria sair antes de encontrar com ele ou com algum de seus amigos.

Lukas me deixou ir à frente quando chegamos a dois carros estacionados próximos. Saímos do outro lado debaixo dos postes de luz. Insetos ziguezagueavam por cima de nós dois, suas asas fazendo pequenos zumbidos enquanto voavam entorno da luz.

Olhei para cima, desde criança gostava de ver os insetos nos postes da rua do nosso bairro. Lembravam-me pequenos humanos, passando voando ao redor febrilmente. Viam a luz como algo que todos queriam, cada um de nós. Era uma necessidade, um desejo que nos fazia parecer um enxame passando ao redor ansiosamente, acertando o outro sem nenhum cuidado. Para mim essa luz representava o amor. Se ficasse muito perto dele, era um fracassado, poderia te destruir. Era isso o que acontecia com esses pequenos insetos e eu vi acontecer com a minha mãe. Ela foi absorvida pela luz do meu pai, incapaz de resistir, ela foi machucada e ainda não se recuperou. Os inteligentes se mantinham longe da luz, voando a uma distância segura, e eu planejava ser um desses inteligentes, permaneceria afastada do amor.

Apressei o passo, querendo deixar para trás a multidão de corredores, mas então ouvi uma voz chamando meu nome. Apreensão correu de cima a baixo por minhas costas. Olhei a área, meus olhos se movendo rapidamente, então eu os vi. Meus ombros ficaram rígidos e soltei algumas maldições.

Meu irmão estava inclinado sobre o carro do seu melhor amigo, nos olhando, a mim e ao Lukas, atentamente. Pernas cruzadas na altura dos tornozelos e braços cruzados sobre o peito, parecendo tranquilo, mas eu sabia que era uma fachada; meu irmão nunca estava relaxado, principalmente quando me via com um garoto.

Mas eu não estava preocupada com meu irmão, mas sim, com quem estava a seu lado.

Cole Walker.

A única pessoa que poderia me fazer bater contra a luz, me destruir.

Cole Walker chegou justo no momento em que havia desistido da ideia de que meu pai algum dia voltaria pra casa, no momento em que desisti de tudo, inclusive de ter uma vida normal.

Conheci Walker quando ele e seu pai se mudaram para a rua abaixo de nós. Sua casa era de uma cor branca que refletia a luz do sol brilhante. A escada que levava à porta da frente não estava desmoronando ou apodrecendo como a nossa. Era de uma bela madeira sólida que parecia nunca ter estado sob o menor peso. Sua pequena casa tinha ainda uma porta de tela. Mas seu pátio estava como o do resto da vizinhança, só terra, alguns matos e não muito mais que isso. Sem plantas ou arbustos mesmo se houvesse algum, o sol quente e o calor os teriam matado.

O dia em que conheci Walker, não conseguia tirar os olhos do seu rosto, enquanto Bentley e eu o passávamos cedo em uma manhã a caminho da escola. Chegaríamos atrasados de novo, mas não me importava. Estava mais preocupada com nossos novos vizinhos. Quem era? De onde vinham? Tinham filhos? Era curiosa naquele tempo, pra dizer no mínimo.

Não pude deixar de imaginar uma mulher caminhando para fora pela porta da frente, dando tchau a sua filha, com um sorriso amoroso no rosto. Ou um pai arremessando uma bola para seu filho, lhe dando tapas nas costas com orgulho quando ele a pegava. O que nunca imaginei foi ver um menino correndo pela tela da porta, violento e com raiva.

Ele voou pelos degraus da varanda como um animal saído de sua jaula. A porta bateu atrás dele, mas não acho que ele tenha se importado. Com passos furiosos e apressados como se um animal raivoso estive atrás dele.

Um segundo depois a porta se abriu de novo, batendo contra o metal do exterior da casa, um homem enorme apareceu na entrada, usando apenas uma camiseta branca e calças largas e sujas. Ele correu para a pequena varanda de madeira estreitando seus olhos para o menino correndo pela entrada de carros.

— É melhor que fique aí, Cole Walker, ou seu traseiro vai ficar em chamas! — Gritou o homem, sacudindo seu punho para o menino.

Meus olhos arregalaram quando o menino se virou para o homem, seu dedo do meio levantado com ira, e então, fez o mesmo com a outra mão.

— Bent, viu isso? — Sussurrei em surpresa enquanto o menino começava a caminhar pela rua com passos largos e apressados.

— Silêncio Sam. Meta-se em seus próprios assuntos. — Repreendeu Bentley.

Fiz o que meu irmão disse por que para mim Bentley era como um deus. Era forte e corajoso, não tinha medo de nada e nem ninguém. Olhei para cima para ele porque parecia ter todas as respostas. Mas então, minutos depois, minha curiosidade me atraiu de novo. Quem é o menino e por que está tão nervoso? Esse é o seu papai? Ele é sempre ruim como minha mãe ou só às vezes?

Queria perguntar para Bentley o que ele achava, mas provavelmente era melhor não. Estava irritado essa manhã, mamãe se esqueceu de pagar a fatura de água de novo, assim tivemos que escovar os dentes com uma lata meio cheia de refrigerante de laranja. Bentley a encontrou no cesto de lixo. Não me importei, mas Bentley estava chateado, ficava assim frequentemente com a mamãe.

Sendo assim, suponho que tenha sido bom que Bentley e eu mantivemos distância do novo menino enquanto caminhávamos para escola, meu irmão não estava de bom-humor para fazer novos amigos. Mas mesmo se estivesse, sabia que não teria tentado falar com o menino, Bentley levava seu trabalho de irmão mais velho muito a sério, aos doze anos, ele era o pai que nunca tive, se assegurava de que tivesse algo para comer à noite, mesmo que fosse apenas uma tigela de cereais, me ajudava com minhas tarefas o melhor que podia e cuidava de mim quando estava doente. Ele era meu pai e

minha mãe, resumido em apenas um, tinha que ser se quisesse que sobrevivêssemos.

Vivíamos nos guetos, diferente de outros lugares ao redor da cidade, aqui uma pessoa tinha que saber como sobreviver, o crime era alto e a felicidade baixa. Assassinos, bandidos e traficantes de drogas eram a regra, meninos jogando bola com seus pais ou mandando beijos para suas mães eram tão distantes de mim, como ter dinheiro em nossos bolsos. Simplesmente nunca tinha acontecido e nunca aconteceria.

Fiquei em silêncio e continuei vendo o menino novo durante outro quarteirão enquanto caminhávamos logo atrás dele. De fato, estava tão ocupada olhando ele que não notei o carro dirigindo lentamente logo atrás de mim, não até que o motorista abaixou a janela e buzinou.

— Ouça querida. — Disse o homem.

Olhei por cima do meu ombro e segurei um gemido. Era o namorado atual da minha mãe Pam Man, assim é como Bentley e eu o apelidamos. Seu cabelo era gorduroso, parecia que haviam derramado óleo de cozinha da marca Pam nele, mas seu verdadeiro nome era Mick Rodriquez, sei que não era legal da nossa parte chamá-lo assim, mas o homem era assustador.

Aproximei-me de Bentley e cumprimentei Pam Man hesitante, não confiava nele. Algumas vezes havia pegado ele me olhando fixamente com um olhar estranho. Disse a mamãe

uma vez, mas ela se zangou e me acusou de tentar me colocar entre ela e Pam Man, inclusive disse que eu estava dando em cima dele, eu neguei, mas ela não acreditou e me deu um tapa em seu lugar.

Depois dessa discussão, não tentei lhe dizer novamente o quanto me assustava Pam Man, mas Bentley sabia. Não me deixava sozinha quando Mick Rodriquez estava em nossa casa, chegando ao ponto inclusive de dormir no chão do meu quarto quando Mick passava a noite com mamãe.

— Quer uma carona até a escola, querida? Estou indo por esse caminho. — Gritou para mim, dirigindo devagar próximos a nós dois. Até sua voz soava gordurenta.

Neguei com a cabeça e me aproximei mais de Bentley, procurando segurança. Aos dez anos não falava muito, não tinha muito que dizer. Era uma menina triste, cheia de vergonha por meu pai ter ido embora, me culpava a maioria dos dias, às vezes desejava ser invisível, assim as pessoas não veriam o quão triste estava, mas até o momento isso não tinha acontecido.

— Escutou-me querida. — Perguntou Pam Man de novo, olhando para mim.

Assustei-me e me aproximei ainda mais de Bentley, escondendo meu rosto.

— Vamos de ônibus. — Disse Bentley, agarrando a alça da minha mochila e me puxando em um ritmo mais rápido.

Os pequenos e redondos olhos do Pam Man se fixaram em Bentley.

— Não estou falando com você, garoto. — Grunhiu, com crueldade nos olhos. — Fique quieto.

— Sim, Senhor. — Respondeu sarcasticamente Bentley.

Pam Man franziu a testa, mas quando olhou de volta para mim, um sorriso malicioso iluminou seu rosto.

— Quer uma carona, Sam? — Perguntou outra vez, seus lábios elevados em um sorriso.

Odiava o jeito que dizia meu nome e realmente odiava a maneira que me olhava. Quando ele passava a noite com mamãe, o escutava grunhir e gemer em seu quarto, soando como um porco comendo sua comida. Às vezes ela gritava de dor, nessas noites colocava um travesseiro sobre minha cabeça, orando a Deus que me levasse ou que levasse Pam Man para longe da mamãe, mas isso nunca acontecia.

Estávamos quase no ponto de ônibus quando Pam Man insistiu que eu entrasse no carro com ele de novo. Meu coração batia ainda mais rápido, assim como fazia quando estava nervosa. Era quase como se soubesse que algo ruim iria acontecer.

E não estava errada.

Pam Man freou o carro até parar perto da curva e o desengatou, desligou enquanto continuávamos caminhando, sua grande forma saiu do carro.

Tropecei assustada, enquanto o via caminhar sem pressa ao redor do para-choque dianteiro do seu carro até nós dois. Bentley agarrou meu pulso e tentou fazer com que eu andasse mais rápido, mas estava muito aterrorizada para fazer com que meus pés funcionassem adequadamente.

Havíamos dado apenas alguns passos quando, de repente, Pam Man parou bem na nossa frente. Cheirava à café e colônia barata, dois aromas que odiava.

Abaixando-se, seu nariz largo chegando a centímetros do meu.

— Escutou-me jovenzinha? Sobe no meu carro e eu te levarei à escola. Sou praticamente o seu pai agora e isso é o que os pais fazem por suas filhas.

Curvei meus pequenos ombros para frente, encolhendo minhas costas e me fazendo parecer ainda menor. Meu longo cabelo loiro caiu para frente, cobrindo meu rosto e me escondendo. Estava me bloqueando, me retraindo. Algo que fazia frequentemente.

Bentley se colocou na minha frente e me empurrou para trás se endireitando, encarando Pam Man assim como um homem adulto faria.

— Ela não vai a lugar nenhum com você, Senhor. Não é nosso pai, então pare de tentar atuar como um. — Disse. Estava sendo incrivelmente corajoso, considerando com quem estava falando.

Olhei envolta do braço de Bentley, assustada com a reação que Pam Man teria. Ele tinha batido em minha mamãe uma vez, eu tinha visto com meus próprios olhos. Não queria que fizesse o mesmo para Bentley ou a mim.

Sua grossa e úmida língua correram por seus lábios, me lembrando um lagarto. Baixando a vista para meu vestido de segunda mão, ele sorriu de novo.

Neguei com a cabeça e me escondi atrás de Bentley, mas não havia como escapar do Pam Man. O homem tinha poder por aqui, e gostava de mostrá-lo. Suas grossas mãos dispararam, agarrando Bentley na parte de cima do braço.

— Agora me escute, seu merdinha, — falou, sacudindo Bentley para frente e para trás como um fantoche. — Posso estar transando com a sua mãe, mas não tem direito a falar assim comigo, escutou? Sua irmãzinha aqui vai subir no meu carro e você não vai fazer nada, se afaste ou vou chutar sua bunda daqui até o próximo domingo.

— Não vou me afastar! — Exclamou Bentley enquanto Pam Man o jogava para o lado como um pedaço de lixo, o impulso fez Bentley cair para trás, com a mochila pesada no ombro, perdeu o equilíbrio e caiu, caindo no jardim de alguém. Gritei e comecei a correr até ele, mas Pam Man agarrou meu braço, me puxando para trás.

— Vamos, menina, vou cuidar de você. — Disse em uma voz nasal, me atirando contra o seu sedam azul e branco. Seus dedos apertaram meu braço, tanto que pensei que o osso quebraria.

Tentei chegar a Bentley e gritei, deixando cair minha mochila da Hello Kitty na calçada. Pam Man ignorou meus gritos, me arrastando pra fora da curva e para a porta de trás do seu carro, tentei lutar contra ele e voltar, mas ele era mais forte.

Firmei-me em meus calcanhares, mas não adiantou, ele me puxou para frente, me fazendo perder o equilíbrio e cair. Aterrissei na calçada, raspando os joelhos e machucando as palmas das mãos. Meus gritos ficaram mais fortes, meus joelhos estavam ardendo e meu braço parecia como se estivesse quebrado por sua força.

Mas não me rendi.

Dei outro grito alto, estava fazendo muito barulho, mas temi que ninguém se importasse. Em minha vizinhança não são muitas pessoas que se envolvem em uma briga com

alguém como Pam Man. As pessoas daqui se preocupavam com seus próprios problemas e não queriam ter nada a ver com alguém como ele.

Um policial sujo.

Mesmo aos dez anos, sabia que entrar em um carro com este homem não era seguro, apesar da insígnia em sua camisa. Assim, deixei sair outro grito. E outro. Simplesmente não parei de gritar.

Pam Man abriu a porta de trás de seu sedam com um puxão e tentou me empurrar para dentro, mas o chutei com meus pés e quando isso não funcionou, me agarrei na lateral da porta do carro, conseguindo um apoio forte e me firmando para salvar minha vida. Sabia que se soltasse, ele me colocaria em seu carro e eu nunca mais veria Bentley de novo.

Com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, me contorci, lutando para ver meu irmão. Ele estava tentando ficar de pé, punhos apertados e com os olhos em Pam Man. Gritei por ele justo quando Pam Man arrancou com força meus dedos da porta.

Tentei lutar com ele, batendo com meus pequenos punhos enquanto ele tentava me colocar dentro do carro. Mas não adiantou nada, ele era muito mais forte que eu.

Gritei uma última vez, mas foi então que um movimento chamou minha atenção.

O garoto novo havia dado a volta e estava correndo até nós. Era alto, quase tão alto quanto Pam Man, no mínimo uma cabeça mais alto que Bentley e estava zangado, tão zangado que me assustou. Observei-o correr até nós dois e ele estava muito zangado.

Uma vez vi um quadro de Lúcifer, uma das senhoras de cabelo azul da Igreja de Serviço do Saint Mary tinha me mostrado uma imagem em uma noite fria de inverno durante um jantar de "Alimente os Desfavorecidos", quando me entregou um copo de sopa aguada, me contou sobre Lúcifer e sobre como tentava as meninas e os meninos bons. O menino correndo para mim me lembrou dessa pintura. Seu cabelo era preto e seus olhos escuros. Não tinha uma cauda bifurcada ou chifres pontiagudos, mas tinha uma crueldade nele que não tinha nada a ver com segurança.

Esse foi o momento em que minha vida mudou para sempre.

O menino seria minha destruição e meu salvador. Ele me desafiaria, me manteria no limite e me deixaria louca. Destruir-me-ia e me salvaria.

Mas eu ainda não sabia disso.

Lutei contra Pam Man enquanto o menino novo corria até nós. Quando estava perto o suficiente jogou sua mochila no chão, sem nunca deixar sua raiva, em segundos, estava ao meu lado, seu punho para cima e sua pontaria perfeita.

Balançou-se acertando Pam Man no queixo. Pam Man caiu para trás, mas se manteve agarrado ao meu braço, me arrastando com ele enquanto caía.

O menino empurrou seu braço forte para trás e o fez voar de novo, golpeando Pam Man no nariz. Ouvi um estralo um segundo antes do sangue sair pelo seu nariz, algumas gotas aterrissando em mim. O menino acabava de quebrar o nariz do Pam Man.

Ele uivou de dor e soltou meu braço, agarrando seu rosto enquanto o sangue derramava por seu nariz. Corri para longe olhando enquanto o menino o atacava outra vez. Seu punho se chocou em Pam Man uma terceira vez, logo uma quarta, até que perdi a conta.

Bentley pulou na minha frente e agarrou minha mão, me puxando para longe do perigo.

— Você está bem? Está bem? — Repetiu, virando meu braço para conferir.

Estava vermelho e ardia pelo aperto dos dedos de Pam Man, mas estava bem. Assenti tão assustada que achei que iria vomitar. Um grunhido seguido de um golpe veio de trás de mim. Virei-me, vendo algo de que me lembraria por um bom tempo.

O menino novo continuava batendo em Pam Man, uma e outra vez enterrava o punho em seu rosto e seu estômago.

Nunca tinha visto um menino dar uma surra em um homem adulto, mas estava acontecendo bem diante dos meus olhos. Pensei que nunca pararia, mas depois de um tempo, o fez.

Pam Man estava meio recostado, meio sentado na rua próximo a seu carro, sangrando e tocando em seu nariz quebrado, gritando algo sobre como o menino iria pagar. O menino estava de pé sobre ele, respirando forte, os punhos apertados em seu lado, ele acabava de escrever seu futuro, e de mudar o meu.

Nesse dia Walker se tornou o melhor amigo de Bentley.

E também se tornou o garoto que eu temia.

13

Sam

Desde esse dia a nove anos atrás, quase nada havia mudado. Walker continuava sendo o melhor amigo de Bentley e ainda propenso à ira e violência. O que realmente havia mudado era que eu não o temia mais.

Simplesmente odiava-o.

Mantive os olhos tranquilos sobre ele e Lukas, me aproximei por entre a multidão de carros. Walker estava casualmente reclinado sobre seu carro, como se nada mais no mundo importasse, uma garrafa de cerveja pendurada em sua mão e descansando sobre sua coxa. Calças desbotadas penduradas baixas em seu quadril, um buraco no jeans na altura de seu joelho. Sua camiseta parecia ter sido lavada muitas vezes, mas mesmo assim assentava-lhe na perfeição.

As botas negras estavam desgastadas. Ignorei a forma como passou seus olhos sobre mim, cavando um buraco pelo meu corpo que me deixou gelada apesar do calor.

Bem perto havia duas garotas de pé, olhando como se estivessem prontas para arrancar as roupas de Walker e Bentley, uma era loira e outra morena. Eu chamava aquele tipo de garota de cadela porque estavam sempre prontas para fazer qualquer coisa por um carro rápido, Bentley as chamava de presas fáceis.

— Merda, meu irmão está com Walker. — Murmurei meus ombros caindo com medo. — Ainda tinha esperança de que não estivessem aqui.

— Não podemos ter uma noite normal sem seu irmão por perto? — Queixou-se Lukas logo atrás de mim. — Parece que está sempre me observando.

Lukas não gostava de Bentley e Bentley não gostava dele.

Walker? Bom, Walker era uma história à parte. Ninguém gostava muito de Walker.

— Vamos ignorá-los. Talvez não se deem conta que estamos aqui e nos deixem em paz. — Disse, arrastando Lukas enquanto já começava a caminhar mais de pressa. Virei-me para a esquerda, me esquivando da aparência escura do carro de Walker.

— Ei, irmãzinha!

Revirei os olhos e parei ainda de costas para Walker e Bentley. Um suspiro alto escapou de mim. Escutei o rangido das botas contra o asfalto vindo em minha direção. Estava presa. Que comece a diversão a custo da Sam.

Respirei profundamente, soltei a mão de Lukas e me virei. O sorriso nos olhos verdes de Bentley se encontrou com os meus enquanto se aproximavam. Recusei-me a olhar para Walker, mas pude vê-lo por minha visão periférica, ainda recostada no potente carro que tanto amava. Era quase um milagre ignorá-lo, mas eu estava disposta a tentar.

Bentley parou a uns passos de mim e cruzou os braços sobre o peito, se balançando sobre os calcanhares. Uma brisa forte levantou seu cabelo loiro, o movendo sobre seu rosto e lhe cobrindo os olhos.

— O que está fazendo, irmãzinha? — Perguntou, seu olhar indo sobre Lukas antes de focar em mim.

— Nada demais... E você? — Perguntei, o imitando e cruzando os braços sobre meu peito.

— Perambulando por aí. Já sabe... Um pouco disto um pouco daquilo — Disse Bentley, mantendo os olhos sobre Lukas. — Não esperava ver os dois pombinhos aqui. Aonde vão? Quer ir pra casa?

Sabia exatamente onde queria chegar e isso não era nada bom.

— Estou bem — Respondi com um doce sorriso. — Te vejo depois. — Virei-me para sair e segurei a mão de Lukas outra vez, mas sabia que Bentley não me deixaria sair assim tão facilmente. Como disse, o cara era super protetor.

— Acho que devia ir para casa comigo, Sam, sério. — Disse com uma voz severa.

A irritação cresceu em mim. Com minha mãe fora a maior parte do tempo e meu pai fora de cena, Bentley tinha me criado sozinho, me ensinou o que era bom e mau, e como me manter segura.

Eu era a única com quem se preocupava e ele era o único em quem eu podia confiar, mas ele se negava a reconhecer que eu era grande o suficiente para cuidar de mim mesma. E ultimamente isso estava começando a me irritar.

— Disse que estou bem Bent, Lukas vai me levar para casa. — Disse em uma voz tranquila que ocultava minha frustração.

Antes que Bentley pudesse argumentar, comecei a caminhar, puxando Lukas comigo. Não ia mais permitir que Bentley mandasse em mim. Era uma adulta agora e ele tinha que me deixar ir algumas vezes.

— Sam, juro... — O som do cascalho rangeu sob as botas de Bentley enquanto dava alguns passos para nos seguir.

Uma voz profunda e afiada com dureza rompeu através do ruído dos motores nos arredores, interrompendo a Bentley.

— Deixe-os sozinhos, Bent. Não vê que estão procurando um lugar tranquilo para ficarem a sós? Está escrito na cara do seu namoradinho. Ele quer algo e está planejando o ter da sua irmãzinha.

Parei. Todo o sangue drenou do meu rosto. Senti-me mal, tão doente do estômago que quase vomitei. A profunda voz que soava como se estivesse cheia de urina e vinagre chiava em meus nervos. Somente um babaca poderia soar tão retorcido como esse homem.

Walker.

Soltei a mão de Lukas, mas não me virei. Tudo o que podia fazer era me concentrar na raiva crescendo dentro de mim e no batimento selvagem do meu coração. Escutei mais passos rangendo no cascalho enquanto Walker se aproximava.

— Mal pode esperar para pôr as mãos nesse vestido curto que sua irmã está usando. Você sabe e eu sei, mas me pergunto se ela sabe. — Disse Walker com um tom de riso em sua voz. — A pergunta é o que você vai fazer com isso, Bent?

Lukas revezava seu olhar entre os dois homens que eram no mínimo 30 centímetros mais altos que ele e talvez uns cinquenta quilos mais pesados. Ele não era um covarde, mas

era estúpido se pensava que poderia enfrentar a Bentley e Walker. Não estava segura de que alguém pudesse.

— Escuta, não estou pensando isso. — Argumentou Lukas, de frente para eles.

— Bobeira. — Espetou Walker.

Respirei fundo. Não queria fazê-lo. Briguei com cada segundo disso. Odiava-me por sequer considerá-lo. Mas finalmente não pude resistir. Virei-me, meus olhos imediatamente encontraram os de Walker. Estava me observando, seus olhos negros cavando buracos em mim. Seu caminhar, seu falar, sua simples existência me deixava louca.

Odiava-o. Realmente o fazia. O homem não tinha um osso decente em seu corpo. Ele esteve em um reformatório mais de uma vez, fazendo do cárcere seu segundo lar. Era a pessoa que arrastava Bentley ao longo de seu escuro caminho de destruição. Quando estava perto de Walker, sentia um ódio tão profundo que queria gritar.

Walker parou ao lado de Bentley e sorriu. Seu escuro cabelo negro combinava com minhas mechas tingidas. Seus escuros olhos da meia-noite se fixaram em mim, me desafiando a argumentar ou a dizer qualquer coisa.

Com frieza deixei meu olhar vagar por ele parando nas garotas perto de seu carro. Elas me deram um olhar malvado, de pé vigiando seu carro como dois guarda-costas bem-

dotados. Olharam-me, zangadas por ter invadido seu território. Mas não tinham com o que se preocupar, a ideia de estar com Walker me deixava fria.

Meu olhar voltou-se para Bentley quando cruzou os braços e endireitou sua postura, olhando Lukas como se quisesse estrangulá-lo.

— Isso é verdade, Lukas? — Perguntou, as palavras rodando por sua língua como uma advertência, uma ameaça. — Quer mesmo ter sexo com a minha irmã, por acaso é homem pra isso?

Lukas permaneceu parado, vi seu punho se abrir e fechar, irritação em seu rosto.

Suspirei com desgosto, pegando o olhar de Walker e ele me deu um sorriso que transbordava presunção. Queria lhe mostrar o dedo, mas isso teria sido infantil. Tinha outra ideia. Uma que ele nunca esperaria.

Dei uns passos rápidos que me deixaram bem em frente de Walker. Sabia que estar de pé tão perto dele era perigoso e completamente estúpido, mas tinha uma súbita valentia bem lá no fundo.

Olhando-o, vi um sorriso cruzar por seu rosto perfeito demais. Seus olhos, tão cheios de escuridão, me olharam dos pés à cabeça. Seu sorriso cresceu quando seus olhos aterrissaram sobre o aro em meu lábio inferior. Isso me deixou

louca. Havia tirado sarro de mim assim que pintei o cabelo e coloquei o piercing no lábio. Disse que parecia um duende estranho, mas isso não foi o pior, disse que meu cabelo ainda era bonito, mas agora estava tão negro quanto meu coração. Como se ele fosse o único que importasse. Tinha um grande ego que eu queria acertar com desespero. Aqui estava minha oportunidade.

— Não ligue pra ele, Bentley. — Disse com um doce sorriso, mantendo os olhos em Walker. — Você também, Lukas. Todo esse tempo em reformatórios o deixou babaca, na verdade, ele passou tanto tempo lá que não sabe mais como conseguir algo a não ser que seu pênis esteja envolvido.

A mandíbula de Walker ficou tensa e o sorriso abandonou seu rosto. Deus. Acertei um nervo.

— Cuidado, garota. Não sabe o que está fazendo. — Advertiu seus olhos escurecendo.

Aproximei-me mais dele, pé contra pé mantendo um olhar inocente no rosto.

— Oh, sei o que estou fazendo Walker, a pergunta é, você sabe? Mas antes que responda, olhe pro meu irmão.

— Bent, sabia que Walker se ofereceu para me mostrar o que podia fazer com seu... Equipamento? Mas eu disse que não e agora está com ciúmes. São suas mãos que queriam levantar este vestidinho, não as de Lukas.

— O quê? — Perguntou Bentley, se virando para olhar Walker.

Dei-lhe outro doce sorriso e cruzei os braços sobre o peito olhando para Walker. Suas narinas se alargaram e seus olhos arderam de ódio enquanto me olhava.

— Ela está mentindo, Bent. — Disse Walker, sua voz plana e perigosa enquanto franzia o rosto.

Por um segundo uma ameaça de medo me atravessou. Ninguém se metia com Walker e vivia para contar. Só porque era o melhor amigo do meu irmão não significava que eu estivesse a salvo de sua ira, na maioria das vezes eu era a causa dela.

Empurrei minha inquietação para o lado. Já era a hora de alguém colocar Walker em seu lugar e eu queria ser esse alguém.

— Estou mentindo Walker? — Perguntei, planejando com doçura algo mais. — Não me deseja? Não foi isso o que disse na outra noite.

Walker grunhiu e deu um passo na minha direção, colando o seu corpo ao meu. Congelei quando inclinou sua boca próxima à minha orelha.

— Cuidado querida. Eu mordo.

Meu coração saltou golpeando contra o meu peito. Senti meu sorriso fraquejar e minha boca secar.

Walker se endireitou, um sorriso ardiloso em seu rosto. O idiota sabia exatamente o que estava fazendo comigo.

Forçando um novo sorriso no meu rosto, olhei para Bentley medindo sua reação. Justo como pensava, ele estava fervendo de raiva e não era dirigido a Lukas ou a mim. Era dirigida a Walker. O homem que supostamente se ofereceu a sua irmãzinha. Melhor amigo ou não, Bentley estava irado.

Era o momento perfeito para escapar.

Agarrei a mão de Lukas e às pressas cruzamos o estacionamento, ouvindo enquanto Bentley amaldiçoava e ameaçava a Walker.

— Está louca! — Gritou Lukas quando já estávamos fora de alcance. — Quem fala com Cole Walker assim?

— Eu. — Falei, meu sorriso escapando com a lembrança do olhar no rosto de Walker e a forma que sussurrou em meu ouvido. Um arrepiou me atravessou, mas dessa vez não foi ruim.

— Já aconteceu alguma coisa entre vocês? — Perguntou Lukas, parecendo preocupado. — Preciso voltar lá e chutar sua bunda?

Bufei. Lukas não teria a mínima chance em uma briga com Walker. Ele o deixaria no chão em segundos.

— Então não aconteceu nada? — Perguntou Lukas com dúvida em sua voz.

— Com Walker? De jeito nenhum. — Respondi. — Ele me odeia e o sentimento é mútuo.

14

Walker

Vi Sam se afastar naquele vestido pequeno que só cobria sua bunda. Ela se balançava de um lado a outro, se afastando de mim.

— Maldito desgraçado! Sente mesmo alguma coisa pela minha irmã? — Rugiu Bent ao meu lado, apertando os punhos como se quisesse me lançar um soco.

Suspirei e coloquei a mão no bolso de trás dos meus jeans procurando um cigarro, mas era um dos maus hábitos que havia abandonado. Parei de fumar há seis semanas, mas ainda os queria, agora mais que nunca. Estava tentando jogar limpo, mas droga, situações assim me faziam querer lançar a precaução ao vento e fumar um cigarro.

Olhei para Sam até que desapareceu por entre dois carros estacionados com aquele perdedor do Lukas. O que ela viu nele eu não tinha a menor ideia. No meu ponto de vista ele não era mais que um moleque, e o que Sam precisava era um homem, mas estava claro que eu não seria um voluntário.

— Não sinto nada pela sua irmã Bent, então fecha essa maldita boca. — Disse me virando e caminhando nervoso para o meu carro. A morena, Chrissy, acho que esse era o seu nome, estava me esperando. Pelo menos ela não me fazia querer estrangulá-la, diferente de certa menina bonita de cabelo preto.

Bentley seguia bem perto dos meus calcanhares, não contente com minha resposta. Dizer que era um irmão super protetor era pouco. O cara tinha medo de que alguns homens viessem e tocassem a sua preciosa e inocente irmãzinha. Tinha algumas notícias para ele: ela não era tão inocente, todo mundo sabia, ela tinha um corpo preparado para comer e uma boca feita para beijar, por que ela tinha que colocar um maldito piercing naqueles deliciosos lábios? Não tinha nem ideia, mas me deixava duro toda vez que a via. Pena que a odiava.

— Sam está inventando essa estupidez de merda, Bent, como sempre, porque você acredita nisso, nunca vou entender. — Disse sobre o meu ombro, tentando esfriar meu sangue.

— Não me importa se é meu amigo, coma a minha irmã e virará adubo. — Disse Bent com um murmúrio. Ele estava

prestes a cair sobre sua bunda bêbada. Provavelmente não se lembraria desta conversa amanhã, mas tinha que deixar as coisas claras. Talvez mais para o meu próprio benefício do que para o seu.

— Não quero estar com Sam, acredite. Ela não é meu tipo. — Disse-lhe, forçando meu lábio a se enrolar. Isso não era verdade, mas Bent não precisava saber. Qualquer mulher era meu tipo, mas estaria condenado se colocasse Sam nessa categoria. Ela não era uma mulher, ela era... Sam.

Enquanto caminhava até meu carro, Chrissy abriu a boca para dizer alguma coisa, mas não dei importância. Já não estava com humor nem para uma foda rápida. De repente queria algo a mais e isso me incomodou.

— Porra, vamos sair daqui. — Murmurei, procurando as chaves no bolso do meu jeans.

O que Sam fez me deu vontade de encontrar na loja de bebida mais próxima e esvaziá-la. Beber até me deprimir e esquece-la. O pensamento dela com Lukas me fazia querer agarrá-lo por seu esquelético pescoço e o sacudir até jogar toda a sua merda pra fora.

— Walker, as chaves. Você estava bebendo. — Disse Bent, estendendo a mão e se balançando sobre seus pés.

Desviei-me.

— Não tanto quanto você. — Disse, enquanto entrava no carro. Sim, tinha bebido, mas não era um bêbado. Podia controlar meu álcool. Bentley por outro lado, se embebedava rápido. Dois copos e já não conseguia enxergar direito. Podia ser um imbecil, mas não deixaria que meu amigo dirigisse bêbado, ainda mais se esse amigo tinha uma irmãzinha que queria estrangular.

Sentei no banco do motorista enquanto Bent dava a volta para o lado do passageiro. Chrissy e sua amiga não ficaram felizes por estarmos saindo, mas podiam encontrar mais alguém para abrir suas pernas. Tenho certeza de que haveria um monte de candidatos.

Estiquei as pernas, sentindo as molas do velho assento do condutor. Estava gasto, algumas molas sobressaindo pelo material aqui e ali. Meu carro cheirava ligeiramente a graxa de motor, mas estava sempre assim desde o momento em que o levei para casa. Paguei uns malditos dois mil dólares por este pedaço de metal há uns anos, usando o dinheiro que ganhei trabalhando na construção. Gastei uma grande quantidade de horas com Bent para arrumar este velho carro para as corridas, mas agora ronronava como um gatinho pequeno. Se havia alguma coisa em que era bom, era trabalhando em qualquer tipo de máquinas. Especialmente carros.

Girei a chave na ignição e o carro rugiu a vida, soando como uma besta furiosa. Partes da minha alma, aquelas que vendi para as estradas, estavam morrendo de vontade de

correr, implorando por sua liberdade. O carro vibrava com força enquanto pressionava o pedal do acelerador até o chão, deixando que o motor acelerasse umas duas vezes antes que finalmente o pusesse em movimento.

Bent se aproximou e abaixou o volume do rádio. A voz do Eminem se distanciou até que não pude mais ouvi-lo cantar sobre garotas e sexo. Contive um gemido. Só havia uma razão para que Bent abaixasse Eminem e estava a ponto de escutá-lo.

— Mato você ou qualquer outro que toque minha irmã, Walker. Ela já esteve no fundo do poço e merece o melhor. Você ou Lukas não o são.

Passei minha mão pelo queixo antes de colocá-la na parte superior do volante. Meus dedos tocaram o relevo enquanto as palavras de Bent ecoavam em minha cabeça.

Ele tinha razão, Sam tinha passado pelo mal. Todos nós passamos. Ela e Bent perderam seu pai e eu perdi a minha mãe. Sua mãe gastava cada centavo que ganhava com drogas e bebidas baratas. Meu pai gastava seu dinheiro em cerveja, vodca e uísque. Ambos nossos pais tinham renunciado à vida só por causa do amor perdido. Seu pai os abandonou, deixando duas crianças pequenas e uma esposa, minha mãe deixou este mundo, consumida pelo câncer. O dia em que ela morreu, meu pai se converteu em uma pessoa diferente. Seu melhor amigo se tornou uma garrafa de Jim Beam e seu punho

se converteu na única forma de mostrar alguma atenção a mim, recebi mais golpes que abraços. Tudo porque o amor o transformou em uma pessoa amarga e zangada. Jurei que nunca permitiria que algo assim me acontecesse.

É por isso que permanecia o mais longe possível do amor.

Foquei minha atenção na escura estrada adiante. Logo estávamos cruzando o rio, em direção à nossa parte da cidade. Neste lado, as coisas eram mais sombrias e mais descuidadas. Os clubes de strip-tease e os parques industriais dividiam espaço com as pequenas casas e reboques abandonados. As luzes piscavam e o lixo estava nas ruas, enchendo as canaletas de entulhos. Ao longe, os altos edifícios do centro da cidade podiam ser vistos, iluminados com luzes brilhantes. Cheios de uma vida que eu nunca conheci.

Olhei para Bent que esfregava a mandíbula, olhando pela janela. Sabia o que o comia por dentro, o mesmo que me comia todos os dias. Esta vida era uma droga. Tomava algo de você todos os dias e não te dava nada em troca. Vivia no subúrbio, já havia passado fome e me acostumei. Estava de acordo com isso, mas Bent não, ele queria fazer algo com sua vida, eu só queria passar por cada dia, cada semana, cada mês, não importava. Só o hoje, o agora, este segundo me interessava.

Ele queria sair, eu simplesmente não me importava.

Dizia-me isso todos os dias. Não me interessava que meu pai me odiasse ou que o único amigo que tinha estivesse tão

fodido quanto eu. Só me preocupava comigo mesmo e somente eu. Se olhasse mais a fundo saberia que só era um montão de lixo, mas enterrei os sentimentos que tinha debaixo de tanto ódio e desprezo que nem sequer tinha certeza de que ainda havia um pingo de humanidade. As outras pessoas me olhavam com desdém e os proprietários de lojas locais me olhavam como falcões, mas eu lhes dava toda razão para fazê-lo.

Eu era um criminoso.

Transformei-me em um ladrão no dia em que soube que Sam não comia há dois dias. Tinha roubado alguns doces da loja da esquina local para lhe dar de comer. Eu tinha treze anos e ela onze. Nunca esquecerei seu olhar quando lhe entreguei a comida. Olhou-me como se eu fosse um herói, seu cavalheiro de armadura brilhante. Foi nesse dia que soube que cuidaria dela para sempre. Mesmo que para isso tivesse que quebrar a lei.

Um dia, Bentley chegou correndo em minha casa. Sam estava doente, vomitando tudo o que havia no seu estômago, não tinha visto sua mãe por uma semana e não faziam ideia de como encontrá-la. Bentley estava assustado, achou que Sam estava morrendo, ela estava muito doente. Lembro-me de correr para sua casa, meu coração batendo tão forte que chegava a me enfraquecer.

Segui Bent até à casa suja onde moravam em meio à confusão. Mas desta vez, me surpreendi ao saber que sua mãe esqueceu de pagar a conta de luz. Por duas semanas, Bent e Sam viveram sem luz ou uma geladeira que funcionasse. A pouca comida que sua mãe tinha comprado estava podre. Lembro de ter enxergado tudo vermelho quando escutei isso.

Ainda estava soltando fumaça como um louco quando Bent me levou até o quarto de Sam. O que vi fez que meu estômago se retorcesse. Ela estava jogada em uma cama, seu pequeno corpo enrolado em uma bola. Seu rosto estava pálido e seu bonito cabelo loiro estava grudado em seu rosto suado. Ela era magra como um palito e muito pequena para sua idade. Culpei os anos de má nutrição por isso.

Ali de pé, olhando fixamente para ela, não estava certo sobre o que deveria fazer. Não poderíamos chamar meu pai porque ele estaria bêbado e naturalmente irritado. Não poderíamos ir aos vizinhos porque não valia à pena, eram tão pouco confiáveis como nossos pais. Não havia ninguém para nos ajudar.

Nenhuma só pessoa.

Nesse momento a realidade me bateu. Sam parecia que estava mesmo morrendo e não havia nenhuma maldita coisa que eu pudesse fazer para ajudá-la.

— Talvez devêssemos chamar o 911 — Disse, com medo de tocá-la. Ela estava tão frágil que de repente me deixou nervoso.

Nervoso com uma mãe que deixava seus filhos sozinhos, nervoso com um pai que podia se afastar de sua família e deixá-los nessas condições, nervoso por eu ser impotente.

— Não podemos chamar o 911 — Disse Bent. — Poderiam nos tirar daqui e nos colocar no sistema. — Ele tinha razão, nós dois sabíamos como funcionava, se as autoridades soubessem que sua mãe os deixou por dias sem comida nem eletricidade, colocariam Bent e Sam aos cuidados de casas de acolhida, provavelmente separados e isso os destruiria.

E talvez a mim também.

— Deu-lhe algum remédio? — Perguntei, me ajoelhado junto à cama para poder olhá-la.

Sua respiração era entrecortada, ofegante. Ela nem sequer abriu os olhos para me ver, depois de uns segundos a admirando tive coragem suficiente para tocá-la. Estava queimando. Podia sentir o calor que irradiava de seu corpo magro, encharcando o colchão fino embaixo dela.

— Não temos nada, nem Tylenol ou algo assim. — Disse Bent, assustado.

Coloquei-me de pé. Já estava decidido antes mesmo que ele terminasse de dizer. Não era inútil, e sabia o que tinha que fazer.

— Vou trazer alguma coisa. — Disse, saindo do quarto. Tinha virado um perito em roubo. Nunca tinha tido dinheiro

porque meu pai tomava cada centavo que eu ganhava fazendo trabalhos ocasionais. Tinha aprendido o que fazer para poder comer e sobreviver. Normalmente roubava comida, agora gostaria de testar minha mão em roubar remédio.

Deixei Bent e Sam e voltei para casa. Aos quatorzes anos já sabia dirigir, peguei a caminhonete do meu pai e fui até a farmácia local. Não tinha tempo pra pensar, só conseguia pensar no rosto pálido de Sam e o som de sua respiração ofegante. Na loja que finalmente consegui atuar, coloquei um vidro de aspirina e uma caixa de remédio contra gripe em minha jaqueta. Um segundo depois uma mão grande e pesada estava em meu braço, me parando. Olhei para a nervosa e avermelhada cara do dono da loja e soube que tinha sido pego com a mão na massa.

Segundos depois, me arrastaram ao escritório do gerente. Minutos depois a polícia chegou. Fiquei tentado a lhes dizer sobre Sam e Bent para salvar minha bunda, mas não o fiz. A polícia os teria levado para longe e os colocado no sistema. Então, seu futuro estaria em minha cabeça.

Não foi meu primeiro encontro com a polícia, mas eles queriam que fosse o último. Logo estava sendo levado a um centro de detenção à espera de um julgamento. Enquanto estava sentado na prisão juvenil com os outros criminosos adolescentes, tudo o que podia pensar era em Sam, me perguntando se estava bem, me amaldiçoando por me importar.

Não soube se estava bem até uma semana depois quando chamei Bentley do reformatório. A doença de Sam tinha chegado ao fim, não graças a mim ou a qualquer medicamento. Alegrei-me, mas ainda estava preso, meu próprio pai se negava a pagar minha fiança.

Cumpri minha condenação por esse crime, mas não foi nada comparado com o que Sam me fez passar quase um ano depois. O dia que entramos em um motel abandonado foi um ponto de reflexão para nós dois. Um que nunca poderíamos escapar.

15

Sam

Coloquei minha mão fora da janela aberta e deixei que balançasse ao vento, enquanto percorríamos a estrada. Lukas ligou o som do carro com músicas de sua banda preferida. O ar condicionado estava ligado, mas deixei a janela aberta precisando sentir o vento para limpar meus pensamentos e afastar a escuridão. Quanto mais longe íamos, mais deserta ficava a rodovia. Filas de casas degradadas, bares e lanchonetes que ficavam vazios durante a noite.

Estava em casa.

Soltei um suspiro. Depois de estar na corrida com Bentley e Walker decidi que queria ficar sozinha, não queria mais companhia essa noite. Disse ao Lukas que me deixasse em

casa. Queria ir para cama e tentar não pensar em um homem de cabelos pretos cujos olhos penetravam em minha alma.

Tirei minha mão do vento e cruzei os braços sobre meu peito, já não prestando atenção às casas em mau estado e aos edifícios abandonados. Ainda pensava em Walker. Odiava-o, lembrei-me. E tinha todo o direito de fazê-lo.

Meus pensamentos voltaram para o passado. No tempo que Walker e Bentley se conheceram, eram inseparáveis. Quebraram todas as regras. Nada podia afastá-los. Os adultos não podiam controlá-los. Eram dois meninos perdidos, que aterrorizam nosso pequeno pedaço de vida.

No momento em que fez dezesseis anos, Walker foi suspenso da escola e expulso de sua casa pelo menos quatro vezes. Uma vez veio viver em nossa casa, dormindo no quarto de Bentley.

Viveu nas ruas também, às vezes não o víamos por uma ou duas semanas. A cada noite ficava pior, mais corajoso. Fez coisas ilegais como beber e roubar. Bentley adorava o chão que Walker pisava e o seguia. Mas eu não.

Esperava o momento em que me destruiria, mas não tive que esperar muito tempo. O dia que me quebrou, no motel maltratado, foi o fim para nós. Não fomos os mesmos depois disso.

Seis anos atrás...

— Tem certeza que é seguro? — Perguntou Bentley a Walker.

A princípio, não entendi sua pergunta. Estava muito ocupada espalhando meus braços, girando na calçada em ruínas. Mas então a pergunta de Bentley chamou minha atenção e a preocupação me fez enrugar meu nariz cheio de sardas, perguntando-me exatamente o que estávamos a ponto de fazer.

Olhei para Walker esperando sua resposta. Suas botas marrons estavam velhas e sujas. Suas roupas não eram melhores. Os jeans estavam com buracos nos joelhos e na camisa faltava um par de botões. Seu cabelo estava penteado, era longo, caindo nos olhos. Mas não escondia a contusão sobre sua bochecha ou a raiva em sua expressão. Bentley perguntou sobre o olho roxo, mas ele não respondeu. Nesse momento percebi que havia sido seu pai.

— O lugar está tão vazio como a carteira do meu velho — Disse Walker, sua voz muito mais profunda que a de Bentley aos quinze anos. — Não tem ninguém faz pelo menos uma semana. Não precisa ter medo, Bent.

— Não tenho medo de nada — Disse Bent jogando um pau no terreno vazio, cheio de mato.

Fiquei olhando para as costas do meu irmão, percebendo que tinha um buraco na sua camisa. Mamãe ia matá-lo por estragar outra camisa. A terceira este mês. Cada coisa que nós possuíamos foi dada pelo programa de ajuda de uma igreja local para pobres ou pelo Exército da Salvação, que era quase nada. Mas era tudo o que tínhamos.

Alisei a minha camisa desbotada, imaginando que era algo bonito e elegante. Era muito pequena pra mim, mas mamãe a ganhou e eu adorava a cor, um rosa suave que fazia com que o meu cabelo parecesse ouro. Papai sempre falava que eu ficava bonita de rosa. Era só o que me lembrava dele.

— Vem, Sam? — Vi Bentley, esperando.

— Sinto muito! — Disse, correndo para me aproximar dele.

Walker olhou sobre seu ombro para mim, percorrendo minha camisa e depois meus olhos.

— Realmente, ela tem que vir Bentley? Não poderia ficar em casa ou algo assim?

— Com nossa mãe? — Perguntou Bentley, deixando escapar um bufo de desprezo. — Não.

Walker franziu o cenho, me olhando.

— Que seja. Só não a deixe entrar em problemas.

Entreabri os meus olhos contra o sol e olhei para Walker.

— Então, aonde vamos? — Perguntei, acelerando os meus passos para ficar ao seu lado.

— Lá. — Disse, olhando para frente.

Era um velho motel, parecendo saído de um filme antigo. O teto era plano. As portas eram marrons e o estacionamento estava vazio. Água estava aqui e ali nos buracos que provavelmente estavam ali por muito tempo. Alguns arbustos meio mortos estavam perto da porta principal. O lugar parecia abandonado, vazio de qualquer hóspede durante a noite. Era assustador, como um lugar que eu não queria ir.

— Por que estamos aqui? — Perguntei. Walker franziu o cenho.

— Por que não?

Fiz uma careta. Aos treze anos, não fazia coisas só porque podia. Fazia porque tinha uma razão. O que ele falava não me parecia certo. Mas ele fazia um montão de coisas que eu não entendia.

Entrar em problemas era uma delas.

Abri a boca para dizer que achava que entrar em um motel não era uma boa ideia, mas ele já estava na frente, nos deixando para trás.

Um minuto depois, cruzamos a rua do estacionamento abandonado. Ninguém nos parou para ver o que estávamos

fazendo. Éramos um grupo de crianças vagando pela vizinhança. Ninguém se importava.

Cimento quebrado rangia sob minhas sandálias enquanto corria atrás de Walker e Bentley. Uma pequena pedra cortou meu dedo do pé. Parei para tirá-la, sem pensar que estava de joelhos no meio do estacionamento.

— Mantenha essa bunda em movimento, Ross. — Falou bruscamente Walker.

Olhei para cima, para encontrá-lo me olhando. Bentley ficou de pé junto a ele, olhando um carro que se aproximava rápido.

Tirei a pedra rapidamente e fiquei em pé. Se havia uma coisa que me deixava louca era Walker me chamando pelo sobrenome, Ross. Soava como um nome de menino. Todos já me chamavam de Sam em lugar de Samantha. Não precisava me chamar de Ross também.

Corri para eles.

— Não me chame de Ross — Adverti, passando por ele. — Meu nome é Samantha.

Walker soltou uma risada, mas não me importei. Fui direto para o motel, sem piscar quando a luz brilhante do sol refletiu em um pedaço de metal na estrada e me cegou.

Walker e Bentley alcançaram-me rápido.

— Pirralha. — Murmurou Walker ao passar, bem devagar para que só eu pudesse ouvir. Olhei para suas costas, pronta para xingá-lo. Estava com calor e com fome. Deus, eu estava faminta. Não tinha comido muito ultimamente. Entre a falta de alimentos e o calor do verão, estava de mau humor e cansada.

Segui-os através do estacionamento, tratando de ignorar a fome e o calor. Walker chegou primeiro ao motel.

— Observe a rua, Bent — Disse, falando baixo para ninguém ouvir. — Se aparecer problemas, agarre Sam e se afaste rápido. Entendeu?

Bent assentiu, olhando o caminho e passando de um pé ao outro com nervosismo. Agarrei um prego enquanto Walker tentava abrir a porta. Não abriu. Estava fechada com chave.

— Caralho! — Walker disse entre dentes, olhando para janela atrás de mim. Aproximando-se dela, esfregou o vidro sujo com a manga e olhou dentro. — Tem alguém aqui.

Meus olhos se arregalaram e meu coração começou a martelar.

— Quem? — perguntei em um sussurro, assustada.

— Suponho que vamos ver — Disse Walker, olhando para as outras portas. Era um desses motéis onde as portas davam para o estacionamento, dando aos clientes um fácil acesso aos

quartos. Sem outra palavra, Walker seguiu em frente, fazendo barulho com as botas no piso poeirento.

Nós o seguimos, permanecendo juntos. Estávamos na metade do caminho, entre as portas 5 e 9, quando meu estômago roncou com força.

Walker parou e olhou para mim, com o cenho franzido.

— Quando comeu pela última vez, Ross?

Desviei o olhar, evitando seus olhos. Bentley e eu tínhamos sorte de conseguir duas refeições ao dia. Mamãe simplesmente não pensava em comprar comida. Seu magro salário ia para outras coisas. Coisas como essas pequenas pílulas que gostava.

— Caralho! — Murmurou Walker quando meu estômago roncou novamente.

Meu rosto ficou vermelho. Olhou-me um segundo mais e logo virou e afastou-se. Segui-o, arrastando os pés, observando cada passo que dava com vergonha.

— Comeu o jantar ontem, Walker. Fiz sanduíches de salsichas e mostarda — Disse Bentley, aproximando-se do seu melhor amigo.

— E quantos desses comeu? — Perguntou Walker, soando nervoso. Olhei-o surpreendida de que se importasse.

— Dois. — disse Bentley. — Só tinha três pães para os sanduíches.

Walker murmurou algo, mas não ouvi. Estava muito ocupada vendo um carro que tinha desacelerado no caminho. O condutor estava olhando para nós, o que me inquietava. Walker deve ter visto também, pois apressou o passo.

Não ligando para a fome, os segui ao redor do edifício em uma corrida. Em questão de segundos estávamos escondidos atrás do motel, a salvo da estrada e do condutor intrometido. Meu coração poderia diminuir a velocidade. Ninguém nos veria.

O estacionamento detrás estava vazio a não ser por um velho sofá. Grandes árvores formavam um dossel sobre a área, fazendo com que as sombras dançassem e balançassem. Estremeci, parecia que havia fantasmas por toda parte.

Atrás do edifício havia uma sólida porta de metal marcada com “Propriedade Privada – não entre" em pintura vermelha. Paramos e Walker girou a maçaneta, empurrando com o ombro. Contive a respiração, esperando que algo terrível acontecesse.

A porta pesada fez um barulho metálico estridente enquanto Walker a forçava, arrastando pelo chão, mas ainda sem abrir até o final. Dando um passo atrás, Walker empurrou seu ombro contra ela de novo, forçando-a com o pé.

Não era muito, mas permitiu um pequeno espaço por onde daria para passarmos. Walker fez um gesto a Bentley para que passasse primeiro e depois eu. Bentley entrou e eu junto, mas não tive nenhum problema. Ser pequena tinha seus benefícios.

Enquanto Walker entrava olhei ao redor. Estávamos em uma espécie de escritório do gerente. Uma mesa cheia de poeira encostada na parede. Uma cadeira quebrada do lado, coberta por teias de aranha e uma fina camada de pó. Raios de sol batiam no piso sujo, mostrando sua imundície. A sala cheirava a mofo. Meu nariz picava pelo aroma, mas me neguei a coçar. Estava muito ocupada mantendo o olhar no corredor escuro através do quarto.

Walker fechou a pesada porta de metal, nos deixando nas sombras. Dei um passo mais perto de Bentley aterrorizada por ficar presa em um edifício desconhecido a meia luz.

Pedaços de papel estavam jogados pelo chão, cobrindo-o de branco. Walker foi para o corredor, não ligando. Bentley e eu fomos atrás, não querendo ficar sozinhos.

Um menino nos olhou com hostilidade, de pé diante da porta do corredor.

— Conheço você, amigo? — Perguntou, inclinando o queixo para Walker.

— Não. — Respondeu Walker.

O rapaz olhou Walker de baixo para cima até o rosto.

— Qual é seu nome? — Perguntou com voz grossa.

— Walker.

O menino arregalou os olhos ligeiramente.

— Não, merda. Conhece o Manny?

Walker deu uma rápida inclinação de cabeça, mantendo distância.

Os lábios magros do menino se elevaram em um sorriso incômodo. Colocou as mãos nos bolsos e andou sobre as pontas de seus pés.

— Ele é meu primo, homem. E está aqui. — Disse o menino com orgulho e de repente amigável.

— Estamos bem, então? — Perguntou Walker, não ligando para seu sorriso, que se tornou maior.

— Sim. Vamos. — Fez um gesto para que o seguíssemos, assinalando com a cabeça para o corredor.

Bentley foi primeiro e eu o segui. De maneira nenhuma ia deixar ele ou Walker fora da minha vista. Não confiava neste menino.

Só tínhamos andado uns poucos metros quando o menino acendeu um fósforo contra a parede. O fogo iluminou o

corredor. Acendeu um cigarro e logo soprou a chama, projetando sombras no corredor outra vez. Deu um trago profundo no seu cigarro, olhou-nos, soprando uma baforada de fumaça.

— Por que o bebê está aqui? — Perguntou, franzindo o cenho para mim.

As costas de Bentley se enrijeceram.

— Ela não é um bebê, é minha irmã. Tem algum problema com isso?

O menino me estudou como se eu fosse o seu jantar. Olhei para trás para ele não ver que eu estava com medo.

— Deixe-a fora do caminho e ficaremos bem. Entendeu? — Disse o menino, esmagando o final de seu cigarro no tapete gasto sob nossos pés.

— Cuide dos seus problemas e estamos bem. O que você acha? — Disse Walker em um tom perigoso, de pé atrás de mim.

O menino voltou seus olhos brilhantes para Walker, apertando-os através da fumaça do cigarro. Estiquei-me, esperando que saltasse. Tinha a sensação de que estávamos em seu território e que esperava que seguíssemos suas regras. Mas Walker... não seguia o livro de regras de ninguém.

Walker o olhou com raiva. O ar ficou tenso.

Já tinha visto Walker brigar com meninos maiores e ganhar sem um arranhão ou contusão. Este menino não tinha nenhuma chance.

— Não há problemas. Ela pode ficar. Não há garotas aqui. Isso é tudo. — Disse o menino, seguindo e forçando um sorriso em seu rosto.

Walker não disse nada. Simplesmente indicou para que eu e Bentley andássemos, com os olhos no menino até que estivemos a uns passos à frente.

O menino seguiu pelo corredor, com cuidado mantendo sua distância. Podia cheirar a fumaça de seu cigarro enquanto ele soprava para fora em nossa direção. O aroma lembrava a minha mãe. Perguntei o que ela faria se soubesse que eu estava em um motel abandonado com um grupo de meninos. Provavelmente nada. Enquanto ficássemos fora de seu caminho, não se importava com o que fazíamos.

Quanto mais entravamos no motel, mais forte ficava o mau cheiro, quase me sufocando. Lembrava comida estragada. Tratei de segurar a respiração, mas o aroma invadiu meus sentidos e se infiltrou em minha roupa.

O cheiro não era o único problema. Quanto mais entravamos no motel mais escuro ficava. Estendi as mãos, me sentindo cega. Cortando o papel sob meus dedos enquanto o arrastava ao longo da parede do corredor. Comecei a sentir

pânico borbulhando dentro de mim, mas logo avistamos uma luz mais adiante. Senti alívio, mas foi de curta duração.

Ouvi risadas de homens.

Com medo, segui Bentley e Walker. Uns poucos metros depois entramos em outra sala. Levou alguns minutos para meus olhos se ajustarem à luz que entrava por uma janela depois de estar no corredor escuro. Quando finalmente o fizeram, dei-me conta de que estávamos na entrada principal do motel.

O cheiro de mofo era forte. A recepção e o chão estavam cheios de lixos. Papel vermelho cobria as paredes, a maioria de procurados ou desaparecidos. Alguns móveis estavam quebrados, provavelmente por serem de segunda mão.

Seguimos o menino através do vestíbulo a outra sala. Esta era tão ruim como a outra. Papéis e caixas vazias por toda parte. As cadeiras quebradas estavam jogadas e havia várias mesas sem pernas. O teto desabou em uma parte deixando os cabos e o isolamento térmico pendurando.

Mas foi o que eu vi que me deixou com medo.

Ao menos dez meninos estavam sentados em caixas ou no chão. Suas idades eram dos treze anos a mais, maiores que Walker e Bentley. Percebi que eram ruins e perigosos, tinham correntes pendurados de seus cintos até seus óculos. Havia sede de violência em seus olhos e em sua linguagem corporal.

Porque cresci na favela, tinha visto meninos como estes andando pela rua e de pé nas esquinas. Levavam suas cores de gangues com orgulho e sempre estavam procurando problemas.

Este grupo não era diferente.

Um deles estava com uma garrafa nos lábios, tomando um longo trago de algum tipo de bebida. Tinha o aspecto de líder, alguém ambicioso e arrogante. Olhou para nós, um de cada vez. Fixando seu olhar em mim por mais tempo.

Walker deve ter visto o interesse do líder em mim, porque mudou o pé, colocando seu corpo em frente ao meu. Em um dia normal o empurraria fora do caminho, mas desta vez não o fiz. Estava muito nervosa e assustada.

O líder tomou outro gole, com os olhos presos em nós. O som do álcool na garrafa interrompeu a tensão na sala, enviando um mal-estar através de mim. Depois de um longo trago, o líder baixou a garrafa, colocando-a entre as suas pernas dobradas.

— O que aconteceu, Walker? — Perguntou sua voz mesclada com desconfiança e receio.

Walker não respondeu. Estava muito ocupado contemplando o menino. Já observei ele fazer isso quando estava perto de um inimigo, avaliando a ameaça.

— Você está no lugar errado, Manny. — Disse Walker, indo para o líder, suas botas levantando pó. — Quando Carlos descobrir que você está aqui é um homem morto.

O menino sorriu e estendeu as mãos em sinal de inocência.

— Este é um país livre, amigo. Não fazemos mal a ninguém. Só bebendo um pouco de cerveja e fumando uns cigarros. — Estendeu a garrafa para o Walker. — Tudo bem?

Walker não respondeu. A tensão enchia a sala e uma ameaça silenciosa estava ao nosso redor, nos prendendo.

Prendi a respiração, esperando o momento em que um destes meninos atacasse. Queria agarrar Bentley e fugir correndo, mas ao contrário fiquei quieta.

Havia dois tipos de pessoas no meu bairro, os que tinham e os que tomavam. Estes meninos eram os que tomavam, não importava de que cor era sua pele ou que idioma falasse. Quando queriam algo, conseguiam. Eram os membros de uma gangue, criminosos, que controlavam os bairros. Tinham regras estúpidas e razões ainda mais estúpidas para estarem em uma gangue, mas eram perigosos. Bentley e eu sabíamos que era melhor ficar longe deles. Mas Walker não. Ele era um deles. Parou diante do líder e pegou a garrafa bebendo um longo gole da cerveja. Mantendo seus olhos nele.

Engoli quase sendo capaz de sentir a queimadura. Uma vez mamãe deixou uma garrafa de bebida meio vazia na mesa de café. Eu tinha uns oito anos e era curiosa. Queria ver porque ela gostava tanto. Então tomei um grande gole, que desceu queimando tudo. Tossi e engasguei, sentindo que estava morrendo. Nunca esquecerei isso. Bentley ficou bravo comigo durante dias, dizendo que o álcool era só para adultos.

Mas Walker não era adulto e estava bebendo goles como se não fosse uma grande coisa. Não gostava de vê-lo beber. Como um mau presságio, tive a sensação de que isso ia mudá-lo para sempre. E não estava muito longe da verdade.

Walker entregou a garrafa de novo e limpou a boca com a mão.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou de novo. — Esta não é sua área, Manny.

O menino ficou de pé, uns centímetros mais baixo que Walker. A diferença de altura não parecia o incomodar. Ficou cara a cara com Walker, elevando sua postura e cruzando os braços sobre seu peito, mostrando seu poder.

— Talvez estivesse te procurando, amigo. — Respondeu, inclinando o queixo. — Fiquei sabendo que andava por aqui.

Walker ficou imóvel. Pequenas partículas de pó formavam redemoinhos ao seu redor, capturando a luz que vinha através das janelas.

Engoli a saliva. A sala começou a ficar muito quente cheio de energia violenta. Uma gota de suor escorreu do meu cabelo, ameaçando cair sobre meu nariz a qualquer momento.

— Para que? — Perguntou Walker.

O líder sorriu, com ar satisfeito.

— Ouvi dizer que faz qualquer coisa por dinheiro? — Walker balançou os ombros.

— Se o dinheiro for bom. — O menino soprou.

— O dinheiro é bom, companheiro, acredite.

— Então me diz os detalhes e eu decido se entro.

O menino entregou a garrafa de cerveja novamente para Walker, em sinal de acordo.

— Oh! Estará assim que descobrir o valor que está sendo pago.

Walker agarrou a garrafa e bebeu outro grande gole, terminando o restante em segundos. O menino olhava com diversão até que Walker devolveu-a. Em vez de pegar a garrafa, o líder colocou a mão no bolso traseiro e tirou algo.

Uma pequena bolsa pendurou de sua mão, balançando no ar. Pequenas pílulas de aparência inocente em seu interior.

— Venda isto e consegue uma parte. Meio a meio. Simples assim. — Disse o líder, agitando a bolsa.

Queria dizer a Walker, sobre o que estava a ponto de aceitar, que não valia à pena. Queria falar que sobreviveríamos juntos. Sem precisar de drogas ou álcool para nos ajudar. Mas sabia que Walker nunca me escutaria.

— Não vendo. — Disse Walker.

— Mas compra? — Perguntou sua boca dura. Walker negou com a cabeça.

— Não. Não é o meu negócio.

O menino deu uns passos pra frente até que estava cara a cara com Walker

— Bom, faz com que seja. — Disse com voz ameaçadora.

Quando Walker não respondeu, o líder se aproximou e colocou a bolsa dentro do bolso de sua camisa.

— Cinquenta/cinquenta. Dinheiro fácil. Consiga o dinheiro para nós em uma semana. — Disse.

Decisão cruzou pelo rosto de Walker. Queria ir até ele e tirar as pílulas do seu bolso e jogar em Manny. Mas não fiz. Em algum lugar próximo, escutei uma porta de um carro bater e logo outra. Olhei para o Walker e logo para Bentley, perguntando-me se tinham ouvido o mesmo.

Se eles fizeram, não mostraram. Seus olhos estavam colados nos caras, em busca de uma ameaça. Estendi a mão para puxar a manga de Walker, mas Bent me deteve. Ele balançou a cabeça, advertindo-me para que ficasse quieta.

Joguei uma olhada à janela de novo, desejando poder ver o exterior. Tinha um mau pressentimento. Realmente um mau pressentimento.

— Escuta Manny, não estou vendendo. — Disse Walker, levando a mão a seu bolso. — Toma você...

De repente, gritos e latidos vieram de algum lugar no motel, vozes profundas ecoaram pelo corredor. Portas se abriram, soando como canhões no edifício vazio.

Dei meia volta meus olhos arregalados. Flash de luzes dançaram pelo corredor, em nossa direção. Meu coração subiu até minha garganta, me sufocando. O ácido se agitando em meu estômago, ameaçando subir até minha boca.

— POLÍCIA! — Gritou um dos meninos. — Deem o fora daqui!

Todos começaram a correr, deixando sua parafernália de álcool e drogas no chão enquanto corriam fora da sala.

Fiquei atônita, meu olhar grudado nos flashes de luz dançando. Estavam chegando perto. Tão perto.

Bentley me agarrou pelo braço quando um par de meninos voou por nós. Arrastando-me atrás dele, começou a correr por uma pequena escada da sala principal, depois de todos outros. Walker estava atrás de nós, o som de suas botas era o único ruído que eu podia ouvir sobre o sangue rugindo em meus ouvidos.

Corri tão rápido como pude pelas escadas e por um corredor. A mão de Bentley estava apertando meu braço, beliscando minha pele, mas não me importei. Somente queria escapar.

Podia escutar Walker respirando pesadamente atrás de mim enquanto corríamos. Portas se abriam perto de nós de cada lado, mais perto. Não sabia para onde íamos, mas podia ouvir a polícia atrás de nós, gritando para que parássemos.

— Caralho! Caralho! — Bentley dizia enquanto corríamos, sua mão ainda me segurando. O corredor parecia não terminar nunca. Era estreito e escuro. O calor era asfixiante, dificultando a respiração. Comecei a me sentir sufocada enquanto as paredes se pressionavam ao redor. Minha respiração acelerou, minha histeria crescendo. Senti muito suor correr por minhas costas e minha camisa, piorado pelo pânico.

Justo quando pensei que poderia gritar por me sentir apanhada, uma fração de luz apareceu na nossa frente. Vinha de debaixo de uma porta, só uma magra linha de luz solar. Mas

isso significava que no outro lado havia uma saída. Um caminho para a nossa liberdade.

Nós três corremos para a porta, desesperados para escapar. Bentley me soltou para agarrar a maçaneta, puxando-a com força.

— Maldita seja, não abre. — Disse, sem fôlego. O suor corria por seu rosto e cabelo. Olhou para o corredor, pânico em seu rosto. Podia ouvir o som de pessoas correndo atrás de nós, mas me neguei a olhar. Não queria saber o quão perto estávamos de ir para a prisão.

Walker olhou a seu redor. Algo à direita chamou a sua atenção.

— Aqui. Vamos! — Gritou, agarrando minha mão.

Corri atrás dele, olhando por cima de meu ombro para Bentley. NÃO! NÃO! NÃO!

— Bentley! — Gritei quando o vi.

Estava de pé, imóvel, com os braços levantados para cima da cabeça. Um feixe de luz dirigido na sua cara, cegando-o. Tentou cobrir os olhos, mas no fundo uma voz de homem gritou.

— Mãos para alto.

Walker puxou minha mão.

— Corre.

— Não, não podemos ir! — Gritei, tentando forçar minha mão para fora da sua enquanto me afastava. — Não posso deixar o meu irmão!

Mas Walker não me deu opção. Ele me arrastou, ignorando os meus gritos. Lutei com lágrimas nublando minha visão, mas era uma batalha perdida.

— Ele ficará bem, Ross. Agora fica quieta. — Disse, com os olhos fixos ao nosso redor.

— Mas...

Levou-me a uma sala, cortando meu argumento. Tropeçamos em nossos pés enquanto entramos. Não me importava se caía e me machucava, ele estava me afastando de Bentley.

— Vão levá-lo para a prisão! — Chorei, as lágrimas brotando mais rápido enquanto via Walker caminhar até a porta e fechá-la com força sem fazer ruído.

— Quer ir também? — Disse entre dentes com raiva enquanto caminhava para perto de mim. — Fique quieta, Ross.

Tranquilizei-me, dando conta de que as vozes dos homens estavam mais perto. Podia ouvi-los, gritando entre eles, botas golpeando no tapete gasto.

Meu olhar foi ao redor com nervosismo. A sala em que estávamos não era tão escura como o corredor, mas as sombras ainda faziam que o lugar fosse horripilante. Duas camas se fixavam em ângulos estranhos, sem seus lençóis. Os colchões estavam sujos e manchados. Grafites cobriam uma das paredes, marcando o local como um lugar de reuniões de gangues. Mas foram as camisinhas usadas no chão que me deram vontade de vomitar.

Walker ignorou tudo e agarrou a minha mão novamente. Não resisti, ele me puxou para uma grande janela em uma parede distante. Paramos em frente a ela, soltando minha mão, empurrou as cortinas sujas, tentando desbloquear a fechadura da janela. Não funcionou.

— Maldição! — Disse, olhando ao seu redor.

Mantive os olhos na porta, esperando e sabendo que era só uma questão de tempo para a polícia nos encontrar.

— Bem. Vou quebrar a janela. É a única maneira de sair. Temos que pular assim irei primeiro e te seguro. Entendeu? — Walker perguntou enquanto agarrava uma cadeira.

— Sim. — Respondi, tremendo de medo.

Walker tomou só um minuto para quebrar a janela com a cadeira. Encolhi-me enquanto o ruído soava pelo quarto, anunciando a cada um onde estávamos. Mas não havia nada que pudéssemos fazer, a janela era a única forma de escapar.

Vi como Walker se arrastava pelo vidro quebrado sem conseguir um arranhão. Isso me fez perguntar quantas vezes tinha feito isto.

Seus pés tocaram o chão em um segundo. E olhou-me.

— Vamos. — Sussurrou fazendo um gesto para fora.

Mordi o lábio, ao ver a queda. Não era muito, mas ainda me assustava. Tomando uma respiração profunda por coragem, coloquei as mãos no batente da janela, para pular. Foi então que a porta se abriu atrás de mim. Um feixe de luz dançou através do meu corpo.

— Parada! — Gritou uma voz profunda.

Olhei por cima do ombro e vi dois policiais de pé dentro do quarto, suas armas apontadas para mim. Meu coração parou de bater. Meu corpo passou de quente a frio. Meus olhos se abriram de novo para Walker, a dor dos vidros quebrados sob minhas mãos esquecida.

— Ajude-me — Gritei.

— Vamos! — Gritou me fazendo um gesto para pular.

Comecei a pôr uma perna para fora, mas os oficiais atrás de mim começaram a gritar:

— Não se mova! Não se mova!

Walker olhou para mim, vendo a luz. Com horror, vi como deu um passo atrás, logo outro.

Estava me deixando!

— NÃO! — Gritei, olhando para ele enquanto virava e corria. Observei enquanto desaparecia por uma esquina, sem me olhar nenhuma só vez.

Agora estava sozinha. Bentley detido pela polícia e Walker me deixou. Deixou-me.

— Não. Não. Não. — Murmurei, as lágrimas escorriam dos meus olhos.

— Parada aí, senhorita.

Tirei as mãos do batente da janela e virei. A luz me cegou, me fazendo fechar os olhos.

— Bom, se não é Samantha Ross.

Calafrios percorreram a minha coluna vertebral. Protegi os olhos da luz e vi como o PM começou a vir em minha direção, com um sorriso em seu rosto.

— Cuido disto, Anderson. Vá procurar o outro menino. — Falou para o outro policial, seus olhos se moveram pelo meu corpo e logo parou na minha frente.

Dei um passo para trás, minhas costas batendo na janela. O vidro quebrou sob minhas sandálias, mas tinha um problema muito maior que um pé cortado.

O PM estendeu a mão e tocou a gola da minha camisa, seus dedos esfregando minha pele. Encolhi-me e tratei de me afastar, mas ele agarrou um punhado da minha camisa e me arrastou para frente.

— Sua mãe vai ter que consertar isto, menina — Disse, olhando para a pele nua do meu estômago, exposto por seu agarre em minha camisa. Passou a língua pelo lábio inferior, seus olhos famintos.

Lutei contra ele, tratando de afastar suas mãos de cima de mim, mas não adiantou nada. Ele estava segurando muito apertado.

— Com quem estava? — Perguntou, olhando pela janela antes de me olhar de cima para baixo. — Com seu namorado? Dando um pouco da sua boceta?

Não respondi. Meus lábios apertados, mantendo todas as coisas desagradáveis que queria dizer.

Ele me deu uma boa sacudida.

— Fiz uma pergunta, garota. Com quem estava?

— Com ninguém — Respondi, tremendo quando me atraiu para seu corpo. Ele apertou os dentes, crescendo a agressão.

— Escuta moça. Cheiramos a maconha na outra sala. Sabemos que alguém a tem. Diga-me quem é e serei agradável.

Seu fôlego fedia a café rançoso. Olhando para baixo no meu peito, sorriu. Eu empalideci. Devido a seu aperto, ele podia ver a parte da frente da minha camisa.

Comecei a tremer, aterrorizada. Estava sozinha em uma sala escura com um cara ruim que já tinha tentado algo comigo uma vez. Não importava que outros agentes da polícia estivessem por perto, não confiava neste.

— Não tem nada a dizer? Bom, então o que você acha... — Disse, passando um dedo pelo meu pescoço, detendo-se em minha clavícula. — Você me diz quem era o menino que estava com você e se as drogas estiverem com ele, então deixarei você ir. — Sua mão voltou correndo até minha garganta, me acariciando com seus dedos. — Não direi a sua mãe e deixarei que seu irmão também vá. — A bile subiu na minha garganta, meu esôfago ardendo e enchendo minha boca. Entregar Walker por Bentley e eu? Senti-me doente, só em pensar.

O PM me sacudiu com força, fazendo que meus dentes batessem.

— Vai dizer ou não? — Perguntou. Tirou o rádio do seu cinto. — É só chamar e seu irmão será solto. Ou não há nenhuma chamada e terei um pouco de diversão com você.

O ácido em meu estômago se levantou. Podia fazê-lo? Poderia entregar o Walker para libertar Bentley e a mim mesma?

Olhei pela janela, recordando como Walker tinha me deixado para trás. Nunca esquecerei seu rosto enquanto se afastava. Nunca. Deixou-me para salvar-se.

Eu ia fazer o mesmo.

Girando-me, tomei uma pausa profunda, deixando que as palavras saíssem em um assobio de ar.

— Era Walker.

16

Walker

Andei para longe virando na esquina, com minhas emoções tumultuadas, meus pensamentos nos acontecimentos recentes. Essa noite no motel enquanto olhava com cuidado a bolsa de drogas que Manny segurava, o único pensamento que tinha era o tanto de comida que eu poderia comprar para Sam e Bent com o dinheiro que fizesse vendendo essas drogas. O estômago de Sam não grunhiria tanto e eu não teria que pensar em como ela estava faminta o tempo todo. Queria salvá-la da dor de conhecer a fome, inclusive se tinha que cometer um crime só para fazê-lo.

Mas quando a polícia chegou tudo mudou. Esqueci-me das drogas. Minha única preocupação era tirar Bent e Sam a salvo fora do motel. Sim, deixei Sam para trás. Eu fiz. Pensei

que a polícia ia pegar leve se ela estivesse sozinha. Ela não tinha um histórico como eu. Se a encontravam comigo, alguém que tinha uma ficha de antecedentes que se estendia como uma grande novela, a polícia a arrastaria até a prisão só por associação. O que nunca esperei era que ela me entregasse para livrar seu próprio traseiro.

Os policiais me pegaram logo depois que sai do motel. Encontraram a evidência em meu bolso. Drogas. Fiquei preso por meio ano por posse. Uma longa sentença.

O dia que saí da prisão foi o dia que Sam começou a me odiar. O dia que não pôde mais suportar me olhar.

Tudo porque eu estava tentando salvá-la.

— Um dia vou deixar esta porra de cidade medíocre e vou levar Sam comigo. — Disse Bent, murmurando as palavras enquanto dirigia pela estrada, deixando a rua de corridas ilegais para trás. — Faremos uma nova vida e esqueceremos este lugar. Até então, se tocá-la ou inclusive olhá-la, Walker te matarei não importa se é meu melhor amigo.

— Genial Bent. Não vou tocar em Sam. Não jogo com garotinhas. — Tentei esquecer o jeito que ela me olhou esta noite, de pé na minha frente, falando para seu irmão que eu a desejava.

— Bom, conheço o tipo de jogos que joga Walker, não se atreva a jogá-los com minha irmã.

Minhas mãos se apertaram no volante, entrando muito rápido em uma esquina.

— Sam não aguentaria meus jogos mesmo se estivesse interessado nela. — Murmurei em voz baixa. — O que não estou.

— Então ela estava mentindo? Nada aconteceu? — Perguntou Bent. — Não houve nada na noite anterior? Não queria levantar seu vestido?

— Jamais, não! — Jurei. Quase estremeci ao pensar em Sam. Quase. A verdade é que isso me aqueceu mais que tudo. E odiava o sentimento.

A ideia de minhas mãos entre suas pernas me fazia desejar que eu fosse uma pessoa diferente. Talvez uma que fizesse o certo com Samantha Ross.

Bent riu baixo, um som que normalmente só escutava quando estava bêbado.

— Walter, eu acredito que foi minha irmã quem te irritou com rapidez. Faz muito isso, amigo.

Rangi meus dentes, recordando o sorriso petulante em sua cara enquanto se afastava.

Talvez fosse a hora da Senhorita Sabichão aprender uma lição

17

Sam

— Obrigada, Tammy.

— Não há problema, doçura. Até mais.

Olhei enquanto Tammy Jones saía da frente da minha garagem, seu velho Ford Escort soando como se estivesse morrendo. Tammy era uma amiga e garçonete do Restaurante Meet and Eat. Sempre me emprestava um avental quando não tinha nenhum. Era tão velha como minha mãe, mas de confiança. Algo que minha mãe nunca foi.

Dando um adeus, ela acelerou pela rua. A primeira vez que viu o lugar que morava fiquei envergonhada. Queria me esconder debaixo do seu carro e desaparecer. Já que não tinha opção, abracei minha bolsa contra meu peito e levantei o meu

queixo. Tammy nunca disse nada sobre minhas condições de vida. Nunca perguntou por que meus pais não me ajudavam ou por que meu irmão era a única pessoa de quem eu falava. Estava grata por isso. Não queria sua pena. Só sua amizade.

Logo que foi embora, um trovão soou através do céu. Á distância, um relâmpago brilhou. Como se fosse um sinal, a luz do poste perto da minha casa piscou e apagou, deixando o meu quintal e a pequena casa que chamava de lar na maior escuridão.

Andei pela calçada em ruínas, com cuidado para não cair em algum dos buracos. No meio do caminho, fiz uma pausa. O cabelo do meu pescoço arrepiou-se. Olhei ao redor, sentindo que estava sendo observada.

Mas não havia nada. Estava sozinha, cansada e provavelmente imaginando coisas.

Bocejei e continuei caminhando. Tinha feito horas extra hoje, pela segunda vez consecutiva. Estava exausta. O pior é que não dormia muito. Fazia exatamente uma semana da corrida com Bentley e Walker. Não havia visto Walker e não queria ver. Cruzei a linha, dizendo ao meu irmão que Walker me desejava, mas Walker ouviu. Sempre o fazia.

Uma grande gota de chuva bateu na minha cabeça. Outra golpeou o meu nariz. Deixei sair um pesado suspiro e me apressei para entrar. Tentei ver do ponto de vista de Tammy, uma grande, suja e solitária casa branca, que estava sobre

blocos de cimento irregulares. Um lado do teto estava afundado precariamente. Havia uma garagem para um carro que estava ao lado da casa, o telhado tinha caído, tudo desmoronado. O pátio não era muito melhor. A grama coberta por terra e mato, deixando nada mais que um triste lugar abandonado com barro.

Lar doce lar. Mais triste que doce. Mais barraco que lar.

Dava pesados e lentos passos para a porta da frente. O som de um carro fez barulho através da noite, chamando minha atenção. Parei e olhei. Um carro preto estava parando na entrada de uma casa à frente. Suas luzes dianteiras cortaram através da noite, destacando as gotas de chuva que caiam mais grossas do céu.

Contive a respiração. Conhecia esse carro melhor do que queria. Era do Walker, um que já tinha o visto dirigir por anos. Tinha perdido a conta de quantos dias tinha trabalhado sem camisa no motor, trocando as partes velhas por novas. Tinha roubado alguns olhares dele, esperando pegar uma visão de seu abdômen. Não estava orgulhosa disso, mas esse imponente carro preto enviava um calafrio através de mim cada vez que o via, inclusive agora. Poderia odiar o condutor, mas não era cega. O homem era lindo e irritante.

Observei enquanto ele estacionava o carro na entrada e pulava fora. Largas pernas cruzaram a parte da frente de seu carro. Devido a minha extraordinária visão, pude ver seus

jeans escuros e uma camiseta ainda mais escura, seu traje usual. Sabia que ambos ficavam perfeitamente bem, sem deixar nada a imaginação, de seu belo corpo ou os músculos definidos. Seu cabelo negro perfeito e seu rosto bem raspado. A verdade era que eu sabia muito sobre ele e isso me incomodava.

Walker avançou dando saltos nos degraus da porta da frente, tomando-os de dois em dois. Um segundo depois, abriu a tela da porta e entrou.

Meu olhar voltou para o carro parado, o motor retumbando audível na noite. Em algum lugar, um cão latiu. Alguém gritou que se calasse. Meus olhos permaneceram no carro. Podia ver a silhueta de uma mulher no banco do passageiro. Ela estava com o vidro abaixado retocando a sua maquiagem. Nesta distância, não podia dizer se era morena, loira ou ruiva, mas não importava. Walker não era exigente. Fazendo-o gozar, estava feliz. Isso era o que eu sabia dele.

Um curto tempo depois, a porta da frente abriu de novo. Deixou-a bater atrás dele enquanto corria pelos degraus para seu carro. Estava quase no assento do condutor quando o vi virar a cabeça, seus olhos encontraram os meus. Pareceu que ficamos nos olhando por uma eternidade. Sem desejo ou interesse. Mais com raiva e audácia. Podia senti-lo como se fosse algo vivo, algo que consumia a ambos.

Rompendo o agarre que tinha em mim, dei a volta, chegando à porta da minha casa. As dobradiças chiaram quando destranquei e abri a porta. A fumaça dos cigarros da minha mãe quase me empurrou um passo para trás logo que entrei na casa.

Resisti à urgência de olhar por cima de meu ombro e ver se Walker ainda estava me observando. O calafrio que correu pela minha coluna me disse que estava.

Fechei a porta firmemente atrás de mim e girei a fechadura, me mantendo dentro e os pensamentos sobre Walker fora. Na sala pouco iluminada, evitei olhar o tapete sujo ou os poucos móveis. Só vi a casa, do jeito que sempre foi.

— Mamãe! — Chamei, jogando minha bolsa sobre o sofá gasto enquanto caminhava ao seu lado. Sabia que ela estava em casa. Seu carro estava na entrada e podia ouvir música de alguma parte na casa.

Andei pelo corredor estreito, chamando mamãe outra vez. Em algumas casas, os corredores tinham quadros da família. Na minha casa, as paredes eram nuas e a pintura era gasta. Nunca teve retratos nossos nas paredes ou belas pinturas de paisagens. De qualquer maneira não estou certa se alguma vez tiramos qualquer foto de todos juntos. Existíamos não como uma família, mas como simples seres humanos vivendo juntos e compartilhando o mesmo espaço, nada mais. Fazia muito tempo que eu tinha aceitado isso.

Olhei dentro do único banheiro que tínhamos, procurando por minha mãe. Não estava lá, só havia uma banheira mofada me olhando em resposta. Mas um segundo depois a encontrei em seu quarto.

Seu rádio estava tocando alto, alguma canção dos anos 80 que não conhecia. Uma garrafa meio vazia de vodca colocada em sua bagunçada mesa, compartilhando espaço com um velho telefone sem fio. Um cinzeiro transbordando com cinzas de cigarros, situado perigosamente perto da borda, ameaçando cair a qualquer momento. No canto do quarto havia um grande guarda roupa. Faltava uma das gavetas e as outras estavam sem os puxadores. Sutiãs e calcinhas transbordavam de cada gaveta, alguns caídos pelo chão. A pintura que cobria as pequenas paredes estava apagada e ruim.

Era o quarto da minha mãe e se encaixava perfeitamente bem, ela estava desmaiada. O álcool e as drogas que consumia diariamente cobriam o que estava debaixo de seu exterior, ocultando o que costumava a ser minha mãe.

Encontrei-a deitada no meio da cama, completamente vestida. Fios de seu comprido cabelo loiro estavam grudados em seu rosto numa bagunça, seus cachos naturais emaranhados e enrolados.

Caminhei pelo quarto quente e desliguei o rádio. Não se moveu. Podia escutar sua respiração pesada, o cheiro de álcool

quase me sufocando. Ajoelhei-me ao lado da cama e afastei o cabelo molhado do seu rosto.

— Mamãe. — Sussurrei, estudando seu rosto pálido. Quando não se moveu, sussurrei de novo: — Mamãe.

Gemeu e esfregou o nariz com uma mão.

— Mamãe, acorda. — Todas as vezes que a encontrava assim deprimida e morta para o mundo me assustava. Preocupava-me que um dia não acordasse. Que só caísse em um sono induzido pela droga, para nunca mais acordar.

Sacudi-a até que seus olhos pintados pesadamente com maquiagem se abriram, deixando manchas pretas debaixo deles. Tomou tempo para me ver. Seus olhos azuis estavam nebulosos e avermelhados, nada parecidos com os olhos da mãe que uma vez conheci.

— O que foi, bebê. — Disse com voz áspera, sua garganta crua por beber.

Forcei um sorriso, querendo me iludir. Sempre me chamava de bebê. Era tão irritante como amargo ao mesmo tempo. Quando estava bêbada ou drogada, apenas me conhecia. Outras vezes suas palavras seriam afiadas e feias, os efeitos secundários de seu vício. Não, o carinho não significava nada. Absolutamente nada.

Olhei enquanto tentava se sentar. Sua blusa vermelha de corte baixo estava rasgada, pendurada por um ombro e

mostrando as tiras do seu sutiã amarelo. Com uma mão débil, afastou o cabelo do rosto e puxou para baixo sua saia curta.

— Que horas são? — Perguntou com um bocejo.

— Nove em ponto.

Seus olhos arregalaram, as rugas do canto de sua boca ficaram mais profundas.

— Oh, maldição! — Exclamou, balançando suas pernas para um lado da cama.

O movimento repentino foi muito. Ficou quieta e deixou escapar um gemido, cobrindo seu rosto com ambas as mãos.

— Está bem? — Perguntei.

— Sim. Só me dê um minuto.

Cruzei os braços sobre meu peito e esperei ficando mais impaciente para que se recuperasse.

— Bentley está trabalhando até tarde de novo? — Perguntei.

— Não sei. Faz dias que não o vejo. — Respondeu, deixando cair as mãos em seu colo.

Suspirei. É obvio que não o tinha visto, estava muito ocupada se drogando ou dando boquetes para notar se seu filho ou filha estavam vivos.

Segurei uma resposta enquanto ela ficava em pé, balançando muito.

— Tenho que trabalhar. — Disse, me empurrando ao passar do meu lado.

— Tem certeza de que pode trabalhar esta noite? — Perguntei, vendo que segurava a parede por apoio. Mamãe era uma garçonete num restaurante 24 horas. Algumas vezes trabalhava de dia e outras de noite. Mas quando não estava trabalhando, estava bêbada, drogada ou com um homem.

— Estou bem, bebê. — Disse, sua voz fraca enquanto se agarrava à parede e saía do quarto.

Observei-a indo. Seu cabelo sem força estava no meio de suas costas, precisando muito de um pente. Seus pés se arrastaram por todo o tapete sujo, fazendo pequenos ruídos na casa. Esperei até ouvir fechar a porta do banheiro para poder ir para o meu quarto.

Logo que entrei, fechei a porta e liguei meu rádio. Música alternativa soava levemente dos pequenos alto-falantes, abafando o som do chuveiro.

Procurei em meu guarda-roupa por uma camiseta limpa. Tirando o uniforme pela minha cabeça, joguei-o no canto. De pé em sutiã e calcinha, passei os meus dedos pelo cabelo. Sem notar, meus pensamentos vagaram para Walker. Perguntei-me

quem era a garota que estava no carro e se tinha ideia do tipo de imbecil que era. E como violento e destruidor.

Soltei um longo suspiro e vesti a camiseta limpa. Neguei-me a pensar mais em Walker. O homem só me deixava irritada.

Aumentei o volume do rádio e me deitei na cama, deixando que a letra fluísse por mim. Em minutos estava dormindo, mas não sonhei com unicórnios e arco-íris. Sonhei com o momento em que Walker disse que não me suportava mais.

Depois de entregar o nome de Walker à polícia naquele motel, ele me liberou. Corri para casa, meus pés voando através da estrada quente. No momento em que cheguei a nossa casa, Bentley estava do meu lado, alcançou-me rapidamente. E Walker? Walker estava sentado na cadeia por minha causa. Passou um tempo no centro de detenção juvenil, uma prisão para criminosos com idade de dezoito anos. O dia que entrou na prisão foi o dia que mudou. Entrou ali como um menino que quebrou a lei para sobreviver, saiu como um homem empenhado em destruir a si mesmo e todos ao seu redor, incluindo a mim.

Estava sentada na varanda no dia que Walker voltou para casa. Era um dia sufocante, um dos meses mais quente de acordo com homem do tempo. O sol batia em meu cabelo loiro e no meu rosto dando-me mais sardas no nariz. Já que nosso ar condicionado quebrou e mamãe não podia consertar, passei

a maior parte do verão do lado de fora, tentando me refrescar com o vento.

Ali era onde estava naquela manhã. Sentada na escada quebrada de madeira na frente de casa. Mamãe estava com um homem e Bentley não estava em casa, assim estava brincando com um gato de rua no quintal da nossa casa.

— Aqui, gatinho, gatinho. — Disse com voz melosa, movendo os dedos para vir para mim.

O pequeno gato miou, sacudindo sua cauda no ar. Começou a caminhar para mim quando um grito alto veio da rua, assustando-o.

— Não vou tirar sua bunda da prisão outra vez, ouviu? Estou doente e cansado de você! É um péssimo filho! — Gritou alguém.

Levantei minha cabeça. O brilho do sol me cegando por um momento. As ondas de calor refletiam no asfalto, fazendo tudo brilhar ardente e miserável.

Fechei meus olhos, bloqueando o duro brilho do sol. O gato se esfregou contra minha perna e miou novamente, mas ignorei. Só uma coisa tinha minha completa atenção.

No meio da rua, o velho Walker bateu a porta de sua camionete, com movimentos nervosos. Ao mesmo tempo um homem estava descendo do lado do passageiro, uma pequena

bolsa de lona pendurada em seu ombro. Eu podia ver seu corpo esbelto. Os ombros largos. Sua figura alta.

Não era um homem. Era Cole Walker. Estava em casa.

— Dá-me algum outro problema, e te jogarei sobre sua bunda, Cole. Não preciso da sua merda e não tenho como pagar sua fiança cada vez que faz algo estúpido. Idiota! — Gritou o pai de Walker, fazendo ameaças enquanto andava através do pátio.

Walker o seguiu em silêncio, olhando pra frente com frieza, sem reconhecer a seu pai.

Caminhei para os degraus da varanda lentamente. Não me importava com o velho Walker, todos sabiam que era um bêbado cruel, só me importava com Cole.

Queria falar com ele, saber por que me deixou para trás no motel. Lembrar como tinha me abandonado, me deixando nas mãos do policial, ainda doía. O ressentimento não ia embora, não importava quantas vezes eu tentei. Traiu-me. Deixou-me para que a polícia me pegasse.

Não sabia como esquecer isso.

Decidindo que agora era um bom momento como qualquer outro para confrontá-lo, deixei minha casa e corri através do nosso pátio cheio de terra. Uma brisa levantou os fios do meu cabelo fora da minha camiseta de segunda mão, enroscando-os no meu pescoço. Meu olhar nunca deixou a

casa de Walker, enquanto ele e seu pai desapareciam atrás da porta, os sons de gritos ecoando para fora.

Já estava quase no final de sua entrada quando parei, ignorando como minhas sapatilhas apertadas se cravavam em meus calcanhares. Podia ouvir gritos no interior e o som de portas batendo. Houve um estrondo e logo mais gritos.

Sentindo-me insegura, olhei para a rua, primeiro à esquerda depois à direita. Era uma sexta-feira à tarde e a vizinhança estava silenciosa, a maioria das pessoas ainda no trabalho. Estava sozinha, frente a uma casa conhecida por sua violência. Na parte detrás da minha mente, perguntei-me quem me salvaria se o velho Walker se voltasse contra mim. Mas queria ver Walker. Nem sequer um exaltado pai me deteria. Corri para os degraus da varanda, minha mente decidida.

— Sinto muito por ser uma constante dor em sua vida, pai! — Ouvi Walker gritar.

— Aposte sua bunda que você é! Acabo de desperdiçar um dia para tirar você da cadeia! Um maldito desperdício do meu tempo, isso é o que você é! Você vai crescer para ser um encrenqueiro? É isso o que quer? Porque tenho certeza de que você vai por esse caminho. — Gritou a voz do velho Walker.

— Bom, tenho um bom modelo para seguir! — Gritou Walker em resposta. — É professor em ser um encrenqueiro! Não, o rei deles! O rei dos encrenqueiros!

De repente, escutei o barulho de carne golpeando carne. Um segundo depois, algo bateu no chão. Não sei o que foi só confirmou que uma briga estava acontecendo.

— Vou te matar! — Gritou o pai de Walker, seguido por outro estrondo.

Agarrei o cabo metálico da tela da porta e empurrei. Voou aberta, batendo contra a parede. Dei um passo dentro da casa antes que a porta pudesse fechar de um golpe, deixando os meus olhos se ajustar à escuridão do interior. Quando o fizeram, entrei mais na casa. Meus passos eram silenciados sobre o tapete gasto, mas não importava. O som dos gritos e briga abafava todo o resto.

Corri através da sala, fiz um giro à direita, então parei. A pequena coragem que tinha desapareceu, tragada inteiramente pela cena na minha frente.

Um alto e magro Walker enfrentava seu pai, um homem grande com uma barriga de cerveja, na cozinha pequena. Eles não eram nada parecidos. O velho tinha cabelo avermelhado e estava ficando careca. Seus olhos eram de um azul claro e sua pele era pálida e ressecada. Walker tinha cabelo e olhos pretos. Era magro e definido, um corpo que havia lutado mais batalhas do que poderia sequer contar a nossa curta idade. Tinha crescido uns centímetros desde a última vez que o vi, fazendo-o elevar-se sobre mim ainda mais.

Estava parado nariz com nariz com seu pai, suas mãos apertadas ao lado do corpo, as diferenças entre eles mais aparentes que nunca.

— Não vou mais aceitar suas merdas! — Gritou Walker, seus olhos cheios de fúria. — Deveria ter morrido no lugar da minha mãe! Ao menos ela não tem que lutar com sua merda nunca mais!

Vi a raiva no rosto do velho Walker um segundo antes de esmurrá-lo. Seu gordo braço balançou no ar, sua mão conectando com a maçã do rosto de Walker.

Walker caiu para trás contra a mesa, sua cabeça caída para o lado. Corri para frente, inconsciente do perigo que estava. Não podia competir com o senhor Walker, mas não podia ficar parada e não fazer nada.

— Pare! — Gritei, sustentado minhas mãos no alto enquanto parava na frente do velho Walker. Seus olhos tinham um olhar enlouquecido neles, vendo seu filho atrás de mim. O cheiro de álcool nele fez que meu nariz se enrugasse.

— Indigno pedaço de... — Vi seu braço balançar de novo, sua mão fechada em um poderoso punho outra vez.

Meus olhos arregalaram. Tudo o que vi foram quatro largos nódulos dirigindo-se diretamente para meu rosto. Sua mão estava vermelha e raspada quase tão grande quanto minha cabeça. Gritei e me enrolei em uma pequena bola,

agachando minha cabeça e esperando o golpe em algum lugar do meu corpo. Abracei-me esperando a dor que nunca chegou.

Walker saltou na minha frente. O punho de seu pai acertou contra o lado da sua cabeça, pegando na têmpora e disparando sua cabeça para o lado. Seu cabelo caiu no rosto encobrindo seus olhos. Um grunhido escapou dele.

O impacto o jogou contra mim. Deixei sair uma lufada de ar, caindo para trás. Walker agarrou meu pulso, me segurando sobre meus pés. Deixou cair minha mão rapidamente e se apressou para seu pai, erguendo-se alto quando estava a centímetros dele. Nesse momento, lembrava um cão raivoso, com vontade de morder o seu dono, mas seguro por uma apertada coleira.

— Se a tocar não será capaz de beber álcool para aliviar a dor que te causarei. — Avisou Walker, ficando cara a cara com seu pai. — Terão que me prender e lançar a chave fora pelo que te farei. Um simples toque. É tudo o que terá.

Seu pai ficou mortalmente pálido. Olhando para mim, piscando uma vez, então duas, enquanto se balançava sobre seus pés. O reconhecimento lentamente substituiu a neblina ébria em seus olhos.

— Samantha... não sabia... pensei... — Murmurou o velho Walker, seus olhos lançando-se de mim para seu filho. Dei-me conta que seu punho nunca esteve destinado para mim, estava destinado para Walker. O álcool que enchia suas veias o

deixava confuso e alheio à realidade. Reconhecia os efeitos melhor que ninguém.

Walker ignorou seu pai e pegou meu pulso, me tirando da cozinha. Meu coração bateu em meu peito enquanto o seguia em uma corrida, tentando acompanhar o ritmo de suas passadas largas. Meu fôlego se precipitou dentro e fora de meus pulmões enquanto me apressava, mas o medo havia me tornado lenta. Havia algo diferente em Walker. Minha intuição dizia para correr rápido. E eu sempre a ouvia. Depois que viramos o corredor, olhei para trás, esperando ver o velho Walker correndo para nós. Em seu lugar, encontrei-o de pé em seu vestíbulo, o rosto escondido atrás de suas grandes mãos. Balançava a cabeça de um lado para o outro tristemente, murmurando detrás de suas mãos:

— Patsy, me perdoe. Por favor, me perdoe.

Nesse momento vi o pai de Walker pelo que realmente era, um homem quebrado. Senti pena dele. Estava ferido e essa ferida se transformou em uma dor que só era aliviada por uma garrafa. Sabia por que isso é o que mamãe fazia. Exceto que ela preferia as drogas a uma garrafa a maioria dos dias.

Os dedos de Walker apertaram o meu pulso, chamando minha atenção. Seu cabelo caía sobre os olhos, me bloqueando de ver todo o seu rosto, mas podia ver a vermelhidão em sua mandíbula e sentir a ira que saia de cada célula do seu corpo. Olhou-me um segundo e depois fez com que eu continuasse

em movimento. Segui-o, virando e indo para a porta da frente. Sua palma bateu aberta contra a tela da porta com força. Batendo no revestimento da casa quase nos acertando quando saímos.

Não parou até que estávamos no meio do pátio. A grama alta roçou contra minhas panturrilhas quando Walker me virou para encará-lo. Deixou cair meu pulso como se fosse veneno. Como se doesse me tocar.

— Em que estava pensando, Sam? — Gritou Walker, lançando suas mãos para cima com irritação. -— Já te falei para não vir na minha casa, que não se aproximasse do meu pai e nunca aparecesse quando nos escutasse brigando!

Franzi o cenho.

— Eu sei, mas precisamos conversar.

Walker me fulminou com o olhar. Contendo-se. Dei-me conta de que sempre tinha sido um menino hostil, mas tinha voltado para casa como um homem perigoso.

— Não há nada para falar. — Disse apertando os dentes e cuspindo as palavras.

— Sim, há. O que aconteceu no motel...

— O que aconteceu nesse motel não importa! — Gritou, me interrompendo. — O que importa é que pulou na frente do meu

pai! Poderia ter se machucado! Sabe o que seu punho teria feito ao seu rosto?

— Oh! ... sinto muito. — Gaguejei, retrocedendo. – Apenas... ainda estou chateada com você por me deixar.

Walker me seguiu, me empurrando para trás com seu tamanho.

— Por quê? Por que se importa? Sou indigno, não o ouviu? Um desperdício de espaço. Um pedaço de merda que nunca deveria ter nascido. Você precisa ficar longe de mim! Não é isso o que queria quando me entregou? Prender-me? Manter-me longe de você?

Sacudi um não com a cabeça e retrocedi, querendo me afastar dele. Mas Walker me seguiu, seu pé com botas quase pisando na ponta dos meus dedos.

— Não tem direito de vir aqui, Sam. Nenhum! — Gritou, voltando-se vermelho. — É sua culpa que me prenderam!

Saltei com cada palavra, meus pés se embaralharam. Quase caí, mas ele esticou a mão e me agarrou, me mantendo em pé.

Engoli o caroço na minha garganta. Nunca tive medo dele, mas de repente estava. O menino que sempre tinha sido um amigo era agora alguém que não conhecia.

Seus olhos ficaram mais escuros, mais frios.

— Na verdade, não quero nunca mais você ao meu redor. Por sua culpa, passei seis meses na prisão e agora sou fichado como um criminoso. Um valentão. — Negou com a cabeça com desgosto. — Sabe? Tive mais dores de cabeça do que posso contar desde o dia em que te conheci. Por que só não sai da minha vida, Sam?

Permaneci quieta, incapaz de respirar. Meu peito sentia-se como se alguém houvesse se sentado nele, me esmagando. Doía. A dor se envolveu ao redor do meu coração e apertou, mas eu ainda não estava pronta para desistir.

— Walker, não fale assim. Você não quer isso. — Pedi.

Foi nesse momento que me dei conta que o menino que lembrava havia desaparecido, para nunca mais voltar.

— Não está entendendo? Vai! — Gritou Walker, sacudindo sua mão. — Odeio você Sam Ross! Odeio!

Neste momento Cole Walker transformou-se, oficialmente, em meu inimigo.

13

Walker

— Tudo bem Cole?

Deixei-me cair no assento do motorista, olhando como Sam entrava em sua casa.

— Sim, tudo está perfeito, — Disse a Mandy sarcasticamente, pondo o veículo em sentido inverso.

A verdade era que nada estava perfeito. Quando vi Sam entrando em sua casa, meu coração quase parou. Fiquei malditamente louco. Não queria vê-la e tenho absoluta certeza que não queria vê-la tentando me evitar, olhando-me como se estivesse tentando cair no caminho do mal. Mas talvez não devesse me importar. Deus sabe que eu era seu pesadelo e ela era o meu.

— Seu pai está em casa? — Perguntou Mandy, desviando minha atenção longe da pequena casa branca de Sam.

— Não. — Menti. Não ia lhe dizer que meu pai estava inconsciente em cima do sofá, com uma garrafa de Jim Beam em uma mão e uma foto da minha mãe na outra. Tinha-o visto assim mais vezes do que poderia contar e isso sempre me enchia de raiva. Ele não merecia chorar pela minha mãe. E certo pra caralho que ele não merecia tocar na sua foto com as mesmas mãos que me bateram durante a maior parte da minha vida. Mamãe tinha sido um anjo. Meu pai não era mais que um grande pedaço de merda em um quintal cheio de merda.

E eu não era diferente.

Sentindo-me bêbado e mal-humorado, dei marcha ré na entrada de veículos. O motor do Duster rugiu sob o capô, a potência do V8 muito barulhento.

Era o que precisava esta noite, um carro rápido, uma mulher quente e um pouco de música a todo volume. Talvez assim pudesse esquecer meu pai e ignorar o que quer que seja esta coisa entre Sam e eu.

Aumentei o volume, necessitando de algo ensurdecedor. Dirty Vegas retumbava pelos alto-falantes, justo o que queria ouvir esta noite. O baixo fez tremer as janelas e fez com que os assentos do velho Duster vibrassem.

Perfeito.

Envolvi a mão ao redor do cambio e o movi, pisando no acelerador e explorando a embreagem em um suave movimento. As rodas traseiras protestaram, girando e queimando sobre o asfalto. Logo que conseguiram tração, o carro saiu disparado pela rua. Joguei uma olhada à casa de Sam enquanto passávamos voando. As luzes estavam acesas e podia ver movimento por trás das cortinas sujas da sala de estar. Perguntei-me o que ela estava fazendo. Indo para cama? Trocando de roupa? Colocando algo pequeno que mal lhe cobrisse a bunda? Apertei de novo meus dedos ao redor do câmbio. Estava se arrastando debaixo das cobertas, seus mamilos roçando nos lençóis frios, fazendo que endurecessem e ficassem pontudos?

Merda! Em que estava pensando?

Ajustei-me no assento, tentando me acalmar. Foi quando Mandy chamou minha atenção, sorrindo com um olhar descarado de te quero dentro de mim agora. Sustentando meu olhar, chegou entre suas pernas, abrindo-as apenas o suficiente para colocar sua mão em suas coxas esbeltas. Sua saia curta subiu, enquanto fazia pequenos círculos na parte interna da coxa. Um segundo depois, sorriu e foi mais longe, recolhendo a garrafa de vinho do chão, cortesia da coleção de bebidas baratas do meu pai. Desenroscando a tampa, tomou um longo gole diretamente da garrafa, bebendo o especial de cinco dólares como se fosse a última garrafa de vinho tinto

sobre a terra. Senti-me desconfortável. Imagens de meu pai fazendo o mesmo invadiram minha mente. Merda, minhas lembranças fazendo me sentir como um merda. Não estava orgulhoso de gostar de beber tanto quanto meu pai. E como ele, quando entrava em meu sistema, tornava-me cruel. Vicioso.

Enquanto Mandy voltou a tampar a garrafa, movi-me. O motor teve um descanso, circulando pela rua a um ritmo decente. Em minutos, deixei minha velha vizinhança para trás, obrigando os pensamentos de Sam a se afastar também.

Pena que não conseguia deixar as lembranças com ela.

O dia que saí do reformatório foi o dia em que fui de mal a pior. Estava em um caminho rumo à destruição. Um caminho que não levava a lugar nenhum exceto ao crime. Corri em carros como se fosse invencível e roubei veículos como se fossem barras de chocolate. Vivi como se não houvesse amanhã e algumas vezes, pedia a Deus que não estivesse aí para ser o primeiro.

Meu pai desejava que eu nunca tivesse nascido, mas meus amigos pensavam que eu era maravilhoso. Quanto mais problemas me metia, mais era admirado. Era simples, fazia o pior e era o mais amado.

Até uma noite em particular.

Tinha dezessete anos e estava completamente bêbado. Comecei com cerveja, mas até às onze naquela noite, tinha tomado várias doses de uísque e uma boa quantidade de vodca.

Papai estava trabalhando dois turnos na fábrica, fabricando jatos de caça como o bêbado profissional que era. Sentindo a necessidade de desabafar um pouco na sexta-feira à noite, convidei a alguns amigos de escola. De algum jeito alguns se converteram em uns muitos. E às dez tínhamos uma festa. Pessoas que não conhecia encheram nossa pequena casa, metendo-se em nossa merda, fazendo nosso sujo lar muito mais sujo.

— Aumenta o volume! — Gritou alguém quando começou a soar uma canção popular no rádio.

Deveria estar prestando mais atenção a quem estava entrando e saindo. No lugar de estar sentado na cozinha, jogando um jogo estúpido de beber que não lembraria no dia seguinte.

— Walker, quantos desses vai tomar?

Sorri para Teddy Jones, um atacante na equipe de basquete de alto nível do Eastland High. O menino mais alto que conhecia e também o mais inteligente.

— Tantas que eu puder — Disse-lhe, levantando o copo. Tomei a dose. O licor desceu com facilidade pela minha

garganta sem queimar. Tinha perdido a capacidade de sentir algo faz uma hora. Aos dezessete anos, estava indo a caminho de seguir os passos do meu pai, me convertendo em um bêbado com um gosto pelas coisas baratas. Parecia que estava bebendo água essa noite, tão fácil como era tomar as doses, uma após a outra.

— Vai sofrer amanhã, amigo. — Disse Tommy, sacudindo sua cabeça enquanto me observava bater o copo vazio sobre a mesa.

— Amanhã é outro dia Tommy. — Respondi, arrastando as palavras.

— Sempre é. — Murmurou bebendo devagar sua cerveja.

Ri.

— É tão inteligente, homem. É por isso que gosto de você. — Disse, colocando outra dose de uísque em meu copo.

— E você está tão bêbado que não pode ver bem. Estou te avisando, Cole.

Franzi o cenho.

— Minha casa. Minha decisão. — Disse, apontando para meu peito e cambaleando na cadeira.

— Bem, suas decisões não prestam. — Falou Tommy, ficando de pé e agarrando minha garrafa de uísque.

Observei ele se afastar, me debatendo se me levantava e lhe dava uma surra por levar a garrafa ou se o deixava ir. Deixei pra lá. Apertei os punhos, sentindo uma raiva violenta que estava prestes a explodir sob a superfície da minha alma. Desejava ser livre. Sair de minha prisão, escapar da armadilha que tinha preparado para mim. Geralmente era capaz de manter minhas tendências destrutivas na linha, mas quando o álcool estava envolvido, fazia com que conter a escuridão em mim fosse muito mais difícil.

Olhei enquanto Tommy começava a falar com algumas garotas, a garrafa de uísque em sua mão. "Minha!" O desejo em mim gritou. Engolindo saliva, empurrei o desejo longe. Não valia a pena. Havia mais álcool em outra parte por aqui de todas as maneiras.

Coloquei-me de pé e alcancei meu copo. Por um segundo, a casa parou de dar voltas. Mas precisava que girasse. Precisava que algo levasse a dor que vivia dentro de mim.

Ignorando a todos outros, deixei a cozinha, utilizando a parede e o batente da porta como apoio. Na sala a música soava mais alta e as pessoas estavam agitadas. Empurravam, sem importar contra quem se chocavam ou a quem quase derrubava. Estava na metade do caminho para frente da casa quando vi a porta principal aberta, o cheiro da rua entrando. Dei uma olhada, mais por hábito que por curiosidade.

Quando vi quem estava entrando pela porta, parei de repente. O ar mudou, como se o todo o oxigênio tivesse sido extraído da atmosfera. O tempo avançou lentamente. A música... As pessoas ao meu redor... transformaram-se em um fundo que escolhi ignorar.

Sam estava aqui.

Parou na porta e olhou ao redor. Seu cabelo loiro estava em um coque bagunçado e seu jeans azul parecia como se houvesse visto dias melhores. Aos quinze anos, era a garota mais bonita que já tinha visto. Lembro-me de desejar estar cego. Teria feito odiá-la muito mais fácil.

E a odiava. Odiava a maneira que fazia me sentir. Como cheirava, como caminhava e como sorria com os olhos. Odiava que faria qualquer coisa por ela, incluindo ir para a cadeia.

Quando voltei do reformatório depois do incidente do motel e as drogas, sabia que Sam seria minha destruição. Nunca me esqueceria de ver como meu pai levantou sua mão, quase a acertando. Senti a raiva desencadeando em mim. Explorando a partir de dentro. Estava disposto a machucar, tomar uma surra, acabar com minha vida por ela e isso me deixou mais furioso. Quem era eu para querer salvá-la?

Não era ninguém.

Assim, o que fiz? Tratei-a como lixo, falei que a odiava, e esperava que me deixasse em paz. Era a única coisa que sabia fazer. Ela não precisava estar ao redor de alguém como eu, um desastre iminente.

Mas esta noite o álcool não me fez pensar claramente. Aproximei-me dela, querendo parecer frio e indiferente.

— O que está fazendo aqui? — Perguntei, mantendo a distância.

Sam virou-se para mim. A raiva brilhou em seus lindos olhos verdes assim que pousaram em mim.

— Estou procurando o meu irmão. Você o viu?

— Não. — Disse lhe falando a verdade. — Não desde esta manhã.

A dúvida cruzou por seu rosto. Queria lhe dizer que poderia ser um delinquente, mas nunca lhe mentiria. Em vez disso mantive a boca fechada.

Deu a volta para sair e queria lhe dizer adeus, mas algo me deteve. Vi o mais sutil brilho de tristeza em seus olhos. Merda, ela estava chateada.

— O que está acontecendo? — Perguntei, dando um passo para ela.

Olhou-me e torceu seu nariz. Provavelmente cheirava como o interior de uma garrafa. O pensamento bateu em meu peito, lembrando-me que eu era filho do meu pai.

— Nada Cole. Tenho que ir. — Disse, afastando-se.

— Mentir não te cai bem, Sam. — Deixei escapar, incapaz de me deter.

Voltou-se, nojo refletido em seu rosto. Fiquei furioso. Enquanto Sam crescia me desprezava mais e mais, me evitando como se fosse contagioso. Era só outra gota no copo de ódio de Walker.

Sam tomou um passo rápido para mim, aproximando-se mais do meu peito.

— E bêbado não te cai bem, Cole.

Tinha razão.

Cerrei os dentes e lutei contra o impulso de envolver as minhas mãos em volta do seu pescoço. Ou melhor, envolver seu corpo em meus braços, sentir o que escondia debaixo dessa camisa desbotada e esses jeans desgastados. O pensamento de que poderia fazer se quisesse, assustou-me mais que qualquer outra coisa.

— Conhece o caminho para casa, Sam. — Disse, soando pior do que queria. — Por que não o segue?

Olhou-me fixamente, vendo no profundo da minha alma. Um lugar que não queria que visse. Sem aviso sua voz se suavizou me tirando todo o ar.

— Não tenho tempo para isto, Walker. — Disse. — Preciso de uma carona. Acha que alguém pode me dar uma?

Ela estava pedindo ajuda? A mim? Reprimi um sorriso.

— Por que precisa de uma carona? — Perguntei, inclinando minha cabeça para o lado e lutando com a vontade de sorrir.

— Escutei que meu pai está na cidade. Acredito que está hospedado no hotel próximo daqui. Eu... queria ir vê-lo. — Disse, parecendo envergonhada.

Resisti ao impulso de rolar os meus olhos.

— Sam, não é seu pai. Bentley ouviu o mesmo e disse que era mentira.

Negou com a cabeça.

— É ele, Walker. Eu sei.

Apoiei a mão no batente da porta por cima dela, estudando-a de perto. Seus lábios carnudos estavam ligeiramente abertos, seu rosto sem nada de maquiagem. Sardas salpicavam seu rosto e nariz, pontinhos marrons que tinha visto toda a minha vida. Seu cheiro envolveu ao meu

redor, acalmando meus sentidos e me deixando louco ao mesmo tempo. Endireitou-se, determinada.

— Irei Cole, com ou sem o Bentley.

Conhecia-a por muito tempo. Era bastante teimosa. Sabia que encontraria uma carona de uma maneira ou de outra.

— Bom, boa sorte querida. — Disse, sentindo uma pontada de culpa por ser um idiota.

Sam endureceu seu olhar.

— Obrigada por nada, Walker. — Falou, soando como uma menina malcriada enquanto se afastava.

— De nada! — Disse-lhe, olhando enquanto descia as escadas. — Disponha!

Dizendo que não era meu problema, comecei a fechar a porta. Estava muito bêbado para levá-la a qualquer lugar ou para me preocupar se ela ia a Deus sabe onde ou se metia Deus sabe em que tipo de problemas. Não me interessava. Realmente não me importava.

Mas me importava.

Observei-a ir em direção à rua. Tentou ocultar seu desespero, mas a envolvia como uma roupa velha. Inclusive bêbado, reconhecia-o porquê eu o levava todo o tempo.

— Merda. — Disse entre dentes, sabendo que nunca poderia deixá-la ir. Bentley me mataria. E eu morreria se algo lhe acontecesse.

Tropecei pelas escadas e corri pelo pátio dianteiro. Sam olhou por cima de seu ombro, seus olhos se abriram quando me viu.

— Espera. — Gritei, alcançando-a.

Não parou. De fato, acredito que a pequena bruxa começou a caminhar mais rápido. Suponho que eu merecia isso.

Quando estava suficientemente perto, agarrei seu braço. Senti sua pele suave em minha mão, como a mais suave seda que só os ricos poderiam pagar. Queria passar meus dedos sobre sua pele, puxá-la para mim, envolvê-la em meus braços e nunca a deixar ir.

Mas não o fiz. Fez uma careta de dor, por causa do aperto forte em seu braço. Os ossos delicados eram pequenos em minha mão, muito pequenos para uma garota que tinha mais coragem que orgulho.

Deixei-a ir, aborrecido pelo que estava sentindo. Franzi o cenho, dirigido mais a mim que a ela.

Sam deu um passo para trás, mas não parecia assustada. Bem. Eu gostava de me irritar com ela. Queria atraí-la a uma briga. Algo para tê-la atrás de mim.

— O que você quer Walker? — Perguntou, soando mal-humorada. Era a única garota que conhecia que não implorava minha atenção. Talvez isso a fizesse tão atraente.

E frustrante.

Tentei não notar o seu cabelo ou como sua camisa se levantava o suficiente para ver a pele nua da sua cintura. Não era de falar muito, mas quando abria sua boca, não podia esperar pra ver o que diria a seguir.

— Por que acredita que é ele? — Perguntei levantando o queixo.

Sam suspirou e cruzou os braços sobre o peito.

— Porque escutei a minha mãe falando por telefone com alguém a respeito do meu pai. Disse algo sobre encontrá-lo no bar Tiger Lily.

Provoquei.

— Odeio a desapontar, mas isso não significa merda nenhuma. Poderia estar se encontrando com um de seus antigos amantes.

Fez uma careta pelas minhas palavras, mas não me importei. Era ingênua se não sabia que sua mãe era uma puta. Até pra mim já se insinuou.

Sam abriu a boca suavemente para dizer alguma coisa, mas fechou-a. Cruzando seus braços sobre o peito, observou distraidamente como um SUV passava. Sua camisa se levantou apenas o suficiente, expondo sua cintura de novo. Juro que meu pênis ia explodir em meu jeans se não parasse de me provocar com sua pele descoberta.

Tomou uma respiração profunda, deixando-a sair lentamente.

— Tenho que confirmar, Cole.

Vi as luzes traseiras do SUV enquanto se afastava uma estranha sensação se formou em meu estômago. Aproximou-se da calçada da casa de alguém e parou. Algo sobre o veículo me incomodou, mas não sabia o que. Devia ser o álcool jogando com minha mente.

Concentrei-me de novo em Sam, piscando para me concentrar.

— E o que acontece se for seu papai. O que vai lhe dizer? "Olá papai. Sou a filha que deixou com uma viciada como mãe. Muito obrigada por isso. Te amo."

— Sim, algo como isso. — Fechou de repente a boca, seus olhos tornando-se frios.

Uma rajada de vento bateu contra nós, frio e chuvoso. Ameaçava chover, trazendo umidade e uma brisa de ar fresco.

Sam começou a tremer, a camisa que usava não a protegia das baixas temperaturas noturnas.

Aproximei-me mais dela, querendo aquecê-la. Devia estar muito bêbado se estava pensando nessa merda. Em lugar disso decidi provocá-la mais. Era o que eu fazia. No que era bom.

— E se não for seu pai? Vai gritar e chorar como um bebê? — Perguntei, sabendo perfeitamente bem que Sam não chorava. Era dura na queda. Algo que eu admirava nela.

— Posso desejar que fosse ele. Isso é tão ruim? — Perguntou, franzindo o cenho.

— Sim, ter esperanças é algo ruim. Odeio isso. Deixa um sabor amargo em minha boca. — Devolvi-lhe.

— Não Walker. — Brincou docemente Sam. — Esse é o gosto do álcool em sua boca. Como se sente sendo um bêbado?

Irritei-me, a raiva aumentando. Levantou uma sobrancelha, me desafiando a dizer algo. Mas não lhe daria essa satisfação.

Virei e comecei a caminhar de volta para minha casa.

— Até mais tarde, Sam. — Disse, sem me incomodar em olhá-la.

A porta se fechou de repente uns segundos depois. Achei-me um idiota por falar com ela em primeiro lugar. Não tinha direito. Nenhum. Isso era pedir por problemas.

O interior da casa estava quente, repleto de gente amontoada. A música parecia soar mais forte, as pessoas mais loucas. E eu, queria estar mais bêbado.

Tomei o copo de vodca bebido pela metade de alguém na mesa de centro enquanto passava. Precisava de algo para bloquear os sentimentos que Sam provocava em mim. Quando éramos crianças esses sentimentos consistiam em ódio e irritação. Mas em algum momento ao longo dos anos, tinha começado a confundir o ódio com outra coisa.

Luxúria.

Meus olhos pousaram em uma loira a uns passos. Movia-se com a música, um copo vermelho em sua mão. Tirei um menino do caminho para chegar até ela. Não tinha nem ideia de quem era ou se tinha um namorado, mas necessitava de uma mulher e rápido.

Não me doeu que se parecesse um pouco com a Sam.

Agarrei a garota pela cintura e a puxei contra o meu peito, girando muito rápido e amigável. Sorriu-me, não surpresa de tudo por ver um estranho tocando-a.

Sorri, escondendo minha decepção quando vi que não era nem de perto tão bonita como Sam. Mas podia lidar com isso. Apenas precisava de um pouco de ajuda.

Peguei o copo que segurava. Entregou-me sem protestar, vendo como eu tomava a combinação de ponche de frutas e tequila em um gole. Mas queria mais, um pouco mais forte que um gole, mas outra necessidade estava me chamando primeiro.

Envolvi meus braços ao redor da loira e comecei a me mover com a música. Não protestei quando percorreu meu corpo com suas mãos, sentindo os músculos do meu abdômen. E estou bastante certo que não reclamei quando se aproximou mais, esfregando-se contra minha virilha.

Desejava que fosse outra pessoa.

A música mudou para algo lento e sensual. Inclinei-me, movendo minhas mãos para os quadris dela. Era mais larga que Sam, mas só estava interessado em uma coisa. Coloquei minha boca perto do seu ouvido. Precisava me livrar dos pensamentos da irmã mais nova de Bentley para sempre. Essa era a maneira perfeita de fazê-lo.

— Vamos sair daqui. Para um lugar tranquilo e privado. Quero... — Minhas palavras morreram, esqueci-as. Não me dava conta de que estava olhando a porta até que se abriu.

Sam entrou de novo. Que? Retirei minha cabeça do ouvido da garota, ignorando como continuava esfregando-se contra mim com a música, abrindo caminho com empurrões como se fosse dona do lugar.

Afastei-me bruscamente da garota, a raiva fervendo dentro de mim.

— Nos vemos por aí. — Murmurei com os dentes apertados, meus olhos em Sam.

— Ei, espera! — Gritou a garota, decepcionada.

Ignorei-a. De qualquer forma não era quem eu queria. Essa pessoa estava a vários passos de mim. É como se ela não tinha acabado de me deixar irritado.

Empurrando as pessoas, dirigi-me para Sam, fúria em meus passos. Quem ela pensava que era entrando em minha casa depois que me chamou de bêbado? Sim, era verdade, mas esse não era o ponto. Ninguém falava isso na minha cara e voltava a caminhar por aí. Esta era minha casa. Meu próprio pesadelo pessoal. Ela não pertencia a nenhum lugar perto daqui.

Empurrei um casal, já perto de Sam. Quando estava perto o suficiente, estiquei o braço e agarrei seu pulso, apertando forte. Virou assustada. As pessoas entre nós se afastaram, movendo-se com a música e inconscientes da minha raiva.

Invadi seu espaço pessoal, evitando que escapasse. Tentando intimidá-la com minha altura.

— Não me ouviu? — Gritei por cima da música. — Disse que Bent não está aqui!

Sacudiu a cabeça e moveu seus lábios, mas não pude escutá-la. Alguém tinha aumentado o volume e a sala estava cheia de gente idiota pulando.

De repente queria privacidade. Puxando o braço de Sam, tirei-a da multidão. Em segundos nos dirigíamos ao final do pequeno corredor, passando pelo banheiro sujo que sempre cheirava a mofo e suor.

Três passos mais e estávamos em meu quarto. As paredes pretas estavam descoloridas e minha estante se inclinava para um lado, algumas prateleiras faltando. Minha cama não era mais que um colchão no chão. Não era muito, mas estava organizado. Poderia viver em uma casa, mas isso não significava viver na sujeira.

Fechei a porta, soltando seu pulso. O som da música era baixo aqui, junto com o da multidão. Sam parou em frente da estante de livros, suas mãos nos quadris.

— Não pode ir arrastando uma garota assim para o seu quarto Cole. — Disse, indignada.

Cheguei perto dela, com vontade de tocá-la mais me negando a ceder.

— Claro que posso Ross, mas a maioria das garotas vem correndo. — Disse. Fiz o comentário enquanto olhava o seu corpo de cima para baixo, curvando o lábio com falso desgosto. — Falei para ir para casa. Bent não está aqui e este não é um lugar para garotas como você.

Sam me ignorou e deu uma olhada ao redor do meu quarto, seus olhos fazendo contato sobre cada coisa exceto em mim. Perguntei-me o que estava pensando. Tinha estado aqui muitas vezes quando era pequena. Não era como se algo tivesse mudado.

Só nós.

— Irei para casa quando quiser. — Disse teimosamente, encontrando meus olhos e mantendo seu queixo erguido. — Além disso, ouvi alguém dizer que Bentley está aqui.

Aproximei-me dela, espreitando-a como se fosse minha presa. E suponho que era. Só que não estava certo se a comeria ou jogaria com ela primeiro.

— Bent não está aqui Sam. Já te falei isso. — Disse, avançando para ela, esperando que se encolhesse de medo.

Mas Sam se manteve firme, sem mover um músculo. Nem sequer pestanejando quando parei em frente a ela. Isso eu gostei. Não tinha medo de mim.

Hora de mudar isso.

— Você é virgem? — Perguntei, olhando-a.

Arregalou os olhos e sua boca se abriu.

— O quê? — Perguntou, espantada. — Que tipo de pergunta é essa?

— Uma simples. Insisti.

— Beije minha bunda. — Disse, cruzando os braços sobre seu peito e rolando os olhos.

Cerrei os dentes.

— Escutou-me. Responda. — O fogo se acendeu em seus olhos.

— Não acredito que isso seja da sua conta... — Beijei-a.

Merda! Beijei-a.

Não pude resistir. Estava muito perto. Não, muito longe. Não sabia mais. Apenas tinha que beijá-la.

Meus lábios se chocaram contra os seus, não eram macios, mas tampouco ásperos. Ficou congelada, seus lábios imóveis, mas não ia me render tão fácil. Incentivei-a corresponder, movendo sua mandíbula usando meu polegar e inclinando sua cabeça, me dando mais acesso a sua boca.

Sam começou a me beijar, seus lábios suaves sob os meus. Podia provar sua falta de experiência como se fosse algo

palpável e soube imediatamente a resposta a minha pergunta. Era virgem. O pensamento só me fez a querer mais.

Deslizei minha língua em sua boca, apenas o suficiente para prová-la. Seu gosto era doce, como imaginei que seria. Queria sentir cada centímetro de sua úmida e quente boca. Guardar na memória para os momentos que estivesse sozinho e meu pau estivesse duro, pensando nela.

Abaixei minha cabeça, aprofundando o beijo. Esqueci a respeito do nosso passado e nosso ódio. Tinha que ter mais. Havia uma caixa de camisinhas e uma cama atrás de mim. Chamavam a minha mente de dezessete anos como um farol. Meu sonho era ter Sam estendida sobre a cama e o meu pênis coberto com a camisinha e pronto para entrar. Mas me lembrei de ir devagar. Sam era nova nisto e merda, assim era eu quando se tratava dela.

Mas quando gemeu e agarrou minha camisa, fiquei frenético, enlouquecido para tê-la. Pressionei suas costas contra a estante, fazendo que se balançasse. Suas costas golpearam duro a madeira deixando-a sem ar.

— Desculpa, sinto muito. — Sussurrei contra seus lábios, me inclinando sobre ela.

— Está tudo bem. — Suspirou sua mão subindo até o meu pescoço. — Só me beije mais.

Nunca esperei que me pedisse isso, grunhi e baixei minha cabeça de novo, tomando sua boca. Deslizei minha língua além de seus lábios com muita agressividade, querendo mais. Sua língua se encontrou com a minha, insegura a princípio. Depois se tornou mais ousada. Enviando-me sobre o limite.

Peguei-a pela cintura, aproximando-a mais. A borda de sua camisa tirando sarro de mim, provocando os meus dedos. Tranquilizei-me até que as pontas dos meus dedos tocaram a pele nua de seu estômago. Então me detive, esperando que protestasse que dissesse não. Quando não fez, senti uma corrente de excitação. A sensação de estar em território proibido.

Movi a mão mais longe debaixo de sua camisa, sabendo que não havia limites agora. Meus dedos tocaram seu tórax, sentindo os ossos sobressalentes. Em silêncio amaldiçoei a sua mãe que a tinha privado de comida no decorrer dos anos, deixando-a magra e desnutrida. Levei minha mão mais acima até que as pontas dos meus dedos encontraram a borda do seu sutiã.

Sam separou sua boca da minha, agarrando meu pulso e me detendo.

— Espera. Talvez. Talvez não devesse estar fazendo isto. — Sussurrou.

— E talvez devêssemos. — Disse com a voz áspera. — Está tão bom para parar.

Soltou meu pulso e agarrou a frente de minha camisa, me dando todo o estímulo que necessitava. Tirei-lhe o sutiã e cobri sua boca com a minha de novo, brusco e desesperado desta vez. Deixou sair um pequeno som de prazer e apertou minha camisa mais forte enquanto eu movia minha mão mais acima, encontrando seu peito. OH, merda. Era perfeito, encaixando na palma da minha mão como se estivesse destinado a estar aí.

— Walker, pare. — Murmurou Sam contra meus lábios, retirando-se. — É suficiente.

Mas não me detive. O álcool em meu sistema me fazia pensar no impossível. Tudo o que sabia era que queria tocá-la. Transformei-me em um louco, necessitando o sabor do que me levava à loucura.

Passei meu polegar por seu mamilo, sentindo-o responder às minhas carícias. Deus era como o céu. Ofegou e se afastou bruscamente de mim, mas a sustentei firmemente, uma de minhas mãos segurando o seu peito, a outra à parte de trás da sua cabeça e mantendo-a ainda em minha boca.

Sam empurrava contra mim, suas mãos sobre meu peito. A parte sóbria do meu cérebro gritava que a deixasse ir. A outra parte ansiava mais dela como se fosse uma droga. Sabia que o que estava sentindo por ela não era certo. Era Sam. Odiávamo-nos. Não deveria desejá-la tanto, mas o fazia. Geralmente sentia pena dos meninos que gostavam dela.

Agora eu estava aqui, era um deles.

Sam me deu uma cotovelada, tentando afastar-se de mim.

— Deixe-me ir, Cole. Você está bêbado e eu... eu não acredito que saiba o que está fazendo. Odeia-me. — Disse enquanto baixava minha boca para seu pescoço. Deus, ela cheirava tão bem.

— Acredite em mim Sam, sei o que estou fazendo. E agora mesmo, não te odeio. Estou sentindo justamente o contrário. — Sussurrei contra sua pele enquanto meu polegar percorria seu mamilo de novo. Coloquei um beijo sobre seu pulso acelerado, sentindo-o sob meus lábios. Cada pulsar do seu coração era enviado para meu pênis palpitante e para o meu próprio coração acelerado.

Sam estava em silêncio, me deixando beijá-la e tocá-la. Queria lambê-la por toda parte, sabia tão bem.

— Cole. — Falou sua voz rouca. — Este é o álcool falando. Não você.

— Hummm. — Respondi, retrocedendo para olhá-la, minha mão ainda em seu seio.

— Odiamo-nos mutuamente. Sempre foi assim. — Disse, me olhando.

— Sim, sei. — Sussurrei, sentindo o quarto girar. — Vamos fingir como se não fosse assim esta noite. Só esta noite...

Comecei a baixar minha boca à sua de novo, precisando dela. Era como uma droga, como o álcool que ansiava, fervendo meu sangue e confundindo minha mente, bloqueando toda a razão.

— Não! Chega! — Disse, me empurrando e tirando minha mão de seu seio. — Não sou como minha mãe! Não pode me usar!

Levantei minha cabeça, piscando pela confusão. Usá-la? Eu não queria usá-la. Necessitava... Deus necessitava dela.

Agarrei seu pulso, puxando-a de novo para mim. Comecei a baixar minha cabeça, querendo lhe mostrar que isso que estava sentindo era real, mas ela foi mais rápida.

— M.E. S.O.L.T.E! — Gritou, me chutando no joelho e ambas as mãos firmes sobre meu peito. Com potência, deu-me um forte empurrão.

Tropecei para trás, soltando-a. O álcool em meu sistema dificultava manter o equilíbrio. A sala se inclinou, fazendo que meu estômago se embrulhasse e que tudo girasse. Quando pude ver seu rosto novamente, senti meu estômago se afundar. A confusão clareou no meu cérebro encharcado de vodca, cerveja e uísque.

Santa merda.

Sam me olhava com fúria, seus olhos cheios de ódio e umidade. Merda! Havia lágrimas em seus olhos! Lágrimas!

Passei minha mão pelo rosto, aborrecido comigo mesmo. Nunca a tinha visto chorar. Saber que era minha culpa, quase fez que me dobrasse de dor.

— Sam, melhor você ir. — Murmurei, com medo de olhá-la. Odiava-me nesse momento mais do que nunca. O que tinha sido luxúria não era nada agora a não ser fúria latente, dirigida a mim. Ressoava através de mim, estendendo-se na ponta dos dedos até a planta dos pés. Odiei-me como nunca antes. As pessoas tinham razão, eu era um animal. Meu próprio desgosto colocou a toda marcha à maldade.

Não podia confiar em mim ao seu redor, era óbvio. Tinha medo do mal que havia em mim, que me fazia explodir de raiva, poderia ter decidido que estava cansado de brincar e tomaria o que queria dela no lugar.

O pensamento me gelou.

Tinha que protegê-la a todo custo, e a única maneira que conhecia era através do ódio e da raiva. Só então ela estaria a salvo de mim.

Quando Sam não se moveu, olhei-a com fúria.

— Vai! — Gritei, dando um passo para ela. — Afaste-se de mim!

Sam se manteve firme. Estava louca? Não podia lhe dizer que me controlava? Queria destruir algo. Brigar com alguém, mais por minha dor do que para fazer algum dano.

— Maldita seja, Sam, saia! POR FAVOR! — Supliquei-lhe, sentindo pânico porque ela continuava ali de pé, com o queixo erguido com um ar de teimosia.

Levantou o olhar para mim, aparentemente sem medo.

— É igual a seu pai, Cole. Um bêbado que está fora de controle. Mas eu não sou nada como minha mãe. Nada!

— Está certa sobre isso? — Perguntei, gelo correndo por minhas veias quando ouvi suas palavras.

Sam piscou, surpreendida. Arrependi-me de dizer, mas sei que a manteria longe de mim e faria que me odiasse mais, que assim seja. Estava segura dessa maneira, embora isso me matasse.

Deu um passo para mim, suas lágrimas aparecendo com repugnância em seus olhos.

— Odeio você, Cole Walker. Odeio mais hoje do que o fazia antes. Não se aproxime de mim outra vez. Não me olhe. Não me toque. Apenas... não o faça.

Fiquei quieto, olhando como se virava e saia da minha casa. Sem olhar para trás, abriu a porta com força e saiu. Tomando a pouca quantidade de autoestima que tinha consigo mesma.

Tinha razão, era um bêbado, fora de controle como meu pai. Doíam-me os dedos para segurar um copo em minha mão.

Minha garganta estava seca, desejando o ardor do álcool para saciar a sede. Desejava beber como um homem faminto desejava a comida.

Abri e fechei a mão, olhando ao redor procurando algo no que enterrar meu punho. Aí é quando o escutei. Um grito em algum lugar no pátio traseiro. Não pensei muito nisso até que ouvi um choque e logo outro grito.

— Briga! Briga! — Gritou alguém de algum lugar da casa. Que droga?

Saí correndo do meu quarto para o corredor. A multidão estava frenética, todos saindo pela porta de trás. Senti-me inquieto, meus olhos percorreram o pátio procurando... Sam.

Vi-a na multidão, confusa. Olhou-me, com um olhar de pânico em seus olhos.

— Vá para casa. — Gritei por cima dos gritos e a música, retrocedendo e fazendo gestos para que se fosse. A última coisa que queria era que estivesse perto de uma briga. Podia ser uma dor na minha bunda e me odiar, mas tinha estado protegendo-a desde o primeiro momento em que vi aquele idiota tentando colocá-la em seu carro quando éramos crianças.

Os olhos de Sam estavam arregalados em confusão enquanto olhava como as pessoas se moviam ao redor. Ficou quieta quando todos se apressaram a sair para a rua. Como

uma manada de búfalos, a multidão movia-se como uma só, saindo pelas portas corrediças de vidro.

Fui junto com eles, olhando outra vez para Sam. Moveu-se, em direção à porta da frente. Pensando que estava a salvo, segui à multidão para fora.

Dei só alguns passos quando parei. Pessoas empurravam além de mim, meus ouvidos enchendo-se com as conversas emocionadas. Suas palavras não tinham sentido, o álcool fazia com que fosse difícil concentrar-me em uma só voz.

Ouvi o nome de Bent ser sussurrado uma vez e logo duas vezes. Olhando ao meu redor, procurei o irmão de Sam mais tudo o que podia ver eram as pessoas de pé no pátio e correndo na minha frente.

Como se fosse um sinal, a multidão afastou-se. Um vento frio passou contra mim, enviando um calafrio por minhas costas.

Ou talvez fosse pela cena em frente a mim.

Bentley encontrava-se preso por um cara grande, alguém que parecia ter o dobro da minha idade e a metade do meu tamanho. Os punhos do cara golpearam o estômago de Bentley uma e outra vez, golpeando-o como se fosse um saco de boxe. Bentley estava tentando se defender, mas não era páreo para o tipo de força, massa e músculos.

Um grupo de homens de pé em um semicírculo ao redor da luta olhava com sorrisos em seus rostos. Eles eram grandes. Pesos pesados com atitude. Pareciam estar fazendo guarda contra qualquer um que tentasse acabar com a briga. Não eram meninos que saíram para passar um bom momento, eram valentões.

Fiquei gelado, tratando de processar o que estava acontecendo. Ouvi pessoas falando ao redor, mas não podia entender o que diziam. Algo sobre a quadrilha. Um trabalho. Não tinha sentido. Bentley não se metia com este tipo de cara. Fez algumas coisas estúpidas, mas este não era seu estilo.

Era mais como o meu.

Mas era meu melhor amigo e estava tendo seu traseiro chutado. Se havia uma coisa em que eu era bom, sóbrio ou bêbado, era em brigar.

Corri para frente, fazendo pouco caso das náuseas que me asfixiavam. Mantive meus olhos no homem em cima de Bentley, empurrando as pessoas no meu caminho para chegar até ele. Manteve Bent preso ao chão, uma mão apertada contra o peito, a outra estava arremessando-a para trás, pronto para baixar e golpeá-lo no estômago de novo. Algo capturou a luz da lua, ouro cintilante na noite. Merda! O homem levava soqueiras, golpeando Bent com o metal uma e outra vez.

Comecei a correr mais, meus próprios punhos a meu lado. Quando estava perto, rugi, fazendo que meu punho

retrocedesse. O homem olhou para cima, pondo seu queixo exatamente onde eu precisava. Golpeei, acertando sua mandíbula. Sua cabeça foi jogada para o lado enquanto caía para trás uns passos, aturdido pelo golpe. Surpreso por meu ataque.

Toma isso, idiota.

Ignorei seus amigos correndo em minha direção. Em minha visão periférica vi Tommy jogar um pra baixo, derrubando-o com a potência que tinha. Outra pessoa se meteu, bloqueando outro de entrar na briga. Mas isto era entre o cara com os punhos de metal e eu. Que tinha machucado meu melhor amigo.

Avançando para ele, movi-me de novo, aterrissando um murro em seu estômago. Mas o álcool estava me tornando lento. Preguiçoso. O homem se recuperou rapidamente e virou-se, golpeando minha mandíbula. Dor ricocheteou em meu crânio. Tentei me sustentar, mas caí, minha bunda aterrissando perto de Bentley.

O homem grunhiu para mim, mostrando os dentes que provavelmente nunca tinham visto um dentista. Abriu seus dedos e flexionou, alargando sua postura.

Música continuou retumbando da casa, algo duro e forte. Perfeito para a briga. Mas não precisava de nenhum estímulo.

Quando Bentley se arrastou para longe, coloquei-me de pé, ignorando o mundo inclinando-se em um ângulo estranho. Ao meu redor, as pessoas estavam brigando, atirando golpes com estilo. Como uma simples festa podia transforma-se em uma multidão de bêbados furiosos, eu não sabia. Era todos contra todos. Uma briga de merda que de repente estava fora de controle.

Sacudi a dor na minha cabeça e mantive os olhos fixos no homem diante de mim. Era grande e provavelmente, tão forte como um touro, mas eu era mesquinho e não tinha nada a perder. Voltou sua atenção para Bentley, que estava a uns metros de nós. O sangue cobria seu rosto e estava salpicado por toda a sua camisa. Estava em muito mau estado, mas ia estar muito pior se não parasse este louco.

O pescoço do cara apareceu enquanto rodava a cabeça de lado a lado, afrouxando-se para outra rodada. Depois rodou os ombros, flexionando seus maciços músculos como um valentão. Pensei que tinha terminado quando de repente correu para Bentley, o pegando quando estava suficientemente perto e atirando-o para o chão.

Merda!

Deslizei-me pelo barro, lutando para conseguir me levantar. Amaldiçoei-me por beber tanto. Se não tivesse bebido tudo o que estava à vista como um maldito idiota, talvez pudesse ter terminado isto antes que começasse.

E talvez nunca houvesse tocado Sam e ter feito com que me odiasse ainda mais.

Empurrando um cara fora do caminho, cheguei até Bentley, vendo flashes seus enquanto a multidão deixava pouco espaço entre nós. O homem chutou Bentley no estômago, pondo todo seu poder por trás do chute.

Bentley gritou e agarrou sua cintura, ficando em uma bola protetora no chão. O cara voltou a levar seu pé para trás para chutar outra vez, mas nunca encontrou seu objetivo. Foi distraído por um grito.

— BENTLEY!

Um calafrio passou pela minha espinha. Virei-me, um sentido de proteção chegando até mim.

Sam estava empurrando-se entre a multidão, com os olhos em Bentley. Terror estava em seu rosto.

— BENTLEY! — Gritou, correndo para frente.

NÃO, NÃO, NÃO! Estes caras a mastigariam e cuspiriam! Juro que minha vida passou diante dos meus olhos, vendo-a correr pelo pátio. Comecei a correr para ela, olhando com terror enquanto se metia na briga.

O cara que chutava Bentley se deteve, vendo Sam enquanto corria para ele. Era a oportunidade que Bentley necessitava. Ficou de pé, sangue jorrando por sua cara. Perdi-

o de vista entre a multidão, mas ao menos sabia que tinha escapado.

Seu atacante chamou outra vez minha atenção. Seus olhos fixaram em outra pessoa, alguém que não podia ver. Vi-o apontar para a Sam. Foi então quando soube que estava em problemas.

Levantei meu olhar para ela, sentindo que meu coração pulsava com mais força. Estava perto. Perto pra caralho da briga!

Empurrei a um homem fora do caminho e corri para ela. A aversão que sempre estava ali entre ela e eu desaparecendo. A luxúria que sentia por ela não importava. Tudo o que sentia era medo.

Mas esse medo se transformou segundos depois em raiva.

Um cara saltou do nada, agarrando Sam pela cintura. Ela gritou, chutando seu agressor enquanto a segurou em seus braços, levantando-a do chão.

Vi vermelho. Vermelho. Não queria suas mãos sobre ela. Não o queria perto dela. Caralho, nem sequer queria que a olhasse.

O fio da violência que vivia dentro de mim se desatou. Era o mesmo tipo de violência que se mantinha ao redor das bordas do meu subconsciente o tempo todo, com vontade de ser posto em liberdade. Não podia controlar.

Tirei alguém fora do meu caminho quando Sam girou nos braços do cara e o empurrou longe, como tinha feito comigo há alguns minutos. Não me pareceu irônico. Pareceu-me suicida. Podia fazer isso comigo todo o dia e eu nunca lhe faria mal. Este tipo de cara, merda, este rapaz a partiria pela metade.

Lutou, tratando de se soltar. Mas o cara não estava rendendo-se tão facilmente. Envolveu seus braços ao redor dela, imobilizando-a contra ele. Sam se defendeu, chutando com o pé em sua parte superior, gritando por Bentley ao mesmo tempo.

Corri e vi como ela jogou o joelho, tendo como objetivo a virilha do cara. Mas ele era mais rápido. Bloqueou o joelho com a perna. Tentou de novo, mas o homem teve suficiente. Golpeou-a, fazendo que sua cabeça caísse para um lado.

Foi aí que o monstro saiu de dentro de mim.

Não recordo de correr pelo pátio ou atirar as pessoas fora do meu caminho. Tudo o que me recordo é de ver as mãos desse homem em Sam.

Nunca viu meu punho chegando. Acertei-lhe o lado da cabeça, evitando Sam por polegadas, mas golpeando ao idiota de novo.

Soltou-a, mas não era bom o suficiente para mim. Havia tocado nela. Machucado. Pagaria por isso.

Golpeei-o de novo. E mais uma vez. Uma e outra vez. Sangue cobriu meus nódulos e gotejava por meus dedos. Respingava por minha camisa e aterrissava no chão lamacento. Não me importava. Estava nesse lugar escuro, que vivia debaixo da minha superfície, à espera de sair e jogar. Esse que corroía o meu interior e me convertia no monstro que todo mundo pensava que era. Estava consumido pela raiva, incapaz de controlá-la.

Baixei a cabeça, lhe dando mais murros no estômago. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. Alguém chamou meu nome, mas não me detive. Fechei o punho em sua boca, quebrando seus dentes. Meu cotovelo girou no nariz do cara, quebrando-o. Sua cabeça estalando de volta, seus olhos rodando para trás enquanto caía.

Segui-o até o chão, meus punhos acertando-o. Estava na zona de matança. Nada podia me parar.

Quando alguém tentou me tirar de cima, girei-me, capturei a pessoa pelo peito. Não sabia quem era, mas estava disposto a matar a qualquer um que tentou puxar-me fora do atacante de Sam.

O cara debaixo de mim já tinha desmaiado há minutos. Toda minha raiva contida, todo o abuso que tinha tomado no reformatório, todo o ódio e a raiva que meu pai havia trazido, aterrissando no homem.

Golpeei-o de novo, deixando seu rosto nada mais que um caos sangrento. Apesar do frio, o suor salpicava minha frente. Minha respiração era cada vez mais rápida, meus lábios se curvaram em uma careta.

Hora de acabar com ele.

Levantei meu punho de novo, disposto a dar o golpe final quando alguém agarrou meu braço.

— Pare, Cole! Está-o matando! — Gritou Sam, suas mãos ao redor dos meus bíceps.

Mas eu estava em uma névoa, cheio de fúria e raiva. Só conhecia uma coisa, destruir.

Saltei de volta para o homem, golpeando-o com os punhos. Mas alguém maior que Sam me agarrou pelas costas, sujeitando meus braços sobre meu peito. Com um puxão me arrastou longe do tipo e me levou ao chão. Rugi sons terríveis rasgando a minha garganta.

— Chega! — Gritou Tommy, me agarrando.

Minha pele picava, meus nervos saltavam pela antecipação. Queria morto o atacante de Sam. Queria enterrar todo meu ressentimento nele. Mas logo escutei algo.

Um grito.

Girei minha cabeça para a direita. Meus olhos pararam em Sam, de joelhos a uns metros de distância. Estava inclinada pela cintura, enrolada em uma pequena bola. Seu esbelto corpo tremia, gritos enfraquecidos vindo dela. Nunca a tinha visto assim. Assustou-me pra caralho. Toda a raiva dentro de mim morreu. A névoa se dissipou. O mal desapareceu.

— Merda! Deixe-me ir! — Disse, lutando contra Tommy, seus braços ainda ao meu redor. Meus olhos em Sam, vendo como se balançava para frente e para trás em seu próprio mundo. A briga seguia ao meu redor, mas não importava. Tinha que chegar até ela.

Logo que Tommy me soltou, coloquei-me de joelhos. As pessoas corriam por mim enquanto me arrastava até Sam, minha garganta estava tão grossa que mal conseguia engolir.

Quando estava perto o suficiente, sentei-me, meus joelhos em ambos os lados de seu corpo.

— Sam? — Sussurrei, chegando a tocá-la.

Olhou para cima, com os olhos cheios de lágrimas. Seu cabelo se soltando de seu coque desordenado, deixando grossas mechas ao redor de seu rosto. Os lábios que tinha estado beijando há uns momentos se separaram, estavam vermelhos contra sua pele pálida.

Seu olhar se lançou para minha mão, ainda descansando contra ela.

— Não faça. — Disse, abraçando-se me olhou por trás de seu cabelo caído. — Só... Só fiquei assustada. Tem sangue em você... — Seus olhos passaram em meu peito e de novo para cima, cheios de medo. Vi-a engolir saliva. — Você... Quase o matou, Walker. Quase mata um homem como... Como um monstro.

Sentei-me de novo agachado, deixando-a ir e afastando minhas mãos. O suor na testa secou, deixando um calafrio em minha pele. Olhando ao redor, vi caos, mas a única coisa que sentia era um vazio.

Como um monstro, as palavras ecoavam em minha cabeça. Um monstro.

Olhei para baixo a minhas mãos tremendo. Meus dedos raspados na pele mostrando o osso. Não me doía. O álcool e a raiva se asseguraram disso. O sangue encharcava ambas as mãos e minha camisa. Não sabia se era dele ou meu. Talvez de ambos.

Olhando de volta para Sam, encontrei-a me olhando, seus olhos vendo minhas mãos ensanguentadas com medo e ódio combinados.

— Ela está bem? — Perguntou Tommy atrás de mim.

— Sim. — Respondi, meus olhos em Sam. Estava mais que bem, estava genial. Temer-me era o melhor. Ao menos isso foi o que disse a mim mesmo, mas doía, arrancava meu coração fora do peito.

Olhei para cima, procurando por Bentley. O melhor para Sam agora era seu irmão. Ele cuidaria dela já que eu não podia. E precisava me assegurar de que estivesse bem. Mas de repente o som de sirenes encheu o ar. As luzes azuis e vermelhas brilharam na frente da minha casa, enchendo a escuridão de cor.

— OH, merda! Polícia! — Gritou alguém, correndo ao meu lado.

Sam ficou de pé, com os olhos lançando-se ao redor. Vi o medo em seu rosto e podia escutá-la respirar com dificuldade. Ao meu redor as pessoas corriam, tratando de escapar antes que a polícia os encontrasse. Coloquei-me em pé e agarrei a sua mão, ignorando seu grito de protesto. Ela caiu contra meu peito, mas a segurei, nos mantendo sobre nossos pés. Escutei gritos e vi raios de luz ricochetear através do pátio, mas ignorei. Concentrei-me em Sam, olhando em seus olhos.

— Sei que não confia em mim agora, mas pela primeira vez em sua vida, você vai fazer. — Disse-lhe.

Quando ela não discutiu, virei-me. Tommy estava perto, observando como os policiais corriam para o pátio.

— Tommy, leve-a. — Gritei, empurrando Sam para ele. Pegou-a com facilidade.

— Aonde vai? — Gritou, recuando com Sam.

— Apenas tire ela daqui. Não vou deixar Bentley. — Respondi, caminhando para trás.

Tommy assentiu e virou-se levando Sam com ele. Vi como se foram, pessoas correndo ao redor deles para escapar.

Ainda estava ali de pé, olhando como desapareceram, quando alguém me empurrou para baixo com força.

Aterrissei no barro, batendo meu queixo no chão. O barro estava frio por debaixo de mim, úmido. Senti explodir raiva interior, precisando tirá-la. Levei as mãos a cada lado meu preparado para saltar para meus pés e acrescentar mais sangue as minhas mãos. Mas nunca tive a oportunidade.

Meus braços foram puxados para minhas costas. Sapatos pretos apareceram em ambos os lados do meu corpo, me mantendo preso ao chão.

— Tem direito de permanecer em silêncio. Qualquer coisa que diga pode e será usado contra você em um tribunal. Tem direito há um advogado. Se não puder pagá-lo, será te proporcionado um. Entende os direitos que acabo de ler, imbecil?

Voltei a cabeça, olhando o policial atrás de mim quando ele fechou as algemas em meus pulsos.

— Merda. — Falei baixinho, ao ver de quem se tratava.

Mick Rodríguez, ou Pam Man para Sam e Bent, colocou-me sobre meus pés, empurrando para cima as algemas. Elas cravaram em meus pulsos, mas sabia que não se importava. O cara era um completo filho de puta.

— Sim, filho. Merda. É no que está e o que você é. — Disse me dando um empurrão para que começasse a caminhar.

Caí para frente, mas me sustentei. Meus olhos percorreram o pátio, procurando por Bentley. Dois policiais estavam de pé junto ao homem que bati, arma em mão enquanto outro policial esbofeteava o filho da puta. O idiota que golpeei estava consciente, suas mãos estavam algemadas nas costas. Estava feliz de ver que seu nariz estava torcido e seu rosto era um mosaico de cortes, com machucados e salpicos de sangue. Quando seus olhos se encontraram com os meus grunhi, lembrando que bateu em Sam. Senti meu controle escorregar, a sede de lhe fazer mais danos era quase muito difícil de controlar.

— Comece a se mover. — Disse Mick, enquanto me empurrava forte. Apenas um policial corrupto falaria dessa maneira com um detido e este homem era o mais sujo de todos eles.

Dirigi-me à parte da frente da casa, sabendo que não tinha escolha. Ia para a cadeia. Um lugar onde vivi muito ultimamente. Meu pai ia me matar, mas quem se importava? Já era um perdedor em seu livro de qualquer maneira.

Mick conduziu-me a um dos carros de patrulha que estavam estacionados na entrada. Abriu a porta de trás e começou a me empurrar para o assento quando se deteve, seus olhos em algo na estrada. Segui seu olhar. Estava olhando a casa de Sam e Bentley.

— Essa pequena garota está em casa?

Sua voz me deixou gelado. Estava cheia de muito interesse e curiosidade suja. Senti uma raiva tão forte que quase gritei. Em troca dei um encolher de ombros, parecendo entediado.

— Não tenho uma ideia do caralho.

Olhou-me, franzindo o cenho com um olhar sujo cruzando seu rosto.

— Esteve bebendo, garoto? — Perguntou, tomando uma profunda baforada de mim.

— O que você acha? — Grunhi, movendo meu nariz para ele. Vi-o arrepiar-se como um maldito porco-espinho. Podia beijar...

Sem aviso prévio, empurrou-me contra o carro, esmagando um lado do meu rosto no capô bruscamente.

— Escuta, garoto. Sua lamentável bunda é minha, entendeu? Tenho o necessário para que vá para cadeia por um longo, longo tempo. E quando sair vou estar duro sobre sua bunda, esperando que faça merda de novo.

Com cada palavra apertou minha bochecha com mais força contra o teto do carro até que pensei que meus dentes quebrariam em minha boca.

— E lembre-se disto. — Adicionou. — Enquanto está sentado preso na cela suja da cadeia, eu estarei aqui. Olhando a Samantha. Cuidando dela.

Raiva explodiu dentro de mim. Girei minha cabeça para trás, golpeando ele em cheio no nariz com minha cabeça.

Gritou e caiu para trás, sangue brotando por toda parte. Dois oficiais me alcançaram, me puxando de novo para a calçada.

Uma hora mais tarde estava sentado em uma cela na cadeia, meu rosto em minhas mãos, acusação de agressão pesando sobre minha cabeça. Meu corpo estremeceu, necessitando de álcool me deixando uma sensação de vazio. Queria de novo a dormência, que me fazia esquecer que tipo de pessoa eu era. O tipo de pessoa que Sam tinha visto.

Enquanto esperava na cela da detenção, senti que minha vida se desmoronava ao meu redor. Meu monstro interno tinha saído por si mesmo, mostrando para Sam a merda que eu realmente era. Tinha confirmado tudo o que ela disse.

Eu era nada. Nada mais que um monstro.

19

Sam

Agora

Dias depois estava na varanda e vi Walker, passando dirigindo pela minha casa, estava pensando nele. Claro, nos odiávamos e provavelmente sempre o faríamos, mas havia uma parte minha que estava intrigada com ele. Acho que era a criança em mim, curiosa sobre esse misterioso e zangado menino que vivia na rua abaixo.

Ou possivelmente era essa adolescente, recebendo seu primeiro beijo dele. Se fechasse os meus olhos, ainda poderia sentir suas mãos no meu estômago, me acariciando enquanto estávamos na sua casa. Podia ainda sentir seus lábios contra

os meus, me mostrando como fazê-lo. Naquela noite todo o ódio entre nós havia desparecido, ao menos por uns momentos. Mas logo o sonho foi quebrado por sangue e luta. Gritos e sirenes. O que deveria ter sido uma experiência memorável se tornou um autêntico terror. Bentley foi surrado e tive que passar o resto da noite no hospital, vendo como recebia pontos. Walker quase matou um homem e vi como fazia. Ainda podia me lembrar do sangue manchando suas mãos e respingado em sua camisa. Ainda podia ver a raiva em seu rosto. Quando gritei para que parasse, dei-me conta de que apesar do beijo ainda era Cole Walker, um ladrão, alguém que precisava evitar a todo custo. Não importava se meu corpo e coração gritassem que nos pertencíamos, minha mente dizia que me afastasse dele.

E isso é o que tenho feito.

Pisquei voltando ao presente. Uma arrepiante música enchia a casa, um presságio de que coisas ruins aconteceriam. Estava sentada na beirada do sofá, concentrada na televisão. Era o momento culminante do filme, o momento que o monstro atacava. A qualquer momento ele atacaria o que quisesse, e ninguém poderia detê-lo.

Meu coração fazia um ruído surdo, ameaçando escapar do meu peito. Não podia tirar os olhos. O monstro, o único que fazia às garotas gritarem, estava tão perto...

— Maldita seja. — Olhei para Lukas, sem concentração.

— O quê? — Perguntei, agarrando uma fatia de pizza. Queijo viscoso queimando o céu da minha boca, fazendo minhas papilas gustativas darem saltos com excitação.

— Esta pizza está incrível. Onde aprendeu a cozinhar assim? — Perguntou, inclinando-se para agarrar outro pedaço.

— Não com minha mãe, isso é certo. — Murmurei, limpando minhas mãos em um guardanapo e voltando a atenção à televisão. Criatura do Lago Negro passava na velha televisão da minha mãe. Pensava que era lógico que uma velha televisão passasse um filme de 1950. Parecia apropriado de algum jeito.

Alcancei outra fatia de pizza justo quando o Homem Brânquia[2] raptava a linda mocinha loira. Seu grito ecoou pela sala pequena, enviando calafrios pela minha pele. Meus olhos estavam presos à tela, esperando o momento em que seu cavalheiro de armadura brilhante iria resgatá-la. Acontecia em todos os filmes antigos. Possivelmente por isso eu adorava tanto, os bons meninos sempre ganhavam e as mocinhas sempre eram salvas.

Que pena que não era assim na vida real.

---

[2] O homem Brânquia, ou em inglês, Gill Man, é o monstro ou criatura protagonista no filme "Creature from the Black Lagoon" ou traduzindo aqui, Criatura do Lago Negro. É um filme de ficção científica dos anos de 1954.

Tirei um pedaço da minha pizza antes de parar de comer, vendo como o Homem Brânquia era golpeado até a morte, acabando com o terror.

Lukas soltou uma gargalhada ao meu lado.

— O quê? — Perguntei ao engolir um pedaço de pizza.

Deixou seu prato de papel na mesa de café riscada e esticou a manga da sua camiseta preta.

— Você. — Disse, me olhando de perto por entre os fios de seu cabelo preto. Engoli um pouco.

— O que tem sobre mim? — Perguntei, vendo como os créditos do filme começavam a rodar.

— Eu gosto de te observar ficando tão cativa por estes velhos filmes. — Agarrei outro pedaço da pizza e franzi o cenho.

— Cativa? Sério? Onde aprendeu essa palavra? Na super escola privada em que estava o ano inteiro?

Lukas sorriu. Seus pais o enviaram a uma escola privada no primeiro ano do ensino médio, esperando torná-lo um adolescente normal. O que seja que isso significasse.

— Não, não aprendi no meu ano no presidio. Seus olhos se iluminam quando veem estes filmes antigos. É como se desaparecesse. Na verdade, mexe com a minha cabeça.

Encolhi meus ombros e terminei a última fatia de pizza.

— É meu tipo. A mulher é tão chique e bonita. E o homem é tão... bem arrumado e elegante.

— Certo, mas por que filmes clássicos de terror? Por que não romance ou comédia? Ou inclusive esses musicais com dança e canto? — Lukas estremeceu dramaticamente. Mate-me agora.

Sentei-me no sofá e coloquei os meus pés na mesa de café, cruzando-os no tornozelo.

Lukas me copiou, sentado no sofá, seu braço tocando o meu. Pôs os pés na mesa, cruzando nos tornozelos também. Seus cadarços estavam desamarrados e a língua dos seus All stars pretos perdida. Empurrou meu braço de novo, querendo sua resposta. Mordi meu anel labial um momento, tratando de encontrar um meio de explicar por que eu adorava os filmes antigos.

— Eu gosto dos filmes de terror porque a vida não é perfeita como é nas comédias ou nos romances. Pelo menos não a minha vida. — Peguei um fio do meu cabelo preto. — As coisas ruins acontecem às pessoas boas. A vida não é uma comédia sobre duas pessoas dançando na chuva. É brutal, crua e suja. Por isso que eu gosto dos filmes de terror. Porque às vezes os monstros são reais.

— Droga, isso é uma merda profunda e bonita. — Disse Lukas.

— Sim, soa como uma bonita cagada. — Encolhi os ombros, sem remorso por como me sentia. — Prefiro ver filmes sobre lobisomens ou vampiros do que um casal rindo por uma boba e estúpida brincadeira. — Rolei os olhos e ri. — Deus, isso soa tão triste.

— Não é. — Disse Lukas.

Olhei de perto para ele, tirando uma mecha do meu cabelo fora do caminho. Estava me estudando profundamente, com calor em seus olhos.

— Nada sobre você é triste, Sam. — Tocou meu queixo, virando-me para ficar de frente para ele. — É incrível. Quando estou com você... — Inclinou-se, seus lábios tocando os meus.

Foi um beijo suave, muito gentil e molhado. Nada como o primeiro beijo com Walker.

Sentei-me quieta, deixando que me beijasse. Esperando o momento em que um ligeiro formigamento passasse por minha pele, me esquentando de dentro para fora. Mas não aconteceu. Os lábios de Lukas não me faziam sentir bem.

— Lukas. — Sussurrei contra sua boca, colocando as palmas das minhas mãos em seu peito e pondo distância entre nós. — Não acredito que devemos fazer isto.

Seu braço circulou minha cintura, me puxando mais perto enquanto seus lábios viajavam ao meu ouvido.

— Por quê? Estamos sozinhos. Vamos aproveitar isso. — Disse, seu hálito esquentando o lóbulo da minha orelha.

Estremeci e levei meu ombro para cima em minha orelha, me protegendo. Lukas deslizou a mão sob minha perna, seus dedos tatuados acariciando minha coxa. Fez-me sentir nervosa e vulnerável, e não querendo mais.

Beijou minha garganta, deixando um rastro molhado para trás. Sua mão correu por minha coxa, seus dedos mexendo entre minhas pernas.

Estiquei o braço e agarrei sua mão antes que pudesse alcançar seu objetivo.

— Espera, Lukas...

De repente a porta da frente se abriu com um estrondo, acertando a cadeira de tecido e os quadros descoloridos atrás dela. Lukas e eu nos separamos em um pulo, vimos Bentley entrando pela porta. Ele chutou-a fechando-a atrás dele com o calcanhar da sua bota, sacudindo as janelas da velha casa.

— Bentley! — Ofeguei quando ele virou o rosto. Seu nariz estava sangrando e um de seus olhos estava inchado, marcas pretas e azuis colorindo sua delicada pele ao redor. Olhou-me, mas não parou.

Saí do sofá e fui atrás dele. O assoalho da casa rangia enquanto corri pela entrada.

Passei o quarto da minha mãe, vazio pelos últimos dois dias. Dei uma olhada para a cama bagunçada, a roupa suja esparramada por todos os lados e garrafas de vodca vazias junto à cama. O seguinte era meu quarto. O edredom rosa desbotado em minha cama não parecia tão desgastado com as luzes apagadas. E meu aberto e quase vazio guarda roupa não parecia tão nu com o quarto no escuro. Com dois passos mais, estava parada em frente da porta do banheiro, vendo Bentley apoiado na pia cinza estudando seu nariz no espelho.

— O que aconteceu? — Perguntei em voz determinada e alta.

Bentley molhou um pano e o passou com força pelo sangue seco debaixo do seu nariz, virou seus olhos pra mim.

— Por que Lukas está aqui? — Perguntou.

Olhei sobre meus ombros, encontrando Lukas aproximando-se atrás de mim.

— Estávamos vendo televisão. — Disse na defensiva.

— Era isso? — Perguntou Bentley, levantando uma sobrancelha. Lukas veio para trás de mim.

— É o que me parecia. — Disse Bentley com desgosto. Sua audácia por Lukas era como uma piada de mau gosto. Não fazia sentido e não havia nada engraçado nisso.

Endireitei-me e dei um passo para o lado, bloqueando a visão de Bentley em Lukas.

— Seu rosto? — Lembrei-o, assinalando o sangue em seu rosto. Virou para espelho de novo, fiscalizando os danos na sua cara.

— São apenas alguns hematomas e um pouco de sangue. Onde está mamãe? — Perguntou, agarrando o pano e passando-o por seu nariz um pouco mais.

Zombei.

— Que pergunta estúpida, Bent. Sabe que não está em casa há dias.

Ficou irritado e estudou seu nariz no espelho.

— Merda, acho que meu nariz está quebrado. — Murmurou, inclinando a cabeça para olhar sua narina.

Fiquei entre ele e a pia, e fiz com que fosse para o meu quarto.

— Deixe-me ver. — Falei, inclinando sua cabeça para trás assim poderia ver melhor seu nariz.

Abaixou o suficiente para que pudesse estuda-lo com meu pequeno tamanho.

— Que aconteceu? — Sussurrei, mexendo na ponta do seu nariz tão gentilmente como era possível.

Fez um gesto de dor quando toquei um lugar mole.

— Devo algum dinheiro e os meninos decidiram que era tempo de cobrá-lo. — Disse inexpressivo.

— Droga, Bent! — Falei bruscamente jogando minha mão para baixo em exasperação. — Poderia ter morrido! — Agarrei o pano e o joguei contra seu peito, mantendo-o aí até que ele o agarrou.

— Mas não o fiz. — Disse com um sorriso irônico, apanhando o pano.

— É muito estúpido. — Sussurrei de novo, sacudindo minha cabeça em desgosto. Não podia perder Bentley. Era o único que tinha. Meu melhor amigo. O único membro da minha família que realmente me queria. — Pagou-lhes? — Perguntei, rezando para que o tivesse feito.

Suspirou.

— Não tudo. Ainda tenho que saldar a dívida. Isto – circulou seu rosto, — suponho, era somente um adiantamento. Se não conseguir o seu dinheiro, estarei muito pior na próxima vez.

A pizza de repente parecia como chumbo em meu estômago.

— Precisa de dinheiro? — Perguntou Lukas, entrando no banheiro como um salvador negro.

Minha cabeça virou. Em que estava pensando? Era a pior coisa para lhe dizer. E a pessoa errada para falar. Bentley tinha essa pequena coisa chamada orgulho... E ninguém o sujava.

Bentley passou ao meu redor, parando em frente a Lukas. Meu coração bateu com rapidez, vendo a luta desaparecendo pouco a pouco.

— Tem dinheiro? — Perguntou, sacudindo seu queixo.

Lukas ficou em pé.

— Sim. Quanto precisa?

Bentley mediu Lukas, olhando seus novos e caros tênis All stars e seu moderno jeans.

— Cinco mil. — Falou.

— Bent! — Exclamei. Não tínhamos essa quantia de dinheiro! Ele nunca seria capaz de devolver isso! OH Deus! OH, Deus! Iam matá-lo. Iam matar o meu irmão!

Bentley me ignorou e manteve os olhos em Lukas.

— É muito, homem gótico?

— Primeiro de tudo, não sou gótico, isso é um insulto. E segundo... Cinco mil? Não há problema. Meus pais criaram um...

Bentley o interrompeu, um sorriso surgindo no rosto.

— Escuta menino. — Disse seus lábios torcendo com sua risada. — Não se preocupe sobre me emprestar dinheiro. Deixa quieto. Só quero te avisar sobre o que posso fazer se não mantiver suas mãos fora da minha irmã.

— Bent! — Chiei, olhando fixamente em suas costas. Olhei para Lukas. — Não o escute, Lukas. Está sendo um...

Bentley levantou uma mão, me parando.

— Quieta Sam. Deixe o homem terminar de falar.

Soltei um fôlego de frustração e lancei adagas com os olhos. Lukas não parecia assustado com as táticas de Bentley.

— Está me ameaçando? — Perguntou. O sorriso de Bentley aumentou.

— Sim. Está funcionando?

Lukas deu um passo para frente em direção a Bentley, me fazendo pensar que poderia ter que separar os dois de uma briga a qualquer momento.

— Suponho que teremos que esperar pra ver então.

Bentley deu um encolher de ombros, seu sorriso desaparecendo.

— Não sou muito de esperar.

— E eu não sou muito de aceitar ameaças. — Respondeu Lukas, virando-se para a entrada. Estendeu as mãos, com as palmas para cima, como se dissesse, "Vem e me pegue. Te desafio".

Bentley lançou o pano na pia e sacudiu a cabeça, murmurando em voz baixa:

— Menino estúpido.

— Acredito que os dois precisam se acalmar. — Falei, decidindo que já tinha tido o suficiente das suas atitudes de homens das cavernas.

Lukas me olhou, vagando seu olhar ao meu redor.

— Sabe o que mais, Sam? Vejo-te mais tarde. De repente não me sinto mais sociável.

— OK. — Repliquei carrancuda. — Mais tarde. Mas possivelmente talvez esteja na prisão por matar Bent. Far-lhe-ei saber isso.

Lukas saiu pela entrada sem outra palavra. Outro namorado que Bentley espantava.

Permaneci na entrada escura até ouvir a porta principal se fechar. Logo que o fez, fui atrás de Bentley.

— Que foi isso, Bent? Não pode jogar essa merda em mim e sabe disso!

Bentley suspirou e me contornou, dando grandes passos até seu quarto.

— Não tenho tempo para isto e muito menos pra você, irmãzinha. Temos que fazer as malas. — Disse sobre seus ombros.

Fui atrás dele, parando na porta do seu quarto.

— Por que preciso fazer as malas? — Perguntei, minha voz elevando uma oitava quando o pânico se inseriu. Estava em problemas tão grandes que tínhamos que fugir?

Foi direito para seu armário e começou a atirar roupas das prateleiras. Uma a uma as lançou sobre a cama. Em segundos, uma pilha de camisetas e jeans cobria seu colchão.

— Vamos nos mudar. — Disse enquanto lançava o último par de jeans na cama.

— O quê?

— Mudaremos. Walker nos conseguiu um apartamento. Dois quartos. Foi tudo o que pudemos pagar por agora, mas o fizemos.

Todo sangue deixou meu rosto. Compartilhar um apartamento com o Walker? Será que o murro que levou na cabeça havia prejudicado seu cérebro? Não havia lugar na terra de Deus que eu ia viver com Walker. Os porcos voariam antes que isso acontecesse.

— Não... Não. — Gaguejei, quase sem palavras com o pensamento de compartilhar o mesmo espaço dia sim e dia também com esse... — NÃO!! — Gritei alto.

Bentley tirou as pontas de seus lençóis de debaixo do colchão e as colocou em volta de toda sua roupa criando um tipo de bolsa. Amarrou-as, formando um saco gigante ao redor dos seus escassos pertences. Colocando-o sobre seus ombros, cruzou o pequeno quarto e parou em frente a mim.

— Walker está conseguindo dinheiro decente com a equipe de construção, e agora obteve uma maldita boa promoção. Podemos fazer sair daqui, Sam. Ambos queremos sair fora daqui e Walker tem o lugar. Você virá conosco.

— Não. — Repeti, saindo do caminho quando me empurrou com sua mala improvisada.

— Vá fazer as malas, Sam. — Disse Bentley sobre seus ombros, caminhando para a entrada.

— Não vou. — Gritei, seguindo-o para a escura sala de estar e à porta principal. A televisão continuava ligada, mandando luzes pela sala vazia e me recordando das tristes condições que vivíamos. Os buracos no teto a eletricidade desigual não importavam, era minha casa. Por muito que odiasse o lugar, era familiar. Não conhecia outro tipo de vida, exceto esta sombria pequena casa. A ideia de deixá-la era medonha.

— Não é uma opção. — Disse Bentley, abrindo a porta e saindo. — Não estou te perguntando se quer vir conosco, estou lhe dizendo que virá. Mudaremos Sam. Esta noite.

Segui-o fora descendo de um salto a escada e permanecendo atrás de seus calcanhares.

— E o que acontece com a mamãe? — Perguntei.

— O que tem ela? Nunca está em casa. E quando está, está tão alta como uma pipa ou afogada na bebida. Não vou te deixar sozinha com ela. É somente questão de tempo até que lhe dê uma overdose ou beba até morrer. Quer estar ao redor para ver quando isso acontecer?

Não respondi. Não podia imaginar a minha mãe morrendo. Não agora. Não nunca.

— Bem, não vou deixá-la. Precisa de mim. — Disse teimosamente, vendo como ele jogava seu saco de roupas no porta-malas do Nissan escaravelho. Sabia que era uma mentira, minha mãe não precisava de mim, mas no fundo eu gostava de pensar que era assim.

Bentley suspirou e virou para me enfrentar, descansando o quadril contra um lado do carro.

— Realmente quer me dizer essas besteiras, Sam? Ambos sabemos que mamãe pode cuidar muito bem de si mesma. Se não puder... pode consegui-lo com um de seus homens.

Bati no escaravelho e olhei para Bentley cuidadosamente sob a luz da lua.

— Isso tem algo a ver com esses hematomas no seu rosto e o dinheiro que deve? É por isso que quer nos mudar daqui?

— Talvez sim. Talvez não. — Admitiu Bentley, vendo um velho e oxidado Trans Am93 com buracos de bala. — Mas estou indo e você também.

Sem outra palavra, voltou para dentro de casa. Sentia-me chocada. Ele não me deixaria. Durante dezenove anos, tínhamos sido ele e eu, lutando contra o mundo. Sobrevivendo juntos. Dependendo um do outro. Necessitava dele como necessitava da água, do ar e de comida. Era a única família que eu tinha, realmente.

Um asfixiante sentimento começou em minha garganta. Uma opressão envolvendo meu peito. O calor da noite me pressionando, pesando as palavras de Bentley.

— Bentley. — Sussurrei em um tom cheio de dor. Não falei Bent, o apelido que Walker lhe deu. Esta conversa precisava ser séria.

Parou na metade do caminho para a varanda, esperando. Vi seus ombros caírem. Em algum lugar um cão latiu. Uma porta de carro bateu. Na distância, o som da estrada enchia a noite, seguido de uma sirene de polícia. Sons normais. Sons que me diziam que estava em casa.

— Não posso ir. Não posso viver com ele. — Sussurrei, parando atrás dele. Bentley virou lentamente, passando-a mão pelo rosto.

— Perguntaria o que passou entre você e Walker mas não importa realmente. O que importa é que sempre permanecemos juntos, Sam, você sabe disso. Você, Walker e eu, fomos dessa maneira por anos. Por que mudou agora?

Mudei de uma perna para outra, desconfortável em admitir em voz alta o quanto Walker me incomodava. Assim mudei para a segunda razão para não ir.

— Não posso deixar a mamãe, Bentley. Já teve uma pessoa que a abandonou, agora nós a deixaremos para trás também?

Quando não disse nada, permaneci na rua ainda mais determinada.

— Não posso, não posso deixá-la. Não me importa o que pense, mamãe precisa de mim. — Disse.

Bentley desceu da varanda e caminhou até o meu lado. Podia dizer que sua decisão estava tomada e não iria mudar.

Ele ia embora.

— E quem vai cuidar de você? — Perguntou calmo. — Quem vai se assegurar de que esteja bem?

Encolhi meus ombros, sentindo um aperto no peito, ameaçando apertar meu coração até quebrá-lo.

— Posso cuidar de mim mesma. — Falei com mais convicção do que sentia. Bentley suspirou.

— Está bem. Se mudar de opinião, me chame e virei te buscar. Se precisar de algo, dia ou noite, me avise ou faça Walker saber e estaremos aqui logo que pudermos. Entendido?

Assenti, já me sentindo sozinha.

Sem outra palavra, começou a caminhar até a escada. Estava quase na porta da frente quando um pensamento cruzou minha mente.

— Sabe se Walker queria que me mudasse também? — Perguntei.

Com uma mão na maçaneta da porta Bentley me olhou, de pé no alpendre.

—Caralho, Sam, a ideia foi dele.

11

Walker

Tomei um longo gole de cerveja e observei como as pessoas andavam pelo lugar, falando alto por cima da música ou dançando juntos pelos cantos. Alguns eu conhecia, outros não. Não era minha casa, então, não me importava quem estava aqui ou não. Quando estes tipos de festas aconteciam, todos apareciam convidados ou não.

Eu era um dos convidados, mas isso também não era importante. As únicas coisas que importavam eram a garrafa na minha mão e os pedaços quentes de bundas que estavam aqui. Nada mais importava.

Até que ela entrou.

Tomei o último gole da cerveja quando a porta se abriu. Uma rajada fria e carregada de vento entrou, dando um segundo de alívio na casa abafada. A sala em que eu estava era escura, dois abajures acesos. Tinha pensado que era muito brega a primeira vez que entrei aqui, mas agora estava contente. A tênue luz me escondia da pessoa que não queria ver.

Sam.

Entrou parecendo... parecia deliciosa. Estava usando outro desses curtos vestidos-camisa, do tipo que parecia que pegou do guarda-roupa de um homem. Achei sexy e aparentemente os outros homens na casa também. Todos olharam para ela, olhando suas longas pernas até as botas de cordões pretos que usava. Típico da Sam, um vestido com botas no estilo combate. Olhei-a, meus olhos deslizando por ela com lentidão. O conhecimento de que não se importava com o que qualquer um pensasse especialmente eu, só me acendia como uma fogueira.

Mas como sempre, vê-la fazia meu sangue ferver. Todas as palavras que nunca tínhamos trocado, todo o atrito entre nós, voltava para me perseguir ao estar no mesmo lugar que ela. Ambos estávamos quebrados por nossa conta, mas juntos éramos como uma bomba relógio. Eu sabia e ela também. Esse é o por quê permanecíamos longe um do outro.

Mas talvez esta noite fosse hora de mudar isso.

Esfreguei minhas palmas suadas pelas pernas do meu jeans, ansioso para chegar até ela, enquanto os homens a olhavam. A ideia quase me fez rir. Sam sabia o que fazia para meninos, ela era a filha de sua mãe depois de tudo. Tinha-a visto paquerar e provocar um homem até que fosse uma poça de hormônios. Pobres coitados.

O problema é que só era uma questão de tempo antes que um desses caras sem cérebro se cansasse do seu jogo e a fizesse pagar. Disse-me que não era da minha conta, não era sua babá, mas se algum homem a tocasse ou a ferisse de alguma forma sabia que estaria na prisão. Assassinato em primeiro grau.

Odiava me sentir dessa forma. Quem era eu para me preocupar com ela? Era uma escória sem futuro. Se fosse um desses caras moles e psicologicamente com a cabeça fodida, poderia pensar que o ódio entre Sam e eu se forjou pelo desejo não correspondido entre nós. Talvez inclusive por meu amor por ela. Mas não engolia essa psicanálise.

E sem dúvida não a amava.

Terminei a cerveja e a observei do meu canto escuro. Quando virou, seu apertado traseiro me enfrentou e meu pênis endureceu. Mais duro do que queria admitir. Remexi em meu assento, minha calça de repente incômoda. Queria outra cerveja gelada, algo na mão. Algo para afastar este sentimento que sabia que não era bom.

Olhei ao redor, procurando uma distração. Havia um montão de garotas aqui e imaginei que poderiam tomar meu pênis, mas elas não mantiveram minha atenção por muito tempo. Não me excitavam. Não me deixavam louco de raiva e com emoções que beiravam a obsessão.

Meus olhos voltaram para Sam. Observei enquanto se virava, sorrindo para alguém atrás dela. Esse maldito aro em seu lábio inferior me provocava enquanto sua boca se curvava para cima. Enlouquecia-me quando pensava em mordê-lo entre os dentes.

Zombei de mim mesmo, pensando que a ideia era ridícula. Desejá-la e fazer algo com isso era duas coisas completamente diferentes. Achava ela mais que gostosa, mas inclusive se não nos odiássemos, ainda era a irmã pequena de Bent. Não ia para lá. Uma fogueira congelaria primeiro.

Agarrei a garrafa de cerveja mais forte, querendo quebrá-la com a mão. Estava andando com as mãos dadas com alguém, levando-o pela casa. Senti meus músculos enrijecerem e a raiva arder dentro de mim. Já não era propenso à violência, mas de repente queria bater em algo.

A multidão se abriu e vi com quem Sam estava. Lukas. Ele estava atrás dela, segurando sua mão como se fosse dele. Olhei-o, vendo a competição, mas me dizendo que só estava cuidando de Sam. Igual ao que eu sempre tinha feito, sem importar o quanto me odiasse.

Assisti-os até que desapareceram na cozinha. Esperei que algo fora do comum começasse, mas nunca o fez. A imagem dela nesse pequeno vestido estava queimada em minha mente. Esfreguei a mão no meu rosto, lutando contra a urgência de outra cerveja, resistindo à necessidade de ir atrás dela. Falei pra mim mesmo que só queria assegurar-me de que estava bem, mas sabia que isso era uma grande mentira.

Queria vingança da pior forma.

Suas palavras de outra noite soaram em minha mente embriagada de álcool. Pensou que tinha saído em vantagem, dizendo as coisas que disse. Dizendo a todos que eu a desejava. Era minha vez. Estava a ponto de sentir como era perder.

Coloquei-me de pé, ao menos uma cabeça mais alto que muitos na sala. As pessoas se separam para eu passar. A entrada da cozinha me chamava, prometendo me levar ao que queria.

Era a hora da vingança e estava a ponto de conseguir na melhor das formas.

11

Sam

Lukas jurou que tinha sido convidado para esta festa, mas começava a duvidar. As pessoas nos olhavam. Com feições que eram destinadas à ameaça e intimidação. Sem dúvida estava funcionando.

Mantive um forte aperto em sua mão, me sentindo deslocada. Estávamos na vizinhança de Lukas, em uma área de classe alta formada por lindas e grandes casas com perfeitos jardins. A casa estava cheia de meninos estilo playboys com muito dinheiro da mamãe e do papai metidos nos bolsos. Não pertencia aqui, mas então, outra vez, não sabia realmente aonde pertencia. Minha própria vizinhança não se via como casa, mas tampouco tinha esta subdivisão com suas ruas livres de lixo e jardins de luxo. Era muito perfeita e tranquila para ser real.

— Lukas, tem certeza de que conhece estas pessoas? — Perguntei pela milionésima vez.

Tirou seu cabelo preto dos olhos e se inclinou para algum menino parado em uma esquina.

— Sim, Sid me convidou. É o primo do Kace.

Procurei a conexão em minha cabeça. Kace era o baterista da banda de Lukas. Não o conhecia tão bem, mas era genial na bateria. Parecia ser um jogador, mas isso não importava, o menino podia balançar um lugar.

— Vamos conseguir algo para beber. — Disse Lukas, apontando para a porta da cozinha. — Preciso de uma cerveja.

Andei pelo caminho. A casa estava tão cheia que não podia ver ela, exceto o tapete sob meus pés. A música aumentou de algum lugar na casa, fazendo tudo vibrar com o som de um poderoso baixo. O cheiro de álcool e cigarros enchia a casa, fazendo meu nariz e olhos arderem. Eram cheiros como os que vivi toda a minha vida. Cheiros que me preocupava, estariam para sempre impregnados na minha roupa e pele.

Passamos apertados entre dois grandes caras parados na porta da cozinha. Eles eram a classe de meninos com que Lukas andava. Vestiam camisetas polos que marcavam seus bíceps e shorts que custavam provavelmente uma pequena fortuna. Lukas passava seu tempo com pessoas que acreditavam que o preto era a única cor que existia e que só

usavam roupas caras, estúpidos. Ele parecia estar em algum lugar no meio.

A cozinha estava cheia de gente, igual à sala. Fumaça flutuava sobre as cabeças de cada um, flutuando perto do teto como se estivessem olhando a festa. Fui direto para o balcão da cozinha, procurando as garrafas de água entre o álcool e as caixas de cerveja. Um cara que parecia como se pertencesse a uma equipe de luta livre da escola secundária estava parado em frente das garrafas de água, cuidando-as como se fossem ouro ou algo assim.

— Desculpa, poderia ter uma? — Perguntei, apontando às garrafas atrás dele.

Olhou-me de cima abaixo.

— Tem uma condição.

— O quê? — Perguntei com surpresa, gritando sobre a música.

Aproximou-se, pondo sua boca perto de meu ouvido. Poderia ter assustado outra garota, mas não a mim. A única coisa que me assustava era o entristecedor aroma de álcool saindo dele.

— Todas as garotas têm que tomar uma dose antes que lhe seja permitida qualquer outra bebida, incluindo água. Regras da casa. — Disse sobre a música.

— Isso é idiotice! — Gritou Lukas com raiva atrás de mim.

O cara grande parou em toda sua altura, 1,80, poderia adivinhar.

— O que vai ser doçura? — Perguntou, ignorando Lukas.

— Uísque. — Respondi. Não era uma perita bebendo mais tinha visto Bentley e Walker beber o suficiente para um exército. Sabia o que estava fazendo.

O menino serviu um pouco do uísque Tennessee dentro de um copo de doses e me deu.

— Até o fundo, baby.

Sem pensar duas vezes, levei o copo para os meus lábios e bebi de um só gole. A princípio, o uísque fluiu para baixo, quase como seda. Então uma tosse me escapou. E outra. Fogo se cravou em meu estômago. Meus olhos lacrimejaram. Coloquei minha mão sobre a boca tentando não engasgar.

Alguém começou a aplaudir atrás de mim. Um lento aplauso. Uma vez, duas vezes.

Virei. A cinco pés de mim estava Walker, brilhando como a ameaça que era. Sua camiseta preta e jeans ajustava-se ao seu corpo perfeitamente, destacando a sua aparência escura. O cabelo estava perfeito, nenhum fio fora do lugar. A sedosa cabeleira preta da cor do pecado. A pura imagem do sexo. A sombra do desejo. Seus olhos pretos me olhavam com

indiferença e aborrecimento. Não havia uma gota de sentimentos neles.

Ou nele.

— Merda. — Lukas murmurou em voz baixa, pondo em palavras o que eu tinha pensado.

O canto da boca de Walker se contorceu com o começo de um sorriso, mas então desapareceu como se tivesse sido fruto da minha imaginação. Ele não olhou para Lukas, mas manteve esses olhos maus em mim.

— O que está fazendo aqui, Walker? — Perguntei, com medo dele.

— Vigiando você. — Ele respondeu.

OH, merda. Nunca esperei essas palavras.

Ele se aproximou com passadas lentas, seus lábios movendo-se com cada passo. Seus olhos em mim, me olhando como se fosse seu alvo. Tinha o seu inimigo à vista. Agora tudo o que tinha que fazer era apertar o gatilho.

Virei-me, ignorando-o. Dizem que nunca se deve dar as costas para o inimigo, mas eu tinha que fazê-lo. Onde minha cabeça estava indo era perigoso. Imprudente. Um lugar em que não queria ir. Não podia olhá-lo. Fazia-me sentir coisas que não queria sentir. Confusa. Perturbada. Nervosa e no limite. Eu não gostava disso. Não era uma dessas garotas loucas pelos

meninos, rainha do drama que se destacava ao redor porque algum menino quente falou com elas. Não tinha paciência para isso e não tinha paciência para o Walker ou os sentimentos que invocava em mim.

Fiz um gesto para que o cara grande me passasse a garrafa de água que ganhei. Não havia nenhuma maneira que deixaria Walker ver como tinha ficado sob minha pele. Se soubesse, significaria que ganhou esta pequena guerra entre nós. E isso nunca aconteceria.

— Eu acho que merece outra bebida, Sam, parece como se você precisasse. — Disse Walker, parando ao meu lado e invadindo o meu espaço pessoal, maldito. — O que acha Carlos? Outra bebida para a garota?

O menino que cuidava da água olhou de mim para Walker.

— Não me meta na sua merda, Walker. Você o quer, você o tem. — Disse, saindo do balcão e caminhando para longe.

Walker não se moveu enquanto o menino saia. Seus olhos em mim, seu corpo tão perto que podia sentir o calor irradiar fora dele. Era irritante.

Lukas parecia tudo, menos feliz. Sua mandíbula estava apertada em uma linha e seu corpo estava tenso. As tatuagens que cobriam seus braços e pescoço eram fantásticas mas sabia

que ele não tinha chance contra Walker. Não eram muitas pessoas que tinham.

— Então, onde está Bent? — Perguntei, tentando ser civilizada uma vez mais.

— Trabalhando. — Respondeu com sua voz profunda de barítono. — Deveria saber... é sua irmã.

Zombei.

— Como se isso importasse. — Girei o copo sobre o balcão, precisando me manter calma. Estar perto de Walker estava me deixando de nervosa para estar quieta.

Tomei um grande fôlego e desejei não ter feito. Peguei o cheiro de Walker em seu lugar. Deus, cheirava tão bem. Algo escuro e silvestre. Perigoso. O que seja que usasse, um perfume ou creme de barbear, cheirava como o céu. Uma contradição com o quão ruim eu sabia que era.

Chegou ao outro lado do improvisado bar. Seus braços roçando os meus, seu quadril se chocando contra meu. Juro que meus pulmões se contraíram quase me fazendo perder o ar. Estar tão perto era como um pesadelo esperando para acontecer, ou uma aventura que queria experimentar. De qualquer modo, não estava segura de que sobreviveria.

— Alguma vez ficou bêbada com tequila? — Perguntou Walker, pegando uma garrafa justo perto do meu quadril.

— Não. — Respondi, reconhecendo a provocação quando escutava uma. — Mas sempre há uma primeira vez para tudo, não é?

Sorriu e despejou tequila em dois copos de vidro. Pondo a garrafa de volta no balcão, olhou-me, me dando o copo.

Tomei a bebida de Walker, esmagando a necessidade de colocar o rabo entre as pernas e correr. Seus malvados olhos estavam em mim, vendo mais do que queria que visse. Ele conhecia meu passado. Tinha-me visto no mais fundo, quando estava faminta e congelada. Quando minha mãe me trancava em um armário por três dias para meter-se em problemas. Tinha-me visto quando estava mal-humorada e triste, desejando mais desta vida. Conhecia-me muito bem e eu não sabia como lidar com isso.

Meus dedos tocaram os seus quando peguei o copo dele, disparando fogo ao longo da minha mão e indo para o meu braço. Afastei-me rapidamente e olhei para Lukas, com medo de que ele tivesse visto minha reação. Não o tinha feito. Estava olhando para Walker como se fosse tomar a garrafa de Uísque e acertá-lo na cabeça com ela. Não poderia o culpar, mas se alguém ia dar para Walker o que ele merecia esse alguém seria eu.

Encontrei seu olhar, levantando uma de minhas sobrancelhas em indagação.

Um ligeiro sorriso se torceu no canto da boca de Walker, fazendo-o parecer mal e muito confiante.

— Brindemos, Sam. — Disse, inclinando-se mais perto de mim. Colocou sua mão na parte de trás do meu pescoço e me puxou para ele, pondo seus lábios perto de meu ouvido. — Desafio você.

Fiquei quieta, o copo esquecido em minha mão. Meu corpo pressionado ao dele e seus dedos ardendo em minha pele. Fiquei quente e suada em questão de segundos. Esqueci-me de respirar ou como engolir. Tornei-me uma poça de calor e excitação.

Só porque ele me tocou.

Estava começando a acordar do que seja que estivesse acontecendo, quando Walker se afastou. Um sorriso de satisfação em seu rosto que me fez querer dar-lhe uma bofetada. Em seu lugar, tomei em um gole só a tequila, recusando a me encolher quando o fogo viajou por minha garganta. Meus olhos lacrimejaram e contive a tosse, mas não rompi o contato visual com ele.

— Mais. Quero te ver perder o controle. — Disse, inclinando-se para mim suavemente.

Calor viajou para baixo por minha coluna. Suas palavras me colocaram em chamas. Mas era boa em me afastar do fogo.

— Que porra? Afaste-te dela, idiota! — Gritou Lukas, colocando-se entre Walker e eu.

Walker o ignorou como se não existisse, recusando-se a mover-se. Mantendo seus olhos sobre mim em seu lugar.

— Mais, Sam. Perca o controle.

Esvaziei o copo de tequila e o coloquei sobre o balcão, para o fundo.

— Essa é sua especialidade, Walker, não a minha. — Disse docemente. Esperei a escuridão que sempre enchia seus olhos quando alguém o incomodava, mas em seu lugar, eles ardiam com algo mais.

— Possivelmente poderíamos perder o controle juntos. — Disse Walker em um sussurro. — Só você e eu.

Lukas amaldiçoou e eu franzi o cenho, odiando a forma com que meu coração estava batendo. Dei-me uma sacudida mental decepcionada que não consegui o irritar. Essa era minha meta na vida. Irritava-o e ele me incomodava. Funcionava bem, mas agora ele estava trocando as regras do jogo, maldito seja. Mas ainda queria jogar.

Lukas estava a ponto de lhe dar um murro, mas o ignorei. Em seu lugar levantei a garrafa de tequila e a abri. Se Walker queria que bebesse, beberia.

Seu sorriso se alargou, mas então o vi. Uma piscada de irritação em seus olhos. Dei-me conta que ele nunca esperou que eu entrasse em seu jogo. Huumm.

Agora eu estava ganhando.

Esvaziei o copo de tequila e verti mais nele. O aroma recordou a minha mãe, mas empurrei esse pensamento longe. Isto não tinha nada a ver com ela ou minha desagradável vida. Isto tinha tudo a ver com Walker e eu.

— Que merda, Sam? — Murmurou Lukas enquanto me via servir outro gole. — Está tentando ficar bêbada esta noite?

— Possivelmente. — Respondi, me sentindo encurralada entre um homem com quem estava segura e outro que não era mais que problemas. Se esta era a noite em que ia estar bêbada, tudo bem.

Levantei o copo cheio e dei uma olhada em Walker. Ele estava me observando com interesse, o sorriso ainda em seu rosto. Isso me deixou tão irritada que virei o copo de um gole só, rapidamente, como uma profissional.

— Boa garota. — Disse Walker com sua voz profunda. Sem uma palavra deu a volta e se afastou.

O copo repentinamente ficou pesado em minha mão. Senti que o ar voltou ao normal, a tensão sexual se foi. O cabelo atrás do meu pescoço abaixou, a ameaça desapareceu quando Walker se foi.

— Merda, Sam! — Disse Lukas, sacudindo a cabeça em desgosto enquanto bebia seu próprio gole. — Por que vocês não fodem e terminam com isto!

Abri a boca para responder, mas não pude. A ideia de ter sexo com Walker me deixou... fraca. Os dois nus, seu corpo contra o meu, suas mãos sobre o meu corpo, deixaram-me aterrorizada. Sim, compartilhamos esse único momento faz tempo, mas agora havia muito ódio entre nós para voltar lá. O que poderia ter sido estava morto, tal como qualquer relação amigável que tivemos uma vez.

— Odiamo-nos. — Disse a Lukas, encolhendo os meus ombros. — Walker só está tirando sarro de mim. Ignore-o.

— Como você o ignora? — Disse Lukas com uma tosse. — Como é. Você percebeu que seu irmão não está mais ameaçando Walker para manter seu pau para si mesmo.

— Acalme-se, Lukas. — Falei incomodada. — Só... cala a boca. — Lukas franziu seus lábios.

— Melhor que Walker mantenha suas mãos longe de você, Sam. Não me importa que ele tenha um Recorde...

— Chega Lukas! — Gritei, pisando forte. — Sabe que não há nada entre nós! — Agarrei o copo de sua mão e tomei um longo gole, necessitando-o.

— Está delirando, Sam. — Murmurou, vendo como bebia.

Dei-lhe um olhar de maldade e olhei a casa, apoiando meu quadril contra o balcão. Deixei meus olhos vagarem através da multidão de pessoas, procurando o único que é capaz de fazer meu sangue ferver de raiva. Walker.

12

Walker

Acabava de jogar minha primeira mão. Agora era o momento de me sentar e esperar que meu oponente fizesse seu movimento. O jogo estava montado e estava decidido a ganhar. Mas a espera estava me matando. Mantive os olhos em Sam por um tempo, mas podia olhá-la por toda a vida.

Uma eternidade. Ela era meu vício, a única coisa que sempre quis e que nunca poderia ter. Um amor que odiava. Uma mulher que temia que me importasse.

Assim como meu pai, tinha uma fraqueza pelo álcool. Mas havia algo mais que eu ansiava. Um pouco mais viciante que o uísque e mais satisfatório que a vodca. Algo que deixava a minha cabeça dando voltas e meu coração bombeando. Tinha sede de prová-lo, de conhecê-lo. Possuí-lo e nunca o deixar ir.

Queria beber seu néctar e não a compartilhar com ninguém. Queria Sam.

Ela estava em algum lugar nesta festa, flertando com seu namorado. Esquivando-se dos meninos com seus olhares e sua personalidade de "não tô nem aí". Meu capricho. Mas se havia uma coisa que tinha aprendido com o perdedor, senhor meu pai, era que os vícios poderiam te arruinar. Poderiam fazer você renunciar a sua vontade de viver ou seu desejo de respirar. Poderiam fazer com que ignorasse a tudo e a todos ao seu redor. Não deixaria que isso me acontecesse. Sam nunca teria esse efeito em mim. Nunca.

Quando a vi jogando para trás o dose, sabia que tinha que provocá-la mais. Estava em meu sangue pressioná-la, para que ela me pressionasse de volta. Era um jogo que tínhamos jogado durante anos. Um que eu especialmente gostava.

A festa estava agitada, mais cheia enquanto a noite caia. Caminhei para fora, precisando de ar. Precisando me afastar de Sam. Maldita seja, somente precisava dela. A luz da lua refletia na superfície da piscina a uns metros de distância, brilhando na noite. A água lambia os lados, convidando as pessoas a refrescar-se em suas profundezas. Casais e grupos de pessoas ficaram ao redor, a maioria deles drogados ou caindo de bêbados. Quanto a mim, fiquei sozinho. Só eu e minha garrafa de cerveja.

Tinha visto Sam toda a noite, seu namorado pendurado em sua saia como um menino perdido. Juro que não estava seguindo-a, mas me encontrava olhando-a, procurando-a. Precisava me afogar na visão de Sam nesse vestido muito curto, com seu cabelo preto caindo sobre um ombro. Saber que estava em algum lugar próximo estava me deixando louco.

E realmente não necessitava de ajuda para chegar ali.

Apesar da multidão, senti-a perto de mim. Minha pele formigava e meu pau ficava duro como uma rocha, querendo somente uma coisa, encontrá-la e empurrar esse pequeno vestido para cima.

Porra, estava ficando louco.

Tomei outro gole da minha cerveja, a parede da casa estava quente contra minhas costas enquanto me apoiava. Mantive os olhos em todos ao meu redor, esperando que Sam voltasse a aparecer, mas ao mesmo tempo esperando que não o fizesse.

Esvaziei a garrafa e ansiei por outra, mas resisti. Um pouco mais e poderia me tornar aquele monstro que uma vez ela tinha me chamado e que eu gostaria de poder esquecer.

A verdade era que tinha que manter a cabeça no lugar. Se Sam estava perto, tinha que estar preparado para algo. Precisava poder me assegurar de que o ódio ainda vivia entre nós. Que ainda se cozinhava a fogo lento e estalava nos

mantendo separados. Porque se não era assim, todas as apostas estavam acabadas.

Música ressoava pelos alto-falantes ao ar livre, enchendo a noite com o som de um baixo pulsando e alguns tambores de merda. Meus ouvidos estavam doendo por algum cantor gritando sobre como o amor rasgou seu coração e o rompeu em pedaços. Simplório. Eu tinha visto o que o amor podia fazer a um homem e não era bonito. Meu pai era o exemplo perfeito. Estava morto por dentro, tinha estado assim desde que minha mãe morreu. O amor o fez assim. Criava e destruía. Não era nada mais que destruição embalada por um bonito e pequeno pacote, ao ponto de explodir na cara de alguém. Fazia com que os monstros dentro dos homens saíssem e se transformassem em frios corações ardentes. Eu já era um monstro e estava frio. Não necessitava que o amor me destruísse mais. Mas então Sam veio a minha mente. Esfreguei a minha testa com a mão que sustentava a cerveja. Caralho, talvez precisasse de outra bebida depois de tudo.

Afastei-me da parede, preparado para procurar o barril ou a garrafa de uísque mais próxima, quando uma garota me chamou a atenção. Caminhava para mim, o pequeno vestido preto que usava era tão curto que mal lhe cobria a bunda. Seu nome era Leah. Tinha-a conhecido mais cedo esta noite, logo depois que me afastei de Sam. Era justamente a distração que estava procurando. Um pouco doce e um pouco suja. Perfeita para mostrar a mim mesmo que querer Sam não significava

nada. Precisava dela, tinha que provar que qualquer garota serviria.

Mas até agora, não estava funcionando. Ainda queria Sam. Claro, queria que pagasse por todas as palavras inteligentes que me havia dito alguma vez, mas era mais que isso. Muito mais. Não importava quantas garotas me tentassem, era por Sam que eu estava consumido. A que queria, mas não poderia ter.

Falando de garotas... Leah fixou seus olhos em mim, me mantendo no lugar enquanto caminhava. Andou através da multidão como uma modelo em uma passarela. Os meninos pararam o que estavam fazendo para olhá-la. Podiam tê-la, não me importava. Mas, e se fosse por Sam que estivessem babando? Merda, essa era uma história diferente.

O cabelo loiro de Leah caía por suas costas em ondas perfeitamente colocadas, parecendo como se precisasse da mão de um homem neles. Assim como um montão de garotas na festa, não importava se era uma aventura de uma noite ou um compromisso a longo prazo, ela só me queria em sua cama, as bolas enterradas profundamente dentro dela. Sempre me incomodou que os meninos tivessem uma má reputação por usar as mulheres, quando havia muitas delas que estavam lá fora saltando de cama em cama, acumulando homens como se fossem brinquedos. Parecia-me injusto. Mas, de novo, a vida era injusta, isso todos nós sabíamos. Alguns mais que outros.

Concentrei-me no rosto de Leah, me sentindo tonto, mas não tão bêbado. Precisando de mais ajuda, levei a garrafa de novo à minha boca e então lembrei que estava vazia. Maldita seja.

Senti-me decepcionado, mas então meus pensamentos voaram, imaginando Sam caminhando para mim no lugar de Leah. Ela não teria nada em mente senão deixar cair sua calcinha para mim. Um sorriso sexy curvaria seus cheios lábios vermelhos e seus olhos me diriam o que queria que lhe fizesse. Parando ao meu lado, os peitos perfeitos de Sam roçariam meu braço enquanto se inclinava para me sussurrar ao ouvido, me pedindo que a levasse a algum lugar privado. A algum lugar onde pudéssemos estar sozinhos, assim poderia fazê-la gozar uma e outra vez.

Meus dedos apertaram ao redor da garrafa vazia, me lembrando de quem eu era. Um tipo de forasteiro. Um criminoso com um passado e sem futuro. Era o monstro de Sam, um papel que tinha desempenhado por anos. Um que nunca trocaria. Era bom nisso, por que arruinar uma coisa boa agora?

Não me movi quando Leah parou diante de mim, seus saltos altos fazendo barulho na calçada. Parou entre minhas pernas estendidas, colocando-se entre meus pés e não me deixando outra opção a não ser olhá-la.

— Olá, Cole. — Disse com uma voz sexy destinada a fazer meu sangue esquentar.

— Onde esteve? — Perguntei, alcançando sua mão e puxando-a para mim.

Apoiou-se em meu peito, um sorriso satisfeito em seu rosto.

— Não muito longe. Mas agora que estou aqui, o que vai fazer comigo?

Gemi e a puxei mais perto, baixando minha boca à sua. Ela me devolveu o beijo na mesma intensidade, faminta pelo que tinha para oferecer. Meu corpo não reagiu da maneira que desejava que o fizesse, mas eu sabia que era por causa dos pensamentos de Sam arruinando minha mente.

Aprofundei o beijo, querendo forçar Sam a sair. Nunca tímida, Leah respondeu a chamada puxando minha língua na sua boca, chupando suavemente e me mostrando exatamente o que mais poderia fazer com sua boca.

Gemi e passei as mãos pelos seus lados, roçando a parte inferior de seus peitos. Não me importei com as pessoas que nos rodeavam. Que olhassem. Que ficassem com ciúmes que eu estava conseguindo algo e eles não. Todos podiam sumir.

Leah segurou a respiração quando meu polegar deslizou sobre seu peito, tocando seu mamilo. Droga ela não usava um sutiã.

— Meu Deus, vamos sair daqui. Está me deixando louca. — Sussurrou.

Nunca me decepcionava, deslizei uma mão na cintura de Leah e me separei da parede, rompendo o beijo. Ficou comigo à medida que caminhamos através da multidão do lado de fora e me dirigi a casa, com apenas uma coisa em mente.

O calor me atingiu logo que entrei. O lugar estava cheio. Mais pessoas vieram na última hora, a maioria eram meninos ricos mimados que escapavam de suas vidas perfeitas. Esperavam que as drogas, o sexo e a bebida lhes descem a fuga que necessitavam, mas eu sabia a verdade, essas coisas não eram mais que outras mentiras.

Leah começou a pular ao meu lado enquanto a música soava. Seus peitos balançavam, ganhando todo tipo de atenção dos homens que estavam ao redor. Ignorei-os e abri caminho por entre a multidão. Tinha uma meta, encontrar o quarto mais próximo e obrigar Sam a sair da minha cabeça. Aí era onde Leah entrava com seu apertado e firme corpo.

Estávamos quase no corredor que conduzia aos quartos quando alguém chamou minha atenção.

Gelo inundou minhas veias. Fogo explodiu em meu cérebro. Meu coração acordou.

E assim, sabia o que tinha que fazer. Meu braço caiu longe de Leah.

— Alcançarei você logo. — Disse sem me incomodar em olhá-la.

— O quê? — Perguntou confusa.

Comecei a me afastar quando seu braço segurou o meu, me detendo. Declarando que era dela e de mais ninguém. Sim, claro... não nesta vida, querida.

Desenrosquei-me de seus braços de novo e a afastei de mim.

— Mais tarde. — Eu disse, precisando que entendesse que eu fazia as regras e a regra era que estava me afastando.

Leah me olhou, parecendo que queria arrancar meu coração com um de seus saltos agulha. Ela poderia encontrar alguém para entretê-la durante um tempo. Eu tinha terminado.

A cozinha estava cheia de gente, mas continuei caminhando através dela, minha missão era simples. Pela primeira vez na história, não queria participar das doses de tequila que estavam sendo passadas ao redor. Não queria nenhum sopro do que estava sendo fumado.

Queria algo mais.

Sam estava de pé contra o relógio, com os braços cruzados sobre o peito. Tinha uma taça em uma mão, a outra descansando sobre o balcão de mármore. Perguntei-me que

bebida estava tomando. Mas não importava. O que importava era o cara apoiado contra ela, queria limpar o chão com seu sorriso. Fiquei tenso quando tocou um dos cachos descansando em seu ombro, fazendo-a franzir o cenho. Mas logo me obriguei a relaxar. Esta era Sam, ela podia cuidar de si mesma. Sabia melhor que ninguém. O cara ao lado dela não sabia com quem estava se metendo.

Sam lhe disse algo, a expressão no seu rosto não tinha preço. Uma sobrancelha estava levantada e seus lábios vermelhos se inclinaram para cima, com aparência doce, mas eu a conhecia melhor. Estava em busca de sangue. Estava em seus olhos. Tinha visto esse mesmo olhar ser dirigido para mim várias vezes para sabê-lo.

O que ela disse funcionou. Vi como o menino se afastou, ao virar-se seu sorriso desapareceu, transformando-se em uma careta.

Sorri. Deus, ela era uma força, uma com a qual queria lutar até que o tempo parasse. Era a única mulher que não me queria. Para mim, isso não era mais que um desafio. Estava acostumado a conseguir tudo o que queria inclusive se tivesse que mentir enganar ou roubar para consegui-lo, e eu a queria.

Comecei a caminhar para a cozinha, tomando meu tempo, enquanto via Sam através da multidão. Estava sozinha e eu estava sozinho.

Era o momento de jogar.

13

Sam

— Onde está o Lukas?

Genial. Acabava de me livrar de um idiota. Agora tinha outro imbecil para lidar.

Olhei pra cima, tentando me concentrar em Walker. Por um segundo ele estava embaçado, mas logo se focou.

— Não sei. — Respondi apoiada no balcão e empurrando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Porque se importa? — Tomei um gole do meu rum com Coca-Cola, mantendo os olhos nas pessoas na cozinha. Tentando evitar olhar para Walker.

Aproximou-se mais, invadindo meu espaço. A barulhenta multidão bêbada e a ensurdecedora música alta

desapareceram. De repente estávamos sozinhos a cinco centímetros de distância na cozinha de um estranho.

O álcool deve estar bagunçando a minha cabeça porque queria estender a mão e tocá-lo. Ver se o seu peito era realmente tão sólido.

— Quão bêbada está? — Perguntou ele, agarrando meu queixo e virando meu rosto para me olhar nos olhos.

Sacudi o queixo fora do seu alcance, dando-lhe um olhar desagradável.

— Não me toque Walker. — Espetei. Ele poderia ser a coisa mais quente que caminhava pelo planeta e eu poderia estar bêbada, mas isso não significava que tivesse que gostar. Nada ia tirar o ódio que sentia por ele. Nem seu toque. Nem seu corpo.

Nada.

— Quantas bebidas você tomou? — Perguntou Walker, dando um passo mais perto. Seus olhos adquiriram um olhar mortal, um que escolhi ignorar.

Encolhi meus ombros, negando-me a responder. Não ia responder a sua pergunta e tampouco ia notar quão bem cheirava.

Merda.

— Quanto desses bebeu, Ross? — Voltou a perguntar Walker, assinalando o copo em minha mão.

— Não tenho ideia. — Disse perdendo a paciência. — Porque você se importa?

— Não me importo. Só estou curioso. — Respondeu, dando um encolher de ombros. Colocou um pé em cada lado dos meus, me prendendo entre as suas pernas.

Levantei uma sobrancelha. De verdade acreditava que poderia me intimidar? Tá bom. Só porque minhas palmas estavam começando a suar e meu coração começando a ganhar velocidade, não significava nada. De fato, seu cheiro e o calor que irradiava do seu corpo só faziam que sua proximidade fosse pior.

Levantei meu corpo do balcão e me endireitei, reta para enfrentá-lo.

— E você? — Perguntei. — Pensei que estava bebendo. Onde está sua garrafa? Você sabe, sua outra metade?

Apertou a mandíbula, me fazendo saber que tinha acertado um golpe.

— Eu tive algumas. — Admitiu, sua voz tão baixa que enviou arrepios através de mim. — Mas talvez tenha uma razão para beber.

Revirei os olhos.

— É um bêbado, Walker, igual a nossos pais. — Disse, empurrando-o a uma distância segura com um dedo. — Não precisa de uma razão para beber. Só tem que estar acordado.

Seus olhos se escureceram.

— Realmente está bêbada, Sam. — Disse, aproximando-se mais, apesar do meu dedo em seu peito. — Porque se não fosse assim, essa teria sido uma coisa muito, muito estúpida para dizer.

Fúria emanou dele como o cheiro de uísque em seu fôlego. Não tinha medo. Estava intrigada por quanto tempo mais poderia pressioná-lo.

— Sinto muito. — Falei, soando genuína, quase me lamentando. Mas logo o canto da minha boca se elevou em um sorriso sarcástico. — Sinto tanto.

Seu nariz se alargou e vi fogo em seus olhos.

— Não, não sente. — Disse, colocando suas mãos sobre o balcão atrás de mim. Meu sorriso vacilou e prendi minha respiração enquanto me encurralava, me pressionando de volta.

— Admita Sam, somos só nós dois. Vamos ser abertos neste momento. Você me odeia. — Disse Walker, olhando para baixo, para o meu corpo, logo depois de volta para cima.

Engoli saliva, me afogando pela sensação de tê-lo tão perto. Suas coxas se esfregavam contra as minhas e seus olhos se dirigiram para baixo de novo, tomando seu tempo, desfrutando da vista.

— Fale. — Exigiu de novo.

— Odeio você. — Sussurrei com minha voz tremendo.

— Agora que tiramos isso do caminho... — Seus lábios caíram nos meus.

Ofeguei, tudo em mim voltando para a vida. O beijo foi suave, não como o que esperava de um bastardo de coração frio como Walker. Ele me provou, levando seu tempo. Deixando que me acostumasse à sensação dele contra mim. Sua ternura me deixou enjoada e confusa. Ia contra tudo o que ele era e o que representava.

Mas foi só o começo.

Deu um passo mais perto e eu quis me encolher. Seu corpo roçou o meu, enviando uma faísca de eletricidade através de mim. Ainda estava chocada quando ele agarrou a parte detrás da minha cabeça, me capturando. Pondo fim a todos os pensamentos de fuga. Sua outra mão foi para o meu quadril, me segurando lá. Agora eu estava a sua mercê e ele sabia disso. Foi aí que as coisas mudaram.

Ele tomou o controle do beijo, exigindo mais. Havia uma dura necessidade por trás de seus lábios e ele ia roubá-la de mim como o criminoso que era.

Um gemido me escapou quando forçou meus lábios a abrir-se, me mostrando o que queria. Suas mãos me mantiveram presa enquanto o fazia.

Não lutei porque não podia. Não estava em meu juízo perfeito. Estava muito ocupada desfrutando das coisas que este homem, o pesadelo da minha existência, estava me fazendo.

Meu corpo vibrava e o sangue corria por minhas veias, esquentando-se a níveis perigosos. Não queria Walker perto de mim, mas não conseguia pará-lo. Minhas mãos pendiam sem forças em meus quadris, inúteis. Mas ansiava tocá-lo, sentir o homem que eu detestava e estava realmente a centímetros de mim, me beijando.

Estendi a mão, vacilante a princípio. Meus dedos tocaram sua camisa e viajaram para cima. Quando agarrei um punhado da mesma, sua boca se tornou mais frenética, mais exigente e urgente.

Não resisti quando finalmente colou seu corpo contra o meu. Suas mãos embalando meu rosto, me mantendo bloqueada no lugar. Deslizou sua língua em minha boca, sua invasão úmida e cálida dentro de mim. Ofeguei e agarrei a frente da sua camisa, chegando mais perto. Ele caiu contra

mim, me pressionando dolorosamente de novo contra o balcão. Mas tudo bem. Enquanto não deixasse de me beijar, tudo estava bem.

Seu beijo se aprofundou, mergulhando sua língua em minha boca outra vez enquanto o seu pau duro, pressionava contra mim. Ele deslizou os dedos por meu cabelo com força e separou mais meus pés. Cedi, necessitando dele mais perto. Com um passo estava entre as minhas pernas, apoiando-se contra mim.

Aí.

De repente alguém assobiou perto. Foi como se jogassem um balde de água fria. Meu corpo ficou rígido, minha mente acordou. De repente estava ciente das pessoas que nos rodeavam, rindo, falando, e tendo um bom tempo. E aqui estávamos nós, nos comportando como adolescentes com tesão. Duas pessoas que nem sequer se gostavam.

Walker se separou primeiro, rompendo o beijo. Eu ainda estava em uma espiral para baixo, voltando para a cruel realidade.

Ele me olhou, seu olhar era intenso. Sua boca dura. Minha garganta seca. Molhei meu lábio inferior, minha língua tocando meu anel labial.

Walker observou tudo, seus olhos queimando. Sem aviso, sua mão se adiantou, agarrando meu braço.

— Seria muito inteligente que se afastasse agora, Sam. — Ele disse. Fiquei rígida, em choque.

— Você primeiro, idiota. — Falei, desafiando-o. Tratando de esconder minha própria raiva e confusão.

Um sorriso sinistro apareceu no rosto de Walker, fogo em seus olhos.

— Não, não acredito que o faça. Mas vou te provar novamente enquanto está aqui.

Sua boca desceu sobre a minha de novo, dura e áspera. Não havia paciência, suavidade ou gentileza. Era somente ele tomando e eu dando.

Gemi, deixando que sua língua empurrasse além dos meus lábios, deslizando contra o aro no meu lábio. Agarrou meus quadris e me puxou para ele, tirando o ar para fora de mim. Seu pênis duro empurrando contra mim me necessitando, me desejando. Querendo estar dentro de mim. Tornou-se frenético, passando suas mãos pelo meu peito, sentindo as curvas do meu corpo. Em segundos suas mãos estavam emaranhadas em meu cabelo e empurrando minha cabeça para trás. Afastando seus lábios dos meus, olhou-me, com seu aperto em meu cabelo, seu corpo contra o meu. Inclinou-se, seus lábios apenas a centímetros dos meus.

— Queria provar você, mas isso é tudo. Jamais vai acontecer algo mais. — Sussurrou. Baixou a cabeça outra vez, seus lábios tocando os meus. — Nunca.

Abruptamente, soltou-me como se o queimasse. Como se me tocar lhe fizesse mal. Suas mãos deixaram meu cabelo, fazendo-me sentir perdida e incompleta. Puxei uma respiração rápida, vendo um sorrisinho malicioso que se levantava em seus lábios e seus olhos adquiriram um brilho arrogante. Passou de maliciosamente sedutor a francamente perigoso em questão de segundos.

— Realmente te odeio. — Sussurrei, me dando conta de que tudo tinha sido um jogo. Uma maneira de conseguir entrar em minha pele.

O sorriso de Walker se alargou.

— O sentimento é mútuo, querida. — Sem outro olhar, afastou-se rapidamente, me deixando, andando presunçosamente foi embora.

Fiquei apoiada no balcão, a borda de pedra cortando contra mim.

O que acabou de acontecer?

Meu rosto estava superaquecido. Meu coração pulsava fora de controle. O sangue rugia em meus ouvidos. Pisquei em confusão, com uma sensação de mal-estar. Merda. Caralho. O que tinha feito? Olhei ao redor da cozinha, de repente me

sentindo muito autoconsciente. Ainda estava cheia e barulhenta, com pessoas tentando conversar sobre os graves sons da música. Uns pares de meninos me sorriram com conhecimento de causa. Estava envergonhada. O rubor que desceu sobre o meu corpo explodiu. Raiva furiosa tomou seu lugar.

Vou matar Walker.

Afastei-me do balcão. Tinha que sair dali. Pessoas bloquearam meu caminho, mas não me importei. Caminhei através deles.

— Hey, vou tomar seu lugar. — Riu um cara, quando passei por ele.

— Cai fora, idiota. — Falei.

Ele riu e tomou um gole de sua cerveja, voltando para seus amigos.

Corri pela sala, cheia de raiva. Quem pensava que era Walker, me beijando dessa maneira? E por que eu tinha deixado? Meu rosto ficou quente, lembrando-me de seu pau duro pressionado contra mim. Ele poderia ter-me no quarto, nua e disposta, em questão de segundos. O pensamento só me deixou com mais raiva. Neguei com a cabeça em desgosto. No que tinha me transformado?

Apressei-me através da sala de estar, meus olhos procurando, olhando por cima de todos. Onde estava Walker?

Não, espera. Onde estava Lukas? É quem eu deveria estar procurando. Tinha que sair antes de desabar em frente a estas pessoas.

Não sou como minha mãe. Não sou como minha mãe. As palavras se repetiam em minha mente, me recordando que beijar Walker não me fazia uma puta. Mas apesar de repetir o mantra uma e outra vez, enchi-me de pânico. Fui pelo corredor, agora correndo. Não dei importância à multidão e aos casais dispersos aqui e ali, se beijando e esfregando as mãos entre si. Vê-los só me deixou mais furiosa.

No final do comprido corredor, girei, procurando freneticamente. Onde está? O pânico em mim cresceu até que escutei uma voz familiar, vindo de uns dos quartos abaixo. Disparei através do corredor enquanto duas pessoas saíam de um quarto escuro. Uma menina alta saiu primeiro, rindo e bêbada, mas era o homem atrás dela quem queria ver.

— Onde está Lukas? — Perguntei, dando um passo diante de Kace antes que pudesse chegar muito longe.

Baixou o olhar para mim, surpreso. Um segundo depois se recuperou e voltou sua atenção à loira.

— Vou vê-la mais tarde. — Disse, com um sorriso sexy em seu rosto. — Prometo.

Revirei os olhos. Homens! Odiava a todos e a cada um deles.

— O que posso fazer por você, Samantha? — Perguntou Kace, cruzando os braços sobre seu peito e olhando para mim com interesse.

Percebi a mudança em suas palavras e quis estrangulá-lo. Admito, Kace era maravilhoso. Qualquer garota com um coração podia ver isso. Seus olhos eram de uma cor água claro que podiam te sacudir até a medula. Tinha um sorriso assassino, um que poderia contorcer uma mulher de desejo, e sua voz soava como sexo. Mas eu era imune a ele. Pelo menos neste segundo.

— Lukas. Onde está o Lukas? — Perguntei, apertando os dentes para não gritar em frustração.

— OH. — Kace encolheu os ombros, aborrecido agora. — Desmaiou na sala de jogos faz uma hora. Acredito que bebeu um pouco...

Não esperei que terminasse. Voltei e corri pelo corredor. Tomou uns poucos minutos, mas encontrei a sala de jogos perto da parte traseira da casa. Lukas estava desacordado em um canto enquanto alguns meninos jogavam bilhar a poucos metros de distância.

Corri para ele, sacudindo seu ombro bruscamente.

— Lukas, acorda. Vamos para casa.

Ele grunhiu e bateu na minha mão, dizendo algo ininteligível.

— Lukas, acorda. — Falei de novo, sacudindo-o.

Abriu os olhos. Quando me viu um sorriso tolo se estendeu por seu rosto.

— Sam, eu te perdi. Onde esteve?

— Não importa. — Falei, resistindo a vontade de tampar o meu nariz pelo cheiro de tequila em seu hálito. Em seu lugar, coloquei uma mão sob seu braço e o ajudei a levantar-se.

— Deus, você é linda. Sabe disso? — Perguntou, arrastando as palavras enquanto se levantava.

Não respondi. Em vez disso coloquei meu braço ao redor da sua cintura, mantendo-o estável.

— Ajude-me, Lukas. — Falei, tentando não cair sob seu peso. Usando todas as minhas forças, comecei a caminhar para a porta, arrastando Lukas comigo.

Manobramos através da multidão em um passo inseguro, Lukas tropeçando um par de vezes. Na porta da frente, tropeçou e quase caiu, mas o peguei quase caindo eu mesma.

Lukas aproveitou para me puxar mais perto, sua mão em minha cintura. Baixando a cabeça, colocou sua boca junto ao meu ouvido.

— Eu gosto de você muito... Assim, melhor que esse filho da puta do Walker se afaste de você.

Apertei os dentes. Apenas escutar o nome de Walker tinha um efeito em mim. Meu coração acelerou e meu corpo ganhou vida. Queria-o junto a mim, me beijando e me tocando de novo. Jurei nunca deixar que nenhum homem tivesse tanto controle sobre meu corpo, mas tinha medo de que Walker o fizesse. A ideia me aterrorizava. Mas também queria sentir a sensação do seu toque de novo.

14

Walker

Merda, O que estou fazendo?

Tinha a mão no cabelo da minha inimiga, provando a sua boca como se não houvesse amanhã. Meu pênis estava duro e pressionando contra ela, pedindo o que queria. Parecia pecado beijá-la. Era mais excitante que a adrenalina que obtinha do álcool. Mais louco que a emoção que tenho nas corridas. Eu me senti fora de controle, desesperado para tê-la. Disposto a fazer qualquer coisa para consegui-la. Isso me assustou como a merda, assim a deixei.

Quase me matou deixá-la ir. Como se fosse um vício, a abstinência era pura. Sacudiu-me até a espinha. Quase me trouxe de joelhos. Mas com palavras e um sorriso destinado a

machucá-la, fiz tudo para parecer inteligente e sair da cozinha, longe dela.

Meu andar foi descontraído e sem pressa. Não me virei e não me deixei olhar para trás. Sabia que ela estaria louca e furiosa, e assim é exatamente como a queria. Era o único modo que conhecia para me distanciar. Alimentar o ódio, afogar o desejo. Não havia outra opção.

Recordei-me que era o típico jogador. Devia-me essa parte esta noite. Tinha tirado um pouco do seu orgulho e o jogado no chão. Tirei sua arrogância, embora só fosse um pedaço. Era um jogo depois de tudo. Havíamos estado jogando durante anos. Esta noite tinha feito sozinho o que tinha me proposto a fazer, colocar Sam em seu lugar. Baixá-la um nível ou dois. A vingança era uma puta e tudo isso. Mas estava destinado a sentir-se bem.

Minha mente gritou que voltasse. Que retornasse a ela. Meu corpo me implorou para voltar. Mas não podia. Não podia estar com ela. Não podia tocá-la e esperar algo mais. Eu era quem era, um bêbado com um registro criminal e um passado arruinado.

Ela era quem era, a bonita, inteligente e atrevida Sam. Uma parte do meu passado. Outra pessoa que sabia o quão ruim eu era e poderia ser. Não erámos bons juntos e não erámos bons separados. Dois enganos não faziam um acerto,

e ambos fomos dois enganos para o outro. Nunca haveria um acerto.

Agarrei uma garrafa de Tequila e um copo em minha saída da cozinha quando me afastei de Sam. Havia só uma maneira de esquecer que a tinha beijado e era embebedar-me.

Na sala a música bateu contra meus tímpanos. O cheiro de vômito, sexo e álcool flutuava no ambiente. As pessoas dançavam e apalpavam uns aos outros, fora de suas mentes por qualquer que fora seu veneno. Apoiei-me contra uma fria chaminé e abri a tequila. Salpicando o líquido claro no copo, senti minha boca encher de água e meu fígado levantar-se e tomar nota.

Isto era o que precisava. Um gole para relaxar. Para que me ajudasse a esquecer o quão imbecil eu era. Precisava quase tanto como precisava dela. Joguei a bebida para trás, sentindo a queimadura do álcool deslizar para baixo na minha garganta. Só levou um segundo para que a dormência familiar deslizasse através dos meus nervos. Tomei outro gole e sorri com satisfação.

O segundo gole desceu suave como a seda. Era surpreendente quão bom podia ser a tequila quando queria afogar seus problemas. Agora, precisava de algo mais.

Olhei ao redor da sala, procurando por Leah. Precisava de alguém quente e disposta. Ela era justo o que necessitava para esquecer Sam.

Agarrando a garrafa e o copo, separei-me da chaminé e me dirigi para as escadas. A música se envolvia ao redor de mim, fazendo-me sentir bem. O sabor do álcool me acalmou, enjaulando o animal em mim. Movendo a cabeça ao ritmo da música, desenrosquei a garrafa de tequila. Que se foda o copo. Tomei um grande gole da mesma, meu olhar focado para frente.

Foi quando os vi.

Lukas e Sam.

Estavam parados junto às portas da frente. O braço de Lukas estava ao redor da cintura de Sam e ele estava inclinado para ela, instável em seus pés. Ela se enrolou mais perto dele, parecendo acolhedora ao seu lado. Apertei meu punho quando agarrou um punhado da sua camisa, aproximando-se mais do seu corpo.

Vê-los juntos era como uma faca em meu coração. Não esperava sentir ciúmes, mas senti. Montões deles. Não sabia o que esperava que Sam fizesse quando me afastei, mas abraçar Lukas que não era.

O copo escorregou da minha mão, caindo no carpete, sem fazer ruído. Meus dedos se fecharam em punhos, querendo uma vítima. A besta em meu interior bocejou e se esticou, despertando. Cobrando vida.

Fiquei quieto, observando como Lukas deixou cair sua mão, deixando-a permanecer no quadril de Sam. Ciúmes apareceram com sua horrível cabeça, crescendo e transformando-se em um monstro gigantesco. Queria chutar a bunda de Lukas por tocá-la. Queria agarrar Sam e arrastá-la para um quarto, retomar o que havíamos tido há pouco. Isso me irritou. Não tinha direito de me sentir assim. Desejá-la. Absolutamente. Assim, por que caralho o fazia?

Passei uma mão pela boca, sentindo a aspereza da minha barba por fazer. Mantive os olhos fixos na porta muito depois que Sam e Lukas se foram, lutando contra o impulso de sair atrás deles.

Ainda estava olhando a porta quando um homem trombou em mim. Sem dúvida a festa estava cheia, mas estava furioso. O idiota não deveria me deixar doido. Virei-me, um grunhido saiu de meus lábios, procurando uma saída para a raiva. O cara se encolheu para longe, me olhando com medo pelo canto do olho.

O animal selvagem em mim estava fora. Queria sangue. Queria ação. Queria a alguém debaixo de mim.

Vi Leah caminhar por toda a sala, falando com uma ruiva. Com rápidas passadas, andei por entre a multidão, meus olhos fixos nela.

Leah não era o que eu queria, mas provavelmente poderia fazer esquecer Sam. Possivelmente poderia me ajudar a

lembrar-me que não era suficientemente bom para uma garota com cabelos pretos e lábios como os de um anjo.

Agarrei Leah e a puxei para a mim, cobrindo sua boca com a minha, querendo sentir algo por ela.

Mas não o fiz.

Tudo o que conseguia pensar era Sam.

15

Sam

Chamei um táxi para que levasse Lukas e a mim para casa. Quando chegamos, estava chovendo muito. Tinha-me acalmado, já não estava pensando em torcer o pescoço de Walker, mas ainda estava nervosa.

O motorista deixou Lukas primeiro. Não queria vê-lo adorar os deuses da privada toda a noite, assim que entrei no seu quarto sem que seus pais escutassem, voltei para o táxi.

Pouco tempo depois, paguei-lhe e desci em frente da minha casa, alegre por sentir a suave e fresca chuva em meu rosto.

Andei através do pátio ensopado, o chão encharcado debaixo dos meus sapatos. A luz em cima da porta principal

não estava funcionando, mas ainda podia ver graças a uma luz que piscava duas casas abaixo. Em alguma parte, um cão latiu e outro respondeu. Escutei uma tela de porta ser golpeada, e depois, gritos abafados dos vizinhos que haviam sido visitados muitas vezes pela polícia, por abuso doméstico.

Procurando em minha pequena bolsa, encontrei minha chave e a coloquei na fechadura. Movi-a algumas vezes para abri-la, sabia que era inútil para proteger a casa. Na terceira tentativa a porta abriu com um estrondo.

A escuridão me cumprimentou logo que passei pela entrada. O cheiro de mofo e cigarro me deram as boas-vindas com uma quente saudação. Deixei minha bolsa sobre o sofá quando entrei, sem me preocupar em ligar a luz enquanto me dirigia para o outro lado da sala de estar.

Estava quase na cozinha quando escutei um gemido seguido por um soluço. Congelei, olhando ao redor. Era incapaz de ver algo na escuridão, só a sombra do velho sofá e uma poltrona gasta próxima. Mas logo escutei de novo. Um gemido, como se alguém estivesse sofrendo.

Corri. Minhas botas batendo no magro tapete do corredor, enviando ecos por toda a casa. Segui o som do choro, o sangue correndo por meus ouvidos. Na entrada da porta da mamãe, parei em seco.

— Mamãe? — Perguntei com voz vacilante, tentando ver na escuridão.

Quando meus olhos se ajustaram, encontrei-a. Estava inclinada em um lado da cama, sua cabeça pendurada, uma mão pálida quase tocando o chão. O cheiro me acertou antes que pudesse me preparar. Cheirava a vômito, álcool, perfume barato, e suor, tudo misturado.

— Mamãe! — Gritei, entrando a toda velocidade no quarto. Meus dedos se moveram para encontrar o pequeno abajur de mesa. A luz iluminou o quarto. A cena que me recebeu fez-me fazer uma careta.

Vômito cobria o lado da cama e o chão. Uma garrafa de vodca caída sobre a cama, encharcando os lençóis descoloridos e a colcha com um cheiro áspero. Era horrível.

Afastei para trás uma mecha de seu cabelo emaranhado e molhado. A palidez de seu rosto me chocou. Parecia morta, como um cadáver que uma vez tinha visto na vala da rua, uma triste vítima da guerra entre gangues.

Coloquei meus dedos no pulso de seu pescoço úmido e pegajoso, esperando sentir um batimento do seu coração. Pulsando. Pulsando. Pulsando. Estava ali, mas era fraco.

— Mamãe? O que aconteceu? — Perguntei, olhando seu corpo em busca de machucados.

Seus olhos se abriram ao som da minha voz. Olhou-me com os olhos injetados de sangue, seus lábios secos com a sombra de um sorriso.

— Olá, pequena.

A dor atingiu meu coração quando ouvi o tom drogado em sua voz. Com um forte suspiro, coloquei uma mão em seu ombro e a recostei de novo na cama.

— Mamãe, o que tomou? — Perguntei, vendo como seus olhos se fecharam e então se abriram de novo.

Não respondeu. Em vez disso uma linha de baba desceu pelo seu queixo no canto da sua boca. Tentou dizer algo, mas só um ruído surdo saiu de suas cordas vocais.

O medo tomou conta de mim. Esta não era uma sessão de drogas habitual. Algo estava errado.

— Mamãe? — Disse. Sacudindo seu ombro, afastando o pânico.

Murmurou algo, e começou a engasgar, asfixiando-se com seu próprio vômito. Saltei da cama e tomei um balde de lixo próximo, cheio de bitucas de cigarro e faturas vencidas. Consegui colocá-lo tempo suficiente para que vomitasse dentro. Lutei contra a vontade de vomitar quando o cheiro me atingiu.

Quando terminou, voltou para a cama, dormindo quase em seguida. Sentei no colchão, percorrendo com os olhos seu quarto, procurando pistas do que poderia fazer. Levantando, aproximei-me de sua cômoda e comecei a procurar pelos conteúdos na parte superior. Escova. Perfume. Camisinhas.

Um pedaço de papel com o número de uma pessoa nele. Movi tudo, procurando. Tinha visto minha mãe com ressaca, terrivelmente doente que não poderia funcionar por dias, mas algo me dizia que isto era diferente. Precisava averiguar o que tinha tomado.

Abri a gaveta superior de sua cômoda e comecei a examiná-la cuidadosamente, deixando de lado a roupa interior e os sutiãs descoloridos. Sem encontrar nada, comecei a procurar no resto da cômoda.

Estava passando pela terceira gaveta quando começou a queixar-se de novo. Virando-me, a vi arrastando-se até o lado oposto da cama, empurrando-se, usando os lençóis como suporte. Logo que alcançou a borda da cama, inclinou-se e vomitou outra vez, salpicando o chão desta vez.

Foi então quando decidi que precisávamos de ajuda. Tirei o telefone do meu bolso e comecei a discar 911.

— Não. — Falou mamãe da cama, me olhando fixamente através de suas pálpebras meio abertas enquanto passava uma mão tremendo sobre sua boca.

— Precisa de ajuda. — Falei, mantendo a preocupação em minha voz.

— Não se atreva a chamar ninguém. — Disse-me com mais força. Suspirei e deixei cair à mão, ainda segurando fortemente o telefone.

— Mamãe, o que tomou?

Pressionou seus lábios secos juntos, e tentou abrir os olhos, mas imediatamente os fechou de novo.

— Responda mamãe. O que tomou? — Perguntei, levantando a voz. Forçou seus olhos a abrir-se.

— Não importa Samantha. — Murmurou roucamente, esforçando-se para dizer as palavras. — Nunca importou.

Lágrimas brotaram dos meus olhos mas as limpei furiosa comigo mesma por me preocupar. Zangada com ela por fazer isto a nós duas. Estava sempre recolhendo o que deixava para trás. Camisinhas, garrafas vazias de álcool, agulhas utilizadas. Não me importava, recolhia-as. Estava cansada de cuidar dela e cansada de me preocupar, de sentir vergonha por suas atividades. Mas sabia que nada mudaria. Ela sozinha encontraria outra maneira de prejudicar-se.

— Mamãe, é importante. Tenho que saber. Quantos comprimidos tomou? — Perguntei minha voz tremendo. — Ou foi algo mais desta vez? Outra droga?

Sorriu fracamente.

— Minha preciosa pequena. Sempre foi tão perfeita. Parece tanto com ele. Parece com seu pai. — Sussurrou com sua voz rouca de todos os Pall Malls que tinha fumado durante sua vida.

— Mamãe? — Disse, tomando uma respiração profunda. — Mamãe me escute...

Seus olhos estavam vazios, parecia não reconhecer a realidade. Agitou sua frágil mão no ar, como se estivesse espantando borboletas.

— Linda, tão linda. Mas lhe disse que seria... — Falou.

Meu peito se apertou enquanto ela continuava espantando os insetos imaginários. Minha mãe nunca tinha me chamado de preciosa ou linda. Nunca havia dito nada agradável sobre mim. Em vez disso fui ignorada e deixada de lado, os homens ou as drogas tomando meu lugar.

Agarrei uma manta e a envolvi ao seu redor enrolando-a em uma bola, tentando escapar dos violentos tremores que sacudiam seu corpo. O pânico se apoderou de mim ao vê-la desta maneira. Não sabia o que fazer ou como ajudar. Estava aterrorizada.

Comecei a discar 911 de novo. Mas sua voz me deteve.

— Não te atreva a chamar a polícia, senhorita. — Disse através dos dentes apertados pelo tremor. — Direi que eram suas as drogas se o fizer.

Levantei o olhar surpreendida, meus olhos aumentando. Estava me olhando fixamente com ódio. Seu corpo tremendo mas seus olhos frios.

— Mamãe, precisa de um médico. — Tentei argumentar com ela, sem deixá-la ver o quanto suas palavras me machucaram. — Eu acho que você está tendo uma overdose.

— Não, só tomei uma coisa ruim. — Disse revirando os olhos. — Estarei bem amanhã.

Dei um passo para a cama, determinada a ser o adulto nesta situação.

— Onde as conseguiu? — Perguntei. — As drogas.

— Mick. — Sussurrou no meio de um acesso de tosse.

Meu sangue gelou. Pam Man.

— Quando começou a ver Mick de novo? — Perguntei, o terror me enchendo.

— Não sei. Faz umas semanas.

— O que ele te deu? — Perguntei, o medo tornando impossível pensar com clareza. Pam Man tinha feito muito mal para minha mãe no passado, comprando-a com drogas e álcool. Não estaria surpresa se lhe desse algo letal. Simplesmente porque podia. Ele era mau assim.

Estendi a mão e dei a seu ombro um firme empurrão, me encolhendo quando toquei seu pijama manchado de suor e vômito.

— Mamãe, me diga.

Seus olhos se abriram de novo. Em vez de responder, atirou-se ao lado da cama e vomitou, desta vez fazendo sons que duplicaram meu terror.

Foi então que notei os lençóis desarrumados, sinais indicadores de sexo. Uma camisinha usada estava no chão. Respingo de sangue nos lençóis aqui e ali, prova de que o que aconteceu aqui não foi bonito.

Queria vomitar. Pam Man esteve aqui. Quase podia senti-lo e sentir sua presença.

E o imbecil tinha deixado minha mãe desta forma.

Abri minha lista de contatos e pressionei um nome. Não ia chamar 911, se o fizesse teríamos Pam Man respirando na nossa nuca já que ele era a polícia. Precisava de ajuda, mas só havia uma pessoa que eu conhecia para chamar. Meu irmão.

Após alguns toques, a chamada foi para o correio de voz. A voz de Bentley retumbou pela linha, me dizendo que deixasse um número e que retornaria a chamada.

Maldito seja!

Deixei uma mensagem breve e cortante, e pressionei "finalizar." Não havia ninguém mais a quem chamar. Talvez há alguns anos poderia ter chamado Walker, mas não agora. Não depois do que tinha acontecido na festa. Não confiava em mim ao redor dele e sem dúvida não confiava nele. De todos os modos, provavelmente não responderia minha chamada.

Tomei uma respiração profunda e fiz o que não queria fazer, comecei a arrastar a minha mamãe fora da cama. Sabia por experiência, uma forma de coloca-la sóbria.

Meu nariz enrugou de nojo enquanto se apoiava em mim, o fedor saindo dela mais do que poderia suportar. Com um braço ao seu redor, tirei-a do quarto. Tivemos que parar na porta por um momento quando violentos tremores a atingiram de novo, fazendo que quase caíssemos de joelhos. Segurei-a contra a parede enquanto ela se aproximava de mim, descansando o lado de sua cabeça contra a minha.

— Sinto muito, pequena. — Murmurou, arrastando as palavras.

— Ambas o fazemos, Mamãe. — Disse, com lágrimas escorrendo dos meus olhos. Dava-me muita pena que esta vida tivesse sido nada mais que horrível para ela. Do meu papai partindo até os homens usando-a e o vício que controlava seu corpo, este mundo lhe tinha dado uma existência terrível. Mas o que ela não se deu conta era que não importava o que a vida te oferecesse, como você lida com isso é o que importava.

Quando passaram os tremores, afastei-me da parede e a levei o resto do caminho para o banheiro.

Apoiei-a de um lado com uma mão e abri a torneira com a outra. A água fria nos atingiu, fazendo que me arrepiassem os braços. Minha mãe cuspiu e se bateu, tentando afastar seu rosto do jato de água fria, mas a segurei forte, sem me importar

que deixasse uns roxos pelo braço. Só precisava que ela estivesse bem.

Depois de um minuto, acalmou-se e deslizou pela parede para sentar-se no chão, sua blusa subiu até seus quadris. Mantive-me em cima dela, respirando com dificuldade, encharcada e tremendo pela água fria. Esperando que mamãe voltasse para mim.

Grandes soluços escaparam do seu peito, soando terríveis. Lutei contra isso, mas meu coração apertou dolorosamente enquanto a observava. Estava tão lamentável. Tão perdida. Ninguém deveria ter que ver sua mãe dessa maneira.

Saí da ducha e me sentei sobre o assento do vaso fechado, vendo-a enquanto chorava. O cansaço e o desespero pegaram-me despreparada. Os soluços da minha mãe continuaram, me machucando ao escutá-los. Lembrando-me que nunca poderia permitir que isto acontecesse comigo.

É por isso que tinha que ficar longe de Walker. Ele era uma fraqueza. Uma ameaça. Alguém que poderia me fazer mal.

E ainda não estava preparada para ser arruinada.

16

Walker

Acordei suando, meu coração batendo descompassado, com força. Meus pulmões trabalhando rápido para tomar grandes fôlegos de ar. Os lençóis envoltos ao redor dos meus quadris estavam uma bagunça retorcida e eu estava agarrando um punhado deles, os nódulos de minha mão brancos pela pressão.

Soltei o lençol e passei uma mão pelo rosto, fazendo uma careta de dor quando toquei um machucado que algum filho da puta com sorte tinha me dado esta noite.

Fazia três horas, que cheguei em casa me arrastando da festa, muito bêbado e louco de raiva. Lembrava só algumas partes depois que Sam foi embora com Lukas. O suficiente para que eu desejasse não lembrar nada.

Depois que vi os dois saírem juntos, toda lógica me abandonou. Fiquei com ciúmes, e precisei de algo que apagasse Sam da minha mente. Transei com Leah no banheiro, rápido e duro, porém não permiti que ela me beijasse. Não queria sentir em meus lábios o gosto dela depois que beijei Sam. O pensamento me enojou.

Depois, procurei briga com um merda estúpido. Ele estava sozinho e eu estava nervoso, nervoso comigo mesmo, cheio de culpa por ter transado com Leah. Um de nós tinha terminado no chão sangrando e chorando como um bebê. Digamos que não fui eu.

Foi a primeira vez em meses que perdi o controle, beber me faz esquecer e deixa a parte fodida dentro de mim sair.

Agora, estou com ressaca, machucado e fui acordado por um pesadelo.

E isso foi o que me despertou. Um pesadelo com Sam.

Ela estava amarrada em meu sonho, do jeito que eu gosto de transar às vezes. Sim, eu disse que meus desejos não eram normais e falei sério.

Eu estava em cima dela, passando a mão sobre sua pele branca sem manchas, sentindo cada centímetro. Tomei meu tempo, fazendo-a tremer enquanto a tocava por toda parte. Estava quente em necessidade no momento em que subi atrás

dela, colocando meu corpo em cima do dela, e me acomodando contra o seu traseiro.

Ela gemeu enquanto eu agarrava um punhado do seu cabelo, envolvendo meus dedos ao redor das mechas pretas com força.

— Implore e talvez eu seja amável com você. — Disse entre dentes, puxando sua cabeça para lhe sussurrar no ouvido. Queria usar e abusar dela, tirar minha frustração dentro dela. Mas primeiro queria que se submetesse a mim.

Gemeu, soando como uma pequena gatinha necessitada. Bom, isso é o que queria ouvir. Mas quando vi seu rosto, soube que era eu quem estava perdido.

Estava chorando, as lágrimas corriam por suas bochechas, deixando linhas vermelhas em sua pele perfeita. Imediatamente afrouxei meu agarre em seu cabelo.

— Sam? — Disse suavemente, fiquei derrotado quando vi a dor em seu rosto. Fiquei com medo. Não queria lhe causar dor. Só queria lhe dar prazer. A culpa se infiltrou em mim, envolvendo-se ao redor do meu coração e esmagando-o.

— Ame-me, por favor, amo você. — Sussurrou, mantendo os olhos fechados, lágrimas caindo dos seus olhos. — Não nos faça isto. Por favor, não faça isto. Ame-me. Só me ame.

Senti outra pontada no coração, mas a parte fria de mim a ignorou. Não podia deixar que me afetasse. Isto é o que eu era.

— Amar-te? Assim? — Sussurrei-lhe, tocando seu ombro com meus lábios. Abri suas pernas e me empurrei contra ela, meu pau duro entre nós. Baixando a mão, segurei sua boceta. — Ou assim? — Perguntei-lhe com um gemido, me posicionando em sua abertura. Com um empurrão estava em seu interior. Céu, eu estava no céu. Estava molhada e eu estava duro. Era a perfeição.

— Sim, assim. — Sussurrou, gemendo enquanto a enchia.

Continuei a penetrar em sua boceta repetidamente, fazendo-a gritar. Empurrei de novo, mais forte desta vez, indo tão profundo como podia. Ela começou a lutar contra a corda que amarrava seus pulsos, arqueando seu traseiro para me encontrar.

Passei meus lábios por seu pescoço e disse palavras de incentivo contra sua pele enquanto tirava e empurrava meu pênis. Deslizei meus dedos por seus braços, tocando-a como se fosse frágil enquanto meu corpo batia violentamente contra o dela. Movíamo-nos juntos, seus quadris encontrando com os meus. Seus gritos só aumentavam o meu desejo. Queria ir mais devagar e sentir cada momento, cada segundo dentro dela, mas estava desesperado, desejando a liberação.

Sentindo a necessidade construindo-se, agarrei a corda ao redor de seus pulsos e puxei. O puxão violento cortou sua pele, fazendo-a gritar. Senti outra pontada de dor no coração, me dizendo para ser amável, mas ignorei. A necessidade de gozar estava invadindo, me fazendo perder a cabeça e o controle.

Agarrei os quadris de Sam, mantendo-a imóvel para poder me enterrar o mais profundo possível. Queria tudo dela, seu corpo, seu coração, sua alma. Queria passar cada momento com ela, observando-a. Viver por ela. Respirar por ela.

Tudo por ela.

O êxtase começou a construir em mim como nunca antes havia sentido. Dormir com outras mulheres não se comparava a isto. Estava me perdendo em Sam.

— Deus, Sam. — Sussurrei, movendo-me mais rápido. Coloquei minhas mãos em cada lado do seu rosto, precisando de apoio e tirando o peso de cima dela. Baixando o olhar, vi-a mover-se debaixo de mim em seu estômago, seus quadris encontrando-se com as minhas estocadas. Era tão sensual que quase gozei nesse momento. — Fala comigo. — Disse, passando uma mão por suas costas. — Diga-me o que precisa e farei.

— Diga que me ama. — Disse Sam no meio de um suspiro. — Preciso ouvir. É a única maneira de nós sermos livres.

— Livres do que? — Perguntei, me inclinando para beijar seu ombro, meu pau bombeando dentro dela.

— Disso. — Respondeu, olhando atrás de mim.

Olhei por cima do ombro, mais interessado no que estava embaixo de mim, do que com qualquer coisa que estivesse atrás. Mas isso foi até que eu o vi.

Um monstro estava parado ao pé da cama, nos olhando. Era horrendo, grotesco. Abriu sua boca e grunhiu, saliva escorrendo por ela.

— Merda! — Gritei, saindo de dentro de Sam e me movendo de cima dela. Ela me olhou por cima do ombro com bastante tranquilidade.

— É só você, Walker. Não é nada.

Olhei o monstro, vendo sua qualidade asquerosa. Não se parecia em nada comigo. Eu não tinha esse olhar, aquele que dizia que não lhe importava viver mais. E eu não tinha esse cheiro, fétido como o lixo. Como a pior coisa da raça humana.

— O que quer dizer com isso? — Perguntei, suor começando a formar em minha testa.

Sam me olhou com inocência. Seus lábios vermelhos formaram um sorriso, o piercing cortando seu lábio.

— Quer me destruir, Walker.

Sentei-me na beirada da cama, com a cabeça entre as mãos. A escuridão me rodeava. O suor no meu rosto se esfriou graças ao excesso de ar condicionado, mas o pesadelo ainda se repetia em minha cabeça.

— Merda! — Gritei, passando uma mão por meus olhos quando recordei o rosto de Sam e o monstro querendo destruí-la.

Sim, sabia que era um monstro. Haviam-me dito isso a vida toda. Eu era um filho da puta sem coração nem alma. Tinha quebrado as leis e tinha estado na prisão. Tinha bebido minha parte de álcool e até mais. Era tão feio por dentro como esse monstro em meu sonho tinha sido no exterior.

Mas esse monstro não me possuía. Brigava com ele todos os dias. A cada hora. Estava ficando louco tentando arrumar minha maldita vida. Já não roubava carros. Não tinha quebrado a lei em anos. Bebia, claro, mas isso era tudo. Matriculei-me na universidade, estudando à noite para terminar meus cursos básicos primeiro. Trabalhava quarenta horas semanais, retirando o entulho ou balançando um martelo. Não importava se estava cem graus lá fora ou abaixo de zero. Eu estava lá, trabalhado igual um burro para ganhar dinheiro e evitar aprontar novamente.

Estava tentando, porra. Mas o animal dentro de mim ainda estava ganhando.

Cruzei meu quarto com os pés descalços, vestindo só cueca e o suor que reluzia em meu corpo. Precisava de um gole. Algo úmido com a capacidade de saciar minha sede. E não estava falando de água.

Abri a porta do quarto e fui à cozinha. Não tinha que ir muito longe. Bent e eu vivíamos em um pequeno apartamento. Havia dois quartos, um banheiro e uma pequena sala de estar, sala de jantar e cozinha na mesma área. A cozinha estava separada da sala de estar por um balcão, coberto com papéis, caixa de pizza e garrafas de cerveja vazias de uma semana. O lugar era muito barato e cheirava como meias velhas, mas estava limpo e em um bairro decente.

Tinha sugerido a Bent que Sam viesse morar conosco, só para tirá-la do buraco que chamava de casa, mas Sam rapidamente disse que não. Algo sobre estar perto de sua mãe. Eu não gostava e não acreditava, mas fazer o quê. Meu pai não estava em nenhuma parte da lista das pessoas que me importavam então não entendi.

Se fosse sincero comigo mesmo (coisa que não era a metade do tempo) admitiria que desejava Sam em nosso apartamento porque queria estar perto dela. Queria vê-la dia e noite. O porquê, não sei. Provavelmente nos mataríamos em pouco tempo. Mas ainda a queria aqui, embora fosse só para me assegurar de que não havia nada entre nós, exceto ódio.

Abri um armário, agarrei um copo limpo e alcancei o Bourbon que estava perto. Derramei um pouco da bebida, tomando nota para comprar mais logo.

A visão do líquido marrom me atraiu. Descansando minhas mãos sobre o balcão, fiquei olhando, todas as razões do porque seria tão ruim beber passavam por minha mente.

Mas, merda, sabia muito bem das consequências.

Minha boca encheu de água e minhas mãos tremeram. Levantei o copo e tomei um longo gole. Pura felicidade percorreu o meu corpo. Fechei os olhos, desfrutando da sensação descendo por minha garganta.

Em segundos, acalmei-me. Minhas mãos pararam de tremer e o medo e a frustração do meu sonho passaram. Tudo o que precisava era outro gole e estaria bem. Levantei o copo de novo, meu corpo acalmando-se.

Mas Sam permaneceu em minha mente. Sacudi a cabeça com desgosto e joguei fora a bebida. De qualquer forma não precisava. Era somente um meio para um fim. Meu final. Queria-a ter de uma vez, inclusive se isso me matasse. Isso era tudo. Eu tinha que saber como ela era na cama.

Servi-me outro gole e tomei. Com o Bourbon, minha arrogância retornava igual a um velho amigo que se foi por anos.

Sam não significava nada para mim. Era apenas um mosquito irritante zumbindo ao redor, que tive que espantar um par de vezes. Isso era tudo. E daí se era bonita e cheia de vida. E o que fazer se eu poderia amá-la de um jeito retorcido, com uma classe de amor/ódio. Não precisava de amor.

E eu não precisava dela.

17

Walker

Durante a última semana, tinha usado cada desculpa possível para esquecer Sam. Bebia, trabalhava e transava, não necessariamente nessa ordem. Esta noite planejava tentar esquecê-la com a ajuda de alguma gostosa em um clube qualquer.

A música era alta. Alta pra caralho, tão alta que não conseguia nem ouvir meus pensamentos. Luzes vermelhas e azuis giravam sobre mim, destacando a quantidade de pessoas ao redor do bar. Fumaça enchia o ar, fazendo com que fosse difícil respirar e fazendo arder os meus olhos. No palco, um cara trabalhava em um sistema de som, mesclando música com um toque de sua mão e um movimento de pulso.

Mantendo as pessoas dançando e felizes com alguma merda eletrônica que estava fazendo meus dentes rangerem.

— Isto é incrível! — Gritou Mia, Segurando meu braço como se eu fosse fugir.

Isso não iria acontecer. A garota era quente. Tinha um desejo insaciável por sexo que eu tentava saciar. Sim, era um pouco pegajosa para o meu gosto, mas espere quem estava reclamando? Sem dúvida eu que não. Ela era um meio para um fim, outro objeto em minha lista para esquecer Sam, mas nada estava funcionando. Ainda não conseguia esquecê-la.

Agarrei a mão de Mia e conduzi-a pelo clube, ignorando as tatuagens e roupas escuras de muitos dos frequentadores. O lugar estava cheio de todo tipo de pessoas, desde fanáticos de música alternativa a amantes e filhinhos de papai. Todos estavam aqui, esperando conseguir um pouco de ação, um pouco de atenção.

Vivendo uma mentira.

Essas pessoas não tinham ideia do que estava acontecendo a alguns metros. Crianças que estavam vivendo sem o essencial. Pais que estavam esforçando-se para manter comida na mesa e as luzes acesas. Pessoas sendo assassinadas porque estavam em um território que não era o seu. As coisas não eram tão brilhantes e simples de onde eu venho. Mas aqui sob as luzes, rodeado por música e álcool,

essas coisas poderiam ser esquecidas. Ao menos durante um tempo.

Os dedos de Mia deslizaram para baixo e se entrelaçaram com os meus. Apertei meus dedos em torno dos seus e nos conduzi ao bar, meu lugar favorito. Lar doce lar.

Luzes azuis estavam ocultas sob o bar, iluminando os copos e garrafas. Estava lotado. Mulheres em minissaias compartilhavam espaço com homens vestidos para impressionar. Os homens e mulheres atrás do balcão iam para frente e para trás, enchendo copos de bebidas e recebendo dinheiro. Mantendo as pessoas felizes e recebendo gorjetas.

Apertei-me entre um homem grande vestido em um terno enrugado cinza e uma garota com cabelo vermelho-fogo. Mia permaneceu atrás de mim até que a multidão se afastou e depois ficou ao meu lado, balançando seu doce traseiro no ritmo da música. Observei-a durante um segundo, apreciando a vista. Não era Sam. Nem de longe. Sam tinha uma inocência ao seu redor, que eu desejava destruir. Mia perdeu a sua inocência faz muito tempo.

Sam era pequena, alcançava a metade do meu peito. Seu corpo era incrível, moldado pelo que tinha que ser o feitiço perfeito. Seu cabelo preto era sexy, mesmo quando esteve loiro.

Mia era alta, morena, e uma modelo quando não estava cursando a universidade. Era de classe alta, dirigia um Beamer que seu papai lhe tinha comprado. Tinha essa coisa pelos

carros... Quanto mais rápidos e mais caros melhor. Foi como a conheci, em uma corrida de carro ilegal. Quando descobriu que estava acostumado a correr, saltou sobre mim em segundos, não dando a mínima que acabamos fazendo sexo em um banheiro público.

Às vezes me perguntava o que ela pensaria de mim se soubesse que tinha um histórico. Se soubesse de onde venho e como seria meu futuro. Odiava pensar neste tipo de coisa, por que diria qualquer coisa a uma garota que só estava fodendo?

Além disso, nunca falava sobre isso. Não quando era jovem. Não falava sobre toda a merda que tinha roubado em nome da sobrevivência. Nem os golpes que tinha recebido ou o conhecimento de que era um pária na sociedade. Nunca conversei com ninguém. As únicas pessoas que conheciam de verdade meu passado eram Bent, Sam e meu pai. Desses três, dois deles me odiavam. Era um derrotado. As probabilidades não estavam ao meu favor, mas estava prestes a melhorar.

Encostei-me ao bar e me concentrei nas garçonetes. Havia uma loira, vindo em minha direção. Olhei pra ela. Ela sorriu para um cliente a poucos metros de distância, jogando para ele um beijo. Seus jeans apertados estavam enfeitados com diamantes falsos e sua camiseta tinha o nome do clube na frente. Um profundo V tinha sido cortado no decote, mostrando seus seios para todos. Deve ter me sentido observando, porque

olhou em minha direção, seu sorriso crescendo. Vi-a caminhar em minha direção, seus peitos saltando todo o tempo.

— O que posso te oferecer, baby? — Perguntou, levantando os lábios em um sorriso doce.

— Bentley está trabalhando hoje? — Gritei sobre a música ensurdecedora, mantive o rosto neutro, desprovido de qualquer expressão. Era o meu jeito. Não mostrar afeto. Nem preocupação. Nem medo. Era a única forma que conhecia para me proteger.

E proteger todos de mim.

— Bentley está do outro lado. — Disse a garçonete, apontando o balcão no lado oposto do clube.

Virei e olhei através da multidão para ver um bar idêntico do outro lado. Estava lotado também, com pessoas coladas, ombro a ombro. Podia ver a agitação dos garçons, tentando cumprir as ordens de bebidas.

Encontrei Bent servindo uma bebida frutada a uma loira de pernas compridas. Seu sorriso perfeito era doce, muito inocente. Era um monte de merda, mas Bentley sorria perfeitamente. Dava a impressão do vizinho ao lado, o menino dos sonhos de toda garota. Mas eu sabia que nem de longe ele era assim. O homem era uma bagunça. Tinha-o visto jogar com uma garota com tanto jeito que ela não sabia o que estava em cima ou embaixo. Quando terminou, ela não conseguiu nem

ficar com raiva, estava muito drogada com o poder que era Bentley.

Eu gostava de pensar que eu havia ensinado tudo o que ele sabia. Exceto que ele falava doce. Eu tomava o que queria.

— Vamos. — Disse a Mia enquanto me aproximava, sem me incomodar em pegar sua mão quando me aproximei.

Parou de dançar e me seguiu enquanto eu empurrava a multidão. Estava a meio caminho do bar quando o Dj fez uma mescla, acrescentando algo de profundo à música, fazendo o clube ficar fora de controle.

— Eu adoro esta música! Vou ficar e dançar! — Gritou Mia atrás de mim.

Olhei sobre o ombro enquanto ela começava a dançar, seus movimentos tão sexuais que deveriam ser proibidos. Virou e começou a esfregar-se contra uma garota com o cabelo loiro comprido. O rapaz atrás da garota recuou, desfrutando do espetáculo tanto quanto eu.

As pessoas começaram a se aproximar ao nosso redor. Ignorei-as e continuei, observando Mia e sua nova amiga. A garota agarrou Mia pelo quadril e a aproximou mais, sua mão dançando sobre a bunda de Mia. Seus olhos encontraram os meus, enviando um convite para me unir a elas. Ambas me olharam com desejo, me esperando e desfrutando uma da outra enquanto olhavam.

Uma imagem de duas garotas nuas sobre a cama, e eu entre elas me tentou. Sabia que tudo o que tinha que fazer era dizer uma palavra e a imagem se tornaria realidade. Mas algo me impediu de dizer.

A lembrança de Sam.

Assenti para Mia e continuei andando em direção ao bar. Precisava de uma bebida e conhecia a pessoa certa para se encarregar do meu problema.

Fui até o bar, ignorando a ruiva ao meu lado e o escuro olhar que seu namorado me deu. Três garçons estavam atrás do bar, correndo como galinhas com as cabeças cortadas. Bent era um deles. Observei enquanto ele dançava entorno de uma garçonete, esfregando-se contra ela o suficiente para fazê-la rir. Colocou dois Martinis em frente a um par de garotas e recebeu seu dinheiro, dando-lhes um sorriso de fazer cair calcinhas.

Uma delas, a loira gostosa, inclinou-se sobre o balcão em direção a Bent. Ele sorriu e se inclinou, ignorando os pontos úmidos no balcão e os copos vazios perto dele. A garota colocou algumas notas de dinheiro no bolso de sua camisa, fazendo-o sorrir ainda mais.

Balancei a cabeça com incredulidade e observei como Bent piscava os olhos para a garota e tirava o dinheiro da camiseta, sem incomodar-se em olhar o valor colocando-o em seu bolso.

Ainda tinha esse grande e dourado sorriso de menino no rosto, quando me viu encostando ao balcão. Observando os clientes, veio em minha direção.

— Walker — Disse, colocando um copo na minha frente e enchendo-o com tequila. Sem perguntas. Nem sequer sal ou limão para cobrir o sabor. Era nossa bebida, a que afastava a dor quando necessitávamos.

Segurei o copo e o levantei para ele em um brinde silencioso. Ele observou enquanto o tomava, fazendo uma careta de dor durante um segundo quando o álcool ardeu no seu caminho pela minha garganta.

— Vai querer outra. — Disse Bent, enchendo o copo de novo, depois colocando a garrafa próxima a mim.

Tomei a bebida e esperei sabendo que ouviria más notícias. Conhecia Bent o suficiente para reconhecer aquela expressão.

— Conte-me. — Eu disse

Colocou ambas as mãos no balcão e inclinou-se para frente, abaixando sua voz.

— Tenho um trabalho que promete. Fará um bom dinheiro e será rápido. Topa?

Bati o copo no balcão de madeira um pouco mais forte do que deveria.

— O que pensa que está fazendo, Bent? — Perguntei, olhando-o. — Sabe que não faço mais essa merda.

Deu de ombros e sorriu, o que me deixou ainda mais preocupado.

— Pensei que poderia estar interessado. Passou um tempo desde que esteve atrás de um volante. E este é rápido.

Senti um começo de interesse, mas consegui esconder.

— Não. Não vou fazer. — Falei. — E eu juro que você também não.

O sorriso caiu do rosto de Bent. Com nervosismo olhou ao redor do bar, seus dedos marcando o ritmo da música contra a madeira.

— Preciso fazer Walker. Devo o dobro do que devia antes.

— Merda, Bent. — Disse com preocupação. — O que você fez?

Bent passou uma mão pelo rosto. Vi o tremor nelas e a forma em que continuava olhando ao redor com nervosismo. Em um minuto era o homem das garotas e no seguinte era um menino que tinha roubado o pote de bolachas. Só que este pote de bolachas tinha facas e má atitude.

— Tomei uma decisão ruim, agora devo o dobro. Ou faço este trabalho ou... bom, ameaçaram-me e a qualquer pessoa ligada a mim.

— Porra! — Gritei.

Tinha advertido Bent para não brincar com essas pessoas. Eram cruéis a maior parte do tempo. Ele já não estava brincando nas ligas pequenas, este era um assunto real, merda pesada como a máfia e essas coisas.

De repente me veio um pensamento.

— Onde está a Sam? Onde ela está? — Perguntei, a preocupação engrossando a minha voz.

Bent acenou para o palco, nem um pouco preocupado com minha repentina preocupação.

— Dei um jeito de convencer o chefe, e ele permitiu que Lukas e sua banda tocassem esta noite. São os próximos. Sam está em algum lugar com ele.

Olhei na direção que indicou. Meus olhos passaram na área procurando uma garota de compridos cabelos pretos e um corpo de matar. Alguém que poderia fazer meu sangue ferver com ódio e deixar meu pau duro de desejo.

Primeiro vi Lukas. Estava colocando a bateria no palco, falando com um cara. Virou-se e olhou para baixo, um sorriso cruzando seu rosto enquanto escutava algo dito por alguém.

Segui seu olhar e foi quando a vi. Sam. Estava de pé ao lado do palco, olhando para Lukas. Seu cabelo preto estava caindo por suas costas em suaves ondas. O pálido vestido rosa que usava estava fora de lugar entre o mar de preto. Era como ver uma flor no meio de um campo de árvores mortas e ervas daninha. A ideia me deixou louco.

— Se não vai ficar aqui, fica de olho nela pra mim. Tudo bem? — Perguntou Bent, tirando minha atenção de Sam. — Tenho alguns caras a observando, mas não confio neles.

Virei enfrentando-o. Não sabia o que me deixava mais irritado, o fato de que Bent colocasse Sam em perigo ou o fato de que tivesse um punhado de bandidos observando-a. A raiva me fez rosnar.

— Caralho, não! — Espetei, lutando contra o desejo que continuava a pulsar dentro de mim. — Estou farto de você colocando a sua irmã em perigo, mas não vou ficar de olho nela!

— Entendo homem. Mas você me deve. — Disse firmemente Bent.

Bufei e tomei outro gole de tequila. Acabou a necessidade que tinha por Sam e senti o ódio borbulhando de novo na superfície, morrendo de vontade de sair e levar alguém para o cemitério.

— Esses caras não estão brincando, Walker, e eu não gosto dos homens que se ofereceram para vigiá-la. — Disse Bent, olhando o salão com inquietação. — Leve-a para casa. Mantenha-a a salvo. Só por esta noite. Vou encontrar-me com as pessoas que devo depois do meu turno. Preciso saber que Sam está com alguém de confiança. E esse sem dúvidas não é Lukas.

Neguei novamente, mas Bentley era como um cão com um osso, quando segurava não soltava mais.

— Ameaçaram-na, Walker. Não ameaçaram minha mãe. Ameaçaram Sam. Sabem onde trabalha e seus horários. Como disse, tenho alguns homens atrás dela, mas não são muito melhores do que os que eu devo. Preciso da sua ajuda, homem. Sam precisa de você. — Disse Bentley.

Virei a cabeça para olhá-la. Estava sorrindo para Lukas, parecendo tão perdidamente apaixonada que era doentio. Bufei em desgosto e olhei Bentley de novo.

— E como é que a levo ao apartamento? Não é como se gostássemos um do outro. — Disse, levantando uma sobrancelha.

Bent encolheu os ombros.

— Pensará em algo. Sempre faz. Só tente ser gentil com ela. — Deu uma risada.

— E quando foi que eu fui gentil com sua irmã? — Bent me deu um olhar sério tentando me assustar.

— De verdade, quer que ela esteja sozinha na casa com a minha mãe como proteção?

Não me incomodei em responder. Ele sabia minha resposta. Tanto quanto eu não gostava de Sam, nunca me arriscaria a deixar que algo acontecesse a ela.

— Foi o que pensei. — Disse Bent, lendo a minha mente. — Qualquer que seja o problema que Sam e você tenham, coloquem de lado por esta noite, Walker. Preciso de você, companheiro. E Sam também.

Suspirei e bati meu copo.

— Enche o copo. Vou precisar.

Concedeu meu desejo, enchendo o copo até a borda. Engoli antes de me afastar, preparado para ir atrás de Sam.

Fui de ver duas gostosas se esfregando a ter que aturar uma mulher que é uma dor no traseiro. Não sabia o que era pior, me afastar de Mia e sua nova amiga ou caminhar para a mulher que me deixava louco. A mulher que realmente queria, mas, não poderia ter.

13

Sam

Luzes brilhantes piscavam pela pista de dança, destacando a quantidade de pessoas ao meu redor. Enquanto a música se tornava cada vez mais alta, as luzes circulavam mais rápido, fazendo vertiginosos desenhos no chão de madeira. Com a velocidade de um raio, dispararam para o palco, parando sobre os membros da banda apresentando-se.

Lukas estava à frente e no centro, cantando a pleno pulmão com a multidão. Sua voz era rouca, uma dessas vozes sexys que tinha as mulheres acordadas e tomando nota. Mas não era a maneira que cantava que fazia com que a maioria das pessoas parasse e escutassem. Era a maneira que segurava o microfone, como se fosse uma amante. Suas mãos embalavam os lados e a cada poucos segundos ele envolvia

seus dedos ao redor, lentamente, e logo os abria. Era hipnótico e fascinante, vê-lo cantar alto uma canção que vinha da sua alma.

Dancei com a música, olhando Lukas da pista de dança e ignorando a multidão ao meu redor. Por um breve momento, eu estava livre de mães drogadas e vizinhos envolvidos no crime. Era livre de um homem com olhos pretos e passado escuro. Um homem que não podia suportar, mas que também não conseguia esquecer.

Lukas acabou a canção e começou outra. Limpei o suor da minha testa e puxei o vestido do meu corpo úmido, decidindo fazer uma pausa. O clube estava quente e eu estava com sede. Era hora de uma bebida.

Abri caminho através da multidão de pessoas, dirigindo-me para o bar mais próximo que sabia que Bent não estaria atendendo. Amava meu irmão, mas esta noite queria evitá-lo a todo custo. Ainda me sentia culpada por beijar seu melhor amigo e odiava guardar segredos de Bentley.

No balcão, empurrei meu caminho entre uma garota com cabelo verde e um cara usando delineador preto. Coloquei meus cotovelos no balcão e esperei pela garçonete do bar. O ar condicionado começou a soprar ar frio sobre mim, fazendo minha pele suada estremecer. Era como um paraíso no clube quente.

Meu olhar vagou sobre o cara em pé perto de mim. Sua mão estava envolta de uma taça alta, a outra dando batidas no ritmo da música sobre o balcão. Os dedos da sua mão direita estavam tatuados. Uma serpente estava envolvida ao redor de um de seus dedos, com perfeitas linhas pretas. A outra mão tinha uma rosa e um ramo espinhoso curvado ao redor da mesma, um desenho lindo. Mas foram as tatuagens em seus nódulos que captaram minha atenção. Cada nódulo tinha uma letra tatuada em sua pele. Inclinei a cabeça, tentando ler o que soletrava. M-E-R-D-A em uma mão. F-O-D-E-R na outra.

— Eu gosto das suas tatuagens. — Falei para o homem, fazendo gestos à garçonete quando olhou para mim.

O cara olhou seus dedos, logo olhou para mim.

— Meus fodidos amigos fizeram isso quando desmaiei.

— Grandes amigos. — Disse por cima da música, observando a garçonete do bar quando ela colocou um copo de água com gelo na minha frente. Sabia que eu era a irmã mais nova de Bent e que ainda era menor de idade.

— Sim, olhe o que me fizeram. — Levantou sua camiseta, me mostrando sua barriga.

Tentei segurar uma risada, colocando a mão na boca. O cara tinha um bom corpo, mas o que estava em sua pele me fazia querer morrer de rir. Ao redor da sua barriga, havia um

arco-íris e no arco-íris estava um unicórnio comendo margaridas.

— Sim. Filhos da puta. — Grunhiu, deixando cair sua camiseta e encarando o balcão novamente. Pegou sua bebida, tomando um gole.

Fiz o mesmo, olhando pra ele de lado e tomando um gole do meu próprio copo.

— Alguma vez já ouviu falar desses shows de televisão sobre tatuagens ruins? Esses onde tentam arrumar tatuagens horríveis?

Deu-me um olhar rápido, com uma careta no rosto, mas humor nos olhos.

— Está brincando comigo? Estou na lista de espera, para conseguir participar de um.

Ri e ele sorriu me mostrando uns dentes quebrados no processo.

— Meu nome é Lane. — Disse, esticando a mão para que a pegasse. Coloquei minha mão na sua.

— Sam. — Respondi, dando a sua mão uma sólida sacudida. Lane sorriu.

— É um prazer te conhecer...

— Olá, Sam.

Um calafrio percorreu minha espinha. O sorriso deslizou do meu rosto. Conhecia essa voz. Era a voz que ouvia tanto em meus pesadelos como em meus sonhos. Engoli saliva, com meus olhos ainda em Lane. Retirei minha mão da sua, de repente me sentindo fraca. Meus joelhos ficaram bambos, mas meus instintos gritaram para correr.

Voltei-me para enfrentar o meu inimigo.

Walker estava parado atrás de mim, seu corpo relaxado, uma contradição à crueldade em seus olhos. Usava jeans que provavelmente custava a metade do que Lukas pagava por um par, mas Walker o fazia brilhar como se valessem um milhão de dólares, seu corpo era perfeito. A camiseta preta que usava deveria ser considerada ilegal. Delineava seu sólido peito e braços musculosos muito bem, fazendo a minha imaginação ficar selvagem, imaginando como seria vê-lo nu.

Fiz uma careta. Estava ficando louca? Ele me toca, beija e eu me transformo em uma poça incontrolável de hormônios? Minha careta se aprofundou. Não. Só se quisesse me autodestruir deixaria isso acontecer.

— O que está fazendo aqui? — Perguntei para Walker, olhando seu corpo com desdém. Escondendo o que ele me fazia sentir.

O canto do seu lábio se contorceu para cima em um meio sorriso.

— Oi pra você também, querida.

Rangi meus dentes e olhei com desgosto enquanto ele dava um passo em minha direção. O lento e casual movimento do seu corpo era tão sexy. Simples assim, a maneira que ele caminhava fazia com que eu parasse de respirar em antecipação, querendo que me tocasse.

E isso me deixava furiosa.

Agarrei meu copo de água e tomei um grande gole, mantendo meus olhos em Walker sobre a borda. Não confiava nele e com certeza não confiava em mim ao seu redor. Tínhamos muita bagagem e odiávamos muito um ao outro para permitir que uma pequena atração física nos unisse. Isso simplesmente não ia acontecer.

— Desculpe — Walker disse para Lane, se apertando entre nós para inclinar-se contra o balcão. Mantive minhas costas contra o bar, meus olhos pra frente, Walker se esfregou contra meu quadril inocentemente. Mas sabia que não havia nada inocente nele. Cada toque, cada roçar da sua mão, tinha um propósito.

Pelo canto do meu olho o vi descansar os cotovelos na barra, casualmente, esperando que a garçonete do bar viesse atendê-lo. Voltei minha atenção à pista de dança, resistindo à urgência de levantar de repente e correr. A banda de Lukas começou a tocar outra canção, esta mais lenta que as outras.

Tentei escutar, mas foi um desperdício. Walker tinha tirado minha atenção.

— O que posso te conseguir, querido? — Ouvi a garçonete perguntar a Walker.

— Coors Light e... o que vai beber, Ross?

Sentindo seus olhos em mim, sustentei meu copo no alto, meu olhar fixo em Lukas em cima do palco.

— Água.

Senti quando ele voltou à atenção para garçonete.

— Coca-Cola light. — Disse.

Revirei meus olhos e bufei. Claro que Walker saberia qual era minha bebida favorita. Ele parecia saber de tudo.

Levei o copo de plástico com água a minha boca, mordendo a borda com nervosismo enquanto ele esperava pelas bebidas. Por que ele estava aqui, perto de mim? Havia bastante espaço no balcão. Não é como se fôssemos amigos ou algo assim.

Ouvi o som de dois copos serem colocados na parte superior do balcão de madeira atrás de mim. Walker pagou pelas bebidas, esfregando-se contra minhas costas de novo enquanto procurava em seu bolso por dinheiro e entregava-o. Meus dentes rangeram, mas tentei manter minha compostura.

Era algo quase impossível de fazer com ele estando tão perto, me tocando.

— Ross. — Disse em voz baixa e áspera, me encarando.

Inalei uma pequena respiração, surpreendida por como sua voz poderia me afetar. Sem encontrar seus olhos, tomei o copo que me oferecia, com cuidado para não deixar nossos dedos se tocarem.

Por um momento, olhamos a multidão, nenhum de nós falando, ambos bebendo. Mantive minha atenção em Lukas, mas pensando em Walker. Perguntando-me quando iria embora. Quando se afastaria sem dizer uma única palavra pra mim. Isso era o que ele fazia. Afastava-se como se ele não se importasse com nada, permanecendo frio e distante com todos.

Lane ainda estava do outro lado de Walker. Levantou uma sobrancelha como se fizesse uma pergunta. Não dei atenção e tomei um gole da Coca-Cola light, segurei um suspiro quando a bebida gelada golpeou minha garganta.

— Assim, sobre esse beijo... — Disse Walker, antes de tomar um gole de sua cerveja.

Quase me engasguei com minha bebida.

— O que é que tem? — Perguntei, pigarreado. — Para mim isso nunca aconteceu.

— Parece um bom plano pra mim. — Disse. Virei-me para encará-lo. Foi um erro. Estava a uns centímetros de distância, tão perto que poderia ver escuras bolinhas em seus olhos. Senti esse pedacinho de medo em mim, envolvendo-se ao redor do meu coração e apertando forte.

Walker tomou um longo gole da sua cerveja, seus olhos em mim. O desejo de correr não ia embora, mas permaneci quieta, querendo estar perto dele apesar do perigo que ele representava para minha sanidade.

— Então, o que está acontecendo entre você e Lukas? — Perguntou Walker, fazendo sinal para o palco com seu pescoço. — Estão em um relacionamento sério?

— Porque isso te interessa? — Disse, ignorando a maneira com que meu coração estava disparado.

Walker riu entre dentes.

— Não interessa. Só estou tentando ser gentil e iniciar uma conversa. — Franzi a testa.

— Por quê? Nós nos odiámos, lembra?

Walker deu de ombros e colocou a garrafa de cerveja no balcão atrás dele.

— Imaginei que poderíamos pelo menos, tentar ser amigos, por Bentley.

Bufei e tomei outro gole do meu refrigerante.

— Isso não vai acontecer, Walker.

Sorriu e quis matá-lo. Mas em vez disso lhe dei um dos meus sorrisos patenteados, cheio de açúcar e mel, mas destinado a ser mortal por baixo.

— Sei que não quer ser meu amigo, Walker. Só quer brincar comigo. Possivelmente me fazer pensar que está interessado. Foder um pouco a minha cabeça. É seu estilo. — Disse, olhando com desdém seu corpo de cima a baixo. — Mas você com certeza não quer ser meu amigo.

Walker ficou tenso, um tic de raiva aparecendo em seu queixo. Antes que eu pudesse reagir, sua mão disparou, agarrando o meu pescoço. Ofeguei quando seus dedos compridos envolveram ao redor da minha nuca, me puxando para ele.

— Ouça querida. — Sussurrou perto do meu ouvido. — Se estivesse interessado teria feito mais que só foder seu cérebro. Teria fodido você sem sentido. Não seria capaz de andar por dias. Mas, veja bem, ainda existe esta pequena coisa entre nós que simplesmente não vai embora. Ódio. Não pode me suportar e... bom, fico louco quando está perto. Isso precisa ficar desta maneira.

Escondi minha reação, suas palavras me deixando sem fala e incapaz de respirar. Tentei apagar a imagem dele me

fodendo até a loucura, mas jamais conseguiria deixar de imaginar.

— Qual é o seu ponto? — Perguntei sem fôlego, tentando ignorar o quão quente eu sentia sua mão em meu pescoço. Como enviava calafrios através de mim. Como seu corpo estava pressionado contra o meu.

— Meu ponto é que, eu ainda sou aquele monstro que uma vez me acusou de ser. — Disse Walker em uma profunda e sedutora voz. — Não posso me esconder dele e não posso proteger você ou ninguém mais do que vive dentro de mim. Esse monstro causou este ódio entre nós, e esse ódio te mantém longe de mim. E aí é onde preciso que esteja... Segura e longe de mim.

Não poderia me mover. Olhamo-nos um ao outro, calor em seus olhos e terror nos meus. Suas palavras... faziam o ar espesso. Mais quente. Senti-me ruborizada. Quente. Danificada pelo que estava me dizendo. Ele não queria estar perto de mim. Sabia que isso era o que ambos queríamos. Então, por que doía tanto escutá-lo?

— Bem. — Disse, me afastando para longe dele, sua mão deixou meu pescoço. — Se é assim que você quer, assim será.

Coloquei minha bebida em cima do balcão e comecei a me afastar, mas então ele agarrou meu pulso antes que pudesse chegar muito longe, me parando.

— Não terminei. — Disse, em voz baixa e grave. Segurou minha nuca com sua outra mão, seus dedos desaparecendo em meu cabelo. Ofeguei quando me puxou para ele, sua boca indo ao meu ouvido de novo. — Precisamos continuar nos odiando, Sam, mas estou seguro que não é o que quero fazer.

Não pude resistir. Tinha que perguntar.

— E o que quer fazer, Walker?

— Realmente quer saber? — Perguntou, seu polegar percorrendo a parte interna do meu pulso, seu fôlego quente em meu cabelo.

Acenei, sentindo o formigamento correr por meu braço por causa da sua carícia.

— Desejo você, Sam. Quero te possuir. Devorar você. Quero cair de joelhos na sua frente e suplicar. E quero foder você. Deus, realmente quero comer você. Mas, tenho que seguir te odiando ao invés disso.

OH. Meu Deus.

De repente, queria o mesmo.

19

Walker

Sam me olhou como se eu tivesse perdido a cabeça. E talvez tivesse.

Meu plano era simplesmente encontrar Sam, conseguir que confiasse em mim, e levá-la para fora do clube. O pensamento de que ela poderia ser machucada pelo estilo de vida de Bent me fazia gelar o sangue. Assim iria ser gentil e contar algumas doces mentiras.

Mas algo aconteceu. Ela me olhou com aqueles grandes olhos verdes e perdi todo o raciocínio. Todo controle. Cada palavra que saiu da minha boca deste ponto em diante era verdade. Sim, não era bonito, mas era verdade. Ela era muito bonita e eu era muito estúpido para manter minha boca maldita fechada.

Sam parecia chocada e porra, se eu não sentia o mesmo. Não me importava de dizer a qualquer garota que queria um pouco de boceta, mas dizer a Sam parecia loucura.

Ela abriu sua boca para dizer alguma coisa. Esperava palavras de maldição, talvez algum palavrão, e um ou dois tapas, mas ela nunca teve a oportunidade.

— Hey, Sam!

Ambos nos viramos para ver Lukas correndo para nós, um sorriso bobo em seu rosto. Parou quando viu meu braço ao redor da Sam. Não a soltei, mas ela retirou seu pulso das minhas mãos. Não protestei ou exigi que ficasse ao meu lado. Eu havia falado o que queria e não ia obrigá-la a fazer algo que não queria. A bola estava em seu lado do campo agora. Iria descobrir como ela queria jogar.

Sam deu um passo para longe, colocando uma distância apropriada e segura entre nós. Parecia culpada, mas eu me senti bem quando vi a cara de Lukas. Deixe o pequeno perdedor ver o que estava acontecendo. Eu estava no jogo agora.

— Onde estava? — Perguntou Lukas a Sam, parando em frente a ela.

Ele manteve os olhos em mim, mas perguntou diretamente para Sam, soando irritado. Queria pular na

garganta dele por falar dessa forma com ela, mas não tinha nenhum direito de me intrometer.

— Estava aqui. Por quê? — Perguntou Sam, levantando o queixo em desafio. — Não sabia que tinha que informar cada passo que dou pra você.

Essa é minha garota. Chutadora de traseiros.

Lukas estendeu a mão e segurou a dela, puxando ela para cima dele. O animal em mim rosnou, mas mantive o controle sobre ele, ignorando meu ciúme. Mas talvez devesse ensiná-lo a não machucar o que é meu.

— Você perdeu a última canção, baby. — Lukas se queixou parecendo um bobo apaixonado. — Escrevi para você.

Meus dedos se fecharam automaticamente em um punho. Ele tinha escrito uma porra de uma canção para ela? Merda. A única coisa que eu poderia fazer era lhe dar um maldito bom tempo na cama.

— Sinto muito. — Disse Sam a Lukas, seu olhar em mim. — Eu... precisava de uma pausa.

Lukas murmurou algo e me deu outro olhar de vai a merda antes de começar a andar para longe, puxando a mão de Sam para que o seguisse. Ela se virou e me olhou enquanto se afastava, ainda surpresa pelo que eu disse. Eu e você, querida, eu queria dizer.

Observei enquanto saíam, decidindo que talvez fosse uma boa ideia manter um olho em Sam de longe. Talvez fosse melhor para minha saúde mental.

Agarrei minha garrafa de cerveja e tomei um longo gole. Porra, necessitava de alguma coisa mais forte. Ver Sam afastar-se com Lukas foi uma verdadeira merda. Morri de vontade de correr atrás dela, levá-la para longe dele, encontrar um lugar privado e lhe mostrar exatamente o que queria dela.

Em vez disso chamei o garçom para outra cerveja. Se não poderia ter Sam, ao menos poderia ter meu outro vício.

À 1h da madrugada já estava na minha quarta cerveja aproximadamente. Normalmente eu gostava de bebidas mais fortes, mas estava tentando ir com calma esta noite apesar de que isso me matava.

Fiquei de pé em um lado da pista de dança, vendo como Sam dançava. Seus quadris se moviam ao ritmo saindo dos alto-falantes. Comecei a imaginar, ela empurrando-se contra mim. Seu cabelo caía em cascata por suas costas em ondas suaves, com um aspecto despenteado como se acabasse de sair da cama, depois de ser fodida.

Lukas estava ao seu lado. Suas mãos em seus quadris, mantendo-a posicionada em frente a ele. Balançando com a música, seus quadris esfregando no seu traseiro. Fogo e enxofre se acenderam em mim. O animal que havia lutado por

todo o dia querendo sair. Se alguém deveria estar esfregado seu pau no traseiro dela, deveria ser eu.

Tomei outro gole da minha cerveja, tentando me acalmar.

— Ei, irmão, Sam ainda está aqui?

Baixei minha cerveja e olhei por cima do ombro. Bent estava atrás de mim. Havia círculos sob seus olhos e parecia cansado. Sabia que ele tinha aguentado merda em dobro hoje. Tinha outro trabalho fora deste clube, trabalhava até fechar a maioria das noites, e ainda ficava até tarde para limpar. As gorjetas eram incríveis e ele conseguia muitas. Uma pena que não eram suficientes para mantê-lo fora de problemas.

— Sim. — Respondi, assinalando com minha cerveja para a pista de dança. — Estou mantendo um olho nela.

— Obrigado. Viu meus homens?

— Logo ali. — Indiquei-lhe com uma inclinação de cabeça. Dois homens grandes vigiavam Sam do lado da pista de dança, fome e luxúria em seus olhares. A raiva aumentou em mim. Podia cheirar seu interesse através do clube e isso me deixou furioso.

Bent lhes deu um rápido olhar antes de voltar a olhar para mim.

— Hey, achei que tinha um encontro.

— Ela encontrou alguém mais interessante. — Disse.

A verdade era que Mia tentou me levar para casa com ela e a loira. Por um momento, considerei-o. Duas mulheres gostosas? Conseguiria tirar Sam da minha mente e acalmar meu desejo, mas não consegui dizer que sim. Precisava cuidar deste pequeno problema.

— Sinto muito, irmão — Disse Bent. — Escuta, tenho que ir andando. Cuida da minha irmã.

Concordei com minha cabeça e vi como correu para o outro bar, ainda mais cheio que este.

Terminei minha cerveja de um só gole e virei para a pista de dança, observando a multidão como se tivesse toda a noite, levei uns minutos, mas finalmente encontrei Lukas. Estava dançando com uma moça, parecendo muito interessado em seus generosos peitos. Babaca.

Rapidamente me esqueci dele, continuei observando os dançarinos, procurando um cabelo preto e lábios vermelhos de uma mulher específica.

Não poderia encontrá-la.

Meu coração acelerou como um motor. Olhei para onde os dois valentões tinham estado, observando, mas já haviam desaparecido. Sentindo-me incomodado, empurrei para sair da pista de dança. A multidão se movia como um único ser, saltando para cima e para baixo com seja lá qual for à música

infernal que o DJ estivesse tocando. O lugar estava quente, homens e mulheres saltando ombro a ombro com a música ou o que fosse que estivesse em seu sistema.

Quase joguei no chão algumas pessoas no esforço de chegar aonde tinha visto Sam pela última vez. Meu olhar movendo-se sobre cada um, tentado distinguir uma garota da outra. Com o flash das luzes e a quantidade de pessoas, tudo estava confuso.

Empurrei um ombro fora do caminho, tentando ver ao meu redor. Ignorei seu grito de raiva e corri através da multidão, procurando por toda parte.

Quando cheguei ao último lugar onde vi Sam, parei. A tensão irradiava do meu corpo, apertei os músculos até que pensei que iria estourar. Fiquei parado, uma estátua entre uma multidão de pessoas. Estava consciente de cada pessoa ao meu redor, procurando problemas, esperando ver Sam. Onde ela estava porra? Esses caras a agarraram e a levaram para algum lugar escondido? Bent disse que não confiava neles...

Estendi a mão e agarrei com força o pescoço do Lukas enquanto ele estava dançando, e o puxei contra mim.

— Hey! — Gritou.

— Onde está a Sam? — Rugi sobre a música. Seu rosto ficou branco.

— Não sei — Disse, mal falando suas palavras. Curvei meus lábios.

— Você está drogado. — Disse-lhe com desgosto, jogando-o longe de mim. Ele quase caiu, mas conseguiu ficar de pé.

— Estou? O que você vai fazer a respeito, cadela? — Grunhiu em minha cara. Revirei meus olhos, sabendo que o menino não estava bem. As pessoas abriram um espaço, sentido a briga iminente, mas não precisava de espaço. Tudo o que precisava era um centímetro para colocar Lukas no chão.

— Onde está a Sam? — Perguntei com os dentes apertados, tentando controlar minha raiva.

— E eu falei que não sei. — Disse Lukas entre dentes, cutucando meu peito.

Queria tanto socar seu rosto, mas bater nele até virar polpa no chão não era meu propósito, encontrar Sam era.

— Temos que a encontrar logo porra. — Disse, dando um passo mais perto do Lukas e fazendo-o afastar um passo para trás.

— Não quero você perto dela. — Respondeu, me cutucando no peito com mais força, seu dedo indicador cravando em meus músculos. — E certo que ela não quer você ao seu redor, ex-presidiário perdedor.

Olhei-o, desejando poder socar a cara dele, soltar toda minha raiva neste babaca.

Não tive que esperar muito.

Ele se apressou, vindo direto na minha cara. Seu nariz e o meu tocando-se e consegui sentir o cheiro do que seja lá o que for que tivesse estado fumando.

— Vai passar o resto da sua vida desejando estar entre suas pernas, Walker, mas isso não vai acontecer. — Disse Lukas com uma expressão sarcástica. — Sou eu quem está entre as pernas dela e não você.

Sabia que ele tinha bebido e estava drogado e não deveria pegar pesado com ele, mas quando ele terminou de falar perdi a cabeça. A imagem dele ou qualquer outro homem entre as pernas da Sam fez que o frágil controle que mantinha se rompesse. Converti-me no monstro de olhos vermelhos e desalmado que odiava.

Agarrei a parte da frente da sua camiseta e o empurrei através da multidão, golpeando as pessoas fora do caminho. Não me importava. Queria lhe ensinar quem era o chefe.

Empurrei-o contra uma parede, fazendo bater seus dentes malditos. O ar saiu de seus pulmões e sua cabeça caiu para trás, acertando a parede de concreto com um ruído surdo. Não o soquei, mas isso fez meu ponto, podia lhe fazer um grande dano com um toque da minha mão.

Empurrei-o contra a parede e me aproximei do seu rosto, meu braço apertando seu pescoço.

— Vamos esclarecer algumas coisas agora, Lukas. — Disse com meus dentes apertados. — Primeiro, não fale assim sobre a Sam, ela deveria significar mais para você que um pedaço de bunda qualquer, mesmo se está drogado. Segundo, e isto é o mais importante, matarei qualquer um que tente estar entre suas pernas, incluindo você. Entendeu?

Lukas sorriu um sorriso drogado.

— E quem vai matar você, Walker? Porque todos sabem que é onde quer estar.

Suas palavras me deixaram frio porque era a verdade.

— Está me ameaçando? — Perguntei, retorcendo meu punho em sua camisa, empurrando-o com mais força contra a parede de cimento.

— Claro que sim, com certeza.

A ameaça por si só deveria ter me feito bater nele, mas não tinha tempo para entrar em uma briga baixa e suja. Haveria tempo para ela logo. Precisava encontrar Sam. Agora.

Dei ao Lukas um dos meus sorrisos mortais.

— Não tente me provocar, Lukas. Tenho um mau temperamento quando o assunto é sobre a Sam. Não me tente ou vou acabar com você.

Tirei a mão da sua camiseta enrugada e o deixei ir, lhe dando um pequeno empurrão de aviso. Virei, deixei-o encostado na parede e me afastei. Sem me preocupar se ele viria atrás de mim ou não.

— Hey!

Esperei. Maldito moleque que não sabia quando parar. Me Virei-me em sua direção. Lukas estava andando para mim, seus passos largos e com um propósito. A multidão nos deu mais espaço, olhando o espetáculo com interesse.

Os olhos frágeis de Lukas me olharam, sem medo.

— Sei que você a ama, mas todos sabem que ela está melhor comigo, por isso, vai à merda, Walker. Não tem uma chance com ela.

Suas palavras me acertaram como uma flecha pontuda, enviando dor através do meu peito. Tinha razão, mas não iria o deixar saber disso.

Dei um passo para trás, sorrindo.

— Quem disse alguma coisa sobre amor?

21

Walker

Encontrei Sam saindo do banheiro, estalando seus lábios como se acabasse de retocar o brilho labial. A visão da sua boca brilhando foi direto para o meu pênis.

Tinha acabado de ver os dois valentões colados ao seu traseiro. Estavam sondando o lugar, procurando por ela. Eles não sabiam, mas eu me movi entre a multidão para me aproximar deles, escutando-os falar sobre o que fariam a ela se estivesse sozinha antes que alguém chamado Tuan aparecesse. Quase me encarreguei deles naquele momento, mas decidi que precisava encontrar Sam ao invés disso.

Ela não me viu de pé nas sombras do corredor. Quando passou, estiquei a mão e peguei seu pulso, fazendo-a gritar de susto. Sua mão se moveu para cima automaticamente,

apontando para o meu rosto, mas peguei no ar, a centímetros da minha bochecha.

— Walker! O que está fazendo? — Perguntou, me reconhecendo.

— É hora de ir pra casa, querida. — Murmurei com os dentes apertados. Odiei o que estava a ponto de fazer, Sam me deixava louco, mas tinha prometido ao Bent que a vigiaria e queria ela longe desses caras também.

— O quê? — Disse, sem acreditar. — Não vou.

— Sim, vai.

Comecei a andar de volta para o clube, puxando Sam comigo. Seu pulso era pequeno preso em meu agarre. Queria que brigasse comigo, possivelmente me mandaria para o cemitério por tocá-la. Mas não o fez e isso me incomodou.

Estávamos a alguns metros de distância do hall de entrada, quando os dois valentões apareceram por entre a multidão, de costas para nós. Olharam da direita à esquerda, escanceando as pessoas, procurando por Sam. Meus instintos me diziam que a tirasse de vista. Tinha aprendido a confiar em meus instintos no reformatório, me movendo furtivamente para evitar brigas mais de uma vez enquanto estava atrás das grades.

Com o cenho franzido, parei Sam e olhei para o longo e escuro corredor que levava para fora do clube. Não poderíamos

sair pelas portas da frente sem que os homens nos vissem. Isso nos deixava com as portas traseiras.

— Vamos. — Disse indo nessa direção.

Seguiu-me, seu pulso ainda em minha mão. Haviam portas fechadas situadas em ambos os lados do corredor, levando a lugares onde os clientes não tinham permissão para entrar. Passamos o banheiro masculino e a Sala Verde da banda. Duas portas a mais e estaríamos na porta marcada como "Saída". Depois, estaríamos sozinhos e indo para casa juntos.

Deus me ajude!

Logo que entramos vimos que havia gente no corredor, um segurança descansando e um garçom do bar indo fumar um cigarro. O lugar estava vazio e sem música.

Com minha mão ainda no seu pulso, tirei meu telefone do bolso enquanto nos dirigíamos à saída. Queria que Brent soubesse que estávamos a caminho de casa.

— Cole. — Disse Sam, em uma voz suave, me puxando até me deter. Nunca tinha escutado ela dizer meu nome assim. Sua voz não continha ódio ou aversão. Nem desgosto nem desconfiança. Simplesmente necessidade pura.

— Sim? — Perguntei, me voltando para enfrentá-la, soando mais áspero do que pretendia.

— Você realmente foi sincero?

— O quê? — Perguntei, mantendo um olho na porta que dava para o clube. Procurando algo, para não a olhar.

— O que disse sobre sermos amigos, de verdade foi sincero? — Perguntou com uma voz rouca, dando um passo para mim. Tentei não notar, mas quando seu corpo estava tão perto do meu, não pude resistir a baixar e olhar para ela. Seus olhos me olhavam fixamente, cheios de calor, e seus lábios grossos imploravam para que os provassem novamente.

Soltei sua mão. Merda, por acaso ela sabia o que estava fazendo ao me perguntar isso? Olhando-me desse jeito? Estávamos em um corredor escuro. Com ela a centímetros de mim. Um simples empurrão e poderia colocá-la em uma sala, fechar a porta e baixar suas calcinhas.

— Sim, amigos — Murmurei meu olhar caindo para os seus lábios. — Soa bem, não?

— Não muito. — Disse, dando outro passo mais perto. — O que realmente quero saber é... Foi sincero quando disse que me desejava? Que queria me foder?

Um brilho de suor se formou sobre meu lábio superior. Quando Sam havia aprendido a falar assim? Deveria ser ilegal, ouvi-la dizer "foda-me" me tiraria completamente o controle.

Mas precisava estar sob controle. Tinha que fazer que me odiasse de novo. Da única maneira que conhecia para irritá-la.

— Quando começou a acreditar em tudo o que um cara te diz, Sam? Pensei que era mais inteligente. — Disse com um sorriso torto. — E, além disso, te foder e gostar são duas coisas diferentes.

Dor refletiu em seus olhos, mas meio segundo depois desapareceu. Olhou-me fixamente, vendo profundamente dentro de mim, onde ninguém estava permitido a olhar. Quanto mais olhava, mais meu sorriso caía. Algo não estava bem. Deveria estar brava comigo. Comecei a me afastar, mas ela me surpreendeu.

Sua mão se estendeu de repente, sua palma aberta bateu no meu peito. Com um empurrão, pressionou-me contra a parede.

— Não acredito Walker! Acredito que também deseja isto loucamente.

Agarrou um punhado da minha camiseta e me puxou para ela, levando minha boca à sua. Não resisti, maldição, teria sido um idiota ao tentar. No começo, o beijo foi rude, sua boca era frenética contra a minha, mas queria tomar meu tempo. Diminui o ritmo do beijo, forçando-a a abrir-se para mim. A me provar e experimentar. Dar-me o que eu queria e o que ela precisava.

Com a parede em minhas costas, meu corpo sustentou o seu quando se se encostou a mim. Deus, seu corpo era perfeito, apoiado contra o meu. Meu pênis estava pressionando contra o zíper do meu jeans, desejando tanto Sam que não podia pensar com clareza. Segurei seu quadril enquanto empurrava minha coxa nela. Abriu suas pernas só uma fração e meu pênis tocou seu centro, poucas camadas de roupa nos separando.

— Merda. — Murmurei contra sua boca. Não pude evitá-lo. Ela era perfeita contra mim.

Girei a maçaneta da porta fechada perto a nós. Queria Sam e queria agora.

Sem romper o beijo, nos arrastamos para dentro da sala. Era uma área de armazenamento. Caixas e gavetas estavam empilhadas umas em cima das outras, proporcionando o espaço perfeito para um pouco de privacidade. Estaríamos escondidos dos caras ou de qualquer pessoa com olhos curiosos.

A porta se fechou atrás de nós, nos mergulhando na escuridão. Empurrei Sam em uma das bancadas. Agarrou meu pescoço, como se eu pudesse tentar fugir.

Nunca, baby!

Levantei-a em cima da bancada, jamais rompendo nosso beijo. A posição a deixou justo onde precisava. Abri suas

pernas com um empurrão e me movi entre elas, minhas mãos indo para os pequenos botões na frente do seu vestido. Comecei com o primeiro, meus dedos muito grandes para os malditos botões pequenos.

Ela agarrou a fivela do meu cinto, me surpreendendo. Rezei para que o desabotoasse, mas seus dedos ficaram quietos. Não sei se estava assustada ou só nervosa, mas isso estava bem. Ambos estaríamos nus logo. Iria assegurar-me disso.

Minha boca viajou por sua garganta, lambendo sua pele e gravando o sabor em minha memória. Beijei sua clavícula, então a mordisquei, odiando ao mesmo tempo porque esta se sobressaía do seu corpo devido à fome.

Obriguei-me a afastar esse pensamento e me concentrei nos botões do seu vestido, me apressando em desabotoar. Desabotoei a metade quando não pude suportá-lo mais.

Beijei a curva superior do seu peito logo que estava exposto. Ela estava respirando forte e eu estava perdendo minha mente. Ao caralho com resto dos botões, tinha que tê-la agora.

— Sam, quero estar dentro de você. — Pedi, com minha boca movendo-se mais para baixo em seu peito. — Isso está bem pra você?

Gemeu de prazer. Tomei isso como um sim. Empurrei o vestido por cima de suas coxas, meus dedos apertando sobre sua pele. Logo seu vestido estava enrolado em seus quadris, toquei a borda da sua calcinha e soube que estava em casa. Afastei-a para o lado e deslizei um dedo debaixo da suave seda e tirei, as querendo fora. Logo!

— Que merda! Não podem estar aqui dentro!

Sam ofegou e eu congelei, com meus dedos ainda dentro da sua calcinha. Uma luz brilhou dentro da sala vindo da porta aberta, nos iluminando. A contragosto, tirei meus dedos e abaixei seu vestido, juntando os botões para cobri-la. Ela me olhou com olhos abertos, ambos cheios, tanto de desejo como de medo.

Ignorei os sentimentos correndo em mim e dei a volta, meu corpo posicionado em frente a Sam para protegê-la.

Um enorme segurança estava de pé na porta, parecendo cruel e perigoso. Não me importava. Tinha derrubado homens maiores que ele. O monstro em mim queria fazê-lo em pedaços por interromper o que seria minha viagem para o céu, mas resisti. Agarrei a mão da Sam e me encaminhei para a porta. Ela me seguiu enquanto nos apressávamos para sair da sala, nos apertando ao passar pelo segurança nervoso.

Saímos para o corredor de novo. Havia somente uma curta distância para a porta de "Saída", mas não poderia chegar ali rápido o suficiente. Sam e eu tínhamos assuntos

inacabados dos quais me encarregaria. Deixei que meus dedos tomassem sua mão. Não era do tipo que segurava uma garota pela mão, mas com Sam todas as minhas regras saíam voando pela janela. Porque agora mesmo... justo aqui... ela era minha!

Abri a porta de saída e me surpreendi ao ver uma tempestade. A chuva caía em rajadas e trovões retumbavam no céu. Fiz uma pausa na porta, com Sam em minhas costas, e olhei fixamente a chuva, tentando fazer uma estimativa de chegar ao meu automóvel sem nos ensopar.

— Walker, espera! — Disse Sam, me parando quando dava um passo adiante.

Voltei para olhá-la, o desejo ardendo em meu corpo quando seus cheios lábios imploravam por mais.

— Não posso fazer isto. — Sussurrou.

Aqui vamos nós. De volta à linha de partida. De volta para ela me odiando e eu sendo um idiota apesar do que queria.

— Não tem opção. — Disse inexpressivo. — Irá.

Queria ela sobre suas costas, estendida para mim, mas mais que nada, queria-a a salvo. Se fosse preciso colocar meus desejos em espera para conseguir isto, então eu faria.

Sam abriu a boca para discutir, mas não lhe dei chance. Corri para a chuva, minha mão segurando a sua, puxando-a comigo.

Ambos ficamos molhados em questão de segundos. Meus cabelos grudaram em minha cabeça e a minha camiseta estava pregada ao meu corpo. A úmidade contra meu peito me fazia bem. Era o mais próximo a uma ducha fria que poderia ter até chegarmos em casa.

Olhei por cima do meu ombro para Sam e quase parei. O vestido se agarrava ao seu corpo, delineando seus insolentes peitos e o espaço entre suas pernas. Sua cintura era estreita, o fino material do vestido pendurava como se sua vida estivesse em jogo. Seu cabelo preto estava molhado e sua pele pálida e sem defeitos exibia cada uma das sardas nas suas bochechas e no seu delicado nariz. Parecia uma mulher sem teto e sexy. A palavra sexy não fazia justiça. "Perfeição" não a descreveria e "bonita" não parecia apropriado tão pouco. Sam era simplesmente tudo o que era bom neste mundo.

E era outra razão para que minha alma de coração negro não devesse tocá-la.

Deixei de lado a urgência que percorria meu corpo e corri para outro lado do estacionamento, nunca largando sua mão. A chuva caía mais forte, fazendo o piso escorregadio enquanto corríamos para o meu carro.

Em minutos estávamos dentro do Duster, escapando do dilúvio. Girei a chave e olhei para Sam. Estava me olhando, com raiva substituindo a necessidade sexual que tinha estado ali antes.

— Por que está me obrigando a ir, Walker? Agora você é um sequestrador? — Gritou em uma forte e aguda voz.

— Sim — Disse, com dureza em meu tom. — Briga comigo, Sam. Adoraria te dominar até que se submeta.

Seus olhos arregalaram. Um rubor cobriu suas bochechas. Deus, eu queria ver todo seu corpo avermelhado de desejo.

Peguei no câmbio e apertei minha mandíbula, me forçando a me manter frio.

— Não importaria que eu te dominasse, querida? — Perguntei sarcasticamente, olhando-a, querendo tirá-la dessa névoa de desejo e fazer com que se irritasse comigo novamente. Possivelmente, a desejaria mais.

Sam olhou para os meus olhos, sem medo.

— Nunca me submeterei a você, Cole Walker. — Disse. — Mas pode tentar.

Maldição!

Tocá-la, beijá-la, tinha arruinado minha mente e fodido meu corpo. Mas foram suas palavras que abalaram o meu interior.

21

Sam

Mamãe uma vez me disse que às vezes o amor te faz fazer coisas estúpidas. É obvio, ela estava drogada nesse momento e seu namorado era o décimo desse mês, de maneira que o que ela sabia? Mas uma coisa era certa, fiz algo estúpido esta noite. Deixei que Walker me beijasse de novo.

Mas não foi só isso, deixei que me tocasse que colocasse seus dedos dentro de mim, mas mais importante, meu coração ficou exposto apenas uma fração de segundo, deixando entrar o homem que pensava odiar.

Essa poderia ter sido a coisa mais estúpida que tinha feito, mas mamãe estava errada, não foi o amor que me fez fazer o que fiz.

A estúpida luxúria o tinha feito.

No momento em que a mão de Walker deslizou pra debaixo do meu vestido, sabia o que queria, e era ele dentro de mim. Foi um erro e ia contra tudo em que eu acreditava, mas havia algo sobre Walker que me atraía. Talvez fossem suas palavras, confessando que me queria, ou talvez fosse a sensação que corria sobre mim quando ele estava por perto. Não sei, mas sabia que tinha dado um salto para um território desconhecido.

Walker seria a minha destruição, ele poderia me destruir com um só toque. Um olhar. Uma palavra. Ele estava muito quebrado, seu passado era muito sujo, nossa amizade muito arruinada para voltar a confiar nele. Mas aqui estava eu, sentada no seu carro e deixando que me levasse para casa.

Um formigamento me percorreu quando ele acidentalmente roçou minha perna, quando dobramos uma esquina. Seu toque fez com que meu coração desse um salto e minha testa franzisse. Odiava-o, mas gostava do seu toque. Queria estar perto dele, mas tinha que manter minha distância. Pensava que era um idiota, tolo e ele provavelmente pensava que eu era uma cadela, mas por alguma razão, queríamos um ao outro.

Não fazia sentido.

Em poucos segundos estávamos a toda velocidade pela estrada, a chuva batendo no para-brisa com mais força. Um

raio iluminou o céu e o trovão ressoou perto de nós, iluminando o interior do veículo. O rugido do motor era poderoso e forte. O som dos pneus na estrada enchia o silêncio.

Olhei para Walker. Ele estava olhando a estrada e seu corpo parecia relaxado. Tinha uma mão no volante e a outra no câmbio. O cabelo preto caía sobre a testa em fios úmidos, caindo sobre seus olhos e fazendo que gotas de água escorressem por suas têmporas. Respirei forte quando virou e me olhou, baixando os olhos para os meus lábios. Ficou me olhando durante uns poucos segundos antes de voltar sua atenção à estrada.

Coloquei meu cabelo molhado atrás da minha orelha e olhei de novo para frente, envergonhada que me pegasse o observando. Parecia que somente Walker poderia me fazer sentir coisas que nunca havia sentido antes: raiva, esperança, ódio e desejo. Sempre desejo. Estavam todos mesclados, transformando-se em uma confusão de emoções e vontades.

Movi-me, pressionando minhas pernas juntas. O tecido do assento estava quente contra minhas pernas nuas e meu vestido úmido se apegava ao meu corpo. A combinação era sensual, fazendo doer algo dentro e fora de mim.

Ele!

A necessidade era física. Algo que queria satisfazer o mais rápido possível. Era carnal e, OH! Tão errado, mas estava ali, pairando na esquina e persistindo no ar entre nós. Tinha medo

de que nunca fosse embora, talvez devêssemos cruzar essa linha e assim conseguirmos o que queremos.

Talvez fosse a hora de fazer isto para seguirmos adiante.

Estávamos quase em casa, em uma zona deserta da cidade, quando não consegui suportar mais. Tinha que dizer algo.

— Walker, o que fizemos lá... — Detive-me, minha voz tremendo. Meus nervos contraindo.

— O que tem? — Perguntou, com sua voz rouca.

— Foi um erro. — Disse em voz baixa.

— E? — Perguntou com um tom mordaz, trocando a marcha com um empurrão nervoso de sua mão.

— Eu quero mais!

Ele não disse nada. Segurei minha respiração, quase com medo por sua reação.

— Maldição! — Sussurrou, passando uma mão ao longo da sua nuca. Não sabia o que dizer, mas tinha que dizer algo.

— Escuta, acredito que temos que...

Virou o volante com um puxão rápido. O carro voou para um estacionamento vazio, cruzando a pista, os pneus guincharam em protesto pela velocidade.

— O que está fazendo? — Perguntei com surpresa, me segurando na porta.

Walker não respondeu. Só pisou no acelerador. O carro voou no estacionamento e ricocheteou em grande velocidade. Agarrei a porta e me segurei a ela quando corremos em direção à parte traseira de um edifício abandonado. Ele desviou no último minuto e o carro derrapou. Quando parou de repente estávamos escondidos atrás do edifício. Walker colocou o carro em ponto morto e desligou o motor, olhando para mim.

— Que merda, Walker? — Gritei. — Está tentando nos matar?

Seus olhos tinham desejo cru neles, então meu mundo explodiu em chamas.

— Vou me odiar pela manhã, Sam. E você me odiará ainda mais. — Disse com a voz áspera.

Comecei a lhe perguntar o que queria dizer quando ele se aproximou e me pegou, seu braço estava debaixo das minhas pernas. Gritei, sentindo sua pele nua contra minhas coxas. A sensação foi explosiva.

Com pouco esforço, Walker me sentou em seu colo, me posicionando de maneira que fiquei sentada escarranchada. Minha calcinha tocava sua virilha, era suavidade contra aspereza. Uma sensação que enviou ondas de choque em mim.

— Perdoe-me Brent, onde quer que esteja! — Sussurrou, seu olhar viajando pelo meu corpo.

Antes que eu pudesse perguntar o que ele queria dizer, ele passou os dedos por meus cabelos e com um puxão abaixou minha cabeça, sua boca indo à minha. Desta vez não havia doçura. Nem ternura. Ele tomava e eu dava.

Sua língua deslizou na minha boca, exigindo entrada. Seus dedos deixaram meu cabelo, viajando para a parte de trás do meu pescoço. Com a outra mão, agarrou meu vestido, desabotoando os botões mais rápido do que eu poderia imaginar que fosse possível. Logo meu vestido foi aberto e esquecido, deixando-o pendurado pelos meus ombros. Aprofundou o beijo, sugando minha língua na sua boca. Ao mesmo tempo, ele empurrou meu sutiã expondo meus seios. Um profundo grunhido saiu dele quando pegou um, ajustando-o na palma da sua mão.

Agarrei seus ombros e tentei não pular quando o apertou suavemente. Mas quando o polegar foi para o mamilo, fiquei sem fôlego e agarrei um punhado da sua camisa, puxando sua boca para a minha. O ritmo do polegar era rude, fazendo meu mamilo franzir e apertar ao máximo. Prossegui fazendo de novo, me deixando louca. Um gemido rompeu e escapou de mim. Precisava pará-lo, mesmo que isso me matasse.

Agarrei seu punho, respirando com dificuldade.

— Não, Walker — Sussurrei, meus lábios perto dos seus.

Ele gemeu em desaprovação, mas deixou cair a mão para a minha cintura de todo modo.

— Nunca ninguém me diz "Não", Sam. Por que deveria te escutar? — Perguntou, empurrando meu cabelo de lado para lamber e mordiscar meu pescoço.

— Porque estou com medo. — Admiti em um sussurro, fechando os olhos enquanto sua boca viajava para baixo, beijando a parte superior de cada um dos meus seios.

— Não vou te fazer mal. — Falou suas palavras ecoando contra minha pele. — A menos que você queira que eu faça.

Respirei fundo, suas palavras tinham tanto efeito em mim como sua boca. Agarrando seu pescoço, puxei sua cabeça para trás, capturando sua boca novamente. Ele gemeu quando deslizei minha língua entre seus lábios, degustando-o.

Sentindo-me poderosa, mexi meus quadris, o suficiente para deixá-lo louco. Ele agarrou minha cintura com força, tentando me manter quieta. Quando me neguei a ser parada, deixou-me ir, passando suas mãos sobre o meu peito e segurando os meus seios outra vez.

Tremi quando ele pegou meus mamilos, rodando para logo apertar eles ligeiramente. Eu me contorci em seu colo, ganhando um aviso para que ficasse parada. Quando não o fiz, agarrou minha coxa e apertou seus dedos aproximando-se da minha calcinha. Mexi entre suas pernas ficando frenética,

levando seus dedos para o elástico. Agarrei seu pulso, impedindo-o de ir mais longe.

— Eu não... Não tenho certeza. — Sussurrei em uma respiração.

— Tudo bem — Disse Walker com a voz rouca, retirando sua mão da minha calcinha. — O que você acha de ficar no controle? Faça o que quiser não vou te impedir e não me mexerei a menos que você me peça.

Peguei meu lábio entre os meus dentes, insegura.

— Eu posso te tocar?

Um som de necessidade crua escapou dele enquanto puxou minha cabeça contra a sua.

— Deus Sam, pode fazer comigo o que quiser. — Disse antes de capturar minha boca novamente.

Derreti nele enquanto passava a língua pelo meu lábio inferior. Sentindo-me corajosa, coloquei meus dedos na dureza escondida debaixo de suas calças jeans, muito perto da minha calcinha.

Walker sugou o ar e afastou seus lábios dos meus.

— Desabotoa isso — Disse, com a voz rouca e forte.

Pouco a pouco comecei a desabotoar suas calças. O volante estava esmagando as minhas costas e o câmbio estava

pressionando dolorosamente contra meu joelho, mas não importava. Queria tocá-lo.

Desci seu zíper até a metade quando parei, vacilando sobre o que eu estava a ponto de fazer. Walker empurrou meu cabelo atrás do meu ombro e se inclinou para me beijar no pescoço, mordiscando minha pele.

— Continua. — Sussurrou, enviando um formigamento ao longo da minha espinha.

Desci o restante do zíper, tomando meu tempo. Seu pênis roçou minha mão, procurando meu toque. Meus olhos se arregalaram e seus lábios encontraram os meus novamente, desta vez mais feroz. Sua língua invadiu a minha boca enquanto ele se abaixava e tirava suas calças das pernas. Quando estava baixo o suficiente, seu pau se libertou.

Agarrou minha mão e envolveu os dedos ao redor dele.

— Sonhei com isto — Gemeu enquanto eu envolvia minha mão ao redor do seu pênis. — Sua mão ao meu redor. Um fodido sonho se tornando realidade.

Era suave na minha mão, como seda cobrindo dureza. Olhei para baixo, curiosa. Entre nós estava sua virilidade, pedindo atenção. Vendo-se poderosa e pronta. Engoli saliva. Era muito grande e grosso. Não havia maneira de que...

Walker envolveu sua mão ao redor da minha e começou a movê-la para cima e para baixo.

— Faça assim pequena. — Sussurrou.

Fiz o que ele disse, lentamente no começo.

— Não pare. — Disse, seus dedos apertando minha coxa. — Nunca pare!

Não o fiz. Comecei a mover minha mão mais rápido, vendo o efeito que tinha sobre ele. Sua cabeça caiu para trás contra o encosto do banco, inalou bruscamente, os músculos do seu abdômen se contraíram. Agarrou meus quadris enquanto acelerei o ritmo, seus dedos cravando-se dolorosamente na minha carne. Haveria hematomas amanhã, mas não me importava. Seus quadris se levantaram, encontrando-se com minha mão enquanto a movia de cima para baixo.

— Deus, Sam — Sussurrou, fechando os olhos pelas sensações. Movi minha mão mais rápido, meu próprio corpo reagindo ao seu prazer.

De repente, os olhos de Walker se abriram, cheios de luxúria incontrolável.

— Alguma vez você já fez um boquete? — Perguntou, sua voz sem fôlego e seus olhos em mim.

Congelei, minha mão parou.

— Não! — Respondi, me sentindo animada e apavorada ao mesmo tempo. Walker olhou para o meu anel labial, seu olhar era ardente.

— Estive imaginando esses lábios ao redor do meu pau durante meses. Quero sentir esse anel, movendo para cima e para baixo. Sua boca úmida me chupando até me secar.

Suas palavras me deixaram em chamas enquanto seu pau pulsava na minha mão, pedindo mais atenção. Ele me olhou, esperando minha resposta. Quando não dei, me beijou desta vez com ternura. Fazendo-me querer mais.

— Não tem que fazer nada, Sam. — Disse, arrastando a boca ao longo da minha mandíbula — Morri e fui ao maldito céu só por te beijar.

Meu coração bateu com mais força.

— Diga-me o que fazer — Pedi me sentindo tonta em antecipação. — Quero te provar!

Ele gemeu.

— Tem certeza?

Assenti com a cabeça, minha mão ainda ao redor dele.

— Deite sobre o assento.

Arrastei-me para o banco do passageiro e inclinei a parte superior do meu corpo para ele, colocando as mãos em suas coxas me preparando. Meu estômago pressionou contra o câmbio, me espetando. Mudei-me até encontrar uma posição

mais confortável, então olhei para o seu pênis e congelei incerta.

Walker estendeu a mão e enfiou seus dedos em meu cabelo, agarrando a parte de atrás do meu pescoço.

— Coloque sua boca em mim. Lamba-me, me leve até o fundo da sua garganta. Não me importa. Só quero seus lábios ao redor do meu pau.

A incerteza me fez duvidar. A curiosidade me fez abaixar minha boca. Lambi meu lábio inferior lentamente antes de tocar a ponta com minha língua.

Walker inalou profundamente e seu corpo ficou tenso. Parei e olhei para ele.

— Sinto muito. — Disse sua mão agarrando meu cabelo mais forte.

— Não sinta, estou bem.

Uma explosão de poder tomou conta de mim. Baixei mais a cabeça, deslizando minha boca nele. Ele gemeu e retorceu mechas do meu cabelo em seu punho.

— Isso. Tome mais profundo.

Tomei mais dele em minha boca, resistindo à tentação de me jogar para trás quando era muito.

— Deus. — Disse entre os dentes, fechando o punho em meu cabelo.

Comecei a mover minha cabeça para cima e para baixo, imitando o que tinha feito com minha mão. Ele começou a respirar mais pesado.

— Use sua língua — Exigiu.

Afastei-me um pouco e coloquei minha língua nele, girando-a ao redor da cabeça.

— Deus, querida. — Exclamou. — Sua boca está tão maravilhosamente molhada. Quero vir dentro dela. Estou condenado, tão perto.

Ele apertou mais meu cabelo e insistiu para que o levasse mais fundo. Quando eu fiz, ele respirou mais rápido e empurrou seus quadris para cima, seu comprimento batendo no fundo da minha garganta. Fiz ânsia, mas ele segurou minha cabeça, me mantendo sobre ele. Justo quando pensava que não poderia tomar mais, abruptamente me afastou.

Meu corpo ronronou, tomado pelo fogo. Lambi o lábio inferior, amando seu sabor em minha boca. Ele olhou para mim com um desejo tão forte, tão selvagem, que queria gritar de necessidade.

— Vem aqui. — Ele disse asperamente, seus olhos escuros de desejo.

Arrastei-me de novo para o seu colo, meu corpo em chamas. Assim que estava perto o suficiente para um beijo, minha boca desceu sobre a sua. Esse beijo quem estava no comando e marcava o ritmo era eu. Segurei sua cabeça em minhas mãos, sentindo a textura áspera da sua barba sobre meus dedos. Minha língua saiu, lambendo seu lábio inferior, deixando o sabor dele em sua boca.

Ele gemeu meu nome, soando desesperado. Afastei o medo e a incerteza e tomei sua mão, colocando-a em meu seio por baixo do meu vestido aberto.

— Tem certeza? — Perguntou contra meus lábios.

Assenti com a cabeça.

Começou lento, acariciando meus peitos. Sentindo cada polegada deles. Então a lentidão se transformou em algo mais desesperado. Agarrou meu mamilo, beliscando e puxando até que me teve contorcendo em seu colo. Sua ereção se esfregava contra minha calcinha, procurando a entrada. Balancei meus quadris, a necessidade de me mover oprimindo-me.

Walker riu contra os meus lábios.

— Segure-se, querida. Chegaremos a isso, pode acreditar. Mas primeiro, meus dedos precisam tocar todo o seu corpo.

Um rubor correu por minha pele, esquentando cada centímetro de mim. Minha respiração estava entrecortada

quando empurrou minha calcinha para o lado, seus dedos cavando debaixo do material sedoso.

— Alguém te tocou aqui antes, te deixando louca? — Perguntou enquanto seu dedo deslizava sobre mim.

Dei um grito abafado e elevei mais os joelhos, sua pergunta no esquecimento. Aproveitando a posição, ele deslizou seu dedo entre minhas dobras, me acariciando.

— Responda-me, Sam. — Exigiu. — Diga-me se alguma vez alguém te tocou aqui?

— Uma vez. — Consegui dizer. — Somente uma vez.

— Seja quem foi, vou matá-lo. — Sussurrou Walker asperamente.

Seu dedo entrou em mim, deslizando profundamente. Joguei minha cabeça para trás e gemi sentindo uma ascensão de desespero em mim.

— Ninguém te toca de novo. Entendeu? — Disse com voz áspera, sua boca indo ao meu pescoço.

Assenti e mordi o meu lábio, sentindo o calor me percorrer. Ele poderia dizer o que quisesse neste momento e eu concordaria, sempre enquanto não parasse.

— Bom. — Disse com voz áspera, seu dedo movendo-se mais rápido.

Movimentei-me enquanto uma necessidade frenética cresceu dentro de mim. Começou no fundo do meu núcleo e se estendeu para o exterior, me envolvendo em uma confusão fervilhante. Ele passou um braço ao redor da minha cintura e me puxou pra mais perto, capturando minha boca. Chupando minha língua enquanto acrescentava um segundo dedo dentro de mim, causando estragos ao meu corpo. Ele os deslizou dentro e fora, espalhando minha úmidade e fazendo com que as paredes da minha boceta se apertassem. Estava perto. Precisava me mexer e empurrar em seus dedos. Perder o controle do meu corpo.

Não parou nem quando gritei. Colocou os dedos cada vez mais fundo, mais duro a cada movimento. Agarrei sua camisa, sentindo algo dentro de mim entrar em erupção. Quando seus dedos começaram a se mover mais rápido, quebrei incapaz de respirar.

— Ninguém mais te toca, somente eu! — Falou contra os meus lábios, me segurando enquanto cavalgava as ondas de um orgasmo.

Depois de um minuto, retornei a terra. Tremores atormentaram meu corpo, os efeitos posteriores ainda permanecendo.

Walker beijou o canto da minha boca, retirando os dedos de mim. Agarrou meus quadris, deixando rastros de umidade.

— Levanta. — Instruiu, com a voz carregada de emoção.

Fiz o que me disse, me pondo de joelhos. O volante estava em minhas costas, pressionando minhas costelas. A tempestade aumentou, caindo ao nosso redor, mas dentro do carro éramos apenas nós dois. Fazendo algo que tínhamos jurado nunca fazer.

Apaixonarmo-nos um pelo outro.

Ele levantou seus quadris para tirar a carteira do seu bolso. Abrindo, tirou algo. Ouvi o barulho de uma embalagem de preservativo sendo rasgada, um segundo antes de meus olhos se arregalarem, imaginando-o dentro de mim.

Com a camisinha no lugar, puxou meu pescoço para me beijar.

Sua boca era suave, cuidadosa. Diferente do que pensava que Walker poderia ser. Enquanto sua boca me fazia cair mais profundo sob o seu feitiço, ele pegou seu pênis e o esfregou contra mim, afastando minha calcinha.

— Alguma vez teve um homem dentro de você? — Perguntou com voz rouca.

Balancei a cabeça com um não, tremendo com a sensação dele na minha entrada.

— Então vamos fazer isto em seu tempo. Diga-me quando. — Falou.

Estava assustada, me perguntando quem era esta garota que estava em cima de Walker. Não dormia por aí ou dava boquetes aleatoriamente. Nunca tinha estado com um homem antes, exceto pelos flertes ocasionais. Tinha visto o que o sexo poderia fazer com uma mulher e não era bonito.

Mas com Walker me sentia bem.

— Estou preparada. — Falei em um sussurro.

Walker agarrou meus quadris, seus dedos cavando em minha carne, frenéticos para conseguir o que queria. Castigando qualquer um que estivesse em seu caminho. Sua boca cobriu novamente a minha, sua língua no meu interior. Ele era áspero, conquistando tudo de mim. Senti seu pau na minha entrada. Em um primeiro momento só se esfregou contra mim então empurrou dentro.

E justo assim, a realidade caiu.

Congelei, minha mão foi para o seu peito, detendo-o. Nunca tinha tido relações sexuais antes. Agora, aqui estava eu montando Walker em um carro. Ele dentro de mim.

— O que houve? — Perguntou, seu corpo pulsando contra o meu.

— Eu... eu não acho que posso fazer isto. — Disse.

Ele era muito grande. Eu era muito pequena. A invasão, seu tamanho me assustou.

Walker ficou imóvel. Forçando o seu agarre, fazendo que seu corpo ficasse rígido. Respirava pesadamente, levando o ar a seus pulmões. Seus dedos se fecharam em meus quadris dolorosamente. Fiz uma careta, com medo nesse segundo. Não pelo homem que era, mais pelo monstro que sabia que poderia ser.

— Não se mexa. — Sussurrou, seu pênis ainda enterrado uma polegada ou duas dentro do meu corpo. Uma "maldição" lhe escapou um segundo antes que puxasse minha cabeça pra baixo, procurando minha boca. Tinha os lábios inchados e machucados, mas seu beijo não foi brutal. Foi perfeito, tocando cada centímetro dos meus lábios com cuidado. Expressando que nós dois estávamos aterrorizados, pelos sentimentos de um pelo outro.

— Poderia gozar agora. — Disse. — Na metade do caminho e eu poderia gozar, você está tão quente e apertada ao meu redor.

Um calor subiu pelo meu corpo. Gemi, parte de mim querendo me afundar nele, mas ele não fez nada mais.

— Mas tem razão, Sam. Não devemos fazer isto. Não quero tomar sua virgindade esta noite. Não em meu carro e não assim. — Seus lábios se moveram ao meu ouvido, com as mãos me mantendo prisioneira. — Mas quando o fizer. Irei te foder duro e rápido, fodendo uma e outra vez. Não haverá volta, Sam.

Uma vez que tenha seu corpo, seremos somente você e eu. Nós! Assim como sonhei.

Ele me levantou, seu corpo afastando-se do meu. Com movimentos rápidos, tirou a camisinha e colocou suas calças jeans. Afundei-me no assento do passageiro, me sentindo nervosa e envergonhada. Comecei a abotoar os botões do meu vestido. Meus dedos tremiam e pareciam pesados e inúteis, incapazes de empurrar o botão pequeno no buraco.

Até o momento em que coloquei meu vestido de novo e alisei o meu cabelo, uma linha dura e firme se estabeleceu no rosto de Walker. Tensão tomou conta do seu corpo e ao redor dos seus olhos. Virou a chave na ignição com um puxão, em movimentos curtos. Engoli o nó em minha garganta. Não conhecia muito bem os homens, mas se os visitantes de mamãe contavam, não gostavam de ser enganados e deixados de lado.

E eu tinha feito o mesmo com Walker.

Um relâmpago soou em algum lugar próximo. À luz, Walker parecia grande e perigoso. Segurava o volante com força, como se estivesse tentando se acalmar. Lembrei todas as vezes que tinha visto mamãe com os olhos negros ou com hematomas escuros depois de dizer "não" a um homem. Reproduziram na minha mente, me perseguindo, me atormentando com as lembranças.

— Sinto muito, Walker. — Pedi. — Não deveria ter feito isso. Queria isso... mas fiquei com medo, e...

Walker se voltou para mim, seus olhos sombrios.

— Não se desculpe Sam. Nunca se desculpe para mim. Não mereço isso. — Fiz uma careta.

— É que mamãe ficava com alguns hematomas quando mudava de opinião, assim sei quão ruim é levar um homem tão longe e dizer não depois.

— Jesus, Sam. É sério que você pensa...

Walker fechou os olhos. Quando os abriu novamente, deu-me um olhar dolorido.

— Sam, não somos como sua mãe e esses homens. Não bato em mulheres e você... você é perfeita. — Passando a mão pelo rosto respirou fundo, e me olhou. — Escuta Sam, fiz algumas coisas ruins na minha vida, mas você nunca será uma delas. Nunca farei mal a você. Prefiro o seu ódio, a algum dia te fazer algo ruim, te machucar.

Ele se inclinou sobre o câmbio e beijou meus lábios, tão suavemente que senti um puxão no meu coração.

Lá fora, a chuva caía fortemente sobre o carro, embaçando as janelas e nos mantendo escondidos, mas no interior a verdade me bateu. Walker ainda era destruição em

um pacote perfeito. Mas essa destruição acabava de se tornar tentadora.



Walker

O que acabou de acontecer? Há alguns minutos Sam estava me montando como se sua vida dependesse disso. Agora estou aqui, com bolas azuis e levando-a para sua casa, com a mãe de todas as ereções, me amaldiçoando e me chamando de idiota o tempo todo.

Meu pênis a meio caminho dentro dela quando se arrependeu, me enlouquecendo. Tinha estado no céu. No puro e fodido céu. Estava tão malditamente molhada e apertada que poderia ter gozado sem nenhum absoluto esforço. Não sei o que tinha sido melhor, meu pênis dentro dela ou seus lábios o envolvendo. Vendo-a agachada, com seu longo cabelo preto acariciando minhas coxas e bolas, obrigando a me aproximar e terminar o que começamos. Nunca pensei que viveria para

ver o dia que Samantha Ross colocaria a sua doce boca em mim e ainda me deixasse pôr meu pênis dentro dela.

Apertei o volante com mais força. Merda, tinha perdido minha mente. O álcool tinha finalmente destruído o último dos meus neurônios. Quase tinha tomado sua virgindade, e por cima de tudo a virgindade da irmã mais nova do meu melhor amigo. Merda!

Dei uma olhada em Sam quando passamos sob uma luz. Estava olhando para fora da janela salpicada de chuva, evitando o meu olhar.

— Está me levando pra casa? — Perguntou, ainda olhando para fora da janela quando virei à esquina.

— Sim. — Disse, fazendo uma careta. A garota quase me tinha dado sua virgindade e aqui estava eu, o senhor "grande" falador.

Dirigi pela minha velha vizinhança. Os faróis do meu carro iluminavam além da chuva, realçando as calçadas quebradas. Em um dia normal, o lugar parecia uma lixeira. O lixo enchia as ruas e os buracos eram tão grandes como os pneus jogados na rua. A prefeitura havia consertado uma parte da rua fazia meses, mas tinham deixado sem terminar devido a um ataque a um laboratório de metanfetamina que deu errado. Ouve um tiroteio em frente à construção, deixando um oficial de polícia e quatro traficantes de drogas mortos. A

prefeitura culpou a polícia por não limpar a cena do crime para que a equipe de construção pudesse terminar o trabalho.

A polícia culpou a prefeitura por inventar desculpas para não entrar na pior área da cidade. Eu simplesmente acreditava que todos queriam nos esquecer. Atuavam como se não existíssemos. Parecia que seus tão proclamados cidadãos corretos faziam um bom trabalho em nos ignorar.

Andei pela rua da Sam e fiz uma careta. O lugar estava pior com a chuva. A casa desmoronada parecia mal-assombrada de noite. Carros destruídos ou velhos estavam estacionados ao longo da rua ou nos jardins lamacentos. Um casal estava sob o toldo da casa próximo à entrada de automóveis.

Não tinha planejado trazer Sam para casa. Meu plano era levá-la para a minha casa. Mantê-la a salvo lá. Mas depois do que quase aconteceu entre nós, decidi que sua casa era o lugar mais seguro para ela. Para mim. Só ficaria em seu sofá, vigiando-a dali.

A meio caminho da sua rua diminui a velocidade. A casa do meu pai ficava à esquerda. Estava escura, sem nenhuma luz acesa. Sua velha camionete branca estava estacionada no caminho da entrada, tão antiga na chuva como me lembrava.

Através da chuva, pude ver que tinha limpado o jardim. O gramado estava cortado e as ervas daninhas tiradas.

Imaginei-o ali durante o dia, com uma enchada na mão e um copo de uísque ou vodca na outra.

— Ainda o vejo de vez em quando.

Olhei pra Sam, surpreso de que estivesse falando. Por alguma razão, pensei que me daria o tratamento do silêncio. Graças a Deus estava errado.

O olhar curioso e calmo estava de novo em seus olhos. Seu cabelo já não estava desalinhado, toda evidência de meus dedos tinha desaparecido. As ondas caíam por seu ombro e sob seu peito, acariciando os mamilos que doía para colocar minha boca novamente. E suas pernas... queria percorre-las com minhas mãos e abri-las. Deixar meus dedos encontrarem seu monte, afundando em sua umidade.

Limpei minha garganta e mudei de posição, acomodando melhor meu pênis porque estava precisando de espaço para respirar.

— Não vi meu pai desde que me mudei. — Comentei, tentando ter uma pequena conversa com Sam. Não era muito, mas pelo menos ela, falaria.

— E, ele não se importou de você sair e nunca mais voltar? — Perguntou indo direto ao ponto.

Dei de ombros.

— Realmente não me importa o que ele pensa. O homem tirou a golpes qualquer preocupação que eu tivesse por ele, faz muito tempo.

Olhei pela chuva, para a casa de Sam mais a frente. Podia ver o carro da sua mãe estacionado na entrada, um traste velho que tinha dirigido por tanto tempo como poderia recordar. Uma luz estava acesa na sala e a luz da varanda da frente piscou até apagar. Era uma triste e pobre desculpa de casa.

Parei o carro na frente da sua casa e desliguei com um profundo suspiro, tirei as chaves da ignição e lancei meus olhos a Sam, franzindo o cenho.

— Por que todas essas perguntas, Sam? Sabe que esse homem me fez passar.

— Mesmo assim é o seu pai. — Eu bufei.

— Não é meu pai. É um perdedor. Um monstro. Alguém que ama uma garrafa mais que qualquer pessoa na sua vida. — Merda. Logo que as palavras saíram da minha boca, lamentei-as. Acabava de me descrever com perfeição. Isso me deixou frio.

Seu rosto refletiu arrependimento.

— Walker, nunca deveria ter te chamado assim anos atrás. — Disse, referindo-se à noite em que éramos

adolescentes, quando quase bati em um homem até a morte por atacá-la.

Virei no assento para enfrentá-la, desejando que estivesse de novo em meu colo.

— Teve todo o direito de dizer, Sam, mas eu não sinto muito. Bateria naquele idiota novamente várias vezes por te machucar. E certo que te beijaria de novo. É verdade que me prenderam naquela noite, mas foi a melhor fodida noite da minha vida. Até agora.

Sam sugou o ar. Queria pular sobre o assento e agarrá-la. Obrigá-la a me montar de novo. Mas não o fiz. Fiquei quieto, a verdade me batendo. Não era bom o suficiente para ela. Nunca seria. Não tinha nada para oferecer. Não um futuro, porque não tinha um. Não lhe ofereceria amor, porque nunca o conheci. Nem luxúria, porque era perigoso para alguém tão inocente como ela. A única coisa que tinha para oferecer era minha alma e estava negra.

Tirando meus olhos dela, abri minha porta de repente. Um segundo depois, estava na chuva, molhado até à espinha. Minha camiseta estava agarrada ao corpo, deixando o mundo ver o que oito horas de levantar um martelo fazia aos músculos.

Olhei sobre o capô do meu carro. Sam estava de pé do outro lado, ensopada. A chuva fez com que seu cabelo grudasse na sua cabeça derramando mechas sobre seus olhos.

Andei em torno do meu carro, com passos decididos, minhas botas salpicando a água. Eu era um imbecil. Tinha que lembrá-la. Sam havia me dito isso uma vez e assim tinha feito muita gente, incluindo meu pai. E o que faziam os imbecis? Tomavam. Usavam. Abusavam e iam.

Era hora de reavivar minha reputação.

Agarrei a sua mão e me dirigi a casa, caminhando com um propósito. Uma vez que entramos, o calor e a umidade nos receberam, não muito melhor do que lá fora. O piso rangeu sob minhas botas pesadas, a madeira era oca e solta enquanto caminhava para dentro da casa. O empreiteiro em mim se perguntou quão podre estavam as tábuas. Quanto tempo haveria antes que cedessem completamente.

Sam e sua família tinham vivido sempre aqui. Eu também havia vivido a maior parte da minha vida. Deveria estar acostumado a ver o estado lastimável de suas condições, mas ainda me deixava nervoso, inclusive depois de todo este tempo.

O cheiro de fumaça de cigarro me tentou, lembrando a minha própria luta com a nicotina. Quase podia saborear o cigarro em meus lábios e senti-lo em meus pulmões enquanto tomava uma respiração profunda.

Em algum lugar na parte de trás da casa, um rádio tocava uma música lenta e triste. Olhei para a cozinha escura, vendo uma mesa de cozinha velha, um lado estava apoiado por uma caixa. Duas cadeiras estavam colocadas, me lembrando de

quando fazia tarefa com Bent nessa mesa, tentando ignorar a sua irmãzinha.

— Walker?

Virei, olhando para Sam na entrada escura.

— Sim?

Mordeu seu lábio, jogando com seu aro. Fiz meu melhor esforço para manter meus olhos centrados nos seus.

— Você já pode ir agora. — Disse, me olhando como se eu tivesse perdido a cabeça. Suponho que o tinha feito, porque não queria tirar os meus olhos dela.

— Vou ficar. — Disse, com minha voz áspera, não dando lugar para argumentos.

Sam acendeu uma luz, iluminando a área com um suave brilho. Meu olhar vagou por seu corpo, absorvendo a visão do seu vestido agarrado ao corpo em todos os lugares certos. Um lento sorriso se estendeu por meu rosto, a parte idiota em mim amando poder ver o contorno dos mamilos franzidos.

— Você é incorrigível. — Disse, cruzando os braços sobre o peito.

— Alguém tem que ser. — Repliquei, meu olhar voltando para os seus peitos.

— E seu ego é muito grande. — Respondeu.

Meu sorriso crescendo.

— Diga-me isso você. Quão grande é?

Levou um minuto inteiro para ela se recuperar, tempo que desfrutei olhando um pouco mais.

— Você sabe que minha mãe está em casa. — Disse, levantando uma sobrancelha e assentindo para o corredor, ignorando minha pergunta.

Inclinei-me para ela, minha boca perto do seu ouvido.

— Eu sei. Vou dormir no sofá. O que achou? Que te comeria sem sentido com sua mãe na mesma casa? Vá, Sam.

Seu cabelo fez cócegas no meu nariz, me enchendo de desejo. Afastei-me dela, meu sorriso aumentando quando vi o choque em seu rosto. Suas bochechas estavam coradas e parecia estar segurando o fôlego. Era hora de trazê-la de volta para a vida um pouco.

Encolhi meus ombros, despreocupadamente.

— Mas poderia dar uma escapada para o seu quarto depois que sua mãe for dormir. Somente uma palavra e estarei lá. Justo entre suas pernas, querida.

Sam deixou escapar o ar que estava segurando. Vi suas costas esticarem e suas bochechas ficarem vermelhas.

Deus! Apreciava este pequeno jogo que estávamos jogando. A parte louca em mim queria deixá-la incomodada. Fazê-la correr e se esconder. Eu era o grande lobo mau, e ela era poderosamente gostosa. Mas esqueci com quem estava lutando. Sam Ross poderia jogar sujo também.

— Bom, suponho que não se importaria. — Disse Sam, levantando seu queixo em sinal de desafio. — Não é como se você fosse o primeiro homem a dormir em minha cama. E definitivamente não será o último em tentar entrar entre minhas pernas.

Desgraçada! Suas palavras me jogaram para trás alguns passos. A ideia dela com outro homem fazia ferver meu sangue. O monstro em mim rosnou. Eu sabia que ela era virgem, mas se alguém tentou entrar em sua cama ou tentar tocá-la, vou dividi-lo em dois. E pensar nela com alguém no futuro... isso fodia minha mente de uma maneira que não queria reconhecer.

Observei com raiva enquanto ela me dava um sorriso doce e se afastava, seu rabo apertado balançando. Alguns minutos depois, ainda em pé no mesmo lugar, tentava controlar meus ciúmes, quando ouvi a água correr. Cristo, ela estava no banho. Meus batimentos cardíacos aceleraram, a raiva me deixou. Só de pensar na água escorrendo por seu corpo me fez suar. Esfreguei uma mão no meu rosto e olhei ao redor, desesperado por algo que tirasse minha mente de Sam.

Uma bebida. Isso é o que precisava. O céu sabe que sua mãe tinha muitas bebidas alcoólicas por aqui. Isso acalmaria minha bunda.

Fui para a cozinha, com a boca já cheia de água, quando uma sufocante voz me deteve.

— Bem, olá Cole Walker.

Virei lentamente, encontrando a mãe de Sam em pé no corredor escuro. Estava usando algum tipo de camisola de renda, coberta por um roupão gasto. Seu cabelo loiro parecia queimado e sua maquiagem estava escorrida. Em uma mão estava um cigarro apagado, na outra segurava um isqueiro de prata.

— Senhora Ross. — Cumprimentei, mantendo meus olhos em seu rosto. Sabia que tinha um decote profundo, possivelmente algo que cobrisse apenas seus mamilos. E tinha razão. Quando passou por mim, vi que sua camisola tinha um decote, seus mamilos escuros eram visíveis através do fino material.

Ela foi bonita em algum momento no passado, igual a Sam, mas o tempo foi duro com ela. Vários homens e muita droga quase destruíram o seu corpo e sua mente. Ela não se importava com seus filhos e nem com seu bem-estar. Estava disposta a renunciar a ambos por uma pílula ou para cheirar algo que alterasse sua mente, só para que pudesse escapar da dor de viver.

A fragrância do seu perfume barato me sufocou quando passou por mim, dirigindo-se à cozinha.

— Quer uma bebida? — Perguntou, seus olhos tímidos.

— Leu minha mente — Falei, virando para segui-la.

Ela sorriu pra mim por cima do seu ombro, seus quadris balançando. Sabia que era tudo para o meu benefício. A mulher tinha se insinuado mais vezes do que eu poderia contar.

Na cozinha, não se incomodou em acender a luz. Olhei da entrada da porta enquanto pegava uma garrafa meio vazia do balcão e vasculhava uma grande pilha de pratos em busca de dois copos limpos.

— Então, você trouxe Sam pra casa? — Perguntou, servindo um copo com a bebida barata.

— Sim.

— Posso perguntar o porquê? — Falou, enchendo o outro copo, logo voltando da cozinha em um passo lento e me entregando o copo.

Tomei um gole, fazendo uma careta quando a bebida tocou minha boca e queimou minha garganta enquanto descia.

— Por que não? — Respondi com um sorriso.

Ela sorriu sedutoramente e pude ver traços da Sam nela. Com um braço em sua cintura e uma mão segurando o copo, deu um passo para perto de mim, seus quadris balançando de um lado ao outro.

— Porque sei tudo sobre Sam e você grandalhão. — Disse em um tom sugestivo.

Engoli em seco e quase engasguei com o sabor persistente do álcool barato em minha boca.

— Com o devido respeito, senhora Ross, mas não há nada entre Sam e eu. — Menti, com os dentes apertados.

Houve uma Sam e eu. Até o momento em que coloquei meu pênis dentro dela, depois disso Sam se tornou minha.

— Por que não acredito nisso? — Disse a senhora Ross, caminhando para o meu lado com um olhar insinuante. Sua camisola esbarrou ao redor das minhas pernas, me tocando quando passou.

Virei para a entrada da porta, vendo-a indo em direção à sala. Na parte de trás da minha mente, o som da água me acalmou, me deixando saber que Sam estava segura no banheiro, tomando banho. Longe da sua mãe. Longe de mim.

Tomei meu tempo, seguindo à senhora Ross para a sala. Por uma vez em sua triste e lamentável vida, não parecia estar drogada. Isso significava que as oportunidades de a evitar eram quase nulas.

Tomou um assento no sofá, despindo suas largas pernas pra mim.

— Sente-se — Disse, indicando uma cadeira.

Sentei-me, esticando minhas pernas e parecendo relaxado, mas o desconforto se infiltrava em mim como a bebida barata que acabava de tomar.

— E... — A senhora Ross acendeu um cigarro, me olhando através da fumaça. — O que você quer com a minha filha?

Abri a boca para responder, possivelmente para me explicar com mais mentiras, mas me interrompeu.

— E não me diga mais bobagens, Cole. Você odeia a minha filha.

— Odiar é uma palavra muito forte. — Disse em advertência. Já estava me chateando com isso. Onde estava sua preocupação maternal quando Sam estava morrendo de fome ou ardendo em febre? Onde estava quando Sam era pequena, e recebia propostas de um de seus namorados nojentos? Estava se drogando, aí é onde estava. Cedendo a sua própria cobiça e luxúria.

Senhora Ross me estudou cuidadosamente através da fumaça do seu cigarro, com olhos calculistas.

— Odiar é uma palavra forte, Cole, e assim é o amor. Mas eu acho que não estamos falando sobre isso neste momento.

Tossi e balancei a cabeça com desgosto, tomando outro gole da bebida ruim, meu coração acelerando com suas palavras, me deixando desconfortável.

— Eu sei que você não gosta da minha filha, Cole. Mas o que não posso entender é por que está aqui, sentado em minha sala. — Disse, dando outra tragada no seu cigarro.

Dei de ombros. Não lhe devia explicações. Sam poderia ser sua filha, mas a senhora Ross já não tinha o direito de ser chamada de mãe.

— Deixe-me colocar de outra forma. — Disse, batendo a ponta acesa do seu cigarro em um cinzeiro. — Sam cuida de mim. Dependo dela. Quero saber o que quer com ela. Porque sei que quer algo.

Então era disso do que se tratava. Estava com medo de perder sua fonte de comida. Sam trabalhava para trazer alimento. Limpava a casa e pagava as contas. Cuidava da sua mãe quando estava de ressaca ou drogada. A senhora Ross tinha medo de perder a sua faxineira e a fonte de dinheiro livre.

Baixei minha bebida na desgastada mesa de café entre nós, controlando minha raiva.

— Prometi ao seu filho que cuidaria dela. — Adverti duramente.

— Bentley? Deveria ter imaginado isso. — Disse, rodando os olhos. — Ele sim puxou a seu pai.

Ignorei suas amargas palavras. Não conhecia seu filho melhor do que conhecia a sua filha. Se o fizesse, saberia que Bentley não era nada como seu pai. Nunca deixaria duas crianças aos cuidados de uma mulher drogada e cruel.

— Então, é por isso que está aqui? Pelo Bentley? — Perguntou antes de tomar um longo gole do seu copo.

— Sim. — Respondi, estudando o álcool em meu copo.

— Não me venha com suas merdas, Cole. Posso ler um homem a milhas de distância. Você está interessado nela.

Dei de ombros novamente. Inclusive se tivesse sentimentos por Sam, o qual não tinha, não diria a sua mãe. Ela encontraria uma maneira de usar essa informação contra Sam. Os vícios faziam coisas como essa. Eu deveria saber.

— Quero que fique longe da minha filha, Cole Walker. Você é lixo e sempre será. — Disse sua mãe com uma voz desagradável, rouca de tantas bebidas alcoólicas e cigarros baratos.

Ri entre dentes. Olhe quem fala. Mas um segundo depois estava com raiva. Senti-me como um homem inocente que acabava de ser condenado a pena de morte. Era injusto e me sacudiu até a medula, me deixando em pedaços por dentro. Certamente era um lixo, mas não significava que eu gostasse de ouvir isto. E certo que não queria saber se era um perdedor para Sam, inclusive eu sabia que era verdade.

— Por que deveria permanecer longe da sua filha? — Perguntei amargamente. — E se eu não ficar?

A senhora Ross se inclinou mais perto.

— Você é um homem. Você a usará e depois a deixará. Se arruinar Sam dessa forma, vai quebrá-la e então ela não será boa para mim.

Apertei minha mandíbula, fúria tomando conta do meu interior.

— Você deveria ser quem ela odeia senhora Ross, não eu. — A mãe de Sam sorriu, com presunção em seus olhos.

— Há uma linha tênue entre o amor e o ódio, Cole. Um machuca e o outro destrói, e você será ambos para minha filha.

Tinha razão. Se a amasse iria machucá-la. Se a odiasse, isso nos destruiria. Não haveria ganhador.

Então tudo o que restava era usá-la.

23

Sam

Fiquei de pé embaixo da água quente até que ficou fria. Pequenas gotas caíram como gelo, mas era disso que eu precisava. Minha pele ainda queimava onde Walker havia tocado, onde ele tinha colocado seus lábios. Ainda podia sentir sua boca no meu mamilo, seus dedos dentro do meu corpo. Ainda o desejava. Ele era viciado em álcool, mas eu tinha medo de me viciar nele.

Penteei meus cabelos e escovei os dentes em frente ao espelho do banheiro. A garota do reflexo parecia jovem e inocente, mas não era como eu me sentia. Meu rosto estava limpo de maquiagem, a grande quantidade de rímel e delineador tinham saído. Meus lábios estavam cor de rosa, e

não mais vermelho sangue. Parecia comigo mesma. Não como eu fingia ser.

Fechei a porta do meu quarto e tirei a toalha. Rapidamente coloquei um par de calças limpas e uma camisa sem mangas. A calça estava larga com o elástico estragado. A camisa era velha e havia um buraco perto da alça direita e outro mais embaixo. Tanto a calça quanto a camisa estavam velhos mas limpos, eu não tinha dinheiro para gastar com roupas. O que tinha teria que ser suficiente.

Estava indo falar com Walker quando meu telefone tocou ao lado da cama. Olhei o identificador de chamada. Era Lukas.

— O quê? — Respondi sem esconder minha raiva, o idiota tinha se drogado e ficou todo em cima de mim, na pista de dança, quando eu já tinha tido o suficiente daquilo fui ao banheiro e na volta encontrei Walker.

— Você está bem? — Perguntou Lukas, sua voz áspera pelo telefone.

— Perfeitamente bem. — disse segurando a vontade de o machucar.

— Walker te levou pra casa?

— Sim.

— Suponho que agora Bent não precisa se preocupar comigo. — disse Lukas, presunçosamente.

— Por que? — Perguntei.

— Porque agora você é problema de Walker, não meu.

Um segundo depois ele desligou, apertei o telefone e o fiquei olhando. Desgraçado!

Franzindo a testa, joguei o telefone na minha cama e fui em direção à porta fechada. Esqueça o Lukas. Era hora do Walker e eu termos uma conversa séria.

Abri a porta do quarto e levei um susto, dei de cara com Walker, ele estava com uma mão no batente da porta e a outra no quadril. Podia sentir o cheiro de álcool nele. Seu olhar passou por todo o meu corpo e parou nos meus olhos.

— Cole. — Falei sem fôlego. Queria dizer algo mais, mas não me lembrava o que era.

Walker entrou no meu quarto e fechou a porta, me obrigando a dar um passo para trás ou um para frente. Decidi dar um passo atrás.

— Faz anos que não entro em seu quarto. — Falou olhando ao redor, sem perceber o efeito que tinha em mim.

Olhei ao redor, vendo o que ele via, um quarto pequeno com uma cama grande. Roupas sujas no chão. Uma penteadeira bagunçada.

— Nada mudou. — Respondi, encolhendo os ombros e cruzando os braços sobre o peito.

Ele me olhou, seus olhos baixando para os meus peitos.

— Algumas coisas sim.

Baixei o olhar e percebi que com os braços cruzados meus seios pareciam maiores. Descruzei-os irritada comigo mesma por me importar.

Walker deu aquele sorriso lindo e eu quase morri, pensei em joga-lo em cima da minha cama. Esqueça o que eu disse, eu queria o seu pau em mim.

Limpei a garganta e me concentrei.

— Estava conversando com a minha mãe? — Perguntei, observando que ele olhava de perto uma foto de Bent e eu quando éramos pequenos.

Sua mandíbula apertou por um segundo.

— Sim. Ela terminou a segunda garrafa dessa porcaria barata e está desmaiada em seu quarto, está dormindo.

Senti uma onda de tristeza. Tinha levado dias para se recuperar do efeito das drogas pesadas. Pensei que talvez tivesse aprendido a lição e mudaria, mas estava errada. Nunca mudaria. Não conseguiria.

Obriguei-me a esquecer os pensamentos deprimentes e me concentrei em Walker.

— Então vai passar a noite? No sofá? — Perguntei, tentando soar bem com isso. Em vez disso, soei nervosa, como uma garota do colegial no seu primeiro dia de aula.

Walker sorriu de novo, com um olhar malicioso.

— Sim, eu vou ficar.

Inclinei a cabeça para um lado, tentando entendê-lo.

— Por quê? Quero dizer, por quê a mudança? Por que quer estar perto de mim? Por que agora?

— Esses são um montão de porquês, Ross. E você está evitando a verdadeira questão.

Ele caminhou lentamente na minha direção, parando a um metro de distância.

— Você quer a verdade? — Ele perguntou colocando as mãos nos bolsos.

— Isso seria bom. — Eu disse levantando uma sobrancelha.

— Bent quer que eu te vigie.

Revirei os e suspirei desapontada.

— É isso. Está fazendo como um favor para seu melhor amigo? "Vigiando sua irmãzinha, que sempre está em problemas. Precisando de uma babá". — Disse na melhor voz sarcástica, sustentando um cigarro inexistente em minha boca e movendo as sobrancelhas pra cima e pra baixo.

Walker riu, mas eu não. Havia deixado ele me tocar. Coloquei minha boca ao redor do seu... meus olhos baixaram para sua virilha... Jesus, fui uma idiota. Walker só estava tendo um pouco de diversão, algo para ocupar seu tempo enquanto cuidava da irmãzinha do seu melhor amigo. Não existia nada entre nós. Eu tinha caído completamente no seu jogo.

— Apesar do que fizemos, Walker, eu ainda te odeio. — Falei escondendo a minha dor. — Estava tendo um bom tempo, enquanto fazia um favor ao Bent, certo?

Os olhos dele escureceram.

— Não. — Disse sua voz em um tom mortal. Cruzei os braços sobre meu peito e suspirei.

— Sério?

— Sério. — Respondeu, um perigoso olhar se formou em seu rosto enquanto dava um passo mais perto.

Dei um passo atrás, minha boca secou. Os olhos de Walker queimavam nos meus, com uma fome insaciável neles enquanto me seguia, um passo de cada vez.

Engoli em seco quando minhas costas tocaram a porta e minha coluna acertou a maçaneta. Minha respiração acelerou quando ele colocou uma mão em cada lado meu, prendendo meu corpo entre ele e a porta. Inclinando-se mais perto, seu fôlego se misturou com o meu.

— Eu fico porque você está no meu sangue, Sam, eu não consigo me livrar de você. Eu tentei, mas sou viciado em você. Estive viciado por anos, eu simplesmente não poderia admitir isso. — Seu olhar caiu para o meu lábio perfurado em seguida levantou outra vez. Sua voz era um murmúrio suave que senti por todo o meu corpo.

— Eu te amo e odeio isso, então saia da minha cabeça, Sam, e saia do meu coração.

Suas palavras me acertaram como um soco no estômago, quase me derrubando. Mas foi sua boca o que me manteve em pé e respirando. Ela desceu, tomando conta da minha com um beijo.

Com a porta atrás de mim e Walker me pressionando, me transformei em uma bagunça líquida, tudo em mim se dissolveu. Ele mordeu meu lábio superior segurando entre os dentes e puxando, eu o puxei pelo cós da calça jeans, a porta rangendo sob nosso peso.

Chupei sua língua, convidando-o a entrar em minha boca, enquanto ele colocava sua mão embaixo da minha camisa para encontrar meu peito. Arqueei-me em sua mão, lhe

dando mais acesso. Querendo que me tocasse para sempre. Ele pegou o que eu oferecia. Seu polegar roçou o meu mamilo, fazendo que meu corpo se agitasse. Logo fez de novo, me torturando. Segurei a respiração, com medo de respirar, com medo de cair aos pedaços.

Ele brincou com um seio, depois com o outro, fazendo-os ficarem mais pesados. Eu pensei que não aguentaria mais, mas então ele começou a virar meu mamilo entre os dedos enviando uma onda intensa pelo meu corpo.

Eu gritei. Era demais. Meu corpo não poderia suportar o que ele estava fazendo comigo. Eu o empurrei fracamente, mas ele não se moveu. Ele estava vindo pra mais.

Sua boca se tornou frenética, exigindo em um minuto e me desafiando no seguinte. Podia provar o álcool em sua língua. Era quente e embriagador, agridoce. Sabia que a bebida o tornava perigoso. Um metro e oitenta e cinco centímetros de nada mais que problemas. Muito mais do que eu era capaz de lidar.

— Walker, você estava bebendo. — Falei contra seus lábios, minha respiração acelerando enquanto ele apertava meu mamilo bruscamente para depois esfregá-lo com cuidado.

— E daí? — Disse, movendo sua boca para minha mandíbula.

— Se eu disser não...

— Eu vou parar. — disse com voz rouca.

— Promete? — Eu perguntei.

— Pela minha vida.

Seus dedos me impediam de pensar, eliminando qualquer dúvida.

— Eu não gosto que você beba. — Admiti, gemendo enquanto ele passava suavemente as pontas dos seus dedos sobre meu estômago, baixando mais.

— E eu não gosto quando você fala "não".— Resmungou, sua boca encontrando a minha de novo.

Seu beijo foi áspero, exaustivo. Implacável. Tirou com um puxão as minhas calças, seus dedos me encontrando imediatamente. A princípio me acariciou lentamente, logo se tornou mais brusco, me levando mais e mais perto do limite. Justo quando pensei que não poderia aguentar mais, ele deslizou dois dedos dentro de mim.

Eu gemi e joguei minha cabeça para trás, interrompendo o beijo. Sua boca foi para a minha garganta enquanto retirava e empurrava seus dedos de novo. Minha entrada já estava apertada e molhada, graças ao meu banho, mas o que ele estava fazendo aumentava a umidade, fazendo que seus dedos deslizassem facilmente dentro de mim. Meu corpo se moveu contra o seu enquanto ele aumentava a velocidade, deslizando dois dedos dentro e fora cada vez mais rápido. Sua língua se

moveu para lamber a pele do meu pescoço, da mesma maneira em que seus dedos se aprofundaram mais, golpeando minha barreira.

Eu gritei, estava perto de gozar, meu corpo se contorceu contra o dele. A boca de Walker deixou meu pescoço, cobrindo minha boca para abafar meus gritos.

— Ainda não, baby. — Sussurrou, retirando seus dedos. A sensação de vazio me fez querer gritar. Ele acabava de impedir minha queda para o incrível êxtase e isso me fez enfurecida.

Escutei-o trancar a porta do quarto atrás de mim. Um segundo depois me colocou na cama, com as pernas penduradas de cada lado.

Apoiei-me sobre os cotovelos e observei enquanto ele deitava junto a mim. Com um olhar escuro em seus olhos, baixou a cabeça. Sua boca viajou pelo meu corpo, beijando e saboreando minha pele. Lambeu minha clavícula, depois a parte de cima de cada seio. Indo mais longe, seus dentes chuparam meu mamilo por cima da minha roupa, devorando suavemente. Gemi e o olhei com os olhos entreabertos. Mudou para o outro mamilo, lhe dando a mesma atenção. Com sua cabeça inclinada sobre mim, seu cabelo escuro caía pelo seu rosto. Era erótico e impressionante, ver este homem me desfrutando.

— É tão linda. — Sussurrou contra meu top, seu fôlego deixando umidade no topo dos meus peitos. — Seus peitos... Sua boceta... Deus, baby, quero tudo.

— Mmm. — Disse sem fôlego. — Fico feliz que você goste.

Ele riu, um som baixo, passando a mão por todo meu corpo em uma carícia lenta.

— Pequena arrogante. É hora de alguém te colocar no seu lugar. Deite-se.

— Obrigue-me. — Sorri me sentindo arrogante.

Ele rosnou em advertência e pegou os lados da minha camisa em um punho.

— Não sabe o que está falando, Sam. Deite.

Fiz o que ele mandou, mordendo o lábio enquanto ele esfregava meu estômago com seus lábios.

— Boa garota. — Sussurrou contra minha pele.

Um aperto profundo começou na minha barriga enquanto ele lambia e beijava meu corpo, tomando seu tempo. Deixando um rastro de beijos úmidos, marcando minha pele. Minha blusa foi empurrada pra cima com cada toque dos seus lábios até que eu estava completamente exposta, para que ele fizesse uma festa.

Arqueei minhas costas para ele quando sua boca se fechou ao redor do meu seio. Tomou posse de todo meu mamilo, sugando com força até que quase gritei. Quando achei que não aguentaria mais, ele colocou a língua, fazendo círculos ao redor do meu mamilo endurecido, molhando-o.

Agarrei um punhado do seu cabelo enquanto ele lambia e chupava, puxando todo o meu mamilo para sua boca. Ao mesmo tempo beliscou e devorou o outro, suave em um minuto, brusco no outro. Agarrei-o, esperando que nunca parasse. Mas era Walker. Fazia as coisas do seu jeito.

Sua boca deixou meu peito e desceu até a minha cintura. Beijou esse lado, em cima do osso do meu quadril. Sua mão percorreu meu estômago até o interior da minha coxa. Estremeci quando seus dedos continuaram subindo, encontrando o botão da minha calça. Impacientemente, agarrou o material e com um puxão o tirou, levando no processo minhas calcinhas.

Foi quando fiquei com medo.

— Walker acho que deveríamos parar. — Disse fechando com força minhas pernas e tirando a sua mão do meio delas. O desejo em minha voz me envergonhou, expondo que era uma mentira. Não queria esperar. Queria-o agora.

— Não. Ainda não terminei com você. E nunca farei. — Falou, ajoelhando-se no chão, aos meus pés.

Meu coração batia freneticamente. Sua boca estava alinhada com a minha boceta. Senti que ficava mais molhada e mais quente. Precisava dele mais para cima. Queria sua boca de volta nos meus peitos. Essa era a zona segura. A área com que estava bem. Agarrei uma parte de sua camiseta e tentei puxá-lo, mas não se moveu nem um centímetro.

— Mãos fora, baby. É a minha vez. — Disse, tirando minha mão de sua camisa. — Diga a palavra mágica e eu paro. Prometo. Até então...

Com um puxão, baixou minhas calças e calcinhas o resto por minhas pernas e as tirou. Fechei as pernas com força a vergonha me fazendo ficar vermelha.

Mas então Walker fez o impensável.

Separou minhas pernas, me abrindo completamente pra ele. Sem aviso prévio, sua boca foi entre elas, um grunhido possessivo escapando dos seus lábios.

Gemi, seu nome saindo de mim. Arqueei minhas costas, mas Walker não parou. Moveu a língua sobre meus clitóris, me marcando com o calor da sua boca. O êxtase disparou através de mim. Seus largos ombros mantinham minhas pernas abertas, sem deixar lugar para a vergonha. Eu me contorci debaixo dele, querendo escapar, mas rezando para que não parasse. Nunca tinha conhecido nada tão... incrível. Tomou seu tempo, me lambendo. Provando. Desfrutando.

A energia se construiu no meu corpo até que estava tremendo. Ele chupou e lambeu, gemendo uma vez quando minhas pernas se apertaram em volta da sua cabeça. Seu dedo se uniu a sua boca, espalhando minha umidade antes de afundar em mim. Foi minha perdição. Estrelas dispararam atrás dos meus olhos e me senti tonta. Eu tinha certeza de que estava morrendo.

— Você gosta disso? — Perguntou Walker, sua voz rouca contra mim.

— Deus, sim. — Gemi.

— Bom, porque seu sabor é tão doce. — Disse, olhando para cima no meu corpo. Mantendo seus olhos em mim, baixou sua boca novamente, sua língua fazendo coisas extraordinárias comigo, que nunca imaginei ser possível. Movia e lambia. Em círculos e levemente. Quando sua língua entrou em mim, me perdi. Meu corpo arqueou e explodiu, o orgasmo me bateu tão forte que mordi meu lábio, tirando sangue para não gritar.

Ele não parou. Lambeu-me com avidez enquanto eu tremia e me sacudia. Agarrei o lençol em cada lado dos meus quadris, os segurando com força.

Walker rosnou enquanto eu gozava, falando algo que eu não entendi. Tentei me soltar dele e escapar da maravilhosa tortura, mas ele segurou meus quadris com força, me

mantendo aberta pra ele. Um último suspiro saiu de mim enquanto ele me lambia suavemente.

Enquanto flutuava de volta, ele lambeu-me mais lento, tomando toda minha umidade em sua boca. Depois subiu por meu corpo, seus lábios deixando um rastro em minha pele.

— Poderia fazer isso para sempre. — Disse em um tom gutural, seus dentes roçando meu mamilo.

Estremeci e lambi os meus lábios secos, me perguntando quando meu quarto pararia de virar.

— Eu aposto que você diz isso a todas as garotas. — Sussurrei meio zombadora.

— Não importa, estou te dizendo isso agora. — Disse, levantando meu corpo. Seus olhos cravaram nos meus, a seriedade fazendo-os mais escuros.

Ri, mas sem humor

— Você sabe como amar uma garota, Walker. — Ele baixou sua boca no meu pescoço, escondendo suas emoções.

— Isto é o que eu sou, Sam. — Disse contra minha pele. — É pegar ou largar.

— Acho que vou pegar. — Sussurrei.

Walker deixou sair um som animal.

— Maldição, Sam, perco minha maldita mente quando estou com você.

Separando minhas pernas, colocou-se entre elas, enviando pontadas de desejo em mim.

Cheguei à fivela do seu cinto, mas ele me parou.

— Não tenho outra camisinha. — Sussurrou, envolvendo seus dedos ao redor dos meus.

— Não me importo. Não pode tirar antes ou algo assim? Não é isso o que os homens fazem? — Perguntei soando desesperada e enlouquecida. Meu corpo estava gritando por ele. Tinha recebido uma pequena amostra do que era estar com um homem, agora queria todo o pacote.

Walker enterrou seu rosto em meu pescoço.

— Cristo, Sam, não sabe o que está falando. Estou a ponto de perder o controle e você me fala isso. É malditamente tentador, mas não sabe em quanto perigo está.

— Então me diga. — Sussurrei, fechando os olhos com a sensação dele entre minhas pernas. — O que acontece se você perder o controle?

A voz de Walker virou feroz, cheia de posse e advertência.

— Você poderia perder tudo para mim, Sam. Seu corpo. Seu coração. Sua alma. Eu comeria você viva, baby. Eu não

te amo e eu não gosto de você. Eu te desejo. Isso é tudo. E a única coisa que te dou em troca é um bom sexo. Você merece mais. — Ele disse, me lembrando.

Um segundo depois ele saiu me deixando deitada na cama. Meu corpo ainda tremia. Meu coração ainda batia com força.

Fazendo-me desejá-lo ainda mais.

24

Walker

Saí do quarto da Sam como se tivesse dado o maldito melhor orgasmo do mundo, estava arrogante, presunçoso e orgulhoso disso. Caralho, talvez eu dei. Sem dúvida parecia dessa forma. Ela tinha rebolado e retorcido debaixo de mim, soluçando e cobrindo meus lábios e queixo de umidade. Mas a verdade era que eu tinha que sair de lá. Estava ficando louco. Ainda podia saboreá-la em minha boca, uma doçura que queria ter pra sempre. Mas a sensação em meu coração... estava me matando.

Abri de repente a porta do seu quarto e deixei que batesse na parede. Escutei a cama ranger enquanto ela saltava, mas não permiti que isso me incomodasse. Queria que ficasse assustada. Assim é como ela deveria estar.

Caminhei pelo corredor como se um leão estivesse sobre meus calcanhares. E talvez estivesse tentando me levar de volta ao quarto e me forçar a pegar o que agora estava determinado a ser meu.

Meu pau estava tão duro, que não conseguia pensar direito. Juro que se me esfregasse contra algo, gozaria me envergonhando igual um adolescente com sua primeira garota.

Precisava de uma liberação e rápido. A umidade de Sam ainda estava na minha boca e precisava tirá-la antes que perdesse o controle.

Sabia o que poderia ajudar com isso.

Tinha bebido a metade do vinho barato da senhora Ross, além de uns goles de vodca, antes que chegasse ao quarto, procurando pela Sam. Não tinha a intenção de tirar a calcinha dela e devorá-la. Simplesmente aconteceu, imagino. Muita coisa que eu nunca esperava acontecia em volta de Sam. Mas agora a sede estava de volta. A única que não poderia desejar. O que precisava agora era uma boa bebida forte.

Fui à cozinha. Esperava que Sam saísse de seu quarto a qualquer momento, exigindo que eu retirasse o que disse que só a desejava, nunca amava. E talvez eu retirasse. Para entrar entre suas pernas, poderia dizer qualquer coisa. Pediria que se casasse comigo por uma oportunidade dessas.

Congelei minha mão alcançando a garrafa de uísque escondida no armário. De onde tinha vindo isso? Casar-me com a Sam? Tinha que estar perdendo o juízo. Acabei de dizer que não poderia amar alguém. Sem dúvida não poderia me casar com ninguém.

Agarrei o uísque do armário e olhei ao redor procurando um copo limpo mais desisti quando não pude encontrar nenhum. Em vez disso, peguei uma xícara com uma rachadura em um dos lados, olhei dando a volta, franzindo o cenho. Tinha uma foto da Sam quando era uma menina do outro lado, algo que o colégio provavelmente fez para o Dia das Mães ou alguma outra merda de festividade que nossos pais não poderiam se incomodar menos. Coloquei-a no balcão e servi o uísque até a borda, depois me dirigi à geladeira.

Meu estômago se apertou quando abri a porta da geladeira de 1980. Não havia nada dentro. Nada. Só um pacote com doze Coca-Cola e uma garrafa de vinho. Queria torcer o magro e pálido pescoço da senhora Ross até que perdesse a consciência. Mas ao invés disso, peguei uma Coca-Cola e tirei a tampa, enchendo o resto da minha xícara com ela. Sam sorriu pra mim do lado do copo de cerâmica, um sorriso tímido em seu rosto.

Lembrava-me dela nessa idade. Era muito tranquila. Tinha tentando tirar a timidez dela em mais de uma ocasião quando éramos crianças. Ela não deveria ser assim. Não era seguro. Não em nossa vizinhança. Se os meninos por aqui

mexessem com a pequena Samantha Ross ela não retaliaria, e isso lhe causaria muitos problemas. Eu tinha problemas com roubo de carro e acusações por posse de drogas quando era pequeno.

Como ela foi capaz de permanecer virgem até os dezenove anos, não sabia. Era muito bonita para estar sozinha e muito preciosa para ser tocada. A verdade é que eu sempre pensei que ela fosse como sua mãe, abrindo as pernas para cada Tom, Dick e Harry que se aproximava. Esse era o monstro em mim falando, queria odiar a todos. Maldição, estava feliz em saber que estava errado. Sam era virgem. Agora eu queria ser o seu primeiro.

Lembrei-me dela se contorcendo embaixo de mim há alguns minutos, descontrolada enquanto minha boca e dedos a deixavam selvagem. Nunca havia estado com uma virgem e na realidade, não tinha interesse nelas. Eu gostava das mulheres que sabiam o que estavam fazendo. As que não tinham medo do que eu pedisse. Mas queria estar com Sam, em mais maneiras do que começava a me dar conta.

Balancei a cabeça com raiva e tomei um longo gole do meu uísque com Coca-Cola. Casamento. Merda. Só a palavra já me deixava frio. Sam e eu nem sequer tínhamos feito sexo. Não a amava. Nunca iria acontecer. Não, a menos que quisesse arruinar a sua vida e a minha. Porque se o impossível acontecesse e eu me apaixonasse por ela, e se algo

acontecesse, se ela morresse como minha mãe ou me deixasse como fez seu pai, isso me mataria.

Terminei minha bebida e fiz outra. A melhor resposta para os meus problemas era o álcool. Era meu solucionador de problemas.

E Sam era o maior, mais sexy e mais incrível problema que já tive.



Acordei no dia seguinte com a mãe de todas as ressacas. Minha cabeça latejava e meu corpo doía. Minha boca parecia como se eu tivesse comido um pacote completo de bolas de algodão e meus olhos estavam inchados e injetados de sangue.

Sentei e dobrei-me de dor. A noite anterior foi a pior da minha vida. O sofá era muito pequeno, muito velho e muito duro. Esfreguei atrás do meu pescoço e tentei massagear a cãibra. Não funcionou. Rolar os ombros ajudou, mas não muito. Estava um desastre. Droga, quanto bebi na noite anterior?

A mesa de café chamou minha atenção. Uma garrafa vazia de uísque estava ao lado de uma garrafinha vazia de Bacardi

151. Lembrei-me de abrir uma coisa mais não a outra. Estava surpreso de que inclusive estava vivo, mais ainda que estivesse consciente.

Um cinzeiro cheio estava colocado no centro da mesinha ao lado de um desintegrado pacote do Camels. Esfreguei o meu dedo pelo lábio, me perguntando se alguns desses cigarros tinham sido meus. Tinha a esperança de que não. Não havia tido nenhum problema em deixar o hábito, mas isso não significava que quisesse parar. Era o lado viciante em mim. Só procurando outro vício.

Alcancei minhas botas no final do sofá, com cuidado para não me mexer muito rápido. Nem sequer conseguia me lembrar de tirar isso. Eu devo ter apagado em algum ponto. A última coisa que me lembrava era de sentar-me à mesa da cozinha sozinho, beber e pensar em Sam. A próxima coisa que sei, é que acordei. Irritado, sem dúvida, e doente como um cão.

Puxei minhas botas, ignorando a urgência de vomitar, peguei o controle perto de mim. Liguei a televisão, pulei quando o som machucou meus ouvidos, deixando a minha cabeça latejando de dor.

Enterrei a cabeça nas mãos e descansei os cotovelos nos joelhos enquanto escutava o homem do tempo tagarelar sobre tempestades e probabilidades de chuva. Disse algo sobre ser o ano mais chuvoso. Murmurei uma maldição e deixei cair as mãos do meu rosto. A chuva estava fazendo com que meu

salário baixasse, uma das desvantagens da construção. Se chovia, não trabalhava. Se não trabalhava, não me pagavam. Se não me pagavam, não iria à Universidade. Se não fosse para a universidade, terminaria como meu pai, mal subsistindo. Era um ciclo vicioso que me tinha pego pelas bolas a maior parte do tempo. Mas não importa quantas moedas de cinco e dez centavos poderia ter, eu nunca estaria desesperado o bastante para voltar a uma vida de crime. Sim, sentia saudades de dirigir os carros luxuosos que me pagavam para roubar, mas eu parei com isso. Correr era ótimo, mas ainda assim, não faria a prisão parecer um passeio no parque.

Com cuidado, levantei-me e esperei enquanto a sala parava de rodar. O sol estava nascendo, infiltrando-se pelas cortinas sujas da sala. Tentei não olhar diretamente os raios, com medo de que meus globos oculares pudessem explodir.

Prometi ao Bent que olharia a Sam de noite e isso é exatamente o que tinha feito. Agora era hora de ir. Tinha uma ressaca para curar e um longo banho frio pra tomar.

Eu fui para a entrada, levando meu tempo e me apoiando nas paredes. A parte de trás da casa estava escura, felizmente, os únicos sons eram os rangidos do chão enquanto eu andava.

Apoiando-me à parede, passei o quarto do Bent, vazio de tudo. Ao lado estava o quarto da senhora Ross. Uma música suave saia do seu quarto. O leve som de roncos poderia ser escutado pelas finas paredes da casa, provando que ela

também estava dormindo. Continuei caminhando, pensando que estava indo ao banheiro. Mas no meu estado de embriaguez, me encontrei de pé em frente à porta fechada do quarto da Sam.

Merda.

Eu respirei fundo e fechei os olhos, imaginando Sam do outro lado. Ela estaria dormindo, as cobertas enroladas entre suas pernas. Seu cabelo estaria espalhado pelo travesseiro, parecendo fios de fitas pretas contra os seus lençóis cor de rosa. Inocente e erótico ao mesmo tempo.

Esfreguei meu rosto com as mãos em frustração. Odiava-a. Desejava-a. Poderia inclusive amá-la, isso era tão fodido. Mas neste momento, tinha que deixá-la.

Coloquei a mão na maçaneta e comecei a virar mas parei. O que estava fazendo? Não poderia simplesmente entrar, com ressaca e cheirando como o interior de uma garrafa. Acordá-la e me despedir. Atuar como se nada tivesse acontecido entre nós. Porque algo aconteceu, algo mais que só sexo, e não estava certo do que fazer com isso.

Soltei a fechadura e coloquei minha mão aberta contra a porta, me apoiando nela. Não poderia deixar que me visse desta forma. Fodido. Com ressaca. Um desastre. Podia ser quem eu era, mas isso não significava que estivesse orgulhoso disso.

Deixei cair a mão e dei um passo atrás, olhando sua porta fechada.

Era hora de enfrentar a realidade. Este gosto em minha boca, o de álcool azedo, representava quem eu era. Repulsivo. Amargo. Perturbador. Apenas os efeitos restantes de algo que poderia fazer que era nada mais que arruinar uma vida.

E eu não iria arruinar a sua.

Virei sobre meus pés e voltei meus passos até a sala, lutando contra a urgência de voltar para quarto dela. Ela não precisava de alguém como eu e eu não precisava de alguém como ela. Algo assim me fazia sentir coisas que pensava que fosse incapaz de sentir.

Dei uma última olhada na casa, depois fechei a porta da frente com cuidado atrás de mim, trancando-a. Chamaria Bent mais tarde e lhe diria que vigiasse Sam ele mesmo. Ou a colocasse em um hotel. Não poderia confiar em mim mesmo ao redor dela.

O ar fresco da manhã fez bem aos meus pulmões. Muito melhor que o cheiro de álcool velho e cigarro dentro da pequena casa. Fui para o meu carro, distraído notando o silêncio da vizinhança. Não havia muitas pessoas por aqui que iam à igreja aos domingos pela manhã. Muitos provavelmente eram bandidos ou bêbados como eu.

O orvalho cobria meu carro, fazendo com que a pintura preta desbotada brilhasse a luz do sol da manhã. Levou-me um tempo caminhar até ele. Cada passo que dava era doloroso, enviando pontadas de dor a minha cabeça. Tudo o que queria era entrar no meu carro e ir para casa. Tomar um banho frio e cair em minha cama.

Fiz uma careta enquanto dava os últimos passos até meu carro, a bílis subindo na minha garganta. Estava sentando no assento do condutor quando escutei algo. O som da porta de uma caminhonete batendo. Levantei o olhar, uma reação inconsciente para um ruído alto nesta vizinhança. Tinha que ser cuidadoso aqui. Você nunca sabia o que estava vindo para te abordar, tentando te vender drogas ou roubar todo o dinheiro que tivesse, com a cortesia de uma arma ou faca em suas costas. Mas o que encontrei em seu lugar era meu pai, saindo da sua caminhonete.

Observei-o pelo para-brisa enquanto tirava uma bolsa de fertilizante da caminhonete. Colocando-o sobre seu ombro, caminhou uns poucos passos até a porta da frente e o jogou no chão, ao lado dos degraus.

Liguei o carro e o coloquei em movimento, mantendo os olhos nele enquanto segurava o freio. O que ele estava fazendo? E por que eu me importava? Deveria ser o álcool que ainda estava em meu sistema.

Conduzi devagar, observando enquanto ele caia de joelhos ao lado da casa. Tinha uma pá pequena e estava cavando na terra, fazendo um buraco na porta da frente. Eu acho que eu estava procurando castigo porque me encontrei pisando no freio em frente da sua casa, a casa que queria esquecer.

Meu pai não levantou o olhar enquanto saí do carro. Duvidei até que ele havia me escutado. O velho estava ficando surdo desde que eu era um menino.

— O que você está fazendo? — Gritei, me aproximando pela grama coberta de orvalho, minhas botas deixando rastros atrás de mim.

Ele não levantou o olhar, só continuou cavando a terra molhada.

— Papai! — Gritei a uns passos dele.

Virou, surpresa em seu rosto. Barba cinza decorava suas bochechas fundas e a linha afiada da mandíbula. Seus olhos estavam claros, sem qualquer evidência de uma noite de bebedeira neles.

— Hey, filho. — Disse, ficando estranhamente de pé, com a pá ainda em suas mãos.

Franzi o cenho, observando o homem que tinha me batido mais vezes do que eu poderia contar, de pé na minha frente. As palavras de Sam na outra noite me perseguiam. Ele ainda era meu pai, apesar do que tinha me feito passar. Tanto como

não conseguia suportar olhá-lo, havia uma parte de mim que queria sua aceitação, apesar de que sabia que nunca conseguiria.

— O que está fazendo? — Perguntei de novo, minha voz hostil. Ele olhou pela rua até a casa da Sam, ignorando minha pergunta.

— Vem da casa da Samantha?

Cruzei-os braços sobre o peito e ampliei minha postura, meu cenho aprofundando-se.

— Sim.

— Como você está? — Perguntou, coçando por debaixo de sua camisa xadrez desbotada.

— Bem. — Respondi, sem me atrever a discutir Sam com ele.

Ele balançou a cabeça e me olhou, me vendo. O velho provavelmente cheirava o álcool em uma pessoa como um cão de caça. Sabia que eu havia bebido. Assim como eu sabia que ele provavelmente também.

— Você está bem? — Perguntou, apontando para minhas calças e camiseta amassadas.

Rangi os dentes e segurei o comentário rude que queria lhe dar. Tínhamos lutado e trocado muitas palavras duras durante os anos. Mas não ia brigar, estava cansado disso.

— Sim. — Respondi, ignorando a raiva em mim. — Diga-me o que está fazendo, ou devo ir.

Olhou o buraco perto dos seus pés. Seus tênis velhos de velcro estavam cobertos de terra e desgastados pelos anos de uso. Chutou um montinho de terra e esfregou um dedo debaixo de seu nariz.

— Plantando um arbusto de rosas. — Disse, naturalmente.

Minhas sobrancelhas subiram.

— Um arbusto de rosas? — Perguntei incrédulo. Este era o mesmo homem que nunca se importou se tínhamos um pingo de grama no pátio.

— Sim, um arbusto de rosas. — Falou meu pai sobre seu ombro, voltando para o buraco.

Enterrou a pá no chão e começou a cavar de novo. Foi quando notei um arbusto colocado ao lado, apoiado contra a casa. Uma sacola estava ao redor das raízes e uma etiqueta pendurava de um dos ramos.

— Era uma das favoritas da sua mãe. Antique Malva[3]. — Disse, jogando uma pazada cheia de terra a uns pés de distância. — Pensei que seria agradável aos olhos quando florescer. Poderia me lembrar dela.

Com a menção da minha mãe na boca deste homem, me perdi. Toda minha raiva saiu para a superfície.

— E estava pensando nela enquanto fica bêbado aos cinquenta anos? Ou em todas essas vezes que me usou como seu saco de pancadas? Estava pensando nela também? — Gritei minha paciência tinha acabado, meu agravamento e confusão com Sam encontrando um canalizador. — De verdade acredita que a mamãe teria gostado do que fez ao seu filho? Deixou hematomas em mim que demoraram semanas para desaparecer! — Balancei a cabeça com desgosto, gesticulando para o chão. — Mas vai em frente e planta uma porra de arbusto de rosas em sua honra. Jesus.

Meu pai deixou cair a pá e se virou para mim, a calma em seu rosto só fazendo minha raiva aumentar.

— Escuta filho...

[3] 

— Não me chame assim. — Disse, estendendo a mão para detê-lo e andando pra trás ao mesmo tempo. — Não tem o fodido direito.

— Ok. Bem. Escuta, Cole — Começou de novo, me seguindo enquanto eu me afastava. — Eu sei que fiz coisas ruins a você e a sua mãe. Estou tentando concertá-lo. De verdade eu faço. Estou assistindo as reuniões de AA[4]! Tentando arrumar toda minha merda. — Ele olhou para as minhas roupas amarrotadas e a barba sem fazer. — Você deveria vir comigo algum dia.

Soltei uma gargalhada, o som forçado.

— E sobre as rosas... — Apontou para trás dele para o pequeno arbusto. — Eu nunca comprei uma para sua mãe e ela amava muito. Eu... eu me arrependo de não ter lhe dado algo antes de... antes que adoecesse e nos deixasse. Arrependo-me disso cada maldito dia da minha vida. Assim eu plantei isto por ela. Porque ela as merecia há muito tempo.

Balancei a cabeça. O movimento enviou uma dor ferroando por mim e fez lágrimas de agonia encher os meus olhos secos e avermelhados.

— Um dia entenderá, Cole. Amará alguém. Mas espero por Deus que nunca tenha que perdê-la.

[4] Alcoólicos Anônimos.

Uma imagem de Sam surgiu na minha mente. Tentei imaginar uma vida sem ela e não pude. Simplesmente não poderia.

Meu pai me olhou, seus olhos cheios de tristeza.

— Se encontrar uma garota, Cole, compre rosas. Muitas delas. Encha sua casa. Entregue-as para ver seu sorriso. Simplesmente não se arrependa de nada, Cole, como eu. Como eu viverei o resto da minha vida.

Fechei os olhos, ignorando suas palavras. Nunca amaria alguém. Eu me recuso. Olhe o que fez a ele. Mas Sam ficava surgindo na minha mente. Jurei rapidamente. Sempre tinha sido a exceção à regra mais não poderia deixar que fosse desta vez.

Abri os olhos, preparado para fazer um comentário sarcástico ao meu pai, mas meu telefone vibrou em meu bolso. Tirei e olhei o identificador de chamadas. Bent.

— Mais tarde. — Murmurei para o meu pai, me afastando.

— Cara, onde está? — A voz rouca de Bent perguntou.

— Hum, na Pedreira. — Disse voltando para o meu carro. Esse é o nome que Bent e eu batizamos a nossa vizinhança naqueles dias. A Pedreira. Porque as oportunidades de sair daqui não existiam.

— Onde está a minha irmã?

— Em casa. Na cama. — Merda. Só de pensar em Sam na cama me fazia querer ter um orgasmo.

— Tudo bem? — Perguntou Bent.

Entrei no carro e liguei o motor, vendo meu pai me observando com os olhos semicerrados.

— Diga-me. — Falei precisando saber se Bent tinha cuidado do seu problema seja ele qual fosse.

— Tenho algo pra fazer, mas não se preocupe com Sam. Ela deve ficar bem. Tudo está bem, cara.

Queria lhe dizer que tinha medo de que nunca ficasse bem com ela, mas mantive a boca fechada.

— Bent. — Falei em advertência. — É melhor que não a coloque em mais perigo. Se não terei que chutar o seu traseiro eu mesmo.

Bent bufou.

— Quando é que você se preocupou tanto com a Sam?

— Hum, desde que o fiz o meu maldito trabalho. — Respondi. Passei por sua casa, agarrando o volante com mais força enquanto a imaginava saindo da cama, parecendo sexy e despenteada.

— Que seja. Chamarei você mais tarde. — Disse Bent, interrompendo meu devaneio.

Olhei o espelho retrovisor antes de reduzir a velocidade para virar.

— Bent, não faça nenhuma merda louca. — Falei antes que ele desligasse. Pude escutar o sorriso em sua voz quando respondeu.

— Olha quem está falando, idiota. Até mais tarde, Walk.

Desligou antes que eu pudesse responder. Troquei a segunda e pisei no acelerador enquanto batia a estrada. Meu Duster ganhou mais velocidade. Sessenta. Setenta. Oitenta. A coisa era um pedaço de merda por fora mas por dentro tinha um motor que faria o melhor piloto profissional babar. Isso é o que precisava. Velocidade. Sentia-me bem e me fazia esquecer toda a porcaria da minha vida.

Bom, quase. Seja o que Bent fosse fazer, eu tinha a sensação de que não acabaria bem. Também tinha a sensação de que machucaria Sam de alguma forma. Já que eu era o único que havia ensinado a Bent como roubar e o introduzi a uma vida de crime, se ele se fodesse e Sam se machucasse, seria minha culpa. E eu não sabia se poderia suportar isso.

25

Sam

— Levante-se.

Eu reclamei e me aconcheguei mais profundamente nos meus lençóis, puxando um travesseiro sobre minha cabeça.

— Acorda!

Merda, até nos meus sonhos Walker me perseguia. Joguei as cobertas e fui à deriva em outro sonho. Estava esgotada. Nos últimos quatro dias eu trabalhei tantas horas quanto pude, na esperança de esquecer Walker. Depois que ele colocou sua boca em mim e me fez gozar, saiu do meu quarto, me deixando com alguma besteira soando em meus ouvidos sobre nunca amar ninguém. Não tive notícias dele depois disso. Nem por mensagem. Nenhuma chamada telefônica.

Nada. Só um correio de voz irritado de Lukas, me dizendo quão cadela eu tinha sido.

Para piorar as coisas, encontrei garrafas vazias na sala de estar na manhã seguinte, depois que Walker foi embora. Minha mãe jurou que não eram dela. Eram provas de que Walker tinha saído bem bêbado ou com muita ressaca daqui. Preocupei-me com ele durante horas. Será que sofreu um acidente? Estaria desacordado em algum lugar em uma sarjeta qualquer? Estava vivo? Diferentes cenários correram por minha cabeça até que me senti louca. Finalmente Bentley chamou e me disse que Walker estava bem. Depois disso fiquei um pouco aliviada e de saco cheio, aliviada que ele estava bem e irritada por me importar. Eu era somente mais uma garota com quem Walker passou um bom tempo. Alguém fácil.

— Acorda Ross! — Desta vez as palavras foram gritadas enquanto uma mão firme sacudiu meu ombro.

Consegui abrir meus olhos e me sentei, empurrando as cobertas freneticamente. Meu cabelo comprido caiu em meu rosto, obscurecendo tudo, mas ele estava diante de mim. A sombra de um homem grande estava sobre minha cama, me olhando como se eu fosse sua prisioneira. Terror me tirou o fôlego. Um frio passou por meu corpo. Tinha vivido com este medo toda a minha vida, que um dos namorados da minha mãe se aventurasse dentro do meu quarto uma noite, fora de si, drogado ou bêbado. Procurando uma versão mais jovem dela.

Virei sobre o meu estômago. Ficando em uma posição vulnerável, mas precisava pegar o que estava perto da minha cama no chão. Minha mão se estendeu sobre a borda e encontrei o que estava procurando. O taco de beisebol, algo que mantinha ali para este tipos de ocasiões. Quando se vive com uma mãe que tem uma porta giratória para que drogados visitem seu quarto, aprendi a estar preparada, inclusive na escuridão da noite.

Consegui um aperto firme no taco de beisebol e o ergui por cima da minha cabeça. Apontei para o estranho no escuro, esperando que ele não se mexesse. Mas antes que pudesse acertá-lo, uma mão grande agarrou o taco, tirando o de mim.

— Não me toque. — Gritei, olhando-o fixamente entre as mechas do meu cabelo.

— Muito tarde para isso, querida. — Disse o homem, jogando o taco de beisebol no chão.

O cabelo na parte de trás da minha nuca se levantou. Uma corrente elétrica percorreu cada terminação nervosa do meu corpo. Somente um homem causava esse tipo de reação.

Walker.

— O que está fazendo aqui? — Gritei, me levantando sobre meus joelhos no meio da cama. Não podia ver seu rosto, mas reconheci a silhueta do corpo esculpido de Walker, que tinha estado entre minhas pernas há quatro dias.

— Estou tentando te acordar. — Disse em tom irritado. — Tire sua bunda dessa cama, Sam. Agora.

— Por que deveria? — Perguntei, cruzando os braços sobre o peito. — Simplesmente me deixou e não ligou. Quer me dizer do que se trata? — Merda, parecia como uma queixa de adolescente apaixonada. Mate-me agora.

Walker se inclinou e acendeu meu pequeno abajur de cabeceira. Meus olhos levaram um segundo para ajustar à luz, mas quando o fizeram, meu fôlego ficou preso em minha garganta. Ele pairava sobre minha cama, maior que a vida, parecendo tão bem.

Virando-se para mim, apoiou os nódulos dos dedos na cama perto dos meus joelhos e aproximou seu rosto a centímetros do meu.

— Não pensei que estávamos saindo, doçura.

Sua voz era como líquido quente sobre minha pele, suave e quente com a capacidade de causar calafrios sobre meus braços nus. Maldito. Odiava que tivesse esse efeito em mim.

— Não estamos. — Sorri docemente, me negando a olhar para o outro lado e lhe dar a satisfação de saber que estava nervosa. Minhas entranhas tremiam e meu coração batia com força, mas no exterior, estava tão fresca como uma alface. — E pare de me chamar de doçura. Isso me incomoda.

Ele aproximou-se mais, seus olhos descendo para os meus lábios.

— Porquê? Você é doce. Cada polegada de você.

Engoli a saliva, meu corpo de repente em chamas. Queria estender o braço e agarrá-lo, derrubá-lo na cama comigo. Mas resisti. Walker tinha deixado bem claro que não poderia oferecer nada mais do que uma transa. E embora eu quisesse isso, também queria amor, algo que minha mãe nunca teve. Sabia que nunca iria conseguir com Walker.

— Agora, levante e se vista. — Falou, todo rastro de desejo abandonando sua voz. — Antes que eu a tire da cama e te dispa eu mesmo.

Corei, só de imaginar.

— Você é tão mandão. Por que devo me vestir? São duas horas da manhã.

— Porque Bent está em problemas.

Essas palavras me fizeram saltar da cama, com os pés no chão atapetado com um ruído surdo.

— O que aconteceu? — Perguntei, correndo pro meu guarda-roupa e tirando um moletom do cabide. — Onde ele está?

Olhei por cima do ombro quando Walker não respondeu. Ele me olhava com os olhos escuros selvagens. Seu olhar estava fixo em minhas pernas nuas e minha calcinha de corte biquíni. A camiseta que eu usava chegava até minha cintura, deixando minha roupa íntima e pernas expostas e vulneráveis para sua avaliação.

Teria vergonha se ele já não tivesse me visto com menos que isto. Em troca, revirei os olhos e vesti o casaco por cima da minha cabeça. Era um do Bentley, de cor verde escura com "Equipe de atletismo Eastland" bordado na frente. O engraçado era que Bentley nunca esteve na equipe de atletismo. Imagine.

— Walker, o que aconteceu? — Perguntei, me agachando para pegar um short da parte de baixo do meu guarda-roupa.

— Droga, Sam — Disse Walker em exasperação.

Olhei por cima do ombro, vendo-o olhar minha bunda com desejo e uma fome crua.

— Walker. — Chamei, vestindo meu short de forma rápida e silenciosamente, insistindo para que seus olhos subissem. — Concentre-se! O que aconteceu com Bent?

Walker tomou uma profunda respiração, o desejo desaparecendo dos seus olhos.

— Ele foi preso.

— O quê? — A palavra saiu com um grito. Sentindo-me doente de repente, passei perto dele, em direção ao canto do meu quarto onde tinha visto meus tênis. Ao passar do seu lado, meu ombro bateu nos músculos sólidos de seu peito, empurrando-o para trás. Foi como bater em uma parede de tijolos. Uma parede que era quente, forte e capaz de me segurar.

Eu ignorei o arrepio estranho que percorreu meu braço ao tocá-lo e corri para os meus tênis, a irritação fazendo que meu rosto ficasse vermelho.

Meu quarto era muito pequeno para nós dois. Percebi isso na outra noite. Walker ocupava muito espaço. MEU espaço. De repente eu estava com raiva. Com raiva que Walker estivesse de novo no meu quarto depois de afastar-se de mim. Raiva porque ele me fez contorcer e gritar de necessidade, causando sentimentos em mim que jurei nunca voltar a sentir novamente.

Mas acima de tudo, estava com raiva porque Bentley estava indo por um caminho que teria somente um futuro escuro. Um caminho que tinha visto mamãe cair mais vezes do que poderia contar.

Ao encontrar meus tênis, sentei na minha cama e os calcei, com movimentos erráticos. Estava louca. Era o retrato da loucura. Tudo estava fodido. Mamãe. Meus sentimentos por Walker. E agora Bentley. Nada parecia ir bem, mas alguma vez

esteve bem? Eu poderia suportar muita coisa e aguentei pelos últimos anos, mas não acredito que pudesse digerir ver meu irmão ir para a cadeia.

Isso definitivamente poderia me quebrar.

Amarrei meus tênis com movimentos espasmódicos. Havia lágrimas nos meus olhos das quais não estava orgulhosa, mas estavam lá para que Walker as visse, mostrando o quanto eu era fraca.

Ele ficou de pé diante de mim, esperando pacientemente. Se ele percebeu meus olhos úmidos, não disse nada. Concentrei-me em suas calças rasgadas nos joelhos em minha linha de visão, alimentando a raiva em mim. Precisava odiá-lo. Era o que eu conhecia e agora precisava de algo familiar. Meu irmão estava em problemas e o único outro homem em minha vida estava brincando comigo.

Meu olhar viajou para cima, subindo pela cintura de Walker e sua camiseta preta. Sua mandíbula forte. Até o nariz que estava ligeiramente torto por ter sido quebrado em muitas brigas e depois para os olhos que irradiavam algo para mim, algo parecido com indiferença.

Deixei cair meu olhar rapidamente quando senti o começo de um rubor subir por minhas pernas. Era algo que só acontecia quando Walker estava por perto. Obriguei-me a ignorar a sensação e me concentrar no que estava diante de mim, conseguir que Bentley saísse da cadeia.

— O que aconteceu? — Perguntei, ficando em pé e puxando para baixo a barra do moletom imenso que eu estava usando. Algo para evitar olhar para Walker. Se o olhasse, poderia me lembrar onde tinha estado sua boca e agora isso não era o importante, apesar do meu corpo não estar de acordo.

Quando Walker não respondeu, levantei o olhar. Ele estava me olhando, com o cenho franzido. Um fio de desconforto correu ao longo da minha espinha.

— Walker? — Perguntei tremendo. — Está me assustando. O que aconteceu com Bentley?

Impaciência brilhou em seus olhos.

— Ele está preso em uma cela, isso é o que aconteceu. Vamos.

Ele se virou e foi em direção à porta, não esperando por mim, cada movimento que fazia era controlado.

Sabendo que não conseguiria nenhuma informação dele até que quisesse me dar, segui Walker por meu quarto a um ritmo rápido. Quanto mais rápido chegássemos à delegacia, mais rápido poderia ver Bentley e ter certeza de que ele estava bem.

Pam Man passou pela minha mente, o mais sujo dos policiais corruptos. Perguntava-me se ele tinha algo a ver com isto. Ele tem sido um espinho em nosso pé desde sempre. Se ele estava na delegacia de polícia e tivesse tocado em um fio de

cabelo do Bentley, juro que lhe faria mal de uma maneira que ele nunca mais se esqueceria.

Peguei meu telefone ao sair. Walker parou na porta e esperou que eu saísse primeiro, me dando espaço o suficiente para passar entre ele e o batente da porta branca. Comecei a passar meu corpo a polegadas do dele, quando ele estendeu a sua mão e agarrou meu pulso, sem aviso prévio.

— Você não acha que é necessário vestir mais alguma roupa? — Perguntou, olhando significativamente para minhas pernas nuas.

Olhei para minhas coxas bronzeadas, expostas pelos shorts de exercício que eu usava. Era curto e apertado, foi o primeiro que peguei no guarda-roupa. Mas não tinha mais tempo pra me trocar. Bentley precisava de mim. Isso era a única coisa importante.

— Estou bem. Vamos. — Eu disse, afastando meu corpo dele e caminhando pelo corredor. Podia ouvir seus passos me seguindo, somente um braço de distância.

— Não te perguntei se estava bem, Ross. Eu disse que você precisa colocar um pouco mais de roupa. — Disse Walker, caminhando atrás de mim. — Talvez algo que não mostre tanto a sua bunda.

Passamos pelo quarto da minha mãe e me dei conta de que estava vazio. É obvio. Um de seus filhos precisava dela e ela não estava por perto. Qual era a novidade?

— Minha bunda está coberta e Bentley está preso. Temos que ir. — Respondi, escondendo minha reação quando sua mão roçou meu traseiro.

— Tudo bem, mas vou ter que salvar sua bunda quando este short nos colocar em problemas. — Resmungou Walker.

— Quem disse que preciso que cuide de mim? — Repliquei, olhando por cima do meu ombro.

Ele se irritou, seus olhos ficaram ferozes.

— Pirralha. — Disse com uma voz profunda e suave.

Meu corpo se aqueceu a níveis perigosos quando colocou sua mão em minha cintura, me movendo para que eu não tropeçasse nos saltos plataforma que mamãe havia deixado no corredor. Perguntei-me onde ela estava. Será que ela sequer se importa que seu filho mais velho estivesse preso.

— Você sabe de alguma coisa? — Perguntei. — Ele está bem? Por que o prenderam?

Walker tirou sua mão de minha cintura para abrir a porta da frente, seus olhos deslizando sobre mim.

— Vou te contar tudo, Sam, mas primeiro quero que entre no carro. — Disse seu olhar frio e sem emoções.

— Por que no carro? Por que não me diz isso agora? — Perguntei, meu coração batendo em alarme. — Ele é meu irmão. Tenho direito de saber.

Walker se inclinou sua boca a centímetros da minha.

— Porque te conheço muito bem, Sam. Vai enlouquecer e quero que esteja em meu carro quando o fizer. Vai nos economizar tempo e muita dor de cabeça. E... — Sua voz abaixou, enviando um formigamento ao longo das minhas terminações nervosas. — Quero você fora desta casa e longe da sua cama. Não sabe o que está me fazendo. Estou lutando contra o impulso de tirar esse pequeno short e tomar você agora mesmo, aqui no maldito chão.

Pisquei e voltei a piscar. Minha boca formou um pequeno "o" quando meu olhar caiu para sua virilha, então o levantei. Tinha os olhos duros e sua boca estava em uma linha firme. Pude ver a tensão em seu corpo e sentir o perigo em que eu estava.

— Está bem — Eu disse. — Mas me contará tudo no caminho da delegacia de polícia. — Sem esperar por ele, corri pelas escadas da varanda e do pátio. Tinha que colocar um pouco de distância entre nós antes que acabasse dando a ele o que queria.

O ar frio da noite imediatamente atingiu minhas pernas nuas, arrepiando minha pele. Ignorei e me dirigi para o carro de Walker. Seu Plymouth Duster estava estacionado perto da calçada, parecendo ameaçador na escuridão. Parei na calçada ao lado do passageiro e me virei para esperá-lo.

Ele desceu as escadas com calma, seus olhos em mim. Seu andar era medido, seus quadris balançando com cada passo. Ele nunca tinha pressa. A única vez que o vi mover-se rápido era quando entrava em uma briga. Outras vezes, movia-se com uma precisão cuidadosa, cada movimento era calculado. Deliberado. Ele era frustrante. Queria agarrá-lo e gritar para que se apressasse. Será que havia alguma coisa que o fizesse se mover mais rápido?

Cruzei os braços sobre meu peito e bati meu pé impacientemente.

— Vamos, Walker. — Eu disse, lutando contra a vontade de gritar.

Ele continuou caminhando para mim, seus olhos fixos nos meus. Troquei meu peso para outro pé, preocupada que ele ao ver esse pequeno gesto, soubesse que estava ficando sob minha pele.

Com mais três passos, ele parou bem na minha frente. Um pé nos separava. Precisava que fossem mais. Como uma milha, talvez. A uma distância segura dele.

Desviou-se e abriu a porta do passageiro do seu carro, perigosamente perto de me tocar. Fiquei imóvel, com medo que se me mexesse o ar explodiria com a tensão entre nós.

A porta do carro protestou com um gemido forte enquanto ele abriu e esperou que eu entrasse. Sentei no banco do passageiro, disposta a colocar um pouco de espaço entre nós. Mas durou pouco. O interior do carro cheirava a ele. OH, Deus. E as lembranças... fizeram-me puxar uma respiração profunda. Deitado no assento do condutor. Suas mãos no meu corpo, me beliscando e mexendo, seus dedos deslizando dentro de mim. Minha boca sobre ele, lambendo o suor do seu corpo. Seus dedos em meu cabelo, marcando o ritmo enquanto seu pênis se afundava mais profundamente em minha boca. Então depois, quando seu pau entrou a metade do caminho em mim, esperando para derrubar a última barreira que tinha.

Tentei me concentrar no para-brisa no lugar de Walker enquanto ele subia para o assento. A alavanca do câmbio nos separava. Lembrei o que eu havia sentido, pressionada em meu estômago, enquanto eu abaixava minha boca sobre ele. Deus, até isso tinha a capacidade de me fazer suar.

Walker girou a chave e envolveu seus dedos no câmbio. O carro rugiu a vida, retumbando em alta voz no silêncio. Seu motor soava mau e perigoso. Igual a seu proprietário.

Afastei os pensamentos de nós e me concentrei no por que me tinha acordado no meio da noite.

— Então, o que aconteceu com Bentley? — Perguntei enquanto o carro se afastava da calçada. — Estou no carro agora. Fale.

Walker apoiou uma mão no volante, com os dedos relaxados. Sua outra mão ainda estava no câmbio. Mudou para a segunda marcha quando deixamos para trás o bairro e chegamos à estrada principal.

— Foi pego roubando. — Falou Walker diretamente, com os olhos na estrada. — Prenderam-o por roubo de carro e resistência à prisão.

Por um segundo, fiquei sem palavras. Só um.

— O quê? — Balbuciei. — Bentley?

Walker me olhou antes de concentrar-se na estrada novamente.

— Sim, seu irmão. Não aja como se ele fosse inocente Sam. Você sabe bem as merdas que ele faz.

A fúria que sentia antes, quando Walker estava em minha casa era nada comparada com a que estava sentindo agora. A raiva era tão forte que não conseguia controlá-la enquanto percorria o meu corpo, vindo de algum lugar no centro e saindo pra fora. Tentei controlá-la tanto como fosse possível. Respirei profundamente. Tentando me concentrar em alguma coisa que me acalmasse. Nada funcionou. Ouvir as palavras de Walker só me fizeram ficar pior. Estava puxando ar para os meus

pulmões em grandes goles, mas parecia como se eu estivesse respirando nada. Minha visão escureceu. Eu nunca tive um ataque de ansiedade, mas fiquei com medo de estar a ponto de experimentar um pela primeira vez.

— Pare. — Disse com os dentes apertados, o pânico tornando difícil respirar. Bentley está preso. Bentley está preso. As palavras reproduziam em minha mente como um disco arranhado dos anos 70. Olhei pra frente, manchas pretas borravam minha visão. Não consigo respirar.

Não. Consigo. Respirar.

Apertei as mãos com força no meu colo e cravei as unhas nas palmas das minhas mãos. Precisando sentir dor. Ajudava-me a me concentrar. Peguei a dor de dentro de mim e a fiz ser física.

— Pare. — Sussurrei, apertando cada vez mais minhas unhas. Pela extremidade do meu olho, vi que Walker me olhava.

— O quê? Não. — Disse com firmeza.

Minhas unhas se afundaram mais profundamente em minhas mãos. O interior do carro tornou-se menor, fechando com mais força ao meu redor.

— Pare. — Cuspi as palavras como se tivessem um gosto ruim. — Agora.

— Sam, não vou parar...

Agarrei a maçaneta da porta e puxei. Ela se abriu só o suficiente para permitir que o vento entrasse pela abertura enquanto estávamos em movimento.

— Merda! — Amaldiçoou Walker, chegando por cima de mim e puxando a porta para fechá-la. O carro se moveu para a direita quando se inclinou, nos levando para uma calçada cheia de lixo e mato alto.

Sentou-se e endireitou o carro rapidamente. Sua mão roçou minhas pernas nuas antes de envolver seus dedos no câmbio e desacelerar. O motor reduziu, passando de um forte rugido a um suave zumbido.

— O que você está pensando, Sam?! — Gritou, estacionando o carro em um lado da estrada. — Está tentando se matar?

— Não, mas tenho que sair! — Gritei, abrindo a porta de novo.

Não me dei conta dos armazéns abandonados ou do clube de strip-tease perto do caminho. Tudo o que percebia era a fúria e a histeria que subia em mim.

Saí do carro e fechei de repente a porta, fazendo-o balançar. Tropeçando na calçada, coloquei minhas mãos nos meus joelhos e me inclinei, tomando respirações profundas. A sensação do oxigênio que entrava em meus pulmões me

deixava tonta. Meu pânico começou a dissipar-se, mas a raiva ainda estava lá, precisava escapar.

Um vento fresco escolheu aparecer nesse momento, me fazendo tremer. Coincidindo perfeitamente com minhas emoções. Frio e amargo. Sentindo-me melhor, comecei a caminhar, bile subia na minha garganta. Meu irmão estava preso. Na prisão! Não como um menor de idade, mas sim como um adulto! Ele estava preso!

Passei a mão na minha testa, a raiva subindo.

Walker desceu, deixando a porta do condutor aberta e dando a volta pela frente do carro com passadas furiosas. Seus olhos eram duros e cheios de raiva.

Dirigidas pra mim.

— Qual é o seu problema?! — Gritou, chegando até onde eu estava. — Sabe onde nós estamos? — Levantou seus braços, abrangendo nosso entorno. — Pico Hills, a única zona da cidade totalmente controlada por gangues. Não pode parar e andar por aqui! Volte para o maldito carro de novo, Sam! AGORA!

Puxei outra respiração profunda de ar e ignorei os gritos de Walker. Continuei meu ritmo, tentando me lembrar de quando foi que Bent se transformou nesta pessoa, esta que não conhecia. Era nossa culpa! Nossa! Amaldiçoei o papai por ir embora e a minha mãe por ser uma drogada e uma puta. Amaldiçoei-me por ser uma menina indefesa, incapaz de

cuidar das minhas necessidades mais básicas. Bentley teve que assumir essa responsabilidade muito cedo, pondo sobre ele uma pressão que nenhum menino deveria ter que conhecer. Talvez se nossa família tivesse sido diferente, Bentley não estaria enfrentando a prisão neste momento.

Mas mais do que qualquer coisa, ao Walker. No momento em que entrou em nossas vidas, nada voltou a ser o mesmo. Sempre era Bent e Walker. Bebendo. Quebrando as regras. Trazendo mais merda. Foi Walker quem introduziu Bentley em uma vida de crime e dinheiro fácil. Ensinou-lhe a roubar carros. Ensinou-lhe a brigar.

Walker foi quem transformou meu irmão no que era.

— Ross! — Rugiu Walker, tentando chamar minha atenção.

Parei e o olhei fixamente, uma calçada rachada com mato nos separava.

De repente tudo ficou claro. Tudo o que levou a este momento, o momento em que Bentley chegou à prisão, levava a uma coisa. Walker.

26

Sam

Fechei a pequena distância entre nós e me aproximei de Walker, ficando cara a cara com ele.

— Você. — Cuspi com desgosto, apontando o com meu dedo indicador. — Graças a você, Bentley está sentado na prisão neste momento.

Vi o movimento da mandíbula de Walker, seu olhar estava fixo em mim com raiva.

— Se faz você se sentir melhor, Sam, pode gritar comigo o quanto quiser, mas não é minha culpa.

Deixei escapar uma risada aguda.

— Não tem culpa? Você roubou. Enganou. Quebrou cada lei que poderia e mostrou ao Bentley como fazer! Eu vi. Às vezes eu estava com você! Assim sim, você tem culpa! É culpado de tudo!

Walker se inclinou para mim agressivamente.

— Você realmente não conhece seu irmão muito bem, não é? Ele está metido em alguma merda pesada e eu não tive nada a ver com isso. Não desta vez.

Balancei a cabeça, me negando a escutá-lo. Precisava de um culpado neste momento e este era Walker. Eu ainda estava magoada porque ele tinha me rejeitado há alguns dias. E nem sequer se incomodou em inventar uma mentira. Só uma desculpa de "não é gostar ou amar, somente sexo". Talvez fosse isso, eu querendo mais dele, mas preferia pensar que foi Walker quem mostrou o caminho do crime ao Bentley.

Aproximei-me e cutuquei meu dedo indicador no meio do peito de Walker.

— Por sua amizade com você, meu irmão aprendeu a infringir a lei. — Falei, estreitando meus olhos nele. — Aprendeu como roubar carros e correr de maneira ilegal. — Neguei com a cabeça, nervosa e perto das lágrimas. — Bentley nunca foi feito para esta vida, Walker, mas você o meteu nisto.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso zombador.

— Isso é tudo? Isso é tudo o que tem? Vamos, Sam. Sei que pode fazer melhor. Deixe-me ver essa raiva. É melhor do que te ver triste, sem dizer o quanto é quente.

Senti uma chama de fogo de raiva, entrando em minha pele por causa da sua brincadeira.

— Bem. — Continuei, dando um passo mais perto até que meu corpo estava quase tocando no dele. — Quer mais. Que tal isto? Bentley e eu estávamos bem, Walker, até que você entrou nas nossas vidas. Eu estava bem até que você me tocou. Até que me deixou confusa e com vontade de mais.

Walker congelou o sorriso desaparecendo do seu rosto.

— É disso que se trata? — Perguntou em uma voz mortal. — Você e eu?

Procurei seus olhos e respirei fundo com coragem, precisava dela mais do que nunca.

— Não há "você e eu", lembra? Há somente sexo. — Respondi, jogando suas próprias palavras.

Ele olhou para mim, com os olhos insensíveis. Eu me perguntei se tinha ido longe demais. Parecia que eu fazia muito isso quando estava ao seu redor.

Comecei a dar um passo para trás e colocar um pouco de distância muito necessária entre nós, mas ele me deteve com

a mão ao redor da minha cintura e me arrastando de novo para ele.

— Escute-me, Sam. — Disse em um tom rouco. — Eu toquei em você. Coloquei minha porra de boca em você. Você é minha, doçura. Amor ou não amor.

Meu coração parou de bater. Estava certa disso. Sua mandíbula estava rígida e seu olhar era duro, mas suas palavras... suas palavras eram letais.

— Agora... volta para o carro. — Falou, seu olhar indo para algo atrás de mim. Tentou me empurrar para o Duster com uma mão em meu quadril, mas não ia funcionar. Não iria me mover de boa vontade.

— Eu ainda estou chateada. — Disse me sacudindo do seu aperto. E eu não sou sua... — Minha voz se apagou quando ouvi passos atrás de mim.

— Merda! — Murmurou Walker em voz baixa, olhando por cima da minha cabeça para algo.

Virei-me, medo deslizando debaixo da minha pele e arrastando-se ao longo das minhas terminações nervosas.

Três rapazes estavam a uns metros de distância. Estavam distribuídos, formando um semicírculo ao nosso redor. Cada um usava calças folgadas que se mantinham baixas em seus quadris, presas por cintos cheios de correntes penduradas. Vestiam camisetas sem mangas e bandanas vermelhas

amarradas em suas testas, quase escondendo seus olhos. A hostilidade estava em seus rostos, em alguns mais que outros.

Dei um passo para trás, lembrando onde estávamos, a parte da cidade onde as gangues governavam e todos os outros pagavam as consequências. Se você não seguisse a lei daqui, seu assassinato seria falado nos noticiários das cinco, logo depois da previsão do tempo e antes dos esportes. Somente como uma estatística em uma cidade invadida pelo crime e pelas drogas.

E Walker e eu poderíamos ser as próximas vítimas.

Um dos rapazes se adiantou seus grandes olhos em mim. Olhou para baixo para o meu corpo com interesse, o olhar cheio de gratidão.

— O que está fazendo aqui, garota? Não é sua parte da cidade, baby. — Disse em um sotaque espanhol, com os olhos movendo-se sobre mim descaradamente.

Comecei a responder, tendo medo de me defender, mas Walker se adiantou.

— Estávamos de saída. — Falou, soltando meu quadril e movendo-se na minha frente, dando a impressão de que ele não iria há nenhum lugar.

O líder esfregou seu queixo e avaliou ao Walker com desconfiança.

— Usted, mi amigo, está en una zona mala (Você, meu amigo, está em uma zona ruim). — Falando em espanhol, assinalando com o queixo de uma maneira ameaçadora.

Eu não falava um pingo de espanhol, mas sabia que o que o rapaz havia dito não poderia ser bom.

Walker ficou rígido, entendendo as palavras do homem sem nenhum problema. Ele entendia o espanhol tão facilmente como eu entendia o inglês, graças a seus anos em uma equipe de construção e seu ilícito passado cheio de crime.

— Sí, cuál es el problema? (Sim, qual é o problema?). — Respondeu Walker com calma, seu espanhol impecável.

O líder ignorou Walker e me olhou, inclinando-se um pouco para poder ver ao redor do musculoso corpo de Walker.

— Oi, garota. — Disse, sorrindo e movendo os dedos em uma pequena saudação. — Você é muito bonita.

Walker não se moveu, mas cada pelo do seu corpo se levantou.

— Problema? — Perguntou de novo com desprezo.

O sorriso caiu do rosto do líder. Ele arregalou os olhos, seu nariz fazendo o mesmo. Como um cão farejando o inimigo, ele se irritou, preparando para atacar.

— Sim, é um grande problema. — Fez um gesto para seus amigos, de pé em cada lado de nós. — Veja, meus amigos e eu não temos dinheiro e queremos ver tetas e bunda. — Fez um gesto com o queixo através da rua para o clube de strip-tease, um sorriso escorregadio fazendo que seus finos lábios ficassem ainda mais magros. — E então vocês apareceram. Eu digo que é conveniente. — Seus passos eram ociosos, enquanto caminhava para nós, seus amigos ficando onde estavam e nos olhando.

Walker não moveu um músculo, mas podia sentir a audácia saindo dele em ondas. Tinha o visto bater em um homem adulto quando era um adolescente. Sabia que tinha algo dentro dele que estava à espreita e que poderia destroçar e destruir. A pergunta era, ele poderia controlá-lo?

O líder parou bem ao alcance dos braços de Walker. Má decisão.

— Paguem. — Disse, seus olhos vindo em minha direção. — A menos que ela queira nos mostrar suas tetas e bunda neste momento.

A mão de Walker saiu disparada, agarrando o pescoço do rapaz em um movimento rápido. Sua palma chocando contra a traqueia do líder, preparado para esmagá-la a qualquer segundo. Com um puxão, trouxe-o mais perto, seus dedos cravando no pescoço do homem.

Afastei-me, a ponto de cair no chão, enquanto os rapazes se moveram para frente. Minhas costas bateram no carro olhando freneticamente ao redor. Ambos tinham facas em suas mãos.

Mas Walker não parecia se importar.

— Fale para seus amigos que se afastem ou vou apertar mais. — Disse Walker, sua voz como um anjo da morte enquanto apertava seus dedos na garganta do líder.

O homem lutava para respirar, seu rosto estava ficando vermelho. Mas em lugar de estar assustado, permanecia tranquilo, quase pacífico. Sua boca se transformou em um sorriso estranho enquanto lentamente levantou a mão, fazendo saber a seus homens que deviam se retirar. Walker os observava, com a mão pronta para esmagar a traqueia do líder.

— Agora, ouça cara. — Ele disse com um sorriso zombador. — Se você ou algum de seus amigos respirarem perto dela, suas mães estarão chorando sobre seus túmulos. — Seus olhos viajaram sobre os outros rapazes, mantendo-os em seu lugar com um olhar mortal. — Entenderam?

Quando o líder não respondeu, Walker aplicou mais pressão, fazendo com que o sorriso do homem desaparecesse. Terror apareceu em seus olhos frenéticos. Ele não conseguia respirar, sua pele começou a ficar escura. Agarrou os braços de Walker, tentando afastar sua mão, mas os dedos de Walker

só apertaram mais, levantando o líder um quarto de polegada do chão.

Comecei a entrar em pânico. Walker vai matá-lo! Eu seria sua cúmplice e ele estaria sentado na prisão junto com Bentley, ambos iriam me deixar pra sempre. Rezei para que o cara cedesse. Só aceita e pronto, queria gritar. Bentley era super protetor, mas sabia que Walker mataria por mim.

E isso me assustava como nada mais.

— Walker! — Gritei. Ele não se se virou. Sua mão livre levantou, me indicando que me acalmasse. Eu fiz, encontrando os olhos do líder. Justo quando pensei que ele desmaiaria por falta de oxigênio, ele olhou para Walker e assentiu, cedendo.

— Bom. — Disse Walker em uma voz tranquila, deixando cair à mão do pescoço do rapaz. — Fico feliz que nós estamos na mesma página.

Eu estava tão indiferente a respeito disto que comecei a tremer, mas não de medo. De raiva.

O líder deu um passo atrás, longe do seu encontro com a morte. Ele flexionou seu pescoço e esfregou sua garganta, a cor voltando para sua pele enquanto olhava.

— Entra no carro, Sam. — Walker falou por cima do ombro, com os olhos fixos nos rapazes.

Por mais que eu quisesse lhe dar um murro por bancar o herói, ele não teve que me dizer duas vezes. Corri para a porta do passageiro, e entrei. Fechei e bloquei a porta em questão de segundos.

Mas Walker ainda continuava em pé fora do carro.

Que ele está fazendo? Os outros rapazes avançaram para ele, a luz da lua capturando o brilho das facas em suas mãos. O líder estava falando com Walker, gesticulando e sorrindo com esse sorriso de comedor de merda.

Baixei minha janela, observando enquanto faziam um círculo ao redor de Walker.

— Vamos! — Gritei o medo estampado em minha voz. Esqueci-me da raiva. Estava com um medo de morte. Walker era grande e mau, mas era superado em número e não estava armado neste momento. — Walker — Gritei de novo — Vem!

Se ele me ouviu, não demonstrou.

Meu coração estava prestes a explodir. Os homens estavam quase em cima dele. Tudo o que tinham que fazer era dar um golpe e o teriam derrubado. Olhei ao redor do carro, frenética para encontrar algo para usar como arma. Não havia nada além dos tapetes do chão e uma embalagem vazia de fast-food. Abri o porta-luvas, encontrando apenas alguns papéis. OH, Deus. OH, Deus. O que eu faço? Meu olhar parou no volante. Graças a Deus que Walker tinha sido inteligente o

suficiente para deixar o carro ligado, um velho costume dos seus dias na prisão. Talvez haja uma maneira de sair daqui com vida. Sem pensar duas vezes, desbloqueei a porta do passageiro e a abri de novo.

— Entre Cole! — Gritei, inclinando-me o suficiente para que ele pudesse me ouvir. Não olhou para mim mas vi que sua cabeça virou ligeiramente, seus olhos ainda nos homens.

Isso foi tudo o que precisei. Deixei minha porta aberta e me arrastei pelo console e pela alavanca do câmbio enquanto eles correram para o Walker. Ouvi golpes e grunhidos enquanto me deixei cair no assento do motorista, me concentrando em fazer a única coisa que eu sabia fazer.

Sobreviver.

Com a palma da minha mão e meu coração batendo fora de controle, apertei a buzina, fazendo com que o som fosse penetrasse na noite. Era a única maneira que conhecia para conseguir ajuda.

Alguns clientes que caminhavam para o clube de strip-tease olharam para nós, mas ninguém se moveu. Só param e olharam como um bando de idiotas. Baixei a janela do motorista tão rápido como pude.

— AJUDEM! — Gritei, amaldiçoando-os por não se mexerem. Não se importaram. Deram meia volta e se afastaram, tendo seu grande "momento" entrando em clube.

— Merda. — Falei. O que há de errado com as pessoas?

Mais grunhidos e ruídos vieram de fora do carro. Terror se apoderou de mim de novo. Apoiei a mão de novo na buzina e comecei a acender e apagar os faróis. Algo para conseguir ajuda.

Mas foi inútil. Ninguém iria vir.

Cheguei sob o assento do motorista, com a esperança de encontrar uma barra de ferro. Algo. Não havia nada exceto um pequeno pedaço de papel. Peguei-o. Era um pacote de camisinha. Merda.

Entrei em pânico, incapaz de ajudar Walker. Não podia ver mais. Havia muitos meninos e estava muito escuro. Mas podia escutar os sons da briga. Murros e golpes. Ossos rompendo e golpes voando no ar. Eram sons terríveis.

O que devo fazer?

Peguei o telefone e disquei 911, me encolhendo quando ouvi um golpe seguido de um forte grunhido fora do carro.

— 911 qual é sua emergência? — Perguntou uma voz feminina aborrecida do outro lado da linha.

Abri a boca para lhe dizer que enviasse ajuda quando alguém foi jogado contra o carro, balançando-o. Dei um pulo e gritei, deixando cair o telefone no chão. Vi o rosto de um homem contra a janela antes dele desabar.

Um segundo depois ouvi um golpe e outro golpe, seguido pelo som de alguém sendo jogado no chão.

Peguei meu telefone de novo, com meu coração na garganta. E se for Walker quem está no chão, batido e machucado? E se está sangrando até a morte, por uma ferida de faca no seu lado?

Deixei cair o telefone, e comecei a passar pela alavanca de câmbio novamente. Esquecendo-me dos policiais, eles não apareceriam nesta parte de todos os modos. Eu mesma iria atrás de Walker.

Tinha minhas mãos no assento do passageiro e os joelhos no câmbio quando Walker caiu dentro do carro, me obrigando a voltar para volante.

— DIRIGE! DIRIGE! — Gritou, fechando a porta com um puxão enquanto os homens correram para o carro.

Caí no assento do motorista e pisei na embreagem. Ao mesmo tempo, puxei a alavanca em primeira. Em um movimento suave, tirei o pé da embreagem e pisei forte no acelerador. O carro levou um segundo mas logo andou para frente, queimando a borracha dos pneus. Graças a Deus que Bentley me ensinou a dirigir igual um profissional se não estaríamos em um grande problema.

Voamos pela rua, os faróis passando com rapidez pela escuridão. Olhei pelo espelho retrovisor, uma vez, vendo os

homens de pé na rua. Um ou dois deles estavam no chão, agarrando o estômago ou suas cabeças.

Com meu cabelo voando pela janela aberta, tirei a mão pra fora e mostrei o dedo médio. Deus me senti muito bem.

Walker riu ao meu lado enquanto eu colocava novamente minha mão para dentro do carro. O som barítono de sua risada enviou calafrios pelo meu corpo, me lembrando em quanto perigo havíamos estado. Não pude me deter, aproximei-me dele e dei um murro no seu braço com meu punho, colocando força o suficiente no mesmo para adicionar outro hematoma a qualquer que pôde ter recebido.

— Droga! O que foi isso? — Gritou Walker por cima do barulho do carro correndo pela estrada, o vento açoitava través das janelas abertas.

Olhei para ele, ignorando o meu cabelo voando ao redor.

— Você me assustou! Não faça isso de novo!

— Droga, eu vou fazer se for necessário! — Gritou de volta, agarrando a alça de couro da porta e se segurando enquanto eu reduzia a marcha fazendo uma curva muito rápida, derrapando. — Qualquer coisa para te proteger, Ross!

Olhei para ele, com olhos arregalados.

Estava machucado e sangrando. Eu pude ver através das luzes da rua. Tudo por mim. Observei enquanto passava um

dedo pelo seu nariz, evitando meus olhos. Uma substância vermelha ficou em sua mão e ainda pingava do seu nariz.

— Está sangrando! — Exclamei, olhando freneticamente dele para a estrada. Merda!

— Tiveram sorte. — Disse Walker, fazendo uma careta quando tentou sentar-se reto.

Parei em um semáforo amarelo, mantendo um olho nele e na estrada. Ele estava tirando sua camisa, expondo seu estômago nu marcado com músculos.

— Droga — Ele disse em voz baixa.

— OH, Deus, eles te cortaram! — Falei com um chiado, vendo um corte em seu lado.

Seus olhos viajaram até encontrar com os meus.

— Estou bem, Ross. Dirija. — Ele falou com sua respiração pesada. O caralho que estava.

Olhei ao redor, procurando um lugar seguro para estacionar em alguma parte. Nada. Só bairros e empresas que pareciam como se estivéssemos no lado escuro. Merda. Estávamos no lixo da cidade.

Conduzi por outra milha, olhando para Walker todo o tempo. Ele tinha abaixado sua camisa, escondendo o sangue

de mim. Ele estava tranquilo. Muito tranquilo, e isso me assustou até a morte.

Estávamos a dez milhas do centro da cidade e a poucos minutos de onde Bentley estava preso, mas não consegui suportar mais. Entrei no estacionamento de uma loja de bebidas. De um lado da rua estava o questionável estabelecimento K Street Licores, fechado durante a noite. No outro lado havia uma fila de pequenos bangalós de 1930. O bairro poderia ser bonito durante o dia, mas agora estava deteriorado e decadente. Desabitado sem a maior parte das pessoas.

— Muito engraçado. — Disse Walker, olhando para cima o sinal escuro de bebidas. — Por melhor que me pareça beber neste momento, temos que ir.

Estacionei em um lado, logo que encontrei uma vaga para parar atrás do edifício e desliguei o motor.

— Você está ferido. — Falei tirando o meu cinto de segurança eme virando para ele.

— É um corte superficial. Vamos procurar o seu irmão, Ross. — Walker falou, vendo quando coloquei uma perna debaixo de mim para poder me inclinar mais para ele.

Ignorei sua desculpa.

— Não importa Walker, meu irmão pode esperar. Ele não vai a nenhum lugar. — Estiquei-me mais, levantei a barra de

sua camisa revelando um estômago bronzeado cheio de músculos, fiz uma careta quando vi o corte ao lado da sua caixa torácica.

— É superficial. Um deles estava com uma faca de manteiga. — Walker falou sorrindo.

Olhei nos olhos dele, frustrada por estar sendo tão leviano a respeito. Sim, era superficial, mas ainda assim era uma ferida de faca.

— Não é engraçado, Walker. Poderia ter sido morto! Isso não te incomoda?

— Não, realmente não. — Disse, com indiferença.

A ideia me deixou fria. Se tivesse sido seriamente ferido ou morto, não sei o que teria feito. Por poucos segundos tentei imaginar a minha vida sem ele.

E não pude.

— O que te incomoda, Walker? — Perguntei exasperada, voltando para o banco do motorista. — O fato de que estamos sentados em frente a uma loja de bebidas e você precisa de um gole? Ou o fato de que estamos a caminho de pegar o seu melhor amigo na prisão? O lugar onde você o ajudou a entrar? Quero saber já que morrer ou sofrer algum dano não parece te incomodar. Então, o que realmente te incomoda?

A pesar do corte, Walker inclinou-se sobre câmbio, sua voz adquirindo um tom duro.

— Quer saber o que me incomoda? — Perguntou os músculos da sua mandíbula flexionando e apertando. — Você!

Eu suspirei, mas me recuperei rapidamente.

— Que se foda. — Falei, cruzando os braços sob meus peitos. A voz de Walker se elevou, havia fúria em seu tom.

— Vou fazer de conta que você não disse isso.

— Se isso te faz feliz. — Respondi com um sorriso inteligente, descruzando os braços e me inclinando, encontrando com ele no câmbio.

Walker me deu seu sorriso arrogante.

— O que me faria feliz é se você me escutasse uma vez. Quando digo para que não saia do carro, não saia do carro! É tão difícil assim?

Não respondi. Estava me sentindo horrível.

Os olhos dele baixaram até minha boca, seu tom cáustico.

— Você sempre tem que fazer as coisas da sua maneira, Sam. Caminha por aí parecendo tão condenadamente linda e tenho que me sentar aqui e te ver, sabendo que não posso te tocar! Francamente não posso te querer! Por quê? Porque eu sou muito fodido. De verdade acha que quero amar você,

porra? É obvio que não! Assim sim, me incomoda! — Gritou. — Você me incomoda!

Fiquei olhando pra ele, toda a dor e a raiva deixando meu corpo. Ele acabava de admitir que me ama?

Seus olhos brilhavam, cuspindo fogo e queimando pela raiva neles. Olhamos um para o outro. Senti-me presa, incapaz de me mexer, cativada por ele. Ele era tão agravante e obstinado. Um verdadeiro imbecil. Dava-me vontade de gritar. Mas era Walker.

E eu estava com medo porque poderia estar me apaixonando por ele. Duro.

Ele puxou uma respiração profunda e deixou escapar um suspiro ressentido.

— Escuta Sam. — Disse em um tom de voz mais tranquilo. — Esquece o que o que eu acabei de falar, especialmente a última parte. Não te amo. Não posso.

Mas eu poderia amá-lo.

27

Sam

Com um pulo, atravessei o câmbio e me sentei em seu colo. De repente soube o que queria e ele estava sentado bem abaixo de mim.

Agarrando a cabeça de Walker, beijei-o. Um beijo frenético e necessitado sem nenhum medo. Nosso passado foi esquecido, deixado para trás, o nosso futuro com esperança. Éramos apenas Walker e Sam, dois filhos que uma vez se odiaram agora apaixonando-se duro um pelo outro.

Walker pegou meus lábios, seus dedos afundando nas minhas coxas. Sua boca tomando a minha com urgência, me forçando a fazer o que quisesse. Um profundo gemido escapou dele quando curvei minha cabeça para um lado, procurando maior entrada para sua boca. Meus dedos se enroscaram em

seu cabelo, sentindo os fios sedosos entre eles. Por um segundo, deixei que as mechas passassem por meus dedos, em seguida peguei um punhado e puxei, inclinando para trás sua cabeça assim poderia aprofundar nosso beijo. Eu estava desesperada. Voraz. Com fome dele. Deus, quase o tinha perdido.

Chupei seu lábio inferior e em seguida o puxei entre os meus dentes, lambendo-o suavemente antes de soltá-lo. Seus dedos apertaram os meus quadris, me segurando contra ele. Mas eu não iria a qualquer lugar. Nem mesmo nosso ódio poderia nos separar desta vez.

— Estou te machucando? — Afastei-me para perguntar. A alavanca do câmbio estava cravando em uma das minhas pernas e a maçaneta da porta estava pressionando em meu lado, mas estava mais preocupada com Walker e seu corte. Não queria lhe causar qualquer lesão além da que já possuía.

— Não, mas se estivesse, lidaria com a dor para ter você em cima de mim. — Disse com voz rouca, correndo uma de suas mãos sob minhas coxas. Seu polegar deslizou debaixo da bainha da minha bermuda, movendo-os lentamente até minha abertura.

Chupei uma respiração rápida quando se aproximou para me tocar, mas logo tirou sua mão e a colocou de volta em meu quadril, apertando suavemente. Baixei a cabeça e o beijei novamente, com cuidado por causa do corte em seu lado. Ele

abriu a boca, me convidando. Era uma oferta que não eu poderia recusar.

Aprofundei minha língua, batendo-a contra a sua um segundo antes de chupar sua língua na minha boca. Seus dedos agarraram meus quadris com mais força, me pedindo para me mover contra ele. Contorci-me em seu colo, me esfregando contra a excitação escondida em seu jeans. Ele gemeu em minha boca quando esfreguei meus quadris contra seu pênis duro batendo exatamente em meu centro. Eu respirei um suspiro, fogo disparando pelo meu corpo. Sem pensar duas vezes, comecei a puxar a minha blusa para cima. Ele queria sua boca em meus seios. Chupando. Lambendo. Mordendo. Deus, eu queria muito isso também.

Eu interrompi o beijo apenas por um segundo, tempo suficiente para passar a blusa sobre minha cabeça e jogá-la no assento do motorista, esquecida. Odiava-a. Mantinha-me escondida dele e queria estar nua para ele.

Assim que tirei, Walker agarrou de novo minha cabeça e se inclinou mais contra mim. Sua boca retornou à minha, sua língua deslizando por meus lábios e entrando em minha boca. Estremeci, levando-o mais dentro da minha boca e sugando sua língua. Agarrando a parte superior da sua camiseta sem mangas, comecei a tirá-la quando sua mão foi para o meu cabelo, recolhendo-o em um punhado. Tremi, esperando que puxasse os fios duramente, assim que entrasse em mim.

Sentindo-me delirante, apressei-me em tirar sua camiseta o mais rápido possível.

— As janelas. — Falei com voz rouca, sua boca deixando a minha para passar para o meu pescoço.

Na neblina do desejo, percebi que as janelas ainda estavam abertas. Deixando cair sua camisa sem mangas, joguei-me do outro lado de câmbio, a parte superior do meu corpo recostado contra o banco do motorista, a parte inferior montada sobre Walker. Nunca quis fechar uma janela tão rápido. Amaldiçoei o carro velho quando ficou presa no meio.

Walker soltou uma risada baixa e sexy. Ele passou a me tocar por debaixo da minha camiseta enquanto eu trabalhava em conseguir fechar as janelas, seu toque me deixando louca. Escutei-o fechando a janela do passageiro com sua mão livre.

Merda, o meu tinha de ser o mais difícil de fechar?

Finalmente, sentei-me. Missão cumprida. A janela do lado do motorista estava fechada. Estava de volta no colo de Walker em questão de segundos, minha boca na sua.

Ele pegou a parte superior da minha camiseta em um punho e puxou, quase rasgando o material desgastado. Tirou-a sobre minha cabeça jogando-a em cima da minha blusa, criando uma pilha de roupa no lado do motorista. Meu cabelo caiu em cascata sobre meu peito, cobrindo meu sutiã. Ele

colocou os fios finos atrás dos meus ombros e me puxou contra ele, sua boca indo para o meu pescoço.

— O que você quer, Sam. Diga-me. — Murmurou contra minha pele, deixando umidade para trás. — Exija-me isso.

Peguei meu lábio inferior entre os dentes, fechando os olhos com o desejo correndo através de mim. Poderia dizer? Deveria? Faça amor comigo, Walker, por favor. Mas o que disse não foi o que planejei dizer em voz alta.

— Quero sua boca em meus seios. — Respondi, minha voz um pouco acima de um sussurro. — Morda. Lamba. Por favor.

Walker grunhiu, empurrando meu sutiã para cima e fora do caminho.

— Assim? — Perguntou, inclinando-se e tomando meu mamilo em sua boca.

— Sim! — Falei com a voz rouca, exalando enquanto ele me pegava profundamente em sua boca, chupando. Êxtase disparou em mim, estendendo-se do meu peito para baixo, no meu centro, me deixando queimando e implorando por mais.

Walker soltou meu peito. Isso veio com um estalo de sua boca me fazendo gemer. Sua língua entrou em jogo, lambendo meu mamilo. Ele rolou a língua sobre a ponta enrugada, deixando-a molhada, antes de colocá-lo em sua boca, sugando profundamente. Ofeguei e arqueei as costas, dando mais dos

meus seios. Ele tomou, sentindo o outro e puxando meu mamilo entre seus dedos.

— Não posso deixar este sem nenhuma atenção. — Murmurou, sua respiração quente acariciando minha pele enquanto se movia para o outro seio.

Colocou-o na boca, dando tanta atenção quanto ao primeiro. Rodou sua língua em meu mamilo, puxando e lambendo um segundo, sugando no seguinte. Seus dentes mordendo a ponta, puxando o suficiente para enviar um pequeno toque de dor através de mim. Gemi e me movi contra sua virilha, a alavanca do câmbio deixando uma marca em minha perna direita.

Meus seios estavam molhados e doloridos, mas nada tinha me feito sentir tão bem antes. Seus dedos brincavam com um, puxando e balançando, enquanto sua boca adorava o outro. Pensei que não poderia aguentar mais nada, mas ele estava prestes a provar que eu estava errada.

— Quer mais? — Perguntou, sua voz como mel contra minha pele. — Quer que eu toque você? Que lamba sua boceta? Diga-me.

Engoli em seco tentando tirar a secura da minha garganta, meu rosto queimava. Poderia aceitar mais? Jesus, sim.

— Seus dedos. — Apertei os olhos fechados, incapaz de acabar minha frase.

Ele passou suas mãos por minhas costas nuas, seus dedos percorrendo minha espinha, acariciando.

— O que você quer que eu faça com eles? — Perguntou Walker, sua voz tão rouca e sexy que eu poderia gozar apenas escutando sua voz. — Diga-me isso e eu faço. Tão duro ou gentil como você quiser.

Seus olhos percorreram minha nudez, com calor neles, fogo explodindo-os. Transformou minha pele em fogo. Deveria estar envergonhada, sentada montada sobre ele, quase nua, suas palavras soando em meus ouvidos, mas não estava. Eu me senti reverenciada.

Mordi a pele suave do meu lábio inferior, a insegurança me fazendo duvidar. Ele passou seus dedos sob a barra do meu short, me provocando.

— Eu estou sob o seu controle, Sam. Não quero fazer nada, a não ser que você me diga isso. Essa é a regra.

Envolvi uma mão em seu pescoço, balançando meus quadris contra ele quando seus dedos entraram um pouco mais dentro dos meus shorts.

— Quando você começou a seguir as regras? — Perguntei em um sussurro, tremendo de desejo.

Sua boca se curvou em um sorriso.

— Para você, querida. Vou seguir cada maldita regra que há. Até mesmo inventarei umas por minha conta se posso ter você onde quero.

— E onde seria isso? — Perguntei de forma sedutora.

Walker gemeu e se inclinou sobre mim, sua boca indo para o meu pescoço.

— Debaixo de mim. Suas pernas estendidas. Abertas para mim. — Sussurrou, mordiscando minha pele.

Um rubor percorreu minhas terminações nervosas, acabando na ponta dos meus dedos enterrados em seu cabelo. Suas palavras só me acenderam ainda mais.

— Agora me diga, onde quer meus dedos antes que eu quebre minha própria maldita regra e faça exatamente o que eu quero. — Walker falou com voz rouca, parecendo como se estivesse perdendo a batalha pelo controle.

Tentei pensar coerentemente quando se apropriou dos meus seios outra vez, percorrendo seu polegar sobre meu mamilo. Esperando que eu respondesse, beijou o caminho de volta a minha boca, puxando e girando a ponta do meu seio ao mesmo tempo com seus dedos.

Rebolei em seu colo, precisando de mais.

— Quero seus dedos dentro de mim. — Falei contra sua boca, corada por minhas palavras. — Por favor.

— Umm — Ele riu suavemente, levando sua boca longe da minha. — Aí está essa palavra novamente. Por favor. Soa tão malditamente doce vindo da sua boca.

Sorri, percebendo o quanto de poder eu tinha sobre ele. Sentia-me bem, mas, quem estava enganando? Ele era o único capaz de me fazer derreter e quebrar.

— Tire seus shorts. A calcinha também. — Mandou, tirando suas mãos das minhas costas e me deixando ir.

Corei do alto da minha cabeça até a pontinha dos dedos dos pés. Com seus olhos em meu corpo, rebolei e tirei o meu short e a calcinha até meus pés, deixando-os no chão do carro. E me deixando exposta a ele.

— Jesus, é tão malditamente perfeita. — Ele disse, percorrendo seus olhos por meu corpo.

Eu estava vermelha de vergonha, mas balancei uma de minhas pernas de volta sobre ele, me sentando montada nele outra vez. Meu corpo nu estava em desacordo com a forma vestida dele, a aspereza do material contra minha pele sensível e sensorial. Seus olhos permaneceram em mim, absorvendo a visão do meu corpo. Quando minhas mãos foram para seus ombros, seus lábios estavam em mim, sua língua empurrando em minha boca novamente.

Gemi e me derreti contra ele quando suas mãos cavaram pelo meu cabelo, segurando firme o lado da minha cabeça. Sua língua deslizando além dos meus lábios e empurrando dentro, me saboreando. Estava tão envolvida em sua boca que não vi que uma de suas mãos saiu da minha cabeça.

Ele alcançou entre nós dois, sua mão queimando contra minha coxa. Gemi, dando mais acesso. Seus dedos deslizaram contra mim, desaparecendo entre minhas pernas. Deixei sua boca, ofegando, e meu corpo tremendo.

— É isto o que quer? — Murmurou, me olhando na escuridão, seus dedos indo mais profundo entre minhas dobras.

— Mmmm — Foi a única resposta que consegui dar.

— Mais profundo? — Perguntou sua boca movendo-se para minha mandíbula.

— Sim — Sussurrei sem fôlego quando uma onda me sacudiu.

Inalei bruscamente, meus joelhos enfraquecidos quando encaixou dois dedos em mim, sem restrição. Passou sua outra mão na minha coluna, me mantendo no lugar enquanto deslizava seus dedos dentro e fora, me fazendo sufocar.

Deixei minha mão em seu abdômen, descansando em seu estômago. Ele estava curvado, suas longas pernas esticadas no chão do carro. Apenas no ângulo certo para me dar espaço

para alcançar seu zíper. Enquanto seus dedos se moviam em mim, baixei o zíper, com cuidado para evitar tocar a ferida de faca em seu lado.

— Tire-me. — Exigiu. sua boca deixando a minha para assim poder me observar. Empurrei seu jeans fora do caminho e envolvi minha mão em seu pênis.

— Deus, Sam. — Murmurou, jogando sua cabeça para trás contra o encosto e fechando os olhos enquanto eu pressionei.

Um pequeno sorriso aumentou em meus lábios quando vi o prazer cruzar seu rosto. Eu adorava ter tanto controle sobre ele. Era impressionante.

Estava movendo minha mão para cima e para baixo quando senti uma gota de umidade aparecer na ponta. Comecei a percorrer meu polegar sobre ela quando os olhos de Walker se abriram de repente. Segurou minha cabeça por trás e me puxou contra ele, sua boca indo à minha. Ele tornou-se exigente e impaciente, seus lábios forçando os meus a abrir para mergulhar sua língua dentro.

— Levante-se. — Disse, tirando sua boca da minha.

Não conseguia levantar os joelhos muito bem no assento, mas fiz o melhor que pude. Minha cabeça bateu no teto e meu joelho esquerdo estava empurrando contra a maçaneta da porta, mas de alguma forma eu consegui.

Assim que estava fora do seu colo, ele tirou as calças jeans com movimentos apressados. Quando estavam abaixo de seus joelhos, estendeu a mão, agarrando minha cintura.

— Diga-me. — Ele ordenou. — O que você quer?

Ele parou por apenas um segundo.

— Você dentro de mim. — Disse, mal conseguindo falar.

— Se fizermos isto, Sam, você é minha. Entendeu? — Walker falou, seus olhos sérios como nunca tinha visto antes.

— Pensei que já era sua. — Perguntei, me tornando impaciente. A voz de Walker contra-atacou com uma borda possessiva.

— Sempre foi minha, querida, apenas não sabia.

— Então tome o que é seu.

Ele agarrou a parte de trás da minha cabeça e puxou meus lábios. Sua boca era selvagem e ardente. Senti seu pênis duro empurrando em minha abertura, esforçando-se para acomodá-lo. Apertei meus olhos e agarrei com força sua camisa um segundo antes que se encaixasse em meu corpo, rasgando minha barreira em um único impulso.

Tirei minha boca da sua e gritei a dor me rasgando.

— Merda. — Murmurou, tomando o controle da minha boca novamente, engolindo meus gritos e me segurando forte. — Está bem?

Assenti e, em seguida fiz uma careta, meu corpo se sentia invadido. Não era nada como tinha experimentado alguma vez. Seu pênis me esticando a uma quantidade impossível, me enchendo completamente. Queria me afastar dele, mas não podia.

Dor cruzou o rosto de Walker.

— Porra, querida, sinto muito. Você é tão incrivelmente apertada.

Seu comprimento latejava em mim, mas permaneceu parado, deixando-me acostumar ao sentimento dele dentro de mim.

— Tenho que começar a me mexer. — Grunhiu, enterrando sua cabeça em meu pescoço. — Tenho que fazer.

Outro grito me escapou quando ele pressionou mais profundo em mim. Agarrei um punhado do seu cabelo e puxei, a dor era insuportável. Parecia como se estivesse me dividindo em dois. Era muito grosso e muito grande. A invasão, seu tamanho, me assustou.

Coloquei minhas mãos contra seu peito, parando-o.

— É muito. — Disse em um fôlego procurando ar.

Ele parou de beijar meu pescoço e olhou pra mim, seu cabelo escuro caindo sobre a testa.

— Apenas segure-se em mim, querida. Deixe seu corpo se acostumar. Serei suave à primeira vez.

OH, Deus.

Envolvi meus braços em seu pescoço quando me levantou, deslizando a metade fora de mim. Com suas mãos em meus quadris, deslizou novamente para dentro, afundando-se em mim outra vez. Fez isso algumas vezes mais. Lento. Dentro e fora. Dentro e fora, minha umidade aumentando. Então esticou uma mão entre nós e me tocou. Desejo puro cresceu em mim, a dor foi esquecida. Coloquei meu lábio inferior entre meus dentes enquanto ele aumentava a velocidade, tornando-se mais duro, batendo mais forte. Meus seios esfregavam-se contra seu peito, tornando os picos sensíveis. Apenas intensificando o desejo.

— Porra. — Blasfemou, movendo-se mais rápido, afundando dentro e fora.

Joguei minha cabeça para trás, deixando meu cabelo balançar e tocar minha bunda. Ele agarrou as bochechas redondas da minha bunda e começou a mover-me mais rápido, me agarrando com força e dirigindo-se dentro de mim. Abri uma fresta dos meus olhos para ver seu maxilar apertado e tenso, seus olhos fixos na união dos nossos corpos.

Ele pegou-me o observando, seus olhos subiram para encontrar com os meus. Seu olhar de paixão voltou-se para mim, um poder cru e bestial que mantinha controlado. Sabia que estava controlando-se por mim e eu não gostava.

Queria o Walker que conhecia.

Peguei um punhado do seu cabelo e puxei sua cabeça para a minha. Ele gemeu e se sentou, com um braço envolvido em minha cintura. Movendo-me para cima e para baixo em seu pênis, beijei-o, deslizando minha língua em sua boca.

Seu comprimento deslizando dentro e fora mais rápido, me batendo com necessidade. Eu segurei um gemido e puxei seu lábio inferior na minha boca, sugando-o suavemente enquanto ele batia em meu interior. De repente, ele endureceu.

— Camisinha. — Falou contra meus lábios, imóvel.

Levou um segundo para perceber que ele estava esticando-se debaixo de mim, procurando no bolso de suas calças por sua carteira. Incapaz de encontrá-lo envolveu uma de suas mãos em minha cintura e ficou em linha reta, me mantendo nele. Inclinando-se para frente, procurou seu jeans novamente.

Calor explodiu por meu corpo quando a posição o levou mais profundo, esfregando um ponto sensível. Gemi e movi meus quadris, precisando explorar mais esse sentimento.

— Porra, Sam, não se mova. — Falou com voz rouca, finalmente encontrando a camisinha em sua carteira.

— Não posso evitar. — Eu disse, balançando meus quadris. — Sinto-me tão bem com você dentro de mim.

Ele gemeu e me segurou contra ele, sua boca capturando a minha novamente. Seus dedos estavam apertados em meus braços, o pacote da camisinha cavando em minha pele de uma de suas mãos.

Deixando minha boca, rasgou o envelope aberto com os dentes, como um animal esfomeado antes da refeição. Jogou-o no chão e, em seguida me levantou, seu pênis escorregando para fora de mim.

— Apenas me dê um segundo. Não posso gozar dentro de você. — Disse, segurando e rolando a camisinha pelo seu comprimento. Quando estava no lugar, entrou em mim novamente.

Estremeci quando seu pênis foi mais profundo. Mas isso durou apenas um minuto. Ele estava saindo e empurrando dentro de novo, pegando velocidade. Meus lábios se separaram, pequenas exalações de ar correndo dentro e fora, quando estrelas apareceram em minha visão. Meu corpo foi incendiado, cada polegada minha ameaçando explodir em pedaços.

— Cole. — Sussurrei, sentindo como se estivesse caindo.

— Eu sei. — Ele falou em uma voz rouca, lendo minha mente. — Deus, eu sei. — Seus quadris se sacudiram e bombearam em poderosas investidas, movendo-se mais e mais rápido.

Gritei quando o orgasmo me bateu, devastando cada fibra do meu ser. A realidade explodiu em um arco-íris de cores, me deixando com gemidos e gritos.

— Isso, goze pra mim. — Disse Walker, aumentando a velocidade. — Estou quase lá, baby. Quase lá.

Ele aumentou a velocidade, saindo para empurrar de novo, enterrando a si mesmo tão profundo o quanto pudesse ir. Com um empurrão final, soltou um grunhido primitivo e estremeceu quando alcançou sua própria liberação. Pude senti-lo pulsando profundamente em mim, esvaziando-se na camisinha, latejando contra o meu canal apertado quando ele gozou.

Nós estávamos respirando profundamente, suados e pegajosos. Walker colocou sua testa contra a minha, seu peito subindo e descendo rapidamente. Por alguns minutos, seguramos um ao outro, nossos corpos flutuando e baixando das alturas.

— Você é minha nova adição. — Walker falou, sua voz um profundo ruído no carro silencioso. — Eu sou viciado.

— Então alimente seu vício. — Sussurrei as palavras saindo antes que eu pudesse pará-las. — Ame-me.

Walker ficou imóvel, suas mãos apertando meus quadris.

OH, céus. Apertei os olhos, mortificação colorindo minhas bochechas. Por que eu disse isso? Talvez não possa manter minha boca fechada? Não tinha aprendido minha lição? A pequena menção de amor, que Walker deixou bem claro antes era apenas isso, pequenas palavras que não significavam nada. Quando eu entenderia? Cole Walker não amava.

— Olhe para mim, Sam. — Disse calmamente, sua voz séria.

Abri os olhos, me encontrando com os seus pretos.

— Você está me sentindo profundamente em você? — Perguntou.

Assenti um rubor percorrendo meu pescoço.

— Isso sou eu te amando. É a única maneira que conheço.

Senti meu coração partir em dois, quebrando em meu peito. A verdade me bateu. Isso fomos nós, duas pessoas que não sabiam o que era amar e ser amado. Um de nós tinha visto sua mãe procurar drogas e homens, esperando algo que enchesse o enorme buraco em seu coração. O outro teve um pai que o amor tinha destruído, deixando um homem fraco e

ressentido para trás, viciado em bebidas e propenso à violência.

Walker e eu estávamos perdidos, vagando por esse mundo perdidos na mão de Deus com nada, exceto Bentley. Nenhum de nós era capaz de amar. Eu o queria e ele não o fazia. Não poderíamos voltar e nos negar a ir em frente.

Não estávamos indo a qualquer lugar.

Mas pelo menos estávamos indo juntos.

23

Walker

Saí de Sam relutantemente. Merda, poderia estar lá para sempre, ela era tão apertada e molhada ao meu redor. Quase gozei assim que me afundei nela.

Mas tinha diminuído a velocidade para o bem. Caralho, não conseguia acreditar que tinha tomado sua virgindade em meu carro. Meu maldito velho e sujo Duster! Não era a forma que queria que acontecesse, mas Sam não me deixou escolha. Uma vez que subiu em meu colo e colocou seus lábios nos meus, eu estava perdido.

Joguei a camisinha usada pela janela, de repente odiando essa coisa. Foi a única vez em minha vida que quis gozar dentro de uma mulher. A ideia de estar sem nada com Sam me

fazia querer agarrá-la de novo e repetir o que acabamos de fazer.

Em vez disso endireitei minhas roupas e parecia que ela estava fazendo o mesmo. Jesus ela era adorável. Seu rosto estava livre de maquiagem. Suas sardas enfeitavam as maçãs do rosto e nariz, pequenos pontos marrons que tinha olhado fixamente por toda minha vida. Seus lábios estavam sem o batom vermelho. Tinha que dizer que amava o vermelho, mas seus lábios rosados e nus eram sexys. Fazendo-me querer inclinar e beijar novamente sua boca inchada.

Limpei a garganta e fechei o zíper das calças, tentando limpar minha mente sobre o que havia acontecido. Se alguém tivesse me dito há dois anos que estaria aqui e agora, tentando recuperar a minha maldita vida, com a essência de Sam em meus dedos e sobre meu pau, teria rido em sua cara.

E possivelmente batido em seus dentes apenas por dizer sexo e Sam Ross na mesma frase. Talvez tivesse chutado meu próprio rabo por dizer essa estupidez sobre amá-la.

Passei a mão pelo meu rosto, sentindo o puxão do corte no meu lado. Fiquei tão louco quando vi aqueles membros de gangue olhando-a, com fome em seus olhos. Perdi-me. Sam era minha e mataria para proteger o que era meu.

Fazendo uma careta, sentei-me reto, tirando esses pensamentos da minha mente.

— Eu te machuquei? — Perguntou Sam, olhando explicitamente de onde estava o corte para o meu rosto.

— Não. Eu estou bem. — Falei bruscamente, me amaldiçoando assim que as palavras saíram da minha boca.

Soei como um estúpido. Eu era o tipo de cara descuidado e desleixado. Sam era diferente. Deveria tratá-la melhor.

— Estou bem, Sam. — Disse me retratando, falando com uma voz mais suave.

A verdade é que não estava bem. Estava perturbado até o coração. Tinha um corte feio. Meu pau poderia ir para outra rodada. Estava duvidoso e assustado de que poderia estar me apaixonando por ela.

— Eu vou dirigir. — Ela disse, desbloqueando a porta do carro e saindo antes que eu pudesse argumentar. Ela poderia dirigir bem, mas a imagem dela conduzindo meu carro, sua mão apertando sobre o câmbio de marchas como se pertencessem lá, poderia enfraquecer meus joelhos para implorar pelo impossível. Havia algo sobre Sam dirigindo um carro rápido que me fazia tremer forte e querê-la ainda mais.

Se é que isso era possível.

Andei rápido ao redor do para-choque, dando uma olhada na área. Não podia acreditar que tínhamos feito sexo no beco entre uma loja de bebidas e uma fileira de casas degradadas.

O pensamento me enjoou. Sam merecia mais. Isso só provava o quanto eu era ruim para ela.

Olhei para o sinal da K Street Liquor. Droga. Eu precisava de uma bebida. Precisei por toda a noite, desde que acordei com Bentley me chamando, dizendo que precisava de uma carona da prisão para casa.

A primeira coisa que ele disse foi que era por Sam. Estava realmente envolvido em algo e queria ter certeza que ela estava segura e comigo. Eu não sabia em que merda estava envolvido, mas tinha discutido. Dirigi direto para sua casa, lutando contra o desejo por uma bebida por cada milha que andei até lá.

Esqueci o desejo de beber logo que esses meninos nos encurralaram. E a sede tomou um banco traseiro quando Sam subiu no meu colo, me dando algo mais para ser viciado.

Ela.

Mas agora estava de volta. O desejo. Arranhando por dentro. Minhas mãos agitadas enquanto as colocava no volante. Tudo o que precisava era pegar Bent e voltar para casa. Então estarei rodeado de bebidas. Poderei afogar meus estúpidos erros em uma garrafa.

Era tudo o que eu precisava.

Examinei Sam com meus olhos. Bem, quase tudo.



— Então você está me dizendo que te deixaram impune? — Perguntou Sam para Bent do assento traseiro.

Olhei no espelho retrovisor enquanto corria pela rodovia. Ela estava sentada na parte de trás do carro, suas longas e sexys pernas ocupando o espaço entre os assentos dos passageiros. Queria correr minhas mãos para cima e para baixo nelas, talvez fazê-las desaparecer por essas coisas que ela chamava de shorts.

— Sim. Impune. Mesmo sem fiança. — Bent falou, interrompendo minha fantasia. Ele estava curvado no banco e parecia como merda. Havia círculos sob seus olhos. Não ajudava que um deles estivesse negro e inchado. Seu cabelo estava desordenado, os fios loiros parecendo que não eram lavados há um dia ou dois. Seus jeans estavam rasgados em um joelho e o botão inferior de sua camiseta branca tinha manchas pretas. Mas, mais do que isso, ele parecia desconfortável, quase aterrorizado.

A prisão faz isso com você. Eu sei.

— Então o que você fez exatamente para ser preso? — Eu perguntei, olhando-o rapidamente antes de me concentrar na estrada de novo.

Bentley evitou minha pergunta e eu soube que nunca responderia com Sam no carro. Estava aborrecido de que o visse dessa maneira. Ele tinha seus próprios pesadelos, mas Sam não sabia quais eram. Ele estava certo que nem eu sabia.

Olhei novamente pelo espelho retrovisor enquanto parei em frente à sua casa. Queria levá-la para casa comigo, coloca-la em minha cama e nunca a deixar sair, mas sabia que se oporia à ideia se tentasse. Além disso, Bent me mataria se soubesse o que tinha acontecido entre Sam e eu. Não tinha intenção de contar-lhe tampouco.

Sam olhou para sua casa sem nenhuma emoção no rosto. Provavelmente queria me matar, mas não havia muito que eu pudesse fazer sobre isso. Meu plano era ir para casa e obter uma bebida nojenta com Bent. Ele parecia como se precisasse.

— É tarde. Apenas volte para casa conosco, Sam. — Disse Bent em voz alta, de repente voltando para a vida quando parei em sua casa.

— Tenho que me levantar em poucas horas e ir trabalhar. Vou dormir um pouco. — Disse. Podia ouvir o sofrimento em sua voz e me atingiu no estômago, fazendo minha necessidade de álcool muito pior.

— Ok. — Disse Bent, esfregando a testa. Juro que se ele fosse um drogado, chutaria sua bunda a partir de agora até manhã. Essa era a única coisa que nenhum de nós tinha feito, drogas, e se ele estava envolvido com elas, nunca o deixaria perto de Sam novamente. Não a queria ao redor dessa merda.

Assim que estacionei na entrada da garagem, Sam abriu sua porta sem esperar que parasse o carro. Rangi os dentes. Ela realmente me odiava tanto assim? Realmente eu era tão mau só porque disse que não poderia amá-la? Sim, o monstro em mim respondeu.

Puxei o freio de mão no estacionamento e saí do carro.

— Vou te acompanhar. — Falei, ignorando o olhar curioso que Bent lançou pra mim.

Sam não me esperou. Foi direta para a porta da frente, seus passos duros. Caminhei atrás dela desfrutando da vista do seu perfeito traseiro sob a luz da lua. Uma imagem de minhas mãos agarrando-o enquanto meu pau mergulhava profundamente nela passou pela minha mente. Fiquei duro e não quis nada mais que a seguir até o seu quarto e gastar minhas próximas horas entre suas pernas. Era um bom plano, mas tinha minhas dúvidas de que acabasse tão bem para ela agora.

A poucos passos da porta, a alcancei e agarrei seu braço.

— O quê? — Ela estalou sobre seu ombro, sem parar.

— Ouça — Eu disse, dando uma olhada no meu carro. Bentley tinha a cabeça apoiada no banco de trás, seus olhos fechados. — Eu sou... eu... — Porra. Nunca tinha perdido as palavras ao redor de uma mulher antes. Que merda estava errada comigo?

Sam balançou seu cabelo preto batendo no meu peito.

— Não me venha com suas desculpas, Walker. Tivemos sexo. E o quê? Não preciso de um monte de palavras falsas transbordando essas besteiras que os meninos dizem às garotas depois de transar. Sou mais inteligente que isso. Eu entendi, não me ama e eu não te amo. Não vamos fazer mais. Jogue fora toda a ideia de nós. Salve-nos de um monte de dor de cabeça.

Merda, por que isso me incomodava tanto? E por que, porra, escutar me dava pânico? Apertei meus dentes e apertei meus dedos em seu braço, odiando que suas palavras pudessem me afetar tanto. Com uma mão ao redor do seu antebraço, puxei-a pelo resto do caminho à sua porta, a raiva nublando meu julgamento.

— Ouch! Você está me machucando! — Sam assobiou, tentando soltar meus dedos.

— Esqueça isso, Ross. Você só está me incomodando.

Abri a porta da frente com um movimento irritado, amaldiçoando a porta no meio do caminho que não abria. Uma vez que destranquei a porta, eu arrastei-a para dentro. A casa estava escura, o cheiro de madeira podre e cigarros rançosos me deixando mais furioso.

— Que merda, Walker? — Gritou Sam, tentando se soltar do meu aperto.

Peguei os dois braços dela e a virei, colocando-a contra a parede. Com um tapa furioso, fechei a porta da frente, deixando-nos no escuro. Eu podia ouvir sua respiração difícil e quase conseguia ver seus seios subindo e descendo, mais sexy impossível.

— Não tenho paciência para isso. — Ela falou, soltando-se com um puxão do meu aperto e tentando passar por mim.

Agarrei-a e a coloquei de volta contra a parede, deixando-a saber, que estava irritado de novo. Ela me olhou ameaçadoramente enquanto eu estava preso entre suas pernas. Sem tocá-la, segurei sua atenção. Estávamos a poucos centimetros de distância. Podia sentir o cheiro de algo doce. Algo que cheirava levemente a sexo.

— Dê-me algo. Eu sei que você quer. — Ronronou, me dando um doce e falso sorriso que me fez querer virá-la e dar um tapa em sua bunda. Estava perto de fazê-lo. Estava muito linda para resistir.

Em vez disso tive outra ideia.

Inclinei minha cabeça e a beijei, minhas mãos indo para a parede atrás dela. Ela se rendeu, sem resistir. Um áspero gemido escapou da sua boca, apenas o que eu queria ouvir. Passei minha língua no contorno dos seus lábios antes de afundar em sua boca. Ela se encontrou comigo, sua língua deslizando contra a minha. Passei os dedos pelo seu rosto, segurando o queixo em minha mão enquanto a outra mão permanecia na parede, suportando meu peso.

Beijei-a com todo o meu ser. Marquei-a com a minha língua em sua boca, desejando poder fazer o mesmo em seu corpo de novo. O pensamento dela perdendo a esperança em nós me deixava perigosamente fraco e eu não gostei disto.

Suavizei o beijo até que estava adorando seus lábios, mal tocando meus próprios.

— Não me ameace de novo, Sam. — Falei, me afastando até que estava pairando perto de sua boca.

— Não estava te ameaçando. Estava expondo os fatos. — Disse, tentando recuperar o fôlego, seu corpo pressionado contra a parede.

Olhei para os seus seios. Minha boca encheu de água, mas desta vez era algo diferente do delicado sabor do álcool.

Eu a queria de novo.

Coloquei minha mão atrás dela na parede e a puxei para mais perto. Seus mamilos roçando contra meu peito. Podia senti-los, implorando por minha boca. Mas, agora, tinha outras coisas pra fazer.

Uma delas era fazer que confiasse em mim.

— O fato é Sam, que não vou te dizer um monte de besteiras. Você merece a verdade e eu sempre lhe dei isso, sem importar o quanto isso machucasse. — Engoli forte, precisando beber agora tanto quanto precisava dela. — Então aqui está a novidade. Estou morrendo por uma bebida agora. Posso sentir meu interior encolhendo, ansiando o momento em que obtiver uma. Minha boca se sente como algodão e minhas mãos estão tremendo. Quero uma tanto quanto eu quero você. Mas sou uma má pessoa, Sam. Eu me odeio. Às vezes não posso suportar me olhar no espelho porque vejo meu pai protagonizado por mim. Mas estou de pé aqui na sua frente, dizendo que não me deixe pra trás. Nunca.

Deixei cair minhas mãos para os lados e dei um passo atrás, deixando-a ir. Sam olhou para mim com os olhos arregalados, umidade nas profundezas verdes de seus olhos. Rasgou-me como nunca antes. Eu não queria lágrimas de tristeza. Eu apenas a queria.

Virei-me e sai pela porta. Acabava de mostrar meu coração para ela para que o visse rasgado, cortado, negro e sangrando.

Agora eu realmente precisava de uma bebida.

29

Walker

— Então você tentou roubar um conversível Lotus Evora no valor de cem mil dólares para estes caras? — Perguntei incrédulo, abrindo a garrafa de tequila e me servindo outra dose. — Um dos carros mais notáveis ao redor?

Bent parecia humilhado enquanto estudava sua dose ainda cheia.

— Sim, cometi uma porra de um erro. Pensei que seria fácil. Disseram-me onde estaria. Tudo o que tinha que fazer era pegá-lo e sair.

Sacudi a cabeça em desgosto, então tomei um gole de tequila.

Bent fez o mesmo, tragando seu copo com gosto. Estava em seu caminho para ficar bêbado, graças à garrafa de Patrón em que ele tinha desperdiçado dinheiro. Depois de deixar Sam, parei em meu velho lugar favorito, Licores Moore, e escolhi a garrafa transparente de conhaque. Bentley parecia que tinha o que precisava.

Sei que eu com certeza precisava disso.

Transar com Sam me deixou louco. Não conseguia tirá-la da cabeça. Eu estava possuído. Não queria nada mais que pular em meu carro e voltar para a sua casa. Enterrar meu pau nela e nunca a deixar de novo. Ignorar o sentimento crescendo entre nós e apenas transar. Mas sabia que essa não era uma possibilidade, então, voltei para a próxima melhor coisa, me embebedar.

Bent se debruçou sobre a mesa, seus ombros curvados para frente.

— Eu sou tão estúpido. — Murmurou suas palavras começando a sair arrastadas.

— Eu tenho que concordar. — Falei, me servindo de outra dose. — Poderia ser mais estúpido? Esta merda é séria, Bent. Você não tentou roubar um pedaço de merda de BMW de um vizinho classe média. Tentou roubar o rei de todos os criminosos, Nicholas Morrow. O homem é uma cobra e tem os dedos metidos em tudo. Eu estou surpreso que você está

sentado aqui agora falando comigo, e não em uma vala em algum lugar, com as mãos arrancadas.

Bent serviu a si mesmo outra bebida e a tomou em um só gole, mais rápido desta vez.

— Pelo menos era sua maldita filha que tinha o carro e não ele, ou seria servido de alimento para os peixes neste momento.

— Sua filha? — Perguntei, o copo a meio caminho da minha boca. Bent assentiu, me olhando com olhos avermelhados.

— E tinha acabado de me sentar no banco do motorista... — Ele endireitou o corpo, seus olhos cheios de vida. — Você sabe o quão suave é o couro em um Lotus? Deus era tão maravilhoso dentro quanto era por fora. Como um sonho molhado se tornando realidade.

— Foco, Bent. Sua filha? — Perguntei. A tequila realmente bateu em Bentley. Assim como faziam os carros caros que tinham mais potência do que deveria ser legal. Ele tinha uma coisa por eles, assim como eu tinha para os carros antigos baratos. Cada um na sua, suponho.

Bent piscou, o olhar distante em seus olhos desaparecendo.

— Sim. A filha. Então, estava fazendo minha magia e ligando o carro quando esta modelo sai passeando fora do

clube como se fosse dona do lugar. Foi maravilhoso. Quero dizer, simplesmente muito linda. Eu fiquei paralisado e não me movi rápido o suficiente. Ela me viu sentado em seu carro, e o que ela fez? Ela atacou-me.

Levantei uma sobrancelha.

— Atacou? Uma garota. Você tem 1.90 metros. O que era ela, um pitbull? Ela que te deu esses? — Perguntei, apontando seu rosto. Ele tinha um lábio cortado e um olho preto, seu segundo este mês.

Bent passou a língua sobre o corte aberto no seu lábio inferior.

— Não. A garota era do tamanho de uma vara. Apenas parou lá e gritou. — Sacudiu a cabeça, estudando o copo. — A próxima coisa que eu vi foi um cara estúpido agarrando-a e ela estava gritando para que a soltasse. Não sabia quem era o tipo, mas que ela não estava ganhando e parecia ser um malvado filho da puta. Então pulei fora do carro e o puxei fora dela. A coisa seguinte que sei é que alguém chamou os policiais e eu estava no chão, com um grande cara de segurança me mantendo pra baixo. Fiquei assim e minha carona, saiu a toda velocidade. No carro. Os policiais estavam esperando a seis ruas, conduzindo um 10/50.

— Jesus. — Jurei, balançando com a cabeça. — Então decidiu resistir à prisão.

Bent olhou para mim.

— Sim.

— Lindo. — Murmurei secamente. — Com classe, hein?

Eu bufei e ambos bebemos mais alguns goles das nossas bebidas, Bent fazendo caretas quando queimava ao descer. Coloquei meu copo na mesa e tirei o telefone do meu bolso. Bati e corri meu dedo sobre a tela, querendo enviar uma mensagem a Sam e perguntar se ela estava bem. Seu grito doloroso no momento em que tomei sua virgindade ainda me assombrava. Eu falei que iria devagar com ela, mas uma vez que começou a mover-se em cima do meu pau, me deixei levar. O pensamento dela dolorida agora me deixou preocupado.

E duro.

Limpei a garganta, afastando o pensamento.

— Então, isso foi tudo? Roubou um carro, resistiu à prisão, e foi para a prisão só para ser liberado, sem acusação?

Bent assentiu.

— Algo não está certo. — Murmurei, inquietação arrastando-se por minha coluna.

— Diga isso para mim. Nada esteve bem durante muito tempo. — Bent falou, ainda estudando o seu copo.

Eu concordei. Nada estava certo. Toda minha vida maldita estava fodida. Não deveria querer Sam e nunca deveria ter tomado sua virgindade. Deveria te-la feito gozar com minha boca ou meus dedos, e deixar assim. Quem se importava com o que meu corpo queria ou precisava? Devia ter pensado com minha cabeça no lugar do meu pau. Mas não fiz e agora ia pagar com o que restava do meu coração negro e minha alma esfarrapada.

Servi-me outra bebida e coloquei mais para Bent. Ele pegou o copo e levou para sua boca, parando no meio do caminho.

— Minha irmã te colocou na merda esta noite? — Perguntou ele, me olhando na penumbra da nossa cozinha.

— Não. — Menti. — Contei-te sobre nossa pequena briga com a gangue. Isso foi tudo.

— Bem, Sam me disse que Lukas a deixou. Que se foda. Se eu pegar algum outro homem farejando ao redor, partirei seu traseiro em dois. — Prometeu Bentley, antes de tomar a bebida em um gole só.

— Ela é uma mulher adulta, Bent. Pode cuidar de si mesma. Dê a ela seu espaço. — Falei tentando acalmar a situação antes de começar. Bent poderia cheirar o interesse em Sam a uma milha de distância. Eu só esperava que não pudesse farejar o meu.

Bent se inclinou para frente, com os cotovelos na mesa.

— Você a deixaria ir, Walker? Nós dois sabemos o que os caras querem e isso não é um anel de casamento. Ficar com alguém e sair. Não tem sido esse o nosso lema? Sei, certo como o caralho, que é o seu.

Recusei-me a responder. Não havia necessidade porque ele tinha razão. É o que fiz por anos.

— Então, me diga outra vez se estou sendo ridículo e retrocederei, e deixarei que os lobos a tenham. — Bentley falou em um tom frio, voltando a encher seu copo.

Cerrei os punhos, o monstro em mim rosnando com o pensamento de alguém mais tocando Sam. Alguém como eu.

— Ninguém pode tê-la, Bent. — Disse com um grunhido. — Ninguém a merece. Especialmente não um homem como eu.

— Amém a isso. — Disse Bent, levantando seu copo em um brinde. — Eu digo que se fodam todas as mulheres, especialmente aquelas com carros rápidos e corpos maravilhosos de morrer.

— Isso estará voltando para te assombrar, Bent. — Murmurei, levantando meu próprio copo.

— Então? O que você acha disso porra? Irmãozinho sabichão? — Perguntou, mal articulando as palavras agora.

Dei de ombros. A coisa era que eu não tinha coragem de dizer a ele que eu já tinha feito.

— Bem, eu digo que se fodam os homens para quem trabalho. Que consigam seus próprios malditos carros. E aqui está à pessoa que me tirou da prisão. Obrigado, amigo, quem quer que seja. Devo-lhe isso. — Disse Bent, levantando seu copo e, em seguida, atirando a bebida em um único gole.

A coisa era eu estava achando que um de nós iria pagar a dívida de Bentley e tinha a sensação de que não seria ele.

31

Sam

Depois que Walker me deixou em casa, passei a noite pensando nele. Meu corpo ainda estava sensível e me sentia muito bem fodida. Ainda poderia sentir seu toque no meu corpo, minha pele estava machucada por sua barba áspera, meus seios marcados pelos beijos e chupadas que ele me deu. Havia marcas em minha pele, onde seus dedos agarraram meus quadris com força, já estavam ficando roxas e em minhas pernas também. Tudo o que eu conseguia pensar era em seu corpo sob o meu, tirando minha virgindade e me fazendo gozar feito louca. Suas palavras ainda soavam em meus ouvidos horas depois, me fazendo lembrar que ele poderia não me amar, mais eu nunca faria.

Fui trabalhar horas depois que o deixei com Bentley. Estava exausta. Não tinha dormido muito, estava preocupada com o meu irmão. Percebi que ele estava muito machucado na última noite quando caminhamos até a delegacia. Ele disse que tinha tudo sob controle, mas eu duvidava. Estava me escondendo algo, só não sabia o que.

— Por favor, você me traz o açúcar?

A voz me trouxe de volta à realidade. Estava de novo no Meet na Eat, parada em pé no meio de uma lanchonete lotada de clientes.

Fui até a mesa ao lado e peguei o açucareiro que estava cheio.

— Aqui está. — Coloquei-o no meio da mesa um pouco forte demais.

O cliente mais próximo sorriu com diversão, achando graça, já o que estava mais afastado não gostou muito da minha atitude franzindo o cenho quando pegou um dos envelopes de açúcar. Ambos os adolescentes estavam me incomodando desde que entraram pela porta. Estavam em seus vinte anos aproximadamente. Um era branco com cabelos loiros e o outro era moreno com cabelo preto. No momento em que se sentaram na minha sessão começaram seus avanços, sempre olhando para os meus peitos e minha bunda. Por muito que eu precisasse das gorjetas, estava cansada disso.

— Que horas você sai daqui, gostosa? — Perguntou o rapaz loiro.

— Não tenho hora pra sair. — O loiro, ignorou o olhar fulminante que eu estava lhe dando e continuou com os olhos fixos nos meus peitos cobertos pela camiseta do restaurante, olhava descaradamente sem se incomodar com minha cara feia. — Mais café? — Perguntei para eles.

— Por favor. — Disse o moreno, me olhando como se estivesse lhe oferecendo um mouse de chocolate em vez de outra xícara de café.

Enchi sua xícara, com uma vontade louca de jogar em sua cara só de raiva. Seu olhar passava sobre meus seios, porém, como o seu amigo, ele não parou por aí. Seus olhos baixaram até a minha bunda arrebitada coberta pelo meu jeans apertado.

— Qual o seu nome gatinha? — Perguntou o idiota 2.

Mostrei meu crachá de identificação.

— Saaammm. — Um deles falou soletrando meu nome como se fossem alunos do primário que ainda estava aprendendo a ler.

Direcionei um olhar mortal para o idiota 2. E pensei! Aí se vão minhas gorjetas, fazendo um grunhido. Mas eles não se incomodaram comigo. Tinham assuntos mais urgentes em sua mente.

— Tem mais desses piercings em alguma parte do seu corpo? — Perguntou, olhando meu anel labial, revistando meu corpo.

Agarrei o cabo da jarra apertado.

— Não. — Respondi.

Antes que falassem algo mais, me virei e fui embora. Dei de cara com Pam Man bem na minha frente.

— Bem, bem, bem. Se não é a senhorita Sam Ross. — Falou, esticando a mão e agarrando meu braço para não deixar eu me afastar dele. — A garota mais bonita da cidade.

Meu coração parecia que iria sair pela boca. Pensei que minha cabeça ia explodir. Não havia o visto muito nos últimos anos. De repente, eu era aquela garotinha assustada de novo, com aquele homem que a maltratou por tanto tempo.

Um brilho cintilou nos olhos profundos sem cor de Mick. Sorriu, notei como seus dentes eram grandes e muito brancos, me lembrava de um animal feroz prestes a atacar. Ainda era alto e forte com um corpo sólido, mas foi sua farda que chamou minha atenção. Era de um profundo marrom da exata cor da lama. E parecia suja e gordurenta, como se não a tivesse lavado em dias. Assim como à alguns anos atrás quando se tornou policial.

Puxei meu braço longe de suas garras e dei um passo atrás.

— O que está fazendo aqui, Mick?

Segurou o cinto do seu uniforme de polícia marrom e ajustou na cintura, subindo as calças.

— Isso não é maneira de tratar a um velho amigo, Sammy. — Disse com uma voz carinhosa, olhando para o meu corpo. — Como tem passado?

Senti o medo subindo pela minha espinha. Estávamos em um local cheio de pessoas e mesmo assim ele conseguia me assustar. O pensamento me deixou doente.

Sem responder tentei sair, passei ao lado dele, mas me agarrou o braço de novo, me impedindo de sair.

— Não está feliz em me ver gatinha? — Perguntou sua voz muito amistosa. — É uma pena porque estou feliz, Sammy, de vê-la novamente. — Inclinou-se mais perto, sua colônia queimando meu nariz. — E sua mãe estava também muito feliz em me ver na outra noite.

Olhei para ele, ódio substituindo o medo.

— Deixe minha mãe em paz, se afaste dela, fique longe, seu bastardo.

O sorriso dele deslizou um pouco, mas o recuperou rapidamente.

— Não posso prometer isso, docinho.

Dei um passo mais perto dele ignorando o murmúrio e agitação da lanchonete e minha voz interior me dizendo que corresse. A fúria fervia em mim.

— Sei que deu algo para ela outra noite, Mick. Se você se aproximar dela de novo, vai se arrepender. Entendido?

Pam Man elevou uma das suas grossas sobrancelhas, seus olhos iluminando-se com excitação.

— Está ameaçando a um oficial da lei, Sammy?

— Sim. — falei sem remorso.

— Tss, tss, Sammy. Isso não é maneira que uma boa garota se comporta, — Mick falou, sacudindo sua cabeça. A excitação em seus olhos se transformou em algo mais, algo repugnante. — Mas talvez você não seja uma boa garota. Talvez seja má. Mmmm me conte o que você fará docinho, se me aproximar de sua mãe? Quero os detalhes.

Um calafrio percorreu minha espinha. Ele percebeu o efeito que tinha sobre mim, fiquei pálida, fria como um bloco de neve. Seu sorriso se alargou.

Eu tentei me afastar mas ele era muito maior que eu. Este homem era mais que um bastardo. Era perigoso. Comecei a me afastar, precisando sair, mas suas palavras me pararam.

— Como está indo o seu irmão, docinho?

Senti o fim do meu estômago, me fazendo enjoar.

— Diga a ele que eu mandei um “Olá”. — Começou a ir embora, mas olhou pra mim antes de sair me analisando de cima abaixo, salivando com o que via, aprovando com um sorriso sacana nos lábios. — A gente se ver por aí Sammy, mais rápido que você pensa.

Com uma piscadela e um sorriso, caminhou para longe, desaparecendo no meio dos clientes, deixando-me apavorada.

Horas depois, meu turno acabou e organizei minhas coisas para ir pra casa. Recolhi minha bolsa e guarda-chuva e corri para não perder uma vaga no ônibus da cidade. A chuva caía forte, fazendo sons horripilantes. As grandes gotas faziam barulho na lataria dos carros, alagando as ruas enquanto as cruzava. Qualquer outro dia o som não me assustaria, mas hoje, a sensação era de pavor.

Meu cabelo estava uma bagunça, encaracolado com a umidade, fiz o impossível para controlá-lo. Coloquei um fio rebelde atrás da minha orelha e esperei minha parada. Aproximando dela, procurei levantar logo e ir para frente enquanto caminhava sob o corredor central, quando o ônibus virou em uma esquina muito rápido. Coloquei a minha mochila cruzada sobre meu ombro abraçando-a, pronta para abrir o guarda-chuva.

Tentei ignorar os olhares de alguns homens enquanto passei. Meu olhar estava fixo no percurso do ônibus, fiquei me

segurando, balançando pra frente e pra trás, fazendo o melhor para me manter firme só observando o caminho. Ajudava a evitar os olhares dirigidos a mim. Odiava andar de transporte público, mas hoje não consegui nenhuma carona, Red e Tammy estavam ocupadas e não havia ninguém mais para pedir.

O motorista encostou-se ao meio fio, espalhando a água acumulada na rua, lavando a calçada. Assim que parou as portas abriram, e eu saltei apressada. Ficando só e levando uma rajada de fumaça do escapamento do ônibus.

Peguei meu telefone da minha bolça e segurei-o firmemente em minhas mãos, pronta para pedir ajuda se fosse necessário. Foi uma maratona seguir em frente, o guarda-chuva não servia pra nada, tirei os sapatos, as roupas estavam grudadas em meu corpo e eu só pensava em tomar uma ducha bem quentinha. Comecei a descer pela rua, em poucos minutos estaria em casa.

O céu estava cinza e escuro enquanto a noite se aproximava. Um barulho de carro se aproximando logo à frente me deixou em alerta, o motorista passou bem devagarinho por mim, assoviando para chamar minha atenção. Continuei andando, me recusando a ficar com medo. Pensei comigo mesma, esta é minha vizinhança. Estas pessoas eram minha gente, apesar de quem era ou o que tinham. Era meu lar.

Virando a esquina pude ver minha triste e pequena casa na frente. Lembrando-me do que Pam Man me disse mais cedo apressei meus passos, correndo para chegar em casa e me sentir mais protegida do que na rua. Ainda podia senti-lo me olhando, seus pequenos e brilhantes olhos em mim.

A chuva começou a cair mais forte, um temporal torrencial. Meus sapatos já estavam encharcados e meus cabelos grudados. Tentava me cobrir, mas nada adiantava, o vento jogava o guarda-chuva ao contrário. Ai que ódio. Pensei. Mas não deixei de notar por sob o guarda-chuva uma caminhonete branca que se aproximava de mim lentamente. As janelas eram de vidro fumê tornando impossível ver o condutor. Um calafrio correu por minha nuca, um mau pressentimento de que algo iria acontecer. Quem quer que fosse, estava me observando.

Afastei esse pensamento negativo e segui em frente. Era uma pessoa e isso me deixou mais calma. Pam Man não teria coragem de fazer algo aqui, não depois de ameaçá-lo. Ou teria?

Meu celular vibrou na minha mão, me fazendo pular. Corri para atender, olhei para o lado e vi a caminhonete indo embora.

— Olá. — falei sem olhar a tela.

— Não atendeu o celular, por quê? — Disse uma voz profunda. Cambaleei, quase tropeçando.

— Walker? — Perguntei, muito feliz e esperançosa.

— Sim, quem poderia ser?

— Ninguém. — Respondi, sentindo meu corpo vibrar como se ele estivesse ao meu lado. — Quero dizer, poderia ser Lukas. Ele está querendo reatar comigo.

— Sam. — Disse Walker em advertência.

Eu sorri presunçosamente. Amava provocá-lo.

— Você está bem? — Perguntou sua voz rouca e maliciosa.

— Estou bem, Walker. Porque não estaria?

— Era sua primeira vez e fui muito duro com você. Mais duro do que deveria ter sido... — Sua voz sussurrou em meu ouvido.

Fiquei vermelha mais que um pimentão.

— Estou bem. — Falei, sentindo um formigamento profundo na minha boceta.

— Bom porque na próxima vez não serei tão amável. Serei mais duro, amor. — Walker falou com uma voz grossa de excitação.

Corei a partir da ponta do meu cabelo preto tingido.

— Haverá uma próxima vez?

Podia-se ouvir um alfinete cair na outra linha, estava muito quieto. Um segundo passou, logo outro. Atravessei as poças de lama no pátio da minha casa, vendo-a no escuro.

— OH, haverá uma próxima vez, Sam. Muitas delas. Quero te comer de muitas maneiras. Você acha que pode lidar com isso? — Sussurrou Walker em meu ouvido.

— Acho que vou ter que descobrir. — Falei me sentindo quente.

— Foda-me, Ross. — Walker gemeu. — Quero você agora.

Meu coração pulou enquanto procurava por minhas chaves dentro da minha bolsa. Não sabia o que dizer. Flertar com Walker e falar sobre sexo eram coisas novas para mim. Coisas que faziam meu corpo tremer.

Abri a porta da frente, meu coração acelerado.

— Diga-me por quê. — Falei, ignorando o nervoso em mim por perguntar.

— Por quê? — Perguntou Walker, novamente.

Alcancei o interruptor da luz, mantendo o celular entre meu ombro e meu ouvido.

— Sim, por quê? Por que quer estar comigo. — Falei. — Você me odiava. Porque você mudou de ideia?

Ele ficou em silêncio. Pensei que havia desligado quando escutei sua voz romper através da linha, soando tão tranquila como chocolate derretido.

— Porque é você Sam. Tem um corpo de matar e essa atitude que me deixa louco.

Joguei a bolsa no sofá, minhas pernas tremiam.

— O que você gosta em mim?

Walker riu.

— Você não aceita desaforo. Fala o que pensa. E você não se deixa dominar. Eu gosto disso.

Parei a caminho do meu quarto, acendendo a luz do corredor. Continuei a ouvir. A última era algo estranho, mas amei.

— E é carinhosa e sexy. Não esqueça esses dois. — Walker falou, com um sorriso na voz.

— O que mais? — Perguntei, respirando com dificuldade e tentando esconder o tanto que esta conversa me afetava. Estava quente de repente. Muito quente em minhas roupas. Acendi a luz do meu quarto e olhei minha cama, desejando que Walker estivesse aqui.

A voz dele estava bem gostosa, sexy pra caralho...

— Deixe-m ver. Deixe-me continuar com seu corpo. Seus lábios são perfeitos e amo eles pintados de vermelho. Deixa-me louco. Tanto quanto seu maldito anel neles, mas você já sabe isso.

Já estava com a calcinha molhada.

— E seus peitos são perfeitos também. — Continuou. — Encaixam em minhas mãos como se tivessem sidos feitos pra mim. Eu gostaria de estar com você agora. Eu gostaria de lambê-los e fazer coisas com eles que fariam você gritar.

Sentei na beirada da minha cama e fiquei brincando com a ponta do cobertor, algo para manter minhas mãos ocupadas.

— O que mais?

Walker riu baixo e sensual.

— Você é indiscreta, Ross. O que é isto? Vinte perguntas?

— Talvez. — Eu respondi teimosamente.

— Ok. O que mais quer ouvir? O quanto eu amo a sua boceta? Se estivesse aí, te levaria para a cama, suas pernas abertas, minha boca te chupando, lambendo, fazendo você gozar. Depois quando estivesse preparada, afundaria meu pênis bem profundo em você, sentindo seu corpo estremecer ficando encharcada.

Tentei acalmar minha respiração, mas foi inútil. Estava caindo sob seu feitiço. Duro.

— Então? — Perguntei sem fôlego, esperando que não tivesse acabado.

— Você gozaria bem gostoso recebendo meu gozo dentro da sua boceta. Não quero usar mais camisinha. Quero que você comece a tomar a pílula, Sam. Marque uma consulta, irei com você e pagarei por tudo que for necessário.

Meu coração estava batendo fora de controle, cada batida ficava mais forte e ansiosa.

— Sonho com isso também, Walker? Quando você vem? — perguntei com voz a rouca, esperando esse dia chegar.

Walker gemeu do outro lado do celular.

— Deus, Sam, você não sabe o que faz pra mim, ouvir isso.

— Diga-me. — Falei.

Xingou suavemente mas continuou.

— Sussurraria em sua orelha como você está molhada e apertando o meu pau. Como ordenha ele com sua boceta. Mostraria o que desejo fazer com seu corpo, me deixando louco de prazer, beijaria você até explodir minha semente dentro da sua boceta, sussurrando contra seus lábios que você é minha. Que possuo o seu corpo e você me possui de coração e alma.

Exalei uma respiração rápida, nunca esperando essas palavras dele. O tic tac do relógio na sala era o único som na casa vazia, além das batidas rápidas do meu coração.

— Agora é a minha vez de perguntar. — Disse Walker, sua voz me envolvendo a distância. — Você está em casa?

Suspirei forte.

— Sim.

— Isso é tudo o que eu precisava ouvir. — Um segundo depois, ouvi-o desligando o telefone.

31

Sam

Tirei a roupa e entrei no banho, meu rosto e corpo em chamas. Foi-se o susto de ver Pam Man e o cansaço do dia. Com apenas algumas palavras, Walker me transformou em uma bagunça derretida, querendo-o mais do que nunca.

Virei a chave do chuveiro para o frio, precisando esfriar meu corpo. A água bateu em minha pele, parecendo maravilhosa. De pé, em baixo do chuveiro, deixei que a água me lavasse, imaginando que Walker estava me tocando em seu lugar.

Esfreguei uma barra de sabão sobre os meus peitos e barriga, pensando em suas mãos em movimento pelo mesmo caminho. Meu rosto se aqueceu enquanto minhas mãos baixavam mais...

De repente uma batida veio de algum lugar na casa. Congelei meu coração batendo descompassado.

Lá estava de novo. Uma porta fechando-se. Merda! Deixei cair a barra de sabão e coloquei a cabeça fora das cortinas do banheiro, olhando ao redor. Duvidei que fosse mamãe voltando para casa. Pela primeira vez, ela me disse que não estaria em casa por mais dois dias. Possivelmente era Bentley.

Deixei que a cortina de plástico caísse em seu lugar e comecei a lavar o sabão do meu corpo rapidamente, tendo cuidado nas áreas em que a barba de Walker tinha arranhado minha pele. Mas então eu ouvi maçaneta do banheiro girar. Pulei e comecei a agarrar a cortina do banheiro em busca de proteção quando foi arrancada das minhas mãos e jogada para o lado.

Um par de olhos pretos me olhou através do vapor do chuveiro. Fixaram em meu rosto um minuto antes de descer rapidamente sobre meu corpo molhado, levando seu tempo para me apreciar. Senti uma fraqueza começar em meus joelhos e espalhar-se, enfrentando à pessoa que costumava me olhar com ódio.

Walker.

— O que você está fazendo? — Gritei, me esticando para pegar a cortina de plástico outra vez. Ele a tirou do meu agarre.

— Você não respondeu à porta. — Walker falou, franzindo o cenho. — Estava preocupado.

— Então você só entrou? De novo? — Chiei, me esticando para pegar a toalha dobrada em cima do balcão.

Ele me parou, suas mãos segurando meu pulso.

— Sim. — Disse com voz áspera, seus olhos viajando pelo meu corpo. — Tem um problema com isso, Ross?

— Realmente sim, tenho. — Respondi, levantando meu queixo defensivamente quando seu olhar passou sobre meus peitos.

— Bom, porque tenho um problema também. — Walker entrou no chuveiro, com roupas, sapatos e tudo. — Quero você na cama. — Falou secamente.

A água escorria por nossos corpos enquanto ele saia do banheiro e atravessava o corredor para o meu quarto. No quarto, ele colocou-me sobre meus pés perto da cama. Envolvi os braços ao redor do seu pescoço e me levantei nas pontas dos pés, minha boca indo para sua orelha. Ele gemeu com prazer enquanto eu percorria minha língua no seu lóbulo, levando meu tempo. Suas mãos foram para minha cintura, me segurando perto enquanto arrastava meus lábios por sua forte garganta, lambendo a água como tinha feito comigo.

De repente suas mãos agarraram meus pulsos do seu pescoço, as tirando.

— Deite-se na cama. — Ordenou.

Dei um passo para trás até minhas pernas encostarem-se à borda. Logo que o fizeram, deixei-me cair na cama e me movi rapidamente para trás.

Walker me olhou, seus olhos quentes.

— Você é tão bonita.

Um tímido sorriso elevou meus lábios.

— Não faça isso. Não sorria. Eu não mereço pelo que estou a ponto de fazer com você. — Falou, seu olhar vagando pelo meu corpo enquanto caminhava até mim. Na borda da cama ele se inclinou, colocando uma mão em cada lado meu, me forçando a deitar.

Seguiu-me até o colchão, descansando seu corpo sobre o meu. Percorreu os dedos sobre meu estômago, enviando arrepios através de mim. Sua mão foi para o meu peito, me embalando de novo. Ele olhou para eles, observando enquanto acariciava a ponta do meu mamilo, fazendo círculos com seu polegar e o dedo indicador, beliscando suavemente.

Eu gemi. Meu cabelo se espalhou ao meu redor, monopolizando a cama. O ar estava secando rapidamente minha pele, mas o calor que Walker estava causando me deixou molhada em outras partes.

— É hora de fazer você gritar. — Disse, abaixando a cabeça.

Arqueei-me quando sua boca se fechou ao redor do meu mamilo. Ele passou sua língua sobre a ponta antes de agarrá-la entre os dentes e puxar. Eu gritei, a mistura de dor e prazer era quase demais para suportar.

Ele fez isso uma e outra vez. Contorci-me debaixo dele, incapaz de lidar com as sensações correndo através de mim. Agarrando um punhado do seu cabelo, segurei enquanto ele rodava um mamilo entre seus dedos e agarrava o outro com a boca, chupando e lambendo até que eu vi uma explosão de cores atrás dos meus olhos e gritei.

Sua boca deixou o meu peito para ir até a minha orelha.

— Vire sobre a sua barriga, querida.

Virei-me, o lençol áspero esfregando contra os meios peitos sensíveis.

Walker beijou minhas costas, sua boca seguindo minha coluna. Suas mãos seguindo o rasto deixado pelos seus lábios, trabalhando minhas costas e acariciando minha pele. Na parte superior da minha bunda, sua língua atacou.

— Abra suas pernas. — Ordenou sua mão mergulhando entre minhas coxas.

Corando, eu fiz o que ele disse, me sentindo exposta. Seus dedos suavizaram em mim. Empurrei meus quadris para sua mão, querendo mais.

Walker riu, fechando um braço em volta da minha cintura.

— Fica parada, Ross.

Mordi meu lábio quando ele deslizou seus dedos dentro e fora de mim.

— Você está dolorida? — Ele perguntou em uma voz tranquila.

— Sim — Eu sussurrei, agarrando um punhado do lençol debaixo de mim.

— Então eu irei devagar.

Neguei com a cabeça.

— Não. Não faça. Leve-me como quiser levar.

— Foda-se, Sam. — Walker gemeu com paixão. Mas então sua voz mudou. — Tudo bem. Fique de quatro. Agora.

A surpresa substituiu o calor em mim. Sua voz era dura, sem emoção. Dominante e cheia de poder. Este era o Walker que ele me disse para temer. Que poderia ser difícil e perigoso.

Levantei-me sobre minhas mãos e joelhos, minha bunda de frente para ele. Meu cabelo caia para um lado do meu rosto, deixando minhas emoções descobertas para que Walker. Sem aviso, ele me deixou. Um minuto estava tocando meu corpo, no seguinte ele se foi. Meus olhos dispararam abertos, a preocupação me fazendo olhar sobre o ombro. Ele estava em pé no final da cama, tirando a camiseta molhada sobre sua cabeça. Eu não consegui parar de olhar, congelada, de quatro, enquanto seu peito nu era revelado.

Ele era perfeito. Era a única forma de descrevê-lo. Seus músculos abdominais eram definidos e estavam cortados em um pacote de seis, cada sulco e bordas duras. Os músculos dos seus bíceps flexionaram quando ele saiu dos seus jeans, seu olhar em minha bunda.

Assim que sua roupa estava no chão, ele veio para trás de mim, suas mãos indo aos meus quadris.

— Abaixe a cabeça e mantenha sua bunda para cima. — Exigiu, posicionando meus quadris do jeito que ele queria.

Mas eu não me mexi. Em seu lugar gemi, arqueando as costas quando seus dedos deslizaram de novo em mim.

— Sam— Walker falou obscuramente. — Está me ouvindo?

— Não — Eu respondi com voz rouca, movendo meu quadril contra sua mão.

— Resposta errada. — Ele tirou seus dedos e envolveu uma mão ao redor do meu pescoço, empurrando minha cabeça para o colchão.

Senti-me exposta, minha bunda no alto, mas era onde ele me queria. E um segundo depois, descobri o porquê.

Ele entrou em mim sem aviso, enterrando seu pênis profundamente em meu interior.

Meu corpo arqueou e um grito escapou da minha garganta quando ele me esticou. A sua invasão me lembrou de que ele esteve recentemente lá, me levando a um mundo completamente novo.

Walker ficou imóvel, sua respiração irregular, seu calor me queimando de dentro para fora. Ouvi uma suave maldição escapar de seus lábios um segundo antes que ele saísse e entrasse em mim novamente, duro. Gritei e joguei a cabeça para trás, meu cabelo voando para minhas costas.

— Deus, Sam. Sua bunda parece perfeita no ar desta maneira, movendo-se contra mim, — Walker falou com voz áspera, retirando-se e então empurrando de novo em meu interior.

O calor correu através do meu corpo quando ele acelerou suas investidas, me levando mais perto do orgasmo. Sua mão deixou minha nuca, arrastando-se por minha coluna e através do meu cabelo para agarrar meu quadril. Ambas as suas mãos

cavando na minha carne enquanto seu pênis batia em mim, movendo-se mais rápido. Mordi meu lábio e tentei não gritar, mas foi inútil. Eu estava gozando.

Luzes brilhantes e resplandecentes explodiram atrás das minhas pálpebras enquanto ele esticava uma mão ao redor do meu corpo, encontrando meu clitóris. Gritei quando o orgasmo me bateu, me sacudindo com tremores e terremotos.

— Isso mesmo, querida. Goza em mim. — Walker latiu, empurrando em mim e apertando a carne dos meus quadris. — Deus, você está me apertando tão forte. Estou quase lá.

Empurrei meus quadris para trás para encontrar o dele, enterrando sua virilidade mais fundo em mim. Ele gemeu, suas mãos ficando mais fortes em meus quadris.

— Camisinha. — Falou, começando a sair.

Empurrei meus quadris para trás, não o deixando escapar.

— Contei os dias. Estamos bem. — Falei em uma voz ofegante.

Ele gemeu seu comprimento empurrando em mim de novo.

— Então se segure firme, querida.

Eu dei uma olhada por cima do meu ombro quando ele começou a empurrar em mim mais rápido, suas mãos indo para minha bunda. Walker encontrou meus olhos por cima das minhas costas. Uma mensagem não falada passou entre nós, uma que era mais séria do que o que estávamos fazendo.

Eu mantive meus olhos nele, com a cabeça virada, meu cabelo caindo do outro lado da cama, enquanto ele investia em mim. Senti-o ficar tenso, suas mãos apertando meus quadris. Esticando-se debaixo de meu corpo, ele agarrou meu mamilo e deu um puxão.

Eu gritei quando um orgasmo inesperado me bateu. Ele empurrou forte, tocando o fundo e deixou escapar um rugido. Senti uma rajada de líquido quente ir fundo em mim. Um segundo depois, meu nome saiu dos seus lábios enquanto um tremor sacudia seu corpo. Ele ficou enterrado em mim, seu comprimento latejando.

Soltando minha bunda, ele passou suas mãos pelas minhas costas.

— Deite-se.

Baixei minha bunda na cama com ele ainda em mim. Ele me seguiu para baixo, descansando seu peso sobre os cotovelos, sua parte inferior me pressionando contra o colchão.

— Você é linda, Sam. Cada maravilhoso centímetro de você. — sussurrou, deixando um beijo no meu ombro.

Sorri quando empurrou meu cabelo de lado. Seus lábios tocaram a parte de trás do meu pescoço.

— Você está bem? — Ele disse contra minha pele.

— Sim — Eu respondi, com ar sonhador. Ele beijou meu ombro suavemente.

— Quero que tome a pílula, Sam. Eu quero gozar em você de novo. Noite após noite. Então talvez um dia... não sei, eu nunca quis ter filhos, mas o pensamento de ter eles com você seria...

Ele parou. Eu abri meus olhos, choque disparando através de mim. Olhei por cima do ombro, encontrando-o franzindo o cenho. Com os olhos apartados, saiu do meu corpo.

— O quê? — Eu perguntei, tentando recuperar o fôlego. — Ter filhos comigo seria o quê, Walker?

Ele não respondeu. Ao contrário ele rolou para longe, balançando suas pernas para o lado da cama e sentando-se. Dando-me as costas forte e musculosas, cada músculo perfeitamente.

— O que você está fazendo? — Perguntei, entrando em pânico enquanto via-o pegar sua camiseta do chão e colocá-la.

— Preciso ir pra casa. — Falou, suas palavras cortantes. Frias.

Sentei-me, puxando o cobertor para me cobrir.

— Você vai sair assim? — Perguntei com incredulidade. — Só assim. — Falei, raiva tomando conta de mim. — Por quê? Porque mencionou ter filhos?

Ele não respondeu só se abaixou e pegou seus jeans. Mas o vi apertar a mandíbula com força.

— Fique. — Falei, tentando controlar meu temperamento.

Walker me olhou, seu olhar passando pelo meu cabelo bagunçado.

— Você queria jogar às vinte perguntas antes, então vamos jogar às vinte perguntas. Por que você quer que eu fique, Sam?

Raiva tornou duras minhas palavras.

— Porque acabamos de fazer amor. Porque estamos juntos. Suas palavras, não minhas.

Walker sorriu, sem humor.

— Pequena sabe tudo. — Brincou, subindo a calça e fechando-a.

Segurei o lençol mais apertado e fiquei sobre os meus joelhos. Ele me olhou com cautela enquanto calçava as botas. Arrastei-me até a borda da cama ficando de frente para ele, tentando manter meu orgulho, mas perdendo.

— Por que não vai ficar? — Perguntei, odiando que saiu como um gemido.

— Porque não posso. É uma regra minha.

— Quebre-a. — Falei. — Por mim.

— Não posso. — Disse, dando um passo mais perto da cama.

— Por que não? — Perguntei em um sussurro, olhando para ele.

Ele deslizou seus dedos pelo meu cabelo, levantando meu rosto para encontrar com o seu.

— Porque estou me apaixonando por você e isso está me assustando.

Um segundo depois, beijou-me, sua boca gentil, me dando tudo o que tinha. Em seguida, saiu.

32

Walker

Saí da casa de Sam, antes que mudasse de opinião. Deixá-la com um beijo e seu corpo corado pelo sexo era minha maneira de dizer adeus. Sempre foi minha regra transar e depois sair. Nenhuma conversa de travesseiro. Nenhum abraço de noite. E certamente sem café da manhã. Mas de repente eu queria tudo isso com a ela. E isso me assustou muito.

Sem dúvida, admiti que estivesse me apaixonando por ela, mas não era a verdade. Eu menti. A verdade era que eu já estava apaixonado. Amava-a. Eu era muito medroso para dizer a ela.

Mas eu queria. Enquanto estava deitado em cima dela, meu pênis enterrado em seu corpo, eu queria sussurrar que a amava. Que queria passar o resto da minha vida com ela. Que

ninguém me fez sentir como ela. Ela me fez jogar a toalha. Querer paz. Compartilhar toda minha vida, todo meu coração só com ela.

Mas meu passado não iria me deixar sozinho. Não me deixaria esquecer que tipo de homem eu era. Eu havia roubado e mentido. Vivi em um centro de detenção juvenil por muitos anos da minha adolescência, aprendendo coisas que ninguém deveria aprender. Cresci em uma casa onde o punho era a única forma de atenção. Bebia e dormia sem me importar a quem fizesse mal.

O álcool era meu melhor amigo, junto com Bentley, e não queria algo diferente. Estava podre até o núcleo e não havia solução para mim. Lembrei-me de cada hora e de cada dia. Com o tempo, destruiria os que me rodeavam e não queria fazer isso com Sam. Eu não a merecia e nem o seu corpo. E certo como o inferno, que eu não merecia amá-la.

Quando eu mencionei filhos, o choque me bateu. Casamento e crianças não estavam no meu radar. Nunca estiveram. Eu não colocaria uma criança nesse meu mundo fodido. E ser um pai? O pensamento tinha queimado meu estômago quase todos os dias. Mas deitado ao lado de Sam, vendo o amor no seu rosto e a exuberância do seu corpo algo aconteceu. Comecei a pensar em um futuro com ela.

E então eu saí.

Atravessei o gramado da casa dela. Trovões retumbavam sobre minha cabeça. Eu queria poder voltar e entrar. Beijá-la e dizer a ela que eu menti. Queria quebrar cada maldita regra que tinha. Queria passar a noite com ela. Esta e todas as noites no futuro. Queria senti-la contra mim, ver seu peito subir e descer enquanto dormia. Eu queria quebrar a regra mais importante de todas e admitir que eu a amava, talvez até me casar um dia.

Mas eu era um maldito idiota.

33

Sam

Depois que Walker saiu, fiquei no meio da cama, ainda nua. Ainda sentindo o calor do seu corpo no meu. Suas palavras ressoando no meu quarto, sussurrando em meu ouvido. Ele estava se apaixonando por mim. A fogueira congelou e os porcos voavam em algum lugar lá no céu. Cole Walker estava começando a me amar.

Algumas horas mais tarde, eu finalmente caí em um sono profundo, meu corpo deliciosamente dolorido. Sonhei com Walker quase que imediatamente. Ele tinha suas mãos por todo o meu corpo, pressionando com força em mim. Eu gemi, não querendo que o sonho terminasse. Mas então ele começou a sussurrar, me dizendo que havia ganhado. Vangloriando-se sobre ensinar ao Bentley como roubar um carro.

Em meu sonho, eu gritei, tampando os meus ouvidos e mandando-o calar a boca. Mas ele não fez. Ele continuou sussurrando, me dizendo o quanto ele gostava de me arruinar, me transformando em minha mãe. Eu lutei contra ele, me negando a escutar. Ele disse que me amava em meu sonho e eu acreditei.

Até que me deu um tapa.

— ACORDA!

Meus olhos se abriram de repente, escuridão enchendo minha visão. Respirei profundamente, me sacudindo do sonho que parecia ter sido tão real. Mas então meu rosto começou a arder e o interior da minha boca estava cortado. Senti gosto de sangue, um sabor metálico que me fez sentir doente. Levei um segundo para perceber que não era um sonho. Era a realidade.

E um monstro estava de pé na minha frente.

Gritei e me movi rápido para me sentar, saindo da cama. Caí em uma pilha no chão, batendo meu quadril. Sem parar, agarrei o taco de beisebol que sempre mantinha perto da cama, mas minhas mãos só encontraram o vazio. Se foi! Então me lembrei de que Walker o tinha jogado para algum lugar quando me acordou.

OH, Jesus! Não! Não!

Tentei me levantar do chão, mas uma mão me bateu para baixo. Todo o ar saiu dos meus pulmões quando um punho

aterrissou no meu rosto, me jogando de novo no velho tapete gasto. Antes que pudesse me recuperar, o atacante estava sobre mim, cobrindo minha boca e o nariz com uma mão grande e gorda.

— Isso não é maneira de dizer olá, Sammy. — Sussurrou uma voz por cima de mim.

OH, Deus! OH, Deus! Bile subiu na minha garganta. Reconhecia essa voz. Era uma que eu gostaria de esquecer.

Comecei a lutar, incapaz de respirar, desesperada para escapar. Em algum lugar lá fora um trovão estalou e um relâmpago iluminou meu quarto, sinistro na noite, me alertando sobre as coisas ruins que aconteceriam.

Balancei meu braço, acertando o homem na lateral da cabeça. Ele resmungou e caiu de lado, acertando minha mesa de cabeceira e balançando-a. Assim que sua mão saiu da minha boca, eu respirei fundo, enchendo meus pulmões. Precisaria de ar para lutar. Sentindo-me forte, abri a boca para gritar, mas sua mão caiu sobre a mesma e sobre meu nariz de novo, meus lábios foram dolorosamente cortados pelos meus dentes.

Comecei a lutar, me sentindo sufocada. Meu corpo resistindo. Era uma reação de luta ou fuga e eu queria fazer as duas coisas. Meu cérebro estava gritando por oxigênio e meus pulmões estavam explodindo por falta de ar.

O homem em cima de mim riu e me segurou firme, apertando o meu nariz e cortando meus lábios com meus dentes. Percebi que ele estava gostando disto, mas não conseguia parar de lutar. Eu tinha que conseguir escapar.

Tentei chutá-lo, mas a parte superior de seu corpo era muito pesada sobre a minha. Olhei ao redor procurando freneticamente por uma arma. Pontos negros começaram a aparecer nos meus olhos, enquanto a pressão sobre meu nariz e boca aumentou.

— Preciso de uma maldita luz. — Meu agressor falou com impaciência. — Quero ver o que estou a ponto de fazer.

Senti-o esticar-se, vasculhando minha mesa de cabeceira e batendo nas coisas. Lutei para escapar, mas ele não me deixou ir tão facilmente.

— Fique quieta, Sammy. — Disse, colocando um joelho no meu estômago e se inclinando para minha mesinha de cabeceira, chutando meu telefone celular desta vez.

Estendi a mão para ele, mas ele pegou primeiro e o jogou do outro lado do meu quarto. Gritei em protesto sob sua mão e comecei a lutar mais, me sentindo desesperada e ainda mais frenética para conseguir escapar.

Seu joelho cavou em meu abdômen, empurrando contra minhas costelas. Soltei um grunhido de dor quando ele colocou todo o seu peso sobre mim. Ouvi um pequeno clique e o quarto

foi banhado com a suave luz do meu abajur. Por um momento, fiquei cega, mas quando meus olhos se adaptaram finalmente vi meu atacante.

Pam Man.

Todo o sangue deixou o meu rosto. Ele estava com os olhos vidrados, frenéticos e selvagens. Olhava-me com uma fome febril, seu olhar enlouquecido fixado no contorno dos meus peitos sob a camiseta branca.

— Olá, cupcake. — Falou, sorrindo amplamente.

Comecei a me contorcer contra ele com terror, mas me segurou para baixo como se não fosse nada.

— Agora, eu realmente quero tirar a minha mão da sua boca para que possa respirar, mas não sei se posso confiar em você. Posso? — Perguntou com uma voz melodiosa.

Assenti com a cabeça, esperando que ele acreditasse.

— Bom. — Mick tirou a mão lentamente, deixando-a cair para baixo sobre minha clavícula. Estremeci mas fiquei quieta, esperando o momento certo para fugir.

— Agora, vamos ter uma pequena festa só nossa. — Falou, me pressionando contra o chão. — Eu já tive um pouco de erva. Agora é hora de ter você. Deve-me isso. — Sua mão empurrou entre nós, encontrando a barra da minha camisa.

Gritei, perdendo todo o ar precioso que tinha nos meus pulmões.

O punho do Pam Man me bateu de novo, desta vez acertando minha mandíbula. O golpe me deixou confusa por um segundo, fazendo o quarto girar. Mas minha visão clareou rapidamente quando senti sua mão no meu estômago, empurrando minha camiseta fora do caminho.

Eu comecei a tremer. Estava rígida, mas isto estava fora do meu controle. Não poderia ganhar. Mas neguei a me render.

Ele moveu a mão mais para cima, deixando meu estômago exposto. Levantei meu braço, atingindo-o no intestino. Ele grunhiu e agarrou o meu pulso, batendo-o de repente no chão ao lado da minha cabeça.

— Você simplesmente não entende, não é? — Ele riu, inclinando-se mais perto do meu rosto. Saliva escorrendo em minhas bochechas e nariz, fazendo com que eu estremecesse. — Desejo você desde que era pequena, mas seu irmão e aquele bastardo sempre me impediram. Assim, esperei pelo meu momento. Então, baixo e contemplativamente, quem passeia pelo meu distrito? Seu irmão! Preso por acusações que o manteriam detido por muito tempo.

Baixou o olhar para o meu peito, subindo e descendo pelo esforço em lutar contra ele.

— Veja Sammy, tenho meus dedos em quase tudo por aqui. Sei o que acontece ao redor desta cidade. Sei quem tem os bens e quem os quer. Estive trabalhando com o homem ao qual seu irmão roubou o carro, Morrow, e com os homens que seu irmão trabalha. Estou jogando em ambos os lados, baby. Eu lhes dou proteção. E eles me dão as drogas que preciso. Mantenho a polícia fora dos seus negócios e eles me mantem abastecido. Soa como um bom negócio, não é? Mas ainda havia algo me faltando. — Ele empurrou meu peito, um sorriso espalhando-se por seu rosto. — Você.

Neguei com a cabeça, não querendo escutar.

— Mas eu vi minha chance. — Encolheu seus ombros, com um olhar feliz. — Retirei as acusações do seu irmão, o que não foi fácil. Levou um monte de dinheiro. Os policiais são ambiciosos, se por acaso não sabia. — Seu olhar foi para o meu corpo, tomando seu tempo. — Assim, agora me deve por salvar seu irmão e é o momento de pagá-lo.

— Não te devo nada. — Cuspi, tentando tirar meus braços dele. Ele riu.

— OH, eu acredito que sim, cupcake. — Tocou o seu queixo, pensando. — Eu vou te dizer o que. Vamos aos negócios. Eu quero esse Lotus que Bentley roubou. Os policiais o devolveram ao Morrow antes que eu pudesse colocar as minhas mãos onde estava escondido. Droga, Sammy. É a

merda de muitos dólares. Quero o carro e você conhece o valentão para consegui-lo.

Neguei com a cabeça. De maneira nenhuma eu iria desistir de Walker de novo. Eu já fiz uma vez e tinha lamentado toda minha vida.

— Shhh, shhh. — Repreendeu Mick, vendo-me negar com a cabeça. — Você esquece que com uma só chamada, posso prender seu irmão novamente. Só que desta vez ele vai para a cadeia para sempre, porque tenho uma merda séria sobre ele.

Eu tentei chutá-lo, mas ele me ignorou, inclinando a cabeça para um lado e pensando.

— Vamos, pense sobre isso, poderia ter o seu valentão preso também. Tenho certeza que há algo que eu possa plantar nele. — Mick sorriu presunçosamente. — Eu o vi sair daqui, você sabe. Estive te observando. Eu vi os dois juntos. Se não fizer isto por mim, vou prendê-lo, e acredite, estou morrendo por isso. Então vou ter você tooooda pra mim.

Lágrimas encheram meus olhos, lembrando-me que esta era a mesma situação que tinha feito Walker me odiar todos esses anos. Agora aqui estou eu de novo, disposta a entregá-lo por meu irmão.

— Você é um porco sujo. — Eu sussurrei, piscando para conter as lágrimas.

— Alguém tem que ser e eu sou intocável, boneca. — Sorriu. — Falando em tocar...

Eu gritei quando ele abaixou a cabeça e me beijou no pescoço, deixando um rastro de baba para trás. Eu tentei me afastar, mas ele agarrou um punhado do meu cabelo e puxou, pressionando seu corpo mais contra o meu, e me mostrando exatamente o que queria fazer.

Gritei e ele soltou meu cabelo, tampando minha boca e o nariz de novo. Minha bochecha e queixo doíam onde ele tinha me batido, fazendo minha dor de cabeça se triplicar. Minha garganta estava ardendo e meus pulmões estavam explodindo, mas ainda assim, lutava debaixo dele.

Ele desistiu de tentar colocar sua mão debaixo da minha camiseta. Mudando o seu peso, baixou a mão entre minhas pernas.

— Aquele idiota esteve aqui? — Perguntou bruscamente, segurando-me no chão e tentando colocar seus dedos entre minhas coxas. — Eu tenho que dizer que estou com ciúmes, mas vou remediar isso muito em breve.

Um soluço escapou de mim, silenciado por trás da sua mão. Sacudi meu corpo para afastá-lo. Quando não funcionou, apertei minhas pernas juntas e estiquei meus músculos para que não conseguisse me tocar, mas não estava funcionando muito. Ele era muito forte. As lágrimas escorriam pelo meu rosto, molhando o tapete debaixo de mim. Ficaria contaminada

se ele me tocasse. Suja. Tocada pela mesma sujeira que arruinou a minha mãe e esta cidade.

Virei a cabeça, e apertei os olhos com força, incapaz de lidar com o que iria acontecer. Por debaixo da mão do Pam Man, sussurrei uma oração, esperando que pela primeira vez em minha vida Deus me respondesse. Quando ele se moveu, indo para o seu zíper, eu forcei meus olhos abertos, algo me insistindo a fazê-lo. Meu olhar pousou em uma sombra escura debaixo da minha cama, algo que não notei antes.

Meu taco de beisebol.

Com uma explosão de energia, estiquei meu braço. Meus dedos roçaram a madeira, o que fez que rodasse longe de mim.

NÃO!

Pam Man me olhou.

— Hey! O que está fazendo...? — Balbuciou.

Com um soluço e uma onda de onda de poder, impulsionei a parte superior do meu corpo para um lado, me dando espaço suficiente para agarrar o taco de beisebol. Em segundos o tinha em minha mão. A madeira raspou contra os degraus de metal da cama quando o agarrei e o balancei.

O taco de beisebol conectou-se com a cabeça do Pam Man, justo em cima da orelha. Ele rugiu de dor e caiu longe de mim, agarrando o lado da sua cabeça, atordoado.

Levantei-me do chão segurando com força o taco de beisebol na minha mão. Meu rosto latejava onde ele tinha me batido, mas não podia me deixar levar pelos danos. Tinha que sair dali.

Sem olhar para trás, eu corri fora do quarto, fechando a porta atrás de mim. Qualquer coisa para parar Pam Man. Meus pés descalços soaram forte no chão velho enquanto corri pelo corredor escuro, tropeçando em alguma roupa suja que minha mãe deixou jogada. Podia escutar Pam Man me seguindo em um ritmo mais lento, chamando meu nome.

— Sammy? OH, Sammy? Onde está, cupcake? Isso que você fez não foi muito agradável.

Um calafrio percorreu minha pele exposta. Estendi a mão, usando a parede suja para me manter em pé enquanto segurava firme o taco de beisebol com a outra. Tomei respirações profundas do ar úmido e mofado, forcei minhas pernas para ir mais rápido. Usando a casa às escuras ao meu favor, corri para porta da frente. A qual estava fechada, mantendo o horror dentro.

Não tive tempo de me perguntar como Mick entrou. Ele estava chamando meu nome outra vez, mais perto agora. Com mãos trêmulas, tentei girar a fechadura, incapaz de abri-la. As lágrimas corriam por meu rosto. O bloqueio não se moveu. Às vezes se obstruía, especialmente em condições úmidas e molhadas como as de hoje. Tentei de novo e olhei por cima do

meu ombro, amaldiçoando a porta. Pam Man disparou para mim, fúria cobrindo seu rosto.

— Vamos. Vamos. Vamos. — Sussurrei, tentando novamente abrir a fechadura. Escutando-a ceder, o clique soando como música para os meus ouvidos.

Um relâmpago me cumprimentou quando abri a porta com um balanço. Um trovão retumbou no céu e o cheiro da chuva fresca tomou conta de mim, renovando minha energia. Eu pulei fora da casa pelos degraus da varanda, meus pés descalços deslizando sobre a madeira polida. A chuva me atingiu imediatamente, ensopando minha camiseta e pernas nuas. Joguei-me para o pátio, o medo me perseguindo. Meus pés afundavam no barro, fluindo ao redor dos dedos dos pés.

Eu ouvi a batida da porta sendo aberta atrás de mim.

— Vinte e quatro horas, Sammy! — Mick gritou quando eu me joguei na chuva. — Quero o carro em vinte e quatro horas ou virei pra você e terminaremos o que começamos! E colocarei seu irmão e esse valentão de novo na prisão onde pertencem!

Um raio rachou o céu novamente, mas não me assustou. O que mais me aterrorizou foram as palavras do Pam Man.

Olhei para a direita e esquerda, me perguntando aonde ir. A chuva me batia por todos os lados, tornando difícil ver. Agua caia ao redor dos meus pés descalços, correndo entre os meus dedos e golpeando meus tornozelos. No fundo da minha mente

eu percebi que estava alagando. Pelo menos trinta centimetros de água corriam pela rua como um rio.

Apesar da rua cheia de água, fui para o caminho, me mantendo na calçada, o taco de beisebol ainda firme na minha mão. Não sabia para onde ia, mas tinha que ficar o mais longe possível do Pam Man.

A chuva ensopou o meu cabelo fazendo com que os fios caíssem em meus olhos. Empurrei-os e corri. Minha respiração era irregular, mas tomei grandes baforadas de ar, empurrando a mim mesma para correr mais rápido. Não me importava que a tempestade estivesse brutal ou que eu só estivesse vestindo uma camiseta e calcinha. Tinha que encontrar segurança.

Uma luz mais a frente me chamou a atenção. Ao mesmo tempo, ouvi o rugido profundo do motor de uma camionete. Pam Man. Ganhei mais velocidade, temendo que ele fosse correr para mim e me empurrar em seu carro. Uma dor começou em meu lado, mas a ignorei. Nada iria me deter de escapar.

A antiga casa de Walker ficou à vista, o reboque com uma luz ainda acesa apesar da hora. Corri pela grama encharcada em três ou quatro saltos. Tomando dois passos de uma vez, corri para a pequena varanda e até a porta da frente, deixando cair o taco de beisebol ao meu lado. Ele caiu para a varanda e rolou quando eu comecei a bater na porta, pedindo ajuda aos gritos.

— Sr. Walker! AJUDA! — Gritei, repetindo-o uma e outra vez.

Eu ouvi o guincho de pneus e dei a volta para olhar. Uma camionete preta estava saindo da entrada de casa, os pneus girando sobre o pavimento molhado. Um segundo depois se afastou pela rua, as luzes traseiras desaparecendo na chuva.

Um enorme soluço escapou do meu peito, e depois outro. O alívio me deixou fraca. A chuva caia ao meu redor, me acertando por todos os lados. Encharcando-me. Incapaz de suportar por mais tempo, caí de joelhos na varanda. Coloquei uma mão na porta, incapaz de bater mais. Minha energia se foi, consumida pelo terror. Vômito escapou de mim junto com soluços.

— Samantha! — Disse uma voz de repente por cima de mim.

Olhei para cima, à cara de surpresa do Velho Walker. Vestia calça de pijamas desbotada e uma camiseta branca velha. Sua mandíbula estava coberta de barba branca e seus olhos estavam inchados pelo sonho. A luz amarela atrás dele iluminou a varanda, afastando a escuridão e me fazendo sentir segura.

Ele empurrou a porta de tela aberta enquanto eu caía para trás na minha bunda. Não tentei me levantar. Eu não tinha mais força.

— Deus, filha, o que aconteceu? — Perguntou, me alcançando.

Encolhi-me, com medo. Ele tinha batido em Walker durante tantos anos. Não sabia... eu não conseguia pensar com clareza.

— Walker. — Eu consegui sussurrar, minha garganta crua.

— Meu filho fez isto com você? — Ele perguntou, empurrando meus braços para poder me levantar.

— Não. — Eu disse tremendo, enquanto me levava para sua casa. — Preciso dele. Preciso de Cole.

— Bem. Bem. — Repetiu uma e outra vez. Com rapidez me sentou no arruinado sofá contra a parede.

Estremeci e passei um braço ao redor da minha cintura, congelando até os ossos. O velho Walker virou-se e agarrou o receptor do seu velho telefone. Vi-o discar os números, fios do meu cabelo molhado penduravam por meus olhos.

— Maldição! — O Sr. Walker falou, aproximando o telefone da sua orelha. — Que tipo de filho não responde a uma maldita chamada do seu pai no meio da noite?

Discou de novo. Comecei a cair de lado, só querendo me deitar. Minha cabeça bateu no sofá, ensopando o material

velho com meu cabelo molhado. Fechei os olhos, mas os obriguei a abrir novamente quando ouvi a voz do Velho Walker.

— Cole tem que voltar para casa. É Samantha. Ela está ferida, filho.

34

Walker

Corri para baixo pelas escadas do apartamento com passos firmes, meus pés quase voando debaixo de mim. Chuva respigando por todos os lados, encharcando minha camisa preta e minha calça jeans em segundos. Em minha mente eu percebi que as ruas estavam alagadas.

Bentley correu atrás de mim, gritando para que eu parasse. Perguntando o que havia de errado, e eu não poderia responder por que não sabia. Eu não conseguia pensar. Não podia sentir a chuva em minha cara. Estava insensível a tudo. Sam foi ferida. Isso é tudo o que eu sabia.

Assim que saí da sua casa esta noite, me perdi em uma garrafa e acordei no chão do meu apartamento. Meu celular estava vibrando em minha mão. Não ia atender, mas quando

vi que era meu pai pela segunda vez eu atendi, só para escutar as palavras que pararam meu coração.

— É Samantha, filho. Ela está ferida.

Caralho!

Passei minhas mãos tremendo pelo meu rosto, sentindo o medo se arrastar pela minha garganta. Se não tivesse sido tão covarde, teria dito a Sam que a amava e teria passado a noite junto com ela. Faríamos amor uma e outra vez até que amanhecesse. Acordaria junto a ela e faria suas malditas panquecas. Não a teria deixado sozinha, nem estaria bêbado esta noite. Ela não estaria ferida. E eu não estaria perdendo a cabeça de preocupação.

Só a levei para casa como um bastardo filho da puta que era. Eu destruía cada porra de pessoa que me importavam.

Peguei as chaves no meu bolso e corri ao redor do porta-malas, escorregando no estacionamento molhado pela chuva. O estacionamento estava cheio.

— Entregue-me as chaves, você estava bebendo. — Gritou Bent por cima do barulho da chuva.

Parei no meio do caminho. Ele tinha razão. Eu não queria causar nenhum acidente estúpido. Entreguei as chaves e voltei correndo para o lado do passageiro, passando ao longo do caminho. Estávamos no carro e voamos pela rua em segundos.

— O que está acontecendo? — Perguntou Bent, enquanto trocava a marcha do carro para a terceira, ganhando velocidade.

— Sam foi ferida. — Falei. Minha voz soando como em uma lata.

— O quê? — Gritou Bent.

Fiquei olhando a estrada vazia em minha frente.

— Meu pai ligou e disse que estava ferida. É tudo o que sei. — Bentley golpeou o volante com o punho.

— Merda!

— Dirija Bent. — Disse, envolvendo minha mão ao redor da maçaneta da porta quando ele bateu novamente em uma velocidade de noventa por hora, antes que pudesse piscar Bent freou o carro, pegando a rampa de saída muito rápido. Uma forte curva se aproximava, mas eu confiava nele. O homem podia dirigir.

Ele fez a curva com facilidade, saindo um pouco do rumo, o suficiente para me fazer suar. Em segundos saía dela, reduzindo a marcha do carro um pouco sobre o limite de velocidade. Sentei-me reto e me inclinei para frente, vendo como passávamos por nosso bairro.

O lixo flutuando e as luzes oscilantes eram o único movimento ao longo da rua. Meu coração começou a acelerar

conforme nos aproximávamos. A besta selvagem em mim estava acordada, querendo que a deixasse solta contra alguém.

Bentley reduziu a marcha, diminuindo a velocidade, fazendo o motor rugir brandamente quando corremos pela rua. Meu olhar se fixou na pequena casa branca à frente. As luzes estavam acesas. Uma luz na varanda jogava um brilho baixo ao redor do pátio, enganando quem acreditasse que parecia uma casa segura e acolhedora. Bent colocou o carro na garagem em um ângulo perfeitamente estacionado, eu estava fora do carro antes mesmo dele desligá-lo.

— Papai! — Gritei, Abrindo a porta imediatamente de uma só vez e fui correndo para dentro. Meu pai apareceu na minha frente, às mãos estendidas.

— Ouça filho, ela está bastante machucada e não está bem. — Passei por ele. Meu olhar varreu toda a sala de estar. A cadeira, a mesa de café, a televisão velha, o sofá descolorido. Meus olhos pararam, eu congelei. Sam estava sentada na beirada do sofá, segurando um pacote de ervilhas contra seu olho direito.

— Walker? — Ela falou, baixando o pacote.

Puta merda.

Ver seu rosto machucado foi como receber um golpe duro no estômago. Eu estive em várias brigas, todas as feridas que eu tinha recebido e o sangue que perdi não se comparava com

a dor que passou através de mim ao ver a mulher que eu amo com dor.

Com o canto do meu olho, vi meu pai me olhando, esperando que eu dissesse algo. Não consegui. O monstro em mim estava fora e estava lívido. Sam foi ferida. A única pessoa no mundo que eu tinha amado estava sentada a poucos metros de mim com um lábio cortado e o rosto machucado. A visão dela assim quase me fez cair de joelhos. Mas também me fez me odiar mais por ser um idiota e deixá-la sozinha.

— Sam? — Bent gritou, me empurrando ao passar por mim assim que a viu.

Eu estava congelado, vendo como Bent caiu no sofá ao lado dela.

— O que aconteceu? — Perguntou.

— Foi Pam Man. Ele entrou em casa. Ele... Ele disse que é o único que deixou cair às acusações sobre você. — Disse ela, falando com cuidado sobre seu lábio partido. Apertei os punhos, meu sangue fervendo, dentro de mim gritava por vingança. Queria colocar um murro através da parede. Ou melhor, ainda através da cara de Mick Rodriguez.

— Ele queria que eu devolvesse o dinheiro. — Sam falou, seu queixo tremendo. — Disse que eu devia a ele por conseguir te soltar.

Eu quase me perdi. Ver as lágrimas em seus olhos. Vê-la tentando esconder seu medo. Quebrou-me.

— Mick? Ele fez isto por minha causa? — Perguntou Bentley levantando a voz.

— Por acaso... — Bentley tragou e obrigou a suas palavras a sair. — Ele tocou em você?

A voz de Sam estava baixa.

— Ele tentou. — Ela respondeu me dando uma olhada.

Eu fiquei mortalmente frio, sem conseguir me mexer. Com medo que se o fizesse, poderia explodir em uma fúria incontrolável. Só um pensamento passava pela minha cabeça. Mick Rodriguez era um homem morto.

Apertei meu punho, lutando contra o impulso de ir até Sam, mas, o que ela precisava era de alguém como seu irmão, não um idiota como eu.

— Vou matar aquele filho da puta! — Gritou Bentley. — Vou arrancar o seu pau! — Seus olhos tornara-se frios, algo que eu só vi algumas vezes. Ele era tranquilo, mas mexer com sua irmã jogava sua escuridão em nível alto.

— Tem mais. — Adicionou Sam.

— Ele está jogando em ambos os lados Bent, o teu e o dos Marrows. Ele falou que o Lotus tinha drogas para ele mesmo.

Mick as quer e quer que Walker consiga o carro para ele. Ele deu vinte e quatro horas para você fazer o trabalho ou ele fará uma chamada e prenderá os dois. — Disse que tem informações, que te deixaria preso para sempre e que poderia fazer o mesmo com o Walker a menos que consiga esse carro.

Senti a raiva crescendo. Ninguém me ameaçou e viveu para contar.

— Merda! — Bent gritou, pulando em seus pés. Ele começou a andar, seu corpo tenso. — Disseram-me que o Lotus iria para um Príncipe saudita da ONU. É um dos mais rápidos, devido sua influência especial nessa merda.

— Sim, que merda! — Meu pai xingou. — Acho que todos sabem que classe especial do caralho é agora.

— Merda! — Bent falou, andando de um lado para o outro na sala de estar do meu pai.

— Eu deveria saber! Marrow gosta de esconder sua propriedade sob o nariz de alguém. Como pude ser tão malditamente estúpido? — Ele sacudia a cabeça com indignação. — Alguém vai pagar por isso!

— O que ele tem contra você, Bent? — Sam perguntou, interrompendo o seu discurso.

— Nada. — Respondeu Bent, ignorando sua pergunta.

Percebi que ele estava escondendo algo. Conhecia-o desde a escola primária. O menino estava mentindo.

— Então me diga o que você tem feito. — Insistiu Sam, levantando-se. — No que está metido?

— Em nada. — Disse Bentley outra vez, andando pelo tapete verde sem cor do meu pai, encostando-se à parede fina do casa. Sam pulou na frente dele.

— Sou sua irmã, Bentley! Não minta pra mim! Tenho o direito de saber, em que tipo de perigo você está! Diga-me.

— Sam, não é fácil de explicar. — Bent beliscou a ponta do seu nariz, cansado e frustrado como todos nós.

Ela levantou o queixo, essa pequena atitude que eu adorava aparecendo.

— Tente. — Bent sacudiu a cabeça, parecendo aborrecido consigo mesmo pelo o que estava a ponto de dizer.

— A pessoa para a qual eu trabalho tem clientes especiais, internacionais, com muito dinheiro. E essas pessoas não querem se sujar com isso. Mick poderia ter algo contra mim, comércio ilegal, crimes internacionais. — Ele sorriu satisfação iluminando seus olhos. — Eu tenho um monte de pecados e um armário cheio de esqueletos, irmãzinha.

Sam tentou parecer não estar enlouquecendo, mas eu conseguia ver seu medo. Quase podia sentir o cheiro nela e

isso me ferrou. A escuridão em mim queria alguém para pegar. Mick. As pessoas para quem Bent trabalhava. O juiz Marrow e sua gangue. Não importa. Queria vingança.

— Chame-os por telefone Bent. — Falei em uma voz mortal. — Organize tudo e eu vou conseguir esse carro e farei com que Mick deseje nunca ter posto uma mão em cima de Sam.

Ela voltou seu olhar para mim, sua trança balançando com o movimento, parando sobre seu ombro e apoiando-se sobre seu peito onde eu tinha tido minha boca algumas horas antes.

Evitei seus olhos, meu olhar seguiu até suas pernas. Ela estava descalça, fazendo-a parecer tão inocente. Eu queria colocar meus braços ao redor dela e enterrar meu rosto no seu pescoço. Pedir perdão por não ter ficado a noite toda, por não a ter protegido e por não a proteger da minha escuridão e de todas as demais. Em vez disso, levantei os meus olhos, olhando para a bainha da camiseta do meu pai que Sam usava.

Ela deu um passo vacilante para mim, seu passo cambaleante. Desviei meu olhar, com medo de olhá-la. Não queria ver a expressão em seu rosto. Não tinha certeza se poderia confiar em mim mesmo. Eu estava queimado, alguém machucou o que era meu. Raiva e bebidas era uma combinação mortal quando se misturavam dentro de mim. A crueldade que eu mantive trancada cresceu tornando-se incontrolável. O monstro em mim querendo sair. Sam já tinha

sido ferida o suficiente esta noite. Ela tinha que permanecer longe de mim. Quando se tornou evidente, que eu estava tentando ignorá-la, ela parou e conteve as lágrimas em seus olhos. Mas um segundo depois, ela elevou seu queixo tremendo, deixando para trás a sua teimosia.

Bom. Assim era mais seguro, fazer ela me odiar e se afastar de mim. Estava perto de perfurar um buraco na parede agora.

Bent tirou seu telefone celular do bolso e antes de completar a ligação ele parou e olhou para mim.

— Leve Sam para casa, Walker. Mantenha a salvo. Vou me ocupar dos meus próprios problemas. — Disse, discando e segurando seu celular contra a orelha, esperando que alguém atendesse.

— O que está fazendo? — Sam perguntou apavorada, agarrando o braço de Bent. — Vai conseguir que o matem! — Bentley não respondeu. Em troca, manteve seus olhos em mim.

— Leva-a para casa. — Murmurou.

Olhei para Sam antes de voltar a olhar para Bent. Não podia ficar a sós com ela. Se eu a tocasse... Suor irrompeu em cima do meu lábio superior só em pensar nisso. O que ele pedia era impossível, perigoso. Não, não podia fazer isso. Mas podia fazer algo mais.

— Diga que eu farei. — Eu falei em voz letal, interrompendo tudo o que Bentley estava dizendo a pessoa ao outro lado da linha. — Se Mick me quer, ele terá.

— O QUÊ? Não! — Gritou Sam, seu olhar fixo em mim. Seus olhos arregalados estavam redondos, cheios de preocupação. Por mim. Eu não merecia. Nunca mereci.

Ela agarrou meu braço, mas me mantive firme, uma parte de mim pedindo para tocá-la, abraçá-la e acalmar seus medos. Mas resisti. Eu já tinha causado dano suficiente ao deixá-la sozinha.

Soltei suas mãos que estavam ao redor do meu braço e olhei como Bent cobria o telefone com a mão.

— De maneira nenhuma, velho. — Disse com um sorriso frio. — É minha cama e eu vou deitar nela.

Minhas costas endureceram. Só me chamava de velho quando me preparava para dirigir. Eu tinha abandonado a velocidade com o passar dos anos, renunciando essa forma de vida. Tentando ser uma pessoa melhor, mas não havia nenhuma melhora. Eu era quem eu era. Um corredor. Um ladrão. Um bêbado. Um homem com uma extensa lista de crimes. E agora mesmo queria destruir.

Bent falou tranquilamente com a pessoa do outro lado do telefone. A cada segundo que esperava, minha sanidade se estabilizava um pouco mais.

Sam estava a um metro de mim, seu braço ao redor da sua cintura.

— Não faça isto, Walker. — Ela sussurrou, me olhando atentamente com aqueles olhos verde líquidos.

Eu não respondi. Não podia. Ela cheirava muito bem e era malditamente perfeita. Como chuva fresca e céu, tudo misturado em um. Minhas mãos apertaram ao meu lado e ampliei minha postura. Meu corpo estava preparado para atacar e minha mente preparada para resistir.

Assim que Bent parou de falar, eu estava com ele, só esperando o sinal verde. Esperando uma vítima para minha raiva.

— Qual é o plano? Roubar o carro outra vez? — Perguntei minhas palavras entrecortadas, meu tom hostil. — Enterrar Mick por tocá-la?

A mandíbula de Bent se apertou com frieza.

— Não. Só vamos roubar o carro, e também vamos expor a bunda do Mick. Conheço gente que estaria muito interessada no que ele esteve fazendo. Ele é um homem morto. É só é uma questão de tempo.

Vi a frieza dos olhos de Bent e sabia que nada o pararia de acabar com Mick. Mas eu queria sua cabeça em uma bandeja.

— Não podem fazer isso! — Gritou Sam, andando entre Bentley e eu. — Eu não vou deixar!

Finalmente tive coragem de olhar para ela.

— Está esquecendo Ross, que sou a merda sobre rodas, sem piedade, o especialista. Eu o farei pagar.

Bent sorriu um sorriso de torto.

— E eu estou a favor, irmãzinha, ele está condenado faz muito tempo.

Sorri com satisfação, dentro de mim, estava amando o que estava prestes a acontecer.

— Bem Bent, acho que está na hora de trazer o mal e a condenação eterna ao mundo.

— Amém, irmão.

35

Walker

— Você vai lá comigo Walker?

Olhei para Sam, sentada no mesmo lugar onde eu havia tirado sua virgindade. Ela estava vestindo calça jeans e uma impressionante camiseta nova. Seu cabelo estava uma bagunça e seu rosto... Deus, seu rosto estava roxo e machucado.

Segurei o volante com mais força e me concentrei na estrada. Havia parado de chover, mas, o ar ainda estava muito úmido e ameaçando cair outra grande quantidade de chuva sobre nós. Fazia com que o calor piorasse, tornando o simples

ato de mover uma coisa difícil. Liguei o ar condicionado e ignorei o aparecimento de suor em minha pele.

Tínhamos saído da casa do meu pai fazia trinta minutos, passei primeiro na casa da Sam. Fiquei na porta do seu quarto e a olhei enquanto pegava algumas roupas e se apressava para o banho, nenhum dos dois falando. Minutos depois, saiu do banheiro dizendo algo sem importância, me olhando fixamente nos olhos, tentando me fazer perder a paciência.

Mas eu ainda estava pirando, louco de raiva. Bent tinha ido pegar uma Mercedes preta. Eu queria ir com ele e arrancar a cabeça de Pam Man, usá-la como uma bola de beisebol e esmurrá-lo até à morte. Mas eu não poderia deixar Sam ir com Bentley e trabalhar os detalhes com aquelas pessoas.

Meu trabalho agora era vigiar Sam até passar essa situação. Em seguida nós iriamos deixá-la segura de Pam Man e de toda essa gente. Lukas. Ele era o único que não tinha ligação com Bentley ou eu. Ele não estava feliz por isso, mas tinha minhas próprias formas de fazer que o menino se comportasse.

— Acho que é um não. — Sam falou com um suspiro quando não respondi, interrompendo meus pensamentos.

Eu olhei para ela e ela olhou fixamente para fora da janela do passageiro. As luzes de fora brilhando no seu rosto lindo, iluminando completamente seus lábios e os hematomas em seu rosto.

Reduzi a velocidade e virei na esquina que dava acesso ao estacionamento do meu complexo de apartamentos. Estacionei em uma vaga vazia e desliguei o motor.

— Vamos. — Disse, odiando a maneira áspera da minha voz. Idiota.

Antes que ela pudesse dizer alguma coisa abri a porta e saí, o calor me bateu como uma tonelada de tijolos. Esperei em frente ao para-choque enquanto Sam saía do carro lentamente, segurando nas mãos a sua bolsa para passar a noite, pela alça. Segurei minhas chaves tão forte que cortou a palma da minha mão, enquanto meus olhos corriam por ela. Eu precisava da dor, pois ajudaria a me manter focado. Manter a raiva dentro de mim para deixá-la.

Encontrei Sam ao pé das escadas e a deixei ir à frente. Uma ligeira neblina tinha começado a cair, tornando os degraus escorregadios. Não confiava no calçado que ela estava usando, um escorregão e ela estaria no chão. Então eu seria forçado a colocar minhas mãos nela. Na porta, alcancei e destranquei, ela entrou logo atrás e acendi as luzes, envergonhado por nossas escassas condições de vida. O sofá era usado, de um vizinho que não conhecíamos. A verdade era que o tínhamos achado na rua. A televisão era uma de plasma de última geração. Custou mais de três meses da nossa renda. Mas tínhamos nossas prioridades. A cozinha tinha uma mesa, duas cadeiras, um balcão e um armário cheio de comida. Essa era uma coisa que Bent e eu fazíamos, comer bem. Passar

muita fome na infância significava que armazenávamos comida como se fôssemos ricos.

Encher os armários da cozinha era o que precisávamos agora. Garrafas de diferentes tipos de bebidas estavam de pé orgulhosamente contra a barra de azulejos baratos. Fui direto pra cozinha deixando Sam encontrar-se por conta própria em nosso apartamento. Não era como se fosse grande de qualquer maneira.

Ouvi-a deixar cair sua bolsa no chão e me seguir. Balancei minha cabeça em frustração. Ela não sabia o quão próximo eu estava de me perder? Ignorando-a eu fui direto para o Bourbon.

— Você vai beber? É realmente necessário? — Ela perguntou, parando a poucos passos de mim e observando eu pegar um copo barato no armário. Olhei para ela.

— OH, sim, é necessário, acredite.

Servi-me um copo com as mãos trêmulas, meu coração batendo rápido quando escutei ela andar atrás de mim. Levando o copo à boca, comecei a abaixá-lo quando Sam esticou o braço e o pegou da minha mão. Olhei para ela com surpresa, admirando como a bebida descia por sua garganta enquanto ela fazia uma careta.

Ela bateu o copo de volta em cima do balcão.

— Outro. — Ordenou. — Vou ficar bêbada e você vai dirigir sozinho.

Balancei a cabeça.

— Nem pensar. — Falei, fechando o Bourbon. — O veneno é meu. — Eu não quero que ela faça parte disto. Já havia se machucado o suficiente. Deixando-a beber seria como terminar no topo da destruição.

Fogo iluminou seus olhos quando me olhou, o topo da sua cabeça alcançando a metade do meu peito.

— Você não pode me dizer não, Walker. Apesar do que você acha, não é meu dono. — Ela ficou na minha frente, agarrou a garrafa, destampou, e serviu-se outro gole.

— Sam, você realmente precisa parar de me incomodar. Estou de saco cheio e estive bebendo.

Não poderia lhe dizer que estava morrendo de medo e que no momento em que ouvi que estava ferida, vi minha vida passar diante dos meus olhos. E que essa vida era com ela.

— Então? — Perguntou ela com atitude que tinha chegado a amar.

Abaixei-me, colocando meu rosto perto do seu. Deus, eu queria beijá-la. Que merda. Queria estendê-la na mesa da cozinha e transar sem sentido. Em vez disso alimentei a escuridão em mim. Era mais seguro do que tocá-la.

— Então esse monstro que uma vez me acusou de ser, está aqui e quer machucar o filho da puta que te fez isto. — Eu disse, olhando para seus lábios cortados. — E eu estou com medo de que se eu tocar em você, vou perder o controle, não serei gentil e você não precisa disto agora.

Vi Sam engolir forte, a dúvida em seus olhos. Mas o que eu queria ver não estava lá, medo.

— Como sabe o que quero? — Ela respondeu. — Talvez eu precise de você.

Antes que eu pudesse responder, a campainha da porta soou. Lukas.

Ela virou sobre si mesma e saiu da cozinha, sua pequena bunda rebolando provocativamente.

Amaldiçoei em voz baixa. Suas palavras fizeram que meu pau levantasse para a ocasião. Ela não sabia do que estava falando. Eu sabia o que ela precisava e não era eu.

Balancei minha cabeça com desgosto, coloquei a garrafa de volta no balcão e a empurrei. Eu não queria mais um gole. Tinha que manter minha cabeça em ordem. Pelo menos uma vez na minha vida, eu tinha que fazer as coisas direito, mesmo se fosse fazer algo que possivelmente poderia me matar.

Caminhei sem pressa para fora da cozinha, tentando controlar os ciúmes que sabia quese sentiria quando visse Lukas perto da Sam. Ele estava parado a uns poucos passos

dela, seu cabelo preto estava solto cobrindo seus olhos irritados. Eu queria correr pelo apartamento e derrubá-lo no chão, lembrando-o sobre o que havia me dito a última vez que o vi. Que o seu lugar era entre as pernas de Sam. Mas me contive. Havia outros assuntos prioritários para cuidar agora.

Fui em direção a ele e Sam, preparado para dar instruções de não a tocar se ele valorizasse sua vida, mas meu telefone tocou.

— Em quanto tempo aproximadamente você chegará? — Perguntei, respondendo sem olhar o identificador de chamadas.

— Cinco minutos. Lukas está aí? — Bent perguntou, falando sobre o ruído de fundo.

Olhei para Lukas, observando como sacudia seu queixo para mim em saudação.

— Sim. Eu estava indo para lhe dar algumas instruções.

— Ótimo, te vejo em breve.

Coloquei o telefone de volta no meu bolso de trás, diminuindo a distância entre Sam e eu. Ela estava com os braços cruzados, fuzilando Lukas com o olhar, ela estava muito irritada, ao perceber sua raiva meu ciúme diminuiu, sabendo que ela não o deixaria tocá-la, mas eu não confiava nele.

— O que você deixou acontecer com ela? — Gritou Lukas assim que parei perto da Sam. — Ela está toda roxa e machucada!

O cabelo da minha nuca se arrepiou, o meu lado negro não estava feliz.

— Eu estraguei tudo. Agora vou corrigi-lo. — Falei carrancudo. Sacudindo meu queixo em sua direção.— Está claro?

— Sim. — Disse Lukas, desviando o olhar e colocando as mãos nos bolsos da frente da sua calça apertada.

— Assim é melhor! — Adverti. — Vou confiar nisso.

Ele me deu um breve aceno de cabeça e isso era tudo que eu precisava.

Indo contra o meu melhor julgamento, eu toquei Sam, apertando sua mão. Ela não protestou quando a puxei para fora do apartamento e desci as escadas em direção ao meu carro. No pára-choque, parei e me virei, deixando cair sua mão.

— Você vai ficar segura nesta casa, Sam. Voltarei assim que tudo isso tenha acabado. Só fique forte.

Ela cruzou seus braços sobre o peito.

— E quanto a você? Vai estar seguro?

Respirei fundo e cruzei meus braços sobre meu peito, imitando-a.

— Tão seguro como posso estar.

Deu um passo perto de mim, ficando entre as minhas pernas estendidas.

— Não é bom o suficiente, Walker. Só não faça isso. Podemos pensar em algo mais.

Esfreguei minha barba crescida em meu rosto e olhei ao redor, algo para evitar olhá-la. Tínhamos algumas horas antes do dia amanhecer. Tempo suficiente para conseguir fazer o trabalho e voltar para ela antes que o sol saísse. Bastante tempo para alimentar a escuridão em mim, dando-lhe a vingança que ansiava.

— Ouça Sam, roubei mais carros do que posso contar. Sei o que estou fazendo. — Expliquei.

Ela cruzou os braços sobre seu peito, com um olhar chateado no rosto.

— Sério? Você está cem por cento certo disso? Porque eu não acho que você saiba o que fazer comigo a metade do tempo, assim como sabe...

Eu agarrei seu cotovelo, trazendo-a mais perto. Minha voz caiu, tornando-se sufocante e irregular.

— Eu sei o que estou fazendo com você, Sam Ross. Estou vivendo para você e morrendo por você. E pretendo te amar em cada oportunidade que eu conseguir. — Antes que ela pudesse protestar, envolvi minhas mãos em seus cabelos soltos e capturei seus lábios com meus. O beijo não era suave ou gentil. Não nasceu do amor ou atração. Era necessitado e cru. Cheio de fome e paixão. Não tinha nada a perder, assim, estava determinado a dar tudo.

Coloquei a língua em sua boca, saboreando-a. Ao mesmo tempo, um sedan preto entrou no estacionamento, reduzindo até parar ao lado do meu Duster Plymouth. Não me importei. Eu passei minha língua ao longo da boca de Sam, meus dedos escavando profundo em seu cabelo. Queria-a mais perto. Eu precisava dela ao meu lado. Eu provei seus lábios por completo, querendo lembrar como se sentiam contra os meus para sempre. Não importava que não estivéssemos sozinhos. Não dava a mínima para o seu irmão que estava provavelmente observando do sedan. Envolvi meus braços ao redor dela. O monstro dentro de mim ficando em silêncio por uma vez.

Bentley xingou como um louco e escutei Lukas amaldiçoar enquanto se aproximava, mas não me importei. Beijava Sam como um homem morrendo indo encontrar com o seu criador. Não foi até que escutei Bentley dizer que estava na hora de ir e tive que deixá-la partir.

Comecei a me afastar, mas parei. Vendo Sam assim, parada de pé com seu cabelo bagunçado, seus olhos brilhando

com lágrimas, algo golpeou meu coração. Sabia que tinha que lhe dizer alguma coisa.

Alcançando-a, envolvi uma mão ao redor da sua cintura e a outra agarrei sua bunda. Cheguei bem perto e me abaixei colocando minha boca sobre sua orelha, coberta por seus cabelos desgrenhados.

— A propósito, a palavra que queria... a que não te diria... era "incrível." Seria incrível estar contigo, Sam.

Antes que ela pudesse perguntar o que significava, virei e fui embora.

Só disse o que estava me perseguido desde que a deixei em sua casa depois de transar com ela. A ideia me assustava até a morte. Querer um futuro com ela. Ter filhos com ela. Seria incrível. Não, seria um sonho. Um que eu não estava autorizado a ter.

Mas agora era hora de desligar meus sentimentos. Alimentar a natureza destrutiva que havia tecido em minha alma tanto tempo atrás. Vivia para destruir. Para jogar. Roubar. Tomar. Era tempo de voltar para essa vida.

Por Sam.

36

Walker

Sentei no banco de trás do Mercedes preto e olhei pela janela com a chuva caindo quando Lukas tocou o braço de Sam, chamando sua atenção. Agarrei a maçaneta da porta, pensando em sair, mas Bent me parou.

— Está tudo bem, Walker. Estou de olho nele também. Bem abertos dessa vez. Aqui, vai precisar disso. — Falou me entregado um copo grande de plástico do banco da frente.

Bebi o cheiro de café clareando minha mente. Não era o que eu queria, mas ia manter minha cabeça limpa, tinha que estar sóbrio. A última coisa que eu precisava era a bebida nublando meu julgamento.

Tomei um gole do amargo e fumegante café enquanto o rosto de Bent voltava para a Mercedes. Saímos do estacionamento do prédio com apenas o tranquilo som do carro. Era um modelo Classe S, com todos os botões e som. O motor ronronava como um gatinho e o couro creme e elegante me envolveu quando sentei, ela dava aos ocupantes a sensação de ter mais dinheiro do que Deus.

— Este é o Senhor Rollins. — Bent falou, indicando um homem grande no assento do motorista. — Ele nos levará aonde temos que ir.

O cara não me olhou. Manteve os olhos firmes na estrada, com a pele escura, parecia inclusive mais escura à noite. Tinha a cabeça careca e seu corpo grande quase não cabia no banco do motorista. A jaqueta de tweed marrom era estilo vintage, parecia saída da época do meu pai. Ele não parecia pertencer ao volante de um carro de luxo. Parecia mais o tipo de conduzir um velho Caddie 78 em seu lugar.

— Então... alguém vai dizer qual é o plano ou vamos improvisar? — Perguntei, impaciente para colocar o show na estrada.

Rollins não respondeu. Seus dedos gigantes conduziam o volante com facilidade quando dobramos uma curva acentuada, batendo na estrada. Segurei meu café quando ele pisou no acelerador, o motor turbo V8 do Mercedes fazendo o

seu trabalho. Bent ajustou a ventilação então se reclinou no assento do passageiro.

— Morrow trocou as drogas. Estão em um carro diferente. — Disse como se estivesse falando do maldito tempo.

— Como você sabe? — Perguntei.

— Nós somente sabemos — Rollins falou em uma voz grossa e muito profunda, que me lembrava mais de Barry White[5] que alguem a ponto de cometer um crime.

— Então roubamos o carro novo. É isso? — Perguntei.

— Morrow tem seu próprio McLaren. — Respondeu Bent, mexendo as sobrancelhas para cima e para baixo do assento da frente.

Assobiei baixo. Um carro de um milhão de dólares. As apostas se elevaram para as nuvens. Como, impossivelmente altas.

— Mas nós não vamos roubar ele. — Adicionou Bent. — Ainda vamos roubar o Lotus.

— Espera. O que acontece com as drogas? Isso é o que vem depois do Mick. Se não vão estar no Lotu...

[5]Barrence Eugene Carter, mais conhecido como Barry White foi um cantor, compositor, maestro e produtor musical norte-americano. Compositor de inúmeros sucessos em estilo soul e disco e de baladas românticas, e um intérprete com voz profunda e grave.

— Estamos plantando algumas no Lotus. — Disse Bent me interrompendo. — O plano é que o Senhor Rollins nos leve até o carro. Sabemos exatamente onde está graças aos tweets[6] da filha. Acontece que tenho um velho amigo que trabalha como manobrista no clube onde ela está. Por sorte. Vou enviar um Snapchat[7] quando chegarmos. Ele vai pegar a chave e a dará para nós. Então pegamos o carro, nos reunimos com o Senhor Rollins em uma localização diferente, e ele planta as drogas. Dirigimos para encontrar o Mick na pista de pouso. Meus meninos aparecem e pegam sua bunda. Nós fazemos a nossa parte. Eles fazem a parte deles. Trabalho feito.

— Fim do Mick. — Acrescentei.

— Chegamos — Falou o Senhor Rollins, entrando em um estacionamento na rua onde estava o Lotus Sat.

Olhei pelas janelas escuras do Mercedes. Estávamos em um clube de classe alta na cidade, um clube onde se seu nome não constava na lista, não entrava. Onde filhos e filhas de milionários se encontravam e misturavam festejando como se não houvesse amanhã e gastando o dinheiro do papai como se crescesse em árvores.

---

[6]Em poucas palavras, um **Tweet** é uma mensagem enviada pelo Twitter. Para enviar ou receber um Tweet, você precisa criar uma conta gratuita no Twitter.

[7]O Snapchat é uma rede social de mensagens instantâneas voltado para celulares com sistemaAndroid e iOScriada. O app pode ser usado para enviar texto, fotos e vídeos e o diferencial é que este conteúdo só pode ser visto apenas uma vez, pois é deletado logo em seguida, se "autodestruindo" do app.

Bares se alinhavam nas ruas molhadas pela chuva, provavelmente os estabelecimentos de luxo consumiam tantas drogas e álcool quanto na minha área. Em frente estava o Magnólia Lounge. Gente entrava e saía por suas portas maciças de cor vermelho sangue. Faltava menos de uma hora para o fechamento. Muitas oportunidades para tomar o que não era meu.

— Bem, vamos fazer isto. — Disse Bent, olhando para mim e Rollins. — Carro rápido, roubo rápido.

— Dez minutos, B — Disse Rollins, verificando o espelho retrovisor e nos deixando saber quanto tempo tínhamos para pegar o carro e nos encontrar com ele no ponto de encontro.

Abri minha porta ao mesmo tempo em que Bentley abriu a sua. O calor me envolveu, tirando o gostoso frescor do interior do Mercedes. Saí, sentindo gotas de suor molhando a parte de trás do meu pescoço. Mas o frio em minhas veias me esfriou, bloqueando todos os pensamentos e sentimentos da minha mente exceto o que eu estava a ponto de fazer.

Rollins partiu no Mercedes, o motor fazendo pouco ruído. Ao mesmo tempo, Bentley tirou seu telefone e enviou um Snapchat ao manobrista, avisando que já estávamos aqui. A mensagem desapareceu em dez segundos sem deixar rastro. Depois disso, começamos a caminhar pelo estacionamento, como se pertencêssemos ali. Do lado de fora havia apenas dois caras à espreita.

Porsches e Corvettes enchendo a área, brilhando sob as luzes. Coloquei minhas mãos nos bolsos do meu Jeans, tentando parecer relaxado apesar do meu coração estar batendo a cento e vinte milhas por hora. A adrenalina que me motivava a conseguir os carros estava subindo novamente. Era tão viciante quanto a bebida.

E Sam.

Bent parou ao meu lado, assobiando baixinho e mantendo os olhos abertos a procura de problemas. Eu quase podia sentir sua excitação a centímetros de distância.

— Oiiiiiii, lindas. — Sussurrou quando duas garotas passaram por nós. Ambas eram loiras. Tipo supermodelo. Suas saias eram curtas e seus rostos perfeitos, estilo Photoshop. Uma delas tinha uma bolsa da Gucci balançando em seu ombro, provavelmente um presente de seu pai. A outra simplesmente tinha a aparência de um milhão de dólares. Olharam para Bentley e eu, quase babando quando nos viram.

— Concentre-se Bent. — Falei em voz baixa à medida que se aproximavam.

— Deus, estou. — Falou, dando seu melhor sorriso rock and roll enquanto caminhavam.

Neguei com a cabeça espantado, como o cara conseguia ser um mulherengo, mesmo no meio de um roubo.

Bentley jogou outro olhar sobre seu ombro para as meninas antes de atravessar a rua para ir ao outro estacionamento. Este nos colocava mais perto do Clube Magnólia, o que significava mais probabilidades de sermos notados. Mantive meus olhos em um grupo hipsters[8] caminhando pela porta do clube, em suas calças beges escuras e suas impecáveis camisas pólo. Alguns deles se balançavam em suas bundas bêbadas. Eles se dirigiam ao estacionamento que acabamos de deixar, nos dando as costas.

Pensei que estávamos a salvo quando dois manobristas se dirigiram diretamente para nós. Não estava certo se um deles era ou não o menino do Bentley, mas não ia dar bandeira. Tirei meu telefone e abaixei a cabeça, fingindo que estava enviando mensagens de texto para que não conseguissem ver meu rosto. Bent virou a cabeça também, atuando como se estivesse procurando alguém. Fazíamos isto o suficiente para saber que se as testemunhas não podiam ver nossos rostos, não poderiam se lembrar de nós se a polícia os interrogasse.

Os dois manobristas andavam por aí, muito ocupados falando de suas coisas para nos notar. Quando se foram, coloquei meu telefone no bolso, meu corpo tenso em

8 

antecipação. Segundos mais tarde, vi o nosso objetivo. Um Lotus Évora S. Laser Blue 2014. Suave, bonito e rápido.

Uns poucos metros mais e estávamos ao lado do carro. Esperei do lado da porta do motorista enquanto Bentley dava a volta para o lado do passageiro. Ele pegou a chave do topo do pneu onde o manobrista tinha deixado e jogou pelo teto para mim. Agarrei em uma mão, formando um punho ao redor da chave. Com o apertar de um botão, as portas do Lotus destrancaram.

Abri a porta e sentei no banco do motorista de cor cinza escura, ao mesmo tempo, Bentley entrou no lado do passageiro. Merda. O carro era bonito. O assento corria pela parte de trás vindo ao redor do meu corpo me abraçando com força. O painel era simples, igual ao que os corredores de rua gostam. Passei a mão pela alavanca de câmbio, desejando ter tirado a virgindade de Sam aqui e não no meu carro de merda. Este carro tinha sexo escrito por toda parte.

— Santo caralho. — Murmurou Bentley.

Movi minha cabeça, esperando problemas, mas Bentley estava olhando para o banco de trás. Olhei também. Havia uma mala lá, tangas, sutiãs e camisetas transbordando dela.

— Alguém vai sair de viagem. — Murmurei.

— Parece que ela está saindo correndo da cidade. Não a culpo. Que tipo doente carrega o carro da filha com drogas e a

deixa dirigindo ao redor? — Disse Bent com desgosto, voltando o olhar para frente e olhando pela janela em busca de problemas.

Olhei surpreso pela raiva em sua voz.

— É Morrow. Só isso basta.

— Sim, mas mesmo assim... — Murmurou Bent parecendo irritado.

Ignorando-o, inseri a chave na ignição e o coloquei em marcha. O motor do Lotus ronronou à vida. É hora de rodar. Envolvi minha mão ao redor da alavanca de câmbio forrada de couro novo, desta vez procurando um pouco de ação. Ao pressionar a embreagem, troquei de marcha engatando a ré e saí do estacionamento.

Desencadeando uma sensação de poder através do carro. Como um cavalo querendo ser livre, o Lotus queria correr.

Contive-me e resisti ao impulso de voar. Como não queria chamar a atenção, conduzi através do estacionamento e saí na rua ensopada pela chuva. Quase me mata não pisar fundo, mas tinha que jogar seguro.

Por agora.

— Seis minutos — Disse Bentley, contando os minutos até nos encontrarmos com Rollins.

Olhei pelo espelho retrovisor. Um carro estava atrás de mim, suas luzes brilhavam na janela traseira. Fiquei frio, parando lentamente no sinal vermelho. O motor zumbia ansioso para ir. Bent observava o carro no espelho retrovisor, com cuidado para não mover muito a cabeça. Tínhamos jogado este jogo muitas vezes para não conhecer as regras. Tudo o que tínhamos que fazer era atuar normalmente e parecer que tínhamos todo o direito de estar atrás do volante. Se fizéssemos isso, ninguém iria notar que dois bandidos dirigiam um carro roubado.

O semáforo ficou verde e arranquei rápido. Não muito, mas rápido o suficiente. Assim que viramos a esquina longe dos clubes e dos outros carros, acelerei. Troquei de marcha, aumentando a velocidade, então soltei a embreagem e acelerei, era um momento de perfeição. O Lotus decolou, o motor tendo que trabalhar. Chegamos a oitenta quilômetros por hora em três segundos. Mudei a marcha e nos levei ao redor de uma curva, ganhando velocidade enquanto o carro andava. A autoestrada livre de tráfico estava à nossa frente. O sonho de um motorista se tornando realidade.

— Cinco minutos — Disse Bent.

— Suponho que temos que nos apressar então. — Acelerei o carro e ele aguentou. Oitenta. Noventa. Cem. Mantive assim, sem querer chamar muito atenção, mas não tendo muito tempo. Eu não conseguia ouvir a estrada por baixo dos pneus

ou o vento batendo. Tudo o que eu podia ouvir era o motor, que falava comigo como se fôssemos um.

Em minutos estávamos do outro lado da cidade. A área industrial. Mais perto de Sam e meu velho bairro.

Bloqueei todos os pensamentos dela da minha mente. Não podia pensar nela agora. Se fizesse, poderia me distrair e não podia me dar a esse luxo. A única maneira que sobreviveria a isto era mantendo o foco.

Bent indicou o lugar aonde iríamos nos encontrar com Rollins. Estava situado entre um grande armazém cinza e uma oficina de peças abandonada. O letreiro descolorido no pequeno edifício dizia "Peças para carros do Anderson." Não havia outros carros estacionados em frente ao edifício de metal, só o Mercedes preto de Rollins, parecendo escuro e misterioso à noite. Parecendo muito fora do lugar neste bairro decadente.

Nem Bentley nem eu falamos enquanto dávamos a volta na esquina do estacionamento. Nossos olhos verificavam os arredores, em busca de qualquer sinal de problemas.

Os pneus do Lotus fizeram um ruído no asfalto molhado enquanto parava ao lado do Mercedes. Vi Rollins abrir a porta e desdobrar seu grande corpo do assento do motorista. Ele examinou a área, então voltou seus olhos escuros para nós, cruzando os braços sobre seu enorme peito.

Assim que paramos ao lado dele, Bentley saiu, me deixando com o carro em marcha. Um segundo depois, Rollins colocou a cabeça para dentro.

— Não toque merda nenhuma. — Murmurou com voz profunda, equilibrando alguns tijolos de drogas em sua grande mão direita.

— Não se preocupe. Não me interessa. — Respondi. Não me importava de quem era ou de onde tirou as drogas, estava cansado de gente que pensava que eu era lixo e que faria algo ilegal.

Rollins bufou como se não acreditasse, mas logo voltou sua atenção às drogas. Observei com desinteresse enquanto ele puxava o banco do passageiro para frente com uma faca na mão. Continuando, moveu seu grande corpo no interior para poder alcançar o piso atrás do banco dianteiro. Agarrou a borda do tapete e tirou. O material subiu, expondo a estrutura metálica do carro. Uma pequena área foi cortada. Levantando, colocou os tijolos de droga no compartimento. Ao fechar a escotilha de metal, colocou o tapete de volta no lugar.

— Feito. — Disse Rollins, saindo do carro.

Imediatamente Bent reapareceu e endireitou o assento do passageiro.

— Vamos. — Falou assim que o assento estava no lugar, caindo no banco e ajeitando o cinto de segurança.

Ele não tinha que dizer isso duas vezes. Estava morrendo de vontade de ver a cara do Mick se encontrando com meu punho.

Corri pela rua, sentindo a fúria se acumulando em mim. Em meu espelho retrovisor, vi Rollins voltar para sua Mercedes, dobrando seu grande corpo atrás do volante.

O Lotus disparou através da rua vazia e escura, com apenas um som. As luzes dos postes quebradas piscavam e apagavam enquanto passávamos por elas, algumas não tendo mais que um brilho amarelo pálido à noite. Mas eu só precisava dos faróis do Lotus para me guiar. Eu acho que poderia encontrar Mick mesmo em um lugar escuro. Eu estava completamente consumido pela fúria. Como um animal sedento de sangue sobre o rastro de sua presa, a caçada ainda em execução.

O som da estrada molhada sob os pneus do carro não era nada comparado com a batida sólida do sangue em minhas veias, insistindo para que me apressasse. Faça com que ele pague pelo que fez a Sam, sussurrava dentro de mim. Faça. Que. Pague.

Apertei a mandíbula me concentrando em dirigir. Estávamos quase no ponto de encontro quando Bentley quebrou o silêncio e fez a pergunta que eu sabia que viria.

— Você quer me dizer o que está acontecendo entre você e Sam? — Perguntou com calma, mantendo os olhos nos edifícios iluminados. — Porra, você a beijou.

Segurei o volante com mais força. Aqui vamos nós. Tempo para começar uma briga com o Bentley.

— Nós estamos juntos. — Falei, chegando logo ao ponto.

— Merda. — disse Bent soltando ar. — Droga, Walker! Jesus Cristo, o que você estava pensando? — Virou-se em seu assento para me olhar, com raiva. — É melhor você não estragar isso. Eu sei como você é...

— Não precisa se preocupar. — Falei interrompendo.

— Não tenho que me preocupar! — Gritou. — Certo como a merda que vou me preocupar! Você bebe. Tem um recorde em... — Contou cada infração com os dedos.

— Você acha que eu não sei que sou um merda? — Gritei, perdendo a cabeça. — Que eu não a mereço?

— Você a ama?

Eu diminuo a velocidade com raiva apertando minhas mãos.

— Isso importa? — Perguntei com frieza, tirando meus olhos dele. Incapaz de dizer às palavras que queria ouvir.

— Pare de responder a minhas perguntas com uma maldita pergunta, Walker. Odeio essa merda. Você ama a minha irmã? A resposta é simples sim ou não.

Flexionei meus dedos ao redor do volante, agarrando com mais força.

— Nada é simples com ela.

— Com ela ou com você?

Eu não respondi. Não havia tempo de qualquer maneira. O local onde iríamos encontrar Mick apareceu na nossa frente. Era uma pista de pouso privada, vazia e rodeada por uma cerca de arame farpado. A quilômetros do centro da cidade. O aeroporto era utilizado pelos ricos da cidade, os que poderiam se dar ao luxo de ter aviões particulares à sua inteira disposição. Os hangares estavam em silêncio à noite, suas enormes portas metálicas fechadas. Bloqueando a entrada dos intrusos. Uma luz solitária chamava a atenção lançando uma luz amarela brilhante iluminando a área. Um par de luzes solitárias de um Cessna estavam perto de um dos hangares, a pintura branca dos aviões brilhava com as gotas de água da chuva sob a luz.

— Aqui é onde eles mandam para fora os artigos? — Perguntei enquanto parávamos na área, lembrando o que Bentley disse. Seu pessoal trabalhava no comércio internacional. Do tipo ilegal. Drogas. Carros. Arte. Pessoas.

Eles faziam o seu melhor para seus clientes. Bent pegava os carros, os outros lidavam com o resto.

— Isto é tudo. — Respondeu Bentley, seus olhos esquadrinhando a área, com um tom distante. Percebi que ele estava de mau humor comigo por não responder sobre Sam, mas poderia esperar. Uma caminhonete preta estacionou perto de um dos hangares, suas janelas tão escuras que o motorista se escondia nas sombras. Não importava. Sabia quem era.

Contive a necessidade violenta de vingança e estacionei a uma distância segura. O forte nevoeiro havia retornado, cobrindo tudo. Ele não fazia nenhum som ao cair contra o carro e o asfalto, mas trouxe um sentimento de mau presságio, como o clímax em uma cena épica de um filme de ação. Ele definia o humor perfeitamente para a violência que estava a ponto de cair sobre um policial corrupto.

Bentley e eu saímos, observando Mick enquanto saía de sua caminhonete. Deixando a porta do lado do motorista aberta, mostrando a todos que planejava uma fuga rápida. Mas não haveria escapatória para ele. Ele não sairia inteiro. Eu me asseguraria disso.

— Bem, olá perdedores. — Falou sorrindo, ajustando seu jeans largo ao redor da sua cintura grossa.

Ver seu rosto fez com que a besta em mim ganhasse vida, chutando e gritando por sangue em minhas mãos. Uma neblina vermelha invadiu minha visão. Este monte de merda

tinha machucado Sam. Colocado suas mãos sujas nela. Marcou-a com os punhos. Tentou tocar algo que era meu.

Ele iria morrer.

Rugi, correndo para frente. Bent me parou, agarrando meu braço em um aperto de morte e me jogando para trás. Eu gritei com raiva e lutei furiosamente, com vontade de misturar o sangue do Mick com a chuva do chão. Eu mantive os meus olhos fixos em Mick tentando tirar meu braço de Bentley, queria destruir. Matar. Destroçar.

Mas Bentley manteve-se forte e decidido. Voltei para gritar, odiando meu melhor amigo por me manter longe do atacante de Sam. Mas então ele sussurrou uma palavra. Uma palavra que me esfriou.

— Sam.

Bent tinha prometido vingança por ela e isso é o que eu gostaria de ter. Pensei que teria que ser paciente.

Dei de ombro fora do seu aperto e enfrentei Mick, rolando meus ombros e me obrigando a relaxar. Tinha que estar preparado. Era só Bentley dar o sinal e Mick era meu.

— Conseguimos suas coisas, Mick. Pegue e suma desta cidade. — Bent gritou, seu corpo tenso, pronto para pular e pôr fim ao homem que feriu sua irmã.

— Sejam felizes, rapazes. — Disse Mick com uma risada, ajustando seu jeans novamente e andando sem pressa para nós.

Apertei os punhos, com vontade de quebrar seu rosto como ele feriu o de Sam. Seu sorriso aumentou quando viu minha raiva, dando a ele um doentio prazer. Mas quando passou por mim e Bentley, a ganância encheu seu olhar. Ele correu para o Lotus, quase tropeçando em seus próprios pés pela pressa. Seus movimentos eram bruscos, quase nervosos, como se não pudesse se controlar. Estava chapado, eu percebi, tinha consumido algo. O pensamento dele estando dessa maneira quando atacou Sam me fez fisicamente doente. Como Sam escapou, não sei, mas dei graças a Deus e rezei a outros deuses também. Pela primeira vez fizeram alguma coisa por mim. Salvaram Sam.

Bent e eu vimos como Mick abriu a porta do passageiro do Lotus, sem se preocupar se arranharia a pintura do carro caro. A parte superior do corpo desapareceu no interior quando começou a mexer na parte de trás. Imaginei-o inclinado sobre Sam, tocando, batendo, me perdi. Dei um passo para frente, vendo a oportunidade perfeita pra fazer, mas Bentley chamou minha atenção. Ele assentiu com a cabeça em direção à porta trancada que dava para a rua. Um Range Rover preto estava estacionado próximo à esquina, as luzes desligadas e as janelas escuras.

Sabia que eram as pessoas que trabalhavam com Bent. Ele tinha dado a eles uma pista do que estaria acontecendo esta noite. Com um telefonema, Bentley informou que Mick iria roubar o que eles queriam. Era suposto ele trabalhar para eles, não contra eles. Apunhalar pelas costas significava morte neste negócio e Mick acabava de assinar seu próprio destino.

Ele saiu do Lotus, sem perceber que tínhamos companhia. Os dois tijolos de droga estavam em suas mãos. Um enorme sorriso estava estampado em seu rosto, mas sumiu quando viu o Range Rover preto.

O SUV parou. Dois caras grandes de terno saíram, um da parte dianteira e outro da traseira. Um segundo mais tarde um cara baixo e magro saiu. Tinha o cabelo preto, barba que acentuava a forma incomum da sua cabeça oval. Uma larga e profunda cicatriz ia do seu nariz até abaixo do seu lábio, dividindo seu lábio superior em dois. Isso o fazia ter um sorriso permanente, dando a ele um olhar malicioso. Endireitou o caro paletó do terno com movimentos curtos e precisos e jogou um olhar ao redor da área com aborrecimento, parecia fora de lugar para trabalhar nessa área da cidade.

— Hey, Tuan. O que está fazendo aqui? — Perguntou Mick com uma risada nervosa, equilibrando os tijolos de drogas em suas mãos enquanto parava ao lado do Lotus.

Tuan - quem assumi que fosse o chefão - ignorou o Mick. Ao invés disso, seus olhos se dirigiram para Bentley. Ele nos

deu uma breve inclinação de cabeça em sinal de reconhecimento e logo voltou seus pequenos e brilhantes olhos para Mick. Com passos lentos ele diminuiu a distância entre ele e Mick, seus homens atrás dele, mantendo um olho nos arredores.

— Rodríguez. — Disse Tuan como modo de saudação quando parou em frente a ele. Olhou as drogas nas mãos do Mick, a divisão no lábio superior subindo enquanto sua boca se movia. — Está passando por cima de mim, Senhor Rodríguez?

Mick entregou os tijolos a ele.

— Não, senhor. Só pensei que gostaria de evitar problemas, por isso vim buscar pessoalmente. Só queria ganhar pontos adicionais por guardar, já sabe.

Tuan gemeu em descrença, seus olhos não perdiam nada. Seu olhar escuro se moveu para mim, plano e sem emoção. Em seus olhos eu vi a morte refletida de volta para mim. O sangue em minhas veias ficou frio. Bentley estava trabalhando com ele? Este homem era o inescrupuloso.

— E onde está o resto? — Perguntou Tuan, voltando o olhar frio novamente para o Mick antes de olhar pra baixo para as drogas em sua mão.

— Não há mais. — Mick mentiu, o sorriso em seu rosto se contraindo em nervosismo. — Isso é tudo o que Morrow tinha no carro.

— Mmm. — Disse Tuan, apontando para um de seus homens ir para frente. — Então eu levarei isto e meus homens podem discutir com você o que aconteceu com o resto da mesma.

Mick se balançou de um pé a outro, nervoso enquanto o grande gorila parava junto a Tuan, olhando Mick com um cenho franzido ameaçador. Estendeu a mão e Mick entregou as drogas. Uma vez que estavam a salvo, em posse de seu homem, Tuan deu a volta sobre seus calcanhares com seus caros sapatos de grife e se dirigiu de novo ao seu Range Rover. Deu a seus outros homens uma leve inclinação de cabeça, enquanto ele passava o sinal para acabar com Mick.

Foi então que o mundo desabou.

Um som estridente de metal perfurou a noite. Virei-me, preparado para enfrentar a nova ameaça. As grandes portas de metal do hangar mais próximo se abriram, revelando um grupo de homens vestidos de preto.

Os capangas do Tuan alcançaram o paletó de seus ternos, suas mãos voltando com armas de fogo, enquanto os homens saíam correndo pela entrada, escondidos com armas em punhos.

— Parado aí! — Gritou uma voz profunda grave. — FBI! NO CHÃO! NO CHÃO! NO CHÃO!

Reconheci essa voz. Pertencia ao mesmo homem que tinha conduzido o Mercedes com luvas de pelica. Rollins.

Merda. Ele era um federal. Tudo havia sido uma armação.

Eu senti meu estômago revirar quando Rollins saiu correndo pela entrada, seu grande corpo correndo para nós. Em sua mão havia uma pistola, ele a segurava na sua frente no nível dos olhos. Sua outra mão segurava a coronha da pistola, mantendo-a firme enquanto apontava para Tuan e seus homens.

Atrás de Rollins estavam mais ou menos quinze agentes do FBI, vestidos dos pés à cabeça com roupas pretas. Correndo seu equilíbrio perfeito, suas armas apontando para nós. Gritavam.

— PONHAM AS ARMAS NO CHÃO! ABAIXEM SUAS ARMAS! FBI!

Eu congelei, comecei a colocar os braços para cima. Conhecia a rotina. Já tinha passado por isso com policiais. Ficar quieto. Braços para cima. Sem movimentos bruscos.

Eu iria preso.

Mas Bentley tinha outros planos. Ele agarrou meu braço e me puxou para trás. Virei e o segui, correndo pelo asfalto

abaixo. Não era a primeira vez que fugia da lei, mas que me amaldiçoem se desta vez me pegariam facilmente. O único pensamento que veio a minha mente era que se me pegassem iria preso. Não voltaria a ver Sam de novo. Não a tocaria ou a beijaria até que saísse. Não poderia viver com um futuro como esse, um comigo atrás das grades, sem poder estar com ela. Preferia morrer primeiro.

Assim corri.

Bentley estava bem atrás de mim. Só tínhamos corrido alguns metros quando dispararam um tiro. A explosão da pistola ecoou na noite, vinda da direção dos homens do Tuan. Os disparos foram retornados com força total pela equipe da SWAT, espalhando balas por toda a área.

Abaixei-me, Bentley fez o mesmo, enquanto as armas disparavam ao nosso redor. POP. POP. POP. Gritos. Mais disparos. Não podia dizer quem estava disparando e quem estava gritando. Era um confronto e Bentley e eu estávamos no meio dele.

Fomos para o Lotus, a cobertura mais próxima. Descemos pelo asfalto, os dois escorregando até parar sobre o pavimento molhado ao lado da porta do motorista, ambos respirando com dificuldade.

— Merda! Merda! — Amaldiçoou Bentley, olhando o caos ao seu redor.

Meus ouvidos zumbiam pelos disparos. Vi Rollins correr pelo vão entre o Range Rover e a caminhonete preta do Mick, seu grande corpo movendo-se mais rápido do que eu pensava ser possível. Tiros acertavam o asfalto a seus pés, mas não parou. Perdi a noção de quantos homens da Swat abriam fogo perto do Range Rover. POP. POP. Uma chuva de balas voou através da área. Abaixei instintivamente, apesar de estar longe da linha de fogo.

De repente, algo me chamou a atenção pelo canto do olho. Virei, meus olhos batendo na pista de pouso e as portas. Foi então quando o vi, correndo na direção oposta.

No meio do caos, Mick estava se afastando. Caralho não!

Levantei do chão e comecei a correr, permanecendo abaixado para evitar ser acertado. Ouvi Bentley chamar meu nome, mas eu ignorei. Era hora de acabar com ele.

O sangue martelava em meus ouvidos e suor escorria pelas minhas costas, mas minha mente estava em uma coisa e só uma coisa, machucar o homem que havia machucado Sam.

Mick tropeçou e pulei levando ele ao chão. Ele caiu, comigo em cima dele. Batemos com força no asfalto duro e molhado, os dois ficando sem ar. O monstro em mim não percebeu. Rugiu, procurando vingança e sangue.

Com um grunhido animal, virei Mick e bati meu punho em seu rosto. Senti meus nódulos se conectando com sua carne e ossos. Mick tentou me bater, mas bati de novo, jogando meu braço para trás e acertando o punho na orbita do seu olho. Ele uivou de dor se recuperando rapidamente, me batendo nas costelas como uma potência de peso pesado.

Grunhi, mas acertei meu punho em sua mandíbula, batendo sua cabeça para um lado. Ele levantou a cabeça outra vez e me acertou de novo. Desta vez, quando seu golpe bateu em minha caixa torácica, senti um baque e um puxão de dor. Rugi, mas não parei. Meu punho bateu em sua bochecha, fazendo seus dentes baterem. Virou de novo, me acertando na mesma costela. Quase me dobrei enquanto a dor passava através de mim, mas me contive. Pela Sam. Por vingança.

O rosto de Mick estava sangrando, sangue escorrendo pelo seu nariz, mas também estava batendo desenfreadamente por causa da droga que havia tomado. Isso fez dele forte. Incontrolável. Um vilão com superpoderes.

Ele ficou de pé, me batendo. As balas continuavam a serem trocadas ao nosso redor, os sons do tiroteio continuavam. Nós ignoramos. Isto era somente entre ele e eu. Era hora de resolver o passado pra conhecer o futuro.

Apesar da agonia em meu peito, adotei a postura de lutador, disposto a plantar outro punho na cara de Mick. O suor deslizava pelo meu rosto, caindo em meus olhos e no meu

nariz. Ignorei e virei, apontando para o seu estômago dessa vez, mas ele agarrou meu braço em um aperto forte e o segurou me imobilizando. Seu outro punho me acertou nas costelas de novo. Gemi, me negando a lhe dar a satisfação de saber que me machucou. Antes que eu pudesse me recuperar, me levantou como um lutador e me jogou contra o chão. Todos os nervos e os músculos do meu corpo gritaram quando me choquei contra o concreto, minha coluna vertebral acertando a superfície sólida.

Sem parar Mick pulou sobre mim, enterrando seu punho em meu estômago. Sussurrei, mas se negou a parar. Coloquei meu braço no rosto, virando para o lado. Estava em cima de mim em segundos, agarrando a parte da frente da minha camisa, me puxando para cima.

— Como está Sammy? — sorriu, seu sangue caindo do seu nariz para minha camisa. — Ainda doce? Espero que sim. Não posso esperar para comer essa deusa açucarada.

Um rugido feroz saiu de mim. Girei, o agarrando. Ouvi um estalo em seu pescoço enquanto sua cabeça girava para o lado. O golpe o deixou sem sentido por um segundo. Levantei meu punho de novo, disposto a acabar com ele, mas nunca tive a chance de dar o golpe.

Mick chegou de baixo da sua perna em sua calça e tirou uma pequena arma do coldre de tornozelo, apontando para mim.

— ARMA! — Gritou alguém.

Olhei para ver Bentley correndo para nós, seu olhar em Mick.

— ARMA! ARMA! — Gritou a alguém próximo. — Ele tem uma arma! Atirem!

Mick não se importava. Moveu a arma, apontando para Bentley. Ao mesmo tempo uma bala perdida veio da esquerda, voando próximo à cabeça de Bentley. Foi somente por um segundo, mas o suficiente para distrair ele. Tempo suficiente para que Mick disparasse.

Tudo parecia acontecer em câmara lenta. Ouvi os gritos dos agentes do FBI. Vi Mick apertar o gatilho, apontando para o meu melhor amigo. Nesses segundos, os batimentos do meu coração desaceleraram a quase nada. Senti o asfalto molhado sob minhas mãos e a névoa em meu rosto. Fechei meus olhos e os abri de novo.

Sabia o que tinha que fazer. Por Bentley. Por Sam.

Fiquei de pé e pulei na frente de Mick no momento que apertou o gatilho.

37

Sam

Um arrepio percorreu meu corpo como se alguém tivesse caminhado sobre meu túmulo. Fechei os olhos, esperando que não fosse um sinal de que algo ruim estivesse acontecendo com Bentley e Walker.

Respirando fundo, eu sacudi essa sensação, recusando-me a sentir nada mais que esperança. Comecei a andar indo e vindo pela cozinha. Quatro passos até o balcão. Quatro passos para trás. Quatro passos para o balcão. Quatro passos para trás. Fiz isso uma e outra vez, verificando meu telefone a cada segundo. Eu queria um texto. Uma chamada. Algo que me fizesse saber que Bentley e Walker estavam bem.

— Quer uma bebida? — Perguntou Lukas da mesa da cozinha.

— Não. — Eu respondi, odiando ter ficado com ele e não com Walker e Bentley. Os pais do Lukas estavam em um cruzeiro, deixando sua casa vazia. O lugar perfeito para se esconder até que toda esta confusão acabe. Parecia que Lukas tinha estado festejando sua ausência pelo último par de noites. Havia latas de cerveja por todos os lados e o lugar cheirava a uma casa de fraternidade. Caixas de pizza vazias estavam em uma pilha em cima do balcão, algumas moscas zumbindo ao redor.

Ignorei tudo e andei. Não sabia mais o que fazer. A espera. O não saber. Estava me matando. Não estava aguentando mais. Precisava saber se Bentley e Walker estavam bem.

Olhei para o telefone novamente. Nada. Já deveriam ter ligado. O que está errado?

Coloquei meu telefone no balcão e respirei fundo. Minha garganta estava grossa, me sufocando. Funguei, umidade enchendo meus olhos.

— Onde estão? — Murmurei para mim mesma.

— Sam. Eles vão ligar para você. Fique calma.

Eu não ouvi Lukas. Tinha medo de falar algo. Poderia começar a chorar. Derramar meu coração e alma só porque ele estava ali e eu estava ferida. Não poderia fazer isso. Só havia uma pessoa que eu queria abrir meu coração e alma, e ela não

estava aqui. Ele estava lá fora em algum lugar, lutando por mim.

Voltei para o meu ritmo. Quatro passos para um lado. Quatro passos para o outro. Ida e volta. Quatro e quatro. Não poderia ficar quieta. Não enquanto Walker e Bentley estivessem em perigo.

Corri através de diferentes cenários em minha cabeça. Ruins. Walker entrando em uma briga. O carro dando uma guinada, rodando pela pista, destruído pela alta velocidade que eu sabia que ele gostava de dirigir. Ele deitado na rua em algum lugar, sangrando e ferido. Não conseguia afastar as imagens. Elas invadiram minha mente. Imaginei Walker batendo em Mick só que as coisas invertiam, ele sendo espancado. Ou pior.

Oh, Deus.

Esfreguei minha testa, forçando os pensamentos terríveis para longe, precisava substituir com algo bom.

— *Incrível Sam. Seria incrível com você.* — Lembrei-me das últimas palavras de Walker. Elas ecoaram em minha mente como a letra de uma música favorita. Por que eu estava pensando nelas agora, não sabia. Nem sequer estava segura do que significava.

Incrível.

Palavras sussurradas para mim, me esquentando de dentro para fora. Parei, todo o ar deixando meus pulmões. Crianças. A pílula. Oh, deus. Ter filhos comigo seria incrível. Isso é o que estava tentando me dizer. Essa é a palavra que o perseguiu fora do meu quarto depois que dormimos juntos. Incrível.

Engoli em seco, cobrindo minha boca com a mão, com lágrimas em meus olhos.

Ele me amava. Cole Walker me amava.

Assim que o pensamento veio, meu telefone vibrou no balcão. Corri para pegá-lo, meus dedos agarrando fortemente o telefone barato.

Olhei o identificador de chamadas. Era Bentley. Respirei fundo e fiz uma oração rápida, com esperança de que fosse dizer que tudo estava bem.

Que Walker estava bem e voltaria para casa, para mim.

33

Walker

A arma disparou, uma forte explosão atingiu meus tímpanos com força. Senti as ondas de choque rodar por meu corpo, e me dei conta que estava a ponto de morrer. Minha vida passou diante dos meus olhos, mas não as coisas ruins. Não as coisas que tinha feito ou desejei nunca fazer. Só as coisas boas. As coisas que faziam a morte dolorosa.

Pensei em Sam, lembrando a primeira vez que a conheci. Ela era só uma menina, loira com umas poucas sardas em torno do nariz. Ela parecia tão frágil no momento, mas o tempo mostrou que estava errado. Era forte, uma autêntica sobrevivente. Pensei nas vezes que tinha me enfrentado nos últimos anos, com os olhos cheios de audácia, sua alma cheia de vida. Podia lembrar como parecia, se contorcendo debaixo

de mim, seu comprido cabelo preto brilhando como seda contra os lençóis. Queria tocá-lo de novo, enroscar minhas mãos nele só mais uma vez antes de morrer. Lembrei-me de tudo isto, cada segundo com ela. Jurei que faria qualquer coisa - daria tudo - se só pudesse viver e estar com Sam.

A bala saiu da arma, um pedaço da morte voando pelo ar diretamente para mim. Tomei uma respiração profunda e a deixei sair, não estava preparado para me encontrar com o criador. Fechei os olhos, esperando pela dor, com esperança de que fosse rápido.

Ouvi um ruído ecoando além de mim, a centímetros da minha cabeça. Lembrava o som de uma abelha igual a que me picou uma vez quando era criança. Quase podia sentir o toque nas pontas do meu cabelo, estava tão perto do meu corpo.

Bateram-me de lado, fui empurrado por Bentley. Comecei a cair no chão, conhecia o impulso de cair e como era impossível parar. O ar saiu dos meus pulmões quando aterrissei em meu ombro direito. Minha cabeça bateu contra o asfalto, a dor ricocheteando através do meu crânio.

Ouvi um grito e logo o som de outro disparo. Obriguei-me a abrir meus olhos, vi que Rollins corria para mim.

Um segundo depois, ouvi um barulho e alguém caído no chão perto de mim. Bentley saltou sobre mim, pedindo ajuda aos gritos enquanto corria para o homem no chão. Rollins

mantinha sua arma apontada na pessoa, falando com um cabo preto ligado ao seu colete.

— Suspeito abatido. Repito, suspeito abatido.

A jaqueta da velha escola que tinha antes se foi. Um colete à prova de balas preto estava em seu lugar agora. Um emblema do FBI pendurado em uma corrente ao redor do seu pescoço, proclamando que ele era um bom rapaz.

Levantei, tentando sentar, vendo que Rollins estava no chão. Bentley estava bloqueando minha visão do corpo do homem caído, mas podia ver as pernas e os sapatos do cara.

Era Mick.

— Ele ainda está respirando. — Ouvi Bentley dizer.

Rollins caminhou para onde Bentley estava ajoelhando perto de Mick. Guardou sua arma e pegou um par de algemas do seu bolso traseiro. Merda! Merda! Estão prendendo Bentley!

Desespero passou através de mim ao pensar que íamos para prisão, mas Rollins ignorou Bent e juntou as mãos de Mick ao invés, colocando as algemas, apesar de Mick estar inconsciente. Dois homens com um equipamento tático completo observavam de perto, com armas prontas.

Quando Mick foi algemado, Bentley levantou e virou para mim. Sem algemas. Que está acontecendo?

— Walker, você está bem? — Perguntou, agachando ao meu lado chegando perto o suficiente.

— Sim. — Disse, empurrando a mim mesmo para cima, apertei os dentes quando o mundo começou a girar. — Quer me dizer que merda está acontecendo?

— Agora não. — Disse Bent do canto da boca — Só tem que seguir meu exemplo.

Fiz uma careta quando Bentley me ajudou a levantar. Minhas malditas costelas palpitavam e doía muito ao respirar. Algo úmido escorria do meu nariz até meu lábio superior. Passei uma mão pelo meu rosto, sobre a umidade. Ao olhar para baixo, encontrei sangue em minha mão. Meu maldito nariz estava sangrando.

Comecei a me limpar de novo quando ouvi as sirenes de uma ambulância que chegava pela pista de pouso. De repente me ocorreu que tudo estava tranquilo. Não havia tiros nem gritos. Olhei ao meu redor, vi que Tuan estava algemado e seus homens estavam no chão. Todos eles tinham as mãos presas nas costas, enquanto os agentes do governo faziam guarda sobre eles.

Bentley e eu nos dirigimos para a ambulância. As luzes vermelhas e azuis brilhantes me cegaram, enviando dor através da minha cabeça. Apertei os olhos e senti o mundo balançar. Porra, eu estava um desastre.

— Você bateu muito forte no chão, Walker. Provavelmente tenha uma concussão. Sinto muito por te empurrar. Simplesmente não queira eu uma bala perfurasse sua bunda. — Bentley falou, com humor na voz.

Rosnei. Então Bentley me salvou. Ele não ia me deixar viver sem isso.

Fiquei tonto, o resto do caminho até a ambulância fiz com a ajuda de Bentley. Ele me entregou aos paramédicos que começaram a me examinar cutucando minha cabeça e as costelas. Dispensei-os perdendo a paciência. Não havia nada de errado comigo. Estava bem. Perfeito. Acabou. Tinha que sair. Precisava sair daqui antes que o FBI acordasse e me prendesse. Tinha que chegar em casa.

Os paramédicos envolveram minhas costelas e arrumaram e cutucaram minha cabeça, não tão felizes comigo quando me neguei a ir ao hospital para que me revirassem mais exaustivamente. Um agente do FBI vestido de preto ficou comigo o tempo todo. Não falou. Não fez contato visual. Simplesmente estava de guarda.

Sabia que tinha pelo menos uma costela quebrada se a dor em meu lado era indicação de algo. E provavelmente tinha uma concussão cerebral leve, mas deveria ficar bem. Não era como se fosse a primeira vez que tinha uma lesão por uma briga.

Quando os paramédicos me deixaram ir, o agente do FBI levou-me junto com Bentley a quarto vazio. Fizeram perguntas e disseram que esperássemos. Isso é onde estamos agora.

— Então a boa notícia é que os pegamos. — Disse Rollins, de pé em frente a nós no quarto. Olhei o lugar onde ao que parecia o FBI estava usando durante os últimos meses como esconderijo secreto para observar as idas e vindas de Tuan e seus homens enquanto voavam dentro e fora da pista de pouso privada.

Debrucei-me em um armário de arquivo metálico, escondi minha cara de dor e esperei que Rollins continuasse. Agentes do FBI se moviam ao redor, somando ruído à chuva golpeando o telhado. Tuan, seus homens, e Mick foram arrastados para dentro do seu novo lar. Uma cela na cadeia esperando o julgamento.

— Meu superior nos informou. — Disse Rollins em sua extremamente profunda voz. — A casa de Mick também foi invadida.

— Conseguiram as evidências que precisavam para prender Mick para sempre? — Perguntou Bentley, na minha frente com os braços cruzados, com os pés separados. Em casa entre os agentes do FBI.

— Eles descobriram algumas coisas muito ruins. — Rollins falou, fazendo uma pausa para assinar um pedaço de papel que alguém lhe entregou. — Drogas. Evidências do que

andava fazendo para Morrow e Tuan. Ele manteve um registro de tudo. Momentos. Entrevistas. Imagens. Ele estava protegendo sua bunda, isso com certeza.

Não fiquei surpreso. Sabíamos que o cara estava sujo, só não sabíamos quão profundo era.

— Há mais. — Disse Rollins, seu tom de voz me fez ficar de pé apesar da dor em meu lado. Prendeu seu lábio inferior entre dois dedos, me estudando. Sabia no fundo das minhas entranhas que o que ele tinha a dizer não devia ser bom.

— O quê? O que esse filho da puta fez agora? — Perguntei.

Rollins se deteve como se não tivesse certeza do que deveria dizer, mas logo levantou o olhar.

— Ele tinha fotos da Samantha quando era pequena. Algumas enquanto ela dormia. Outras mais recentes. O cara estava-a perseguindo há muito tempo.

Raiva quente e vermelha se construiu em mim novamente. A besta em mim queria saber onde o FBI levou Mick e pôr outra bala nele, desta vez a última.

— Caralho. — Murmurou Bent, esfregando a testa.

— Ele vai desaparecer por muito tempo. — disse Rollins. — Sua irmã e sua... — me olhou — amiga estará a salvo agora. Acabou. Mick vai para a...

Um federal apontou a cabeça de um pequeno escritório próximo, interrompendo Rollins.

— Hey, chefe. Homem grande na linha. — Disse, sustentando um celular.

— Vocês dois esperem aqui. — Instruiu Rollins, apontando para mim e Bentley quando começou a caminhar para o escritório improvisado.

Eu resisti à vontade de revirar os olhos. Tinha dado minha declaração aos federais pelo menos três vezes, falando cada vez que alguém me pedia detalhes sobre minha relação com Tuan e Mick e os roubos de carros. Responder a todas as suas malditas perguntas só atrasava minha saída. Eu tinha algo melhor pra fazer do que passar o tempo com um monte de agentes do FBI.

Eu queria ver Sam.

Bentley já havia coberto minha bunda nas grandes cargas de roubo de carro. Ao que parece os federais sabiam das minhas "habilidades" por um longo tempo. Sabiam das minhas participações nesses trabalhos muito antes de eu entrar no carro com Rollins. Eu não sabia se ficava orgulhoso que soubessem das minhas habilidades ou se ficava aterrorizado.

Depois de me interrogarem, fizeram-me jurar que guardaria o segredo, ameaçando minha vida se falasse sobre o que aconteceu essa noite. Ainda havia uma longa lista de

pessoas que estavam investigando e esperavam pegar, Morrow era um deles. Avisaram-e que se vazasse a informação, todas as minhas transgressões passadas voltariam para me assombrar. Não veria Bentley ou Sam outra vez a menos que fosse atrás das grades em uma cela de prisão.

E estava certo que não daria a chance disso acontecer.

Agora que eu estava seguro, tinha outro assunto para me ocupar. Assim que Rollins estava fora para não nos ouvir me dirigi ao Bentley.

— Que maldição, Bentley?! — Sussurrei, empurrando o armário de aço dando um passo ameaçador para ele. — Está trabalhando para o maldito FBI?

Bentley passou uma mão pelo rosto e pela barba loira do queixo.

— Eu não tinha outra opção, homem. Os policiais me pegaram por roubar um Maserati faz aproximadamente um ano. Eu estava sentado na prisão, à espera de conseguir meu único telefonema quando apareceu o tipo grandalhão de hoje, usava um maldito terno dos anos 70. Tinha uma oferta para mim. O trabalho era ser um informante do FBI ou ir para prisão. Eles precisavam de alguém que conhecesse carros, que tivesse crescido ao redor das gangues e as drogas. Eu me encaixava em sua descrição perfeitamente e eu realmente não queria ir para prisão, por isso disse que sim. Aquele cara era Rollins.

Eu balancei a cabeça em descrença. Bent estava trabalhando para as mesmas pessoas que eu tinha fugido a maior parte da minha vida, fazendo cumprir a lei.

Ele deu de ombros como se não fosse grande coisa.

— Depois disso colocaram as coisas em movimento para que eu conhecesse Tuan. Foi fácil, dada minha reputação. Agora eles querem que eu desapareça até que consigam Morrow, o cachorro grande.

Eu olhei com cuidado, uma sensação desconfortável deslizou ao longo da minha pele.

— Então você está calmo? — Perguntei, com vontade de estrangulá-lo. O pensamento de Sam estando tão perto desta merda... me deixou suando frio.

Bentley assentiu.

— Eu estou calmo. Vou desaparecer. — Merda. Meu melhor amigo era um informante.

Os dias de farra acabaram, estávamos de volta no Mercedes, Rollins nos levando para casa como se nada tivesse acontecido. Ainda estava tentando assimilar que Bentley trabalhava para os federais. Eu precisaria de algum tempo para me acostumar.

A chuva ficou mais forte, enchendo as ruas de umidade e fazendo que o asfalto brilhasse sob o nascer do sol. Com o calor

do verão, agora ficaria mais quente já que o sol estava nascendo.

Bentley tinha chamado Sam há alguns minutos, dizendo que estava tudo certo para que voltasse ao nosso apartamento. Eu queria pegar o telefone da sua mão, perguntar se ela estava bem, mas resisti. Eu precisava colocar minha mente em ordem. Havia tanta coisa que eu queria dizer. Tanto que tínhamos a dizer.

Dei-me conta que não importava o que tinha feito no passado ou o que fizesse no futuro.

Pertencíamos um ao outro. Sam e eu. Não queria perder nem um segundo da minha vida em negação. Eu nunca a mereceria, mas porra, eu a queria para sempre.

Olhei pela janela para a estrada, minha mente em outro lugar. O suave couro do carro não ajudava a minha costela quebrada ou os hematomas que teria amanhã, mas não importava. Estava indo para casa. Isso era o importante. Voltava para casa, para Sam.

O Mercedes saiu da autoestrada, reduzindo. Vi como nos dirigíamos para os bairros pobres. Minha parte da cidade. Nunca tinha estado tão feliz por ver as casas, casas de penhor e lojas de bebida barata. Cada quilômetro me aproximava mais de Sam. Cada segundo mais perto de enfrentar meu maior medo.

— Nunca respondeu minha pergunta. Sim ou não? — Bent perguntou por cima do ombro, me olhando do assento dianteiro.

Eu sabia o que ele estava perguntando. Queria saber seu amava Sam.

Eu respirei fundo e olhei profundamente em seus olhos, vendo o menino que tinha sido meu melhor amigo desde que tinha doze anos. Ainda éramos esses dois meninos desajustados, os únicos que podiam navegar neste mundo por conta própria. E marcados ao longo do caminho por uma menina selvagem. Que me deixava louco.

A mulher que eu não poderia viver sem.

— Sim. — Falei, respondendo a sua pergunta. Eu amava Samantha Ross.

39

Sam

Olhei pela janela do apartamento, esperando ver uma Mercedes preta parando no estacionamento. O apartamento estava escuro e silencioso atrás de mim. Lukas tinha ido embora. Mordi o piercing do meu lábio, esperando que Bentley e Walker aparecessem. Eu deveria estar cansada, a noite toda sem dormir, mas não estava. Estava demasiado preocupada para fechar os olhos.

Segurei a persiana aberta com uma mão tremendo, vendo o estacionamento. Os raios de sol da manhã inundaram a área, apesar da chuva cair suavemente. Empurrei o cabelo encaracolado solto atrás da minha orelha, mantendo meu olhar fixo na rua, esperando que aparecessem.

Um minuto passou. Em seguida outro. Meu nervosismo crescendo, me perguntando por que não estavam em casa ainda. Estava começado a tirar meu telefone do bolso quando um sedan preto deu a volta no estacionamento.

Deixei cair a persiana e corri através do apartamento. Em segundos estava voando, descendo pelas escadas de cimento, meu all stars preto brilhando contra os degraus.

A chuva me bateu logo que cheguei ao final, mas não parei. Voei pelo estacionamento, me encontrando com o Mercedes, que já estava parando. A porta traseira abriu lentamente. Meu coração batia com força, esperando que Walker aparecesse. Meu cabelo e roupa estavam encharcados, grudados ao meu corpo, mas não me importava. Nada importava, somente ele.

Prendi a respiração, congelada no lugar. Walker saiu do carro, seu corpo magro, mas musculoso, desdobrando-se em toda sua imponente altura. Seus olhos pretos encontraram os meus através da chuva, perfurando minha alma e vendo dentro de mim.

Dei um passo para ele. Para o homem que amava. O homem que eu sempre tinha amado.

Walker fechou a porta do carro, seus olhos em mim. Com passos decididos fechou a distância entre nós, as gotas de chuva caindo sobre suas botas. Seu cabelo preto molhou em segundos, sua camisa também, grudando em seu peito. Assim

que ele estava perto o suficiente, agarrou meus braços e me puxou contra o seu corpo.

— Walker. — Sussurrei um segundo antes que ele me desse um beijo, cobrindo meus lábios com os seus. Ele agarrou os lados da minha cabeça, abaixando sua boca sobre a minha. Provando-me. Consumindo-me. Marcando-me como dele.

Gemi e agarrei um punhado da sua camisa molhada, sentindo a dureza de seus músculos contra minha mão. Um trovão ecoou, a chuva começou a cair mais rápido. O motor do Mercedes cantarolava a alguns metros de distância, mas não importava. Estávamos sozinhos, Walker e eu juntos, como deveríamos ser.

Ele aprofundou o beijo e enroscou suas mãos no meu cabelo. Peguei o cinto úmido em seu jeans e puxei-o para mais perto, precisando que não houvesse nenhum espaço entre nós.

— Sam, eu te amo. — Sussurrou contra minha boca, seus dedos quentes em meu cabelo. — Eu te amo pra caramba.

Eu segurei sua camisa mais forte, meus lábios a poucos centímetros dos seus.

— Eu também te amo, Walker. Sempre amei.

Seus lábios roçaram os meus, sua voz um sussurro contra a minha boca.

— Eu olhava no espelho todo dia e via um homem que não era digno de você. Um homem que não era nada. Eu pensava que não tinha direito de tocar te amar. Mas agora... isso é tudo o que eu quero fazer. Sempre te amei, Samantha Ross. Estava extremamente assustado em admitir. Você pode me odiar, mas nunca deixe de me amar.

— Nunca. — Eu sussurrei.

Ele assumiu o controle da minha boca de novo, tomando o que precisava e dando o que eu queria.

Amor.

Eu pressionei meu corpo molhado contra o seu. Queria que me pegasse e me levasse para dentro, mas em vez disso terminei o beijo. Tinha que perguntar algo.

— Qual o significado dessa palavra? — Perguntei, olhando Walker. — Incrível?

Seu sorriso desapareceu e seus olhos se tornaram cautelosos. Suas mãos deixaram meu cabelo e caíram para meus quadris, me mantendo ao seu lado. Eu o vi engolir. Lamentei a pergunta imediatamente, ele respirou fundo e acabou com meus medos.

— Sim, incrível. Ter filhos com você seria incrível, Sam. — Eu sorri, a chuva escorrendo pelo meu nariz.

— No futuro?

Walker riu entre dentes.

— Sim, no futuro. — Baixou a cabeça de novo, mas desta vez, para sussurrar em meu ouvido. — Definitivamente.

— Definitivamente. — Sussurrei.

— Deus, eu te amo Sam — Sussurrou Walker, agarrando os lados do meu rosto e trazendo sua boca para a minha.

— Eu também te amo, Walker.

Comecei a beijá-lo, mas parei, seus olhos chamaram minha atenção. Em suas profundidades escuras, pude vê-lo. Não o monstro. Não o menino que se perdeu.

Só Cole Walker.

E sabia que ele estava finalmente em casa.

EPÍLOGO

Walker

Um ano depois

Estava em nosso quarto e examinei a bagunça que acabava de fazer. Havia pétalas de rosas por toda a parte. Em nossa cama. Nossa cômoda. No chão. Havia coberto o quarto com elas.

Tudo para Sam.

Eu fazia o que meu pai nunca fez por minha mãe. Dava à mulher que eu amo mais rosas do que poderia contar,

enchendo o quarto com elas. Dizendo com flores o quanto ela significava para mim.

Acendi uma vela, com cuidando para não apagar a chama quando uma respiração irregular me escapou. Eu estava morrendo de medo. Uma confusão. Nunca tinha estado tão nervoso em toda minha vida. Somente Sam podia causar este tipo de sentimentos em mim.

Saí da escola mais cedo hoje, sem esperar a última aula. Bentley tinha me ajudado a arrumar tudo para então sair, mas não antes de me dar um tapa nas costas e me desejar boa sorte. Eu tive que pedir sua aprovação para isso e ele me deu, mas com uma advertência.

— Se a machucar, mato você.

Franzi o cenho, pensando em Sam machucada. Minha resposta para Bentley tinha sido segura e rápida, falando com minha alma.

— Se eu a machucar, Bent, vou entregar a você a maldita arma, porque não quero viver sabendo que fiz isso.

Bentley ficou feliz depois de escutar minha resposta.

Respirei profundamente e tremendo olhei para o relógio. Sam deveria chegar da universidade a qualquer momento. Quase podia imaginá-la, saindo do edifício, o sol no rosto, sorridente com seus amigos e falando sobre a próxima prova. Ela estava em seu segundo semestre na universidade e amava

cada minuto disso. Seu plano? Ser professora do primário na área de baixa renda da cidade. Ela queria ajudar as crianças desfavorecidas, como ela e eu tínhamos sido. Ela esperava dar o que nunca teve, amor e afeto. Uma pessoa que se preocupasse. E Deus, eu a amava mais por isso. A mulher nunca deixava de me surpreender. A cada dia que a via. Vivia com ela. Dormia com ela e acordava ao seu lado. E a amava mais a cada dia.

A vida nunca tinha sido melhor. Pela primeira vez em minha vida, estava satisfeito. Meu coração estava cheio de algo que nunca tinha experimentado antes. Não era amor, porque acredito que sempre esteve ao redor, à espreita, esperando por Sam. Não era desejo porque, sempre tinha sentido isso por ela. Não, era outra coisa.

Era felicidade.

Pela primeira vez em minha vida, estava feliz. E Sam também estava.

Dois dias depois que disse a Sam que eu a amava, ela localizou a sua mãe. A Senhora Ross acordou em um quarto de motel, incapaz de se lembrar como tinha chegado ali nem quanto tempo tinha estado ausente. Ela encontrou camisinhas usadas e dois estrangeiros apagados ao seu lado. Foi então que um botão clicou na mãe de Sam. Ela ficou limpa, pegou um táxi, se internou em um hospital estadual para viciados. Sua mãe estava agora a caminho da recuperação. Tinha um longo

caminho a percorrer, mas Sam estava recuperando lentamente a mãe que há muito tempo conheceu, um dia de cada vez.

E eu? Eu não havia tocado em uma garrafa há um ano. Os monstros dentro de mim não corroíam minha vida. Passava meu tempo trabalhando e indo à escola. De noite fazia amor com Sam, nunca sendo capaz de obter o suficiente do seu corpo. Durante o dia contava os segundos, esperando até que pudesse vê-la de novo.

Cada momento longe dela era uma tortura. Cada segundo com ela era o céu.

Olhei ao redor do nosso novo quarto, vendo a cama em que fizemos amor. Suas roupas em meu armário. Minha vida tão perfeita como poderia ser.

Só havia uma coisa faltando.

— Walker? Está em casa? — Escutei Sam gritar um segundo antes que a porta da frente fechasse.

Virei-me de frente para a porta aberta do nosso quarto. Colocando as mãos nos bolsos, esperei, sentindo emoção, terror, nervosismo e amor tudo de uma vez. Meus dedos tocaram a pequena caixa de veludo no meu bolso enquanto dizia uma oração, esperando ouvir a única palavra que mudaria minha vida para sempre.

Sim.

Por favor, não publique nossos arquivos no Facebook

Se você viu algum arquivo do PL no facebook, sem a nossa autorização, converse com a moderação.
Se você gosta dos livros do PL ajude!!
Quem gosta, respeita nosso grupo!
Não publique diretamente no Face, não expondo o grupo de forma desnecessária.

Não aceitamos reclamações sobre as traduções do grupo!
Se não gostou, leia o livro no idioma original

Equipe Pegasus Lançamentos